



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CATARINA DA SILVA SOUZA

**A PERCEPÇÃO DE FELICIDADE NA TRAJETÓRIA DOS EGRESSOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (2005 – 2010)**

Recife

2024

CATARINA DA SILVA SOUZA

**A PERCEPÇÃO DE FELICIDADE NA TRAJETÓRIA DOS EGRESSOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (2005 – 2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Identidades e Memórias.

Orientador: Prof. Dr. José Luís Simões

Recife

2024

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Bruno Márcio Gouveia, CRB-4/1788

S729p

Souza, Catarina da Silva

A percepção de felicidade na trajetória dos egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (2005-2010) / Catarina da Silva Souza. – 2024.

286 f.

Orientação de: José Luís Simões.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2024.

Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Ensino superior. 2. Felicidade humana. 3. Universidades e faculdades - Ex-alunos. I. Simões, José Luiz (orientação). II. Título.

378 (23. ed.)

UFPE (CE 2024-081)

CATARINA DA SILVA SOUZA

**A PERCEPÇÃO DE FELICIDADE NA TRAJETÓRIA DOS EGRESSOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (2005 – 2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Identidades e Memórias.

Aprovado em: 21/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Luís Simões (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Fábio da Silva Paiva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Dornelas da Silva (Examinador externo)  
Arquivo Público de Pernambuco

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Rodrigues Figueirôa (Examinador externo)  
Associação Caruaruense de Ensino Superior e Técnico - ASCES

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Elícia Barros Guerra Souza (Examinador externo)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico este trabalho aos meus filhos, Joana e Pedro, ao meu esposo Daniel e aos meus pais Juarez e Edina (In Memoriam).

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo Dom da vida e por ter me escolhido e me capacitado.

Aos meus pais, Juarez e Edina (In Memoriam), que com muito amor me educaram.

Ao meu esposo, Daniel, por todo amor, apoio e compreensão.

Aos meus filhos, Joana e Pedro, que são os meus melhores sonhos tornados realidade e são, com toda certeza, a maior realização da minha vida.

As minhas irmãs, Janaina e Carolina, que torceram e rezaram por mim e são minha rede de apoio.

Aos meus sogros, Elma e Jademilson, e a minha madrasta Luciene, que muitas vezes, foram minha rede de apoio, auxiliando nos cuidados com meus filhos durante meus estudos.

Aos meus sobrinhos, Rafael, João Victor, Joaquim, Lara e Maia, por tornarem nossos dias mais felizes.

Ao prof. José Luis Simões, orientador e amigo há mais de 18 anos.

Aos professores e colegas da Turma 19 do Doutorado em Educação do PPGE-UFPE, em especial aos amigos Ivoneide e Emanuel.

Aos amigos que o doutorado apresentou, Marcos Dornelas e Charles, por todos os momentos de estudo.

Às amigas Ana Paula e Elícia, por todo apoio. Vocês têm um lugar especial no meu coração.

Ao Reitor da UFAPE, Prof. Dr. Airon Aparecido Silva de Melo e ao Vice Reitor Prof. Dr. Macio Farias de Moura pelo apoio para a realização da pesquisa.

Ao Chefe de Gabinete da Reitoria da UFAPE, Wagner Marques Cordeiro e a Diretora do Departamento de Registro e Controle Acadêmico da UFAPE, Carol Soares Bezerra de Sá Peixoto, por toda a paciência e auxílio para fornecer os dados necessários para a realização da pesquisa.

A Pró-Reitora Assistência Estudantil (PRAE) da UFAPE, Joselya Claudino de Araújo Vieira, e a todos que compõem a Pró Reitoria, pelo apoio e torcida.

Aos egressos colaboradores da pesquisa, pela confiança e acolhimento.

Aos alunos e colegas da UFAPE, pela torcida e apoio.

## RESUMO

A presente tese está inserida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, no Núcleo de Identidades e Memórias, tem como objetivo geral compreender como a trajetória universitária na UFAPE contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos seus primeiros egressos e tem como objetivos específicos: analisar a trajetória de vida dos primeiros egressos da UFAPE; identificar a percepção de felicidade dos depoentes; e relacionar os dados coletados que demonstrem a participação da instituição na construção da percepção de felicidade de cada entrevistado. Como tese, defendemos que a trajetória na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco contribuiu para a construção da percepção de felicidade dos seus primeiros egressos, na medida em que proporcionou uma formação profissional e humana. Para tornar a felicidade objeto da nossa pesquisa, houve a necessidade de combiná-la com aspectos da educação, da sociologia e da psicanálise, além da filosofia. Isso ocorre porque refletimos sobre a felicidade enquanto construção social, atentando para a forma como as pessoas a percebem e a definem. Para atender nossos objetivos, pesquisamos os vínculos que se estabelecem nessa relação entre felicidade e universidade, atentando para a particularidade do nosso campo de estudo, a UFAPE, que se caracteriza por ser a primeira Universidade do Brasil instalada através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), na cidade de Garanhuns (PE), no ano de 2005. Utilizamos a metodologia da História Oral para estabelecer e ordenar nossos procedimentos e a coleta dos dados qualitativos. A fase de interpretação e análise das entrevistas se deu através da análise de conteúdo. Identificamos que a educação superior permitiu que os nossos entrevistados alcançassem uma posição socioeconômica mais elevada em relação aos seus pais, uma vez que proporcionou chances de acesso a empregos melhores remunerados e mais qualidade de vida, representando uma quebra de barreira histórica e estrutural. Foi possível também identificar que aspectos como relacionamentos sociais, participação em atividades acadêmicas de pesquisa, ensino e extensão e o apoio e incentivo dos docentes são fundamentais para associar o ambiente universitário à percepção de felicidade. Por outro lado, fatores como dificuldade

de aprendizagem, falta de recursos de infraestrutura e a insatisfação com a prática pedagógica docente afetam não só o desempenho acadêmico do discente, podendo levar até a sua desistência e evasão, mas também são vistos como motivos de infelicidade. Dessa forma, constatamos que a trajetória na UFAPE impactou a percepção de felicidade dos nossos colaboradores. Afirmamos que a educação superior se constitui como um caminho para a melhoria da condição e da qualidade de vida, impactando diretamente na percepção de felicidade dos cidadãos, na medida em que proporciona não só o conhecimento técnico e científico, mas também o desenvolvimento de valores éticos que são cruciais para a formação humana e conseqüentemente para a sociedade.

**Palavras-chave:** felicidade; educação; universidade.

## ABSTRACT

The present thesis is part of the Graduate Program in Education at the Federal University of Pernambuco, within the Center for Identities and Memories, and its general objective is to understand how the university trajectory at UFAPE contributed to the construction of happiness perceptions of its first graduates. The specific objectives are: to analyze the life trajectory of UFAPE's first graduates; to identify the respondents' perception of happiness; and to relate the collected data demonstrating the institution's role in shaping each interviewee's perception of happiness. As a thesis, we argue that the trajectory at the Federal University of Agreste de Pernambuco contributed to the construction of the happiness perception of its first graduates, as it provided both professional and human education. To make happiness the object of our research, it was necessary to combine it with aspects of education, sociology, psychoanalysis, and philosophy. This approach is because we reflect on happiness as a social construct, paying attention to how people perceive and define it. To meet our objectives, we researched the connections established in this relationship between happiness and university, focusing on the particularity of our field of study, UFAPE, which is characterized as the first university in Brazil established through the Program to Support Restructuring and Expansion Plans of Federal Universities (REUNI), in the city of Garanhuns (PE), in 2005. We used the methodology of Oral History to establish and organize our procedures and qualitative data collection. The interpretation and analysis phase of the interviews was conducted through content analysis. We identified that higher education allowed our interviewees to achieve a higher socioeconomic position compared to their parents, as it provided opportunities for better-paying jobs and higher quality of life, representing a break from historical and structural barriers. It was also possible to identify that aspects such as social relationships, participation in academic research, teaching, and extension activities, and the support and encouragement of faculty are fundamental to associating the university environment with the perception of happiness. On the other hand, factors such as learning difficulties, lack of infrastructure resources, and dissatisfaction with teaching practices not only affect the academic performance of students, potentially leading to dropout, but

are also seen as causes of unhappiness. Thus, we found that the trajectory at UFAPE impacted the perception of happiness of our collaborators. We affirm that higher education constitutes a path to improving living conditions and quality of life, directly impacting citizens' perception of happiness, as it provides not only technical and scientific knowledge but also the development of ethical values that are crucial for human development and consequently for society.

**Keywords:** happiness; education; university.

## RESUMEN

La presente tesis está insertada en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Pernambuco, en el Núcleo de Identidades y Memorias, y tiene como objetivo general comprender cómo la trayectoria universitaria en la UFAPE contribuyó a la construcción de las percepciones de felicidad de sus primeros egresados y tiene como objetivos específicos: analizar la trayectoria de vida de los primeros egresados de la UFAPE; identificar la percepción de felicidad de los declarantes; y relacionar los datos recogidos que demuestren la participación de la institución en la construcción de la percepción de felicidad de cada entrevistado. Como tesis, defendemos que la trayectoria en la Universidad Federal del Agreste de Pernambuco contribuyó a la construcción de la percepción de felicidad de sus primeros egresados, en la medida en que proporcionó una formación profesional y humana. Para convertir la felicidad en el objeto de nuestra investigación, fue necesario combinarla con aspectos de la educación, la sociología y el psicoanálisis, además de la filosofía. Esto se debe a que reflexionamos sobre la felicidad como construcción social, prestando atención a cómo las personas la perciben y la definen. Para cumplir con nuestros objetivos, investigamos los vínculos que se establecen en esta relación entre felicidad y universidad, prestando atención a la particularidad de nuestro campo de estudio, la UFAPE, que se caracteriza por ser la primera universidad de Brasil instalada a través del Programa de Apoyo a Planes de Reestructuración y Expansión de las Universidades Federales (REUNI), en la ciudad de Garanhuns (PE), en el año 2005. Utilizamos la metodología de Historia Oral para establecer y ordenar nuestros procedimientos y la recolección de datos cualitativos. La fase de interpretación y análisis de las entrevistas se realizó a través del análisis de contenido. Identificamos que la educación superior permitió que nuestros entrevistados alcanzaran una posición socioeconómica más elevada en relación con sus padres, ya que proporcionó oportunidades de acceso a empleos mejor remunerados y mayor calidad de vida, representando una ruptura de barreras históricas y estructurales. También fue posible identificar que aspectos como las relaciones sociales, la participación en actividades académicas de investigación, enseñanza y extensión y el apoyo y estímulo de

los docentes son fundamentales para asociar el ambiente universitario con la percepción de felicidad. Por otro lado, factores como las dificultades de aprendizaje, la falta de recursos de infraestructura y la insatisfacción con la práctica pedagógica docente afectan no solo el rendimiento académico del estudiante, pudiendo llevar hasta su abandono y deserción, sino que también son vistos como motivos de infelicidad. De esta forma, constatamos que la trayectoria en la UFAPE impactó la percepción de felicidad de nuestros colaboradores. Afirmamos que la educación superior se constituye como un camino para la mejora de la condición y calidad de vida, impactando directamente en la percepción de felicidad de los ciudadanos, en la medida en que proporciona no solo el conocimiento técnico y científico, sino también el desarrollo de valores éticos que son cruciales para la formación humana y, consecuentemente, para la sociedad.

**Palabras clave:** felicidad; educación; universidad.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 –	Regiões do Brasil onde as pesquisas selecionadas foram realizadas	53
Figura 1 –	Reprodução, em tela, do prédio onde funcionaram inicialmente as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, em Olinda.	68
Figura 2 –	Ata da primeira sessão da Congregação da Escola de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, de 3 de novembro de 1912	69
Figura 3 –	Vista parcial do prédio da Escola Superior de Agricultura	69
Figura 4 –	Vista parcial do prédio da Reitoria da UFRPE	70
Figura 5 –	Crescimento do número de Universidades Federais no período de 2003-2010	71
Figura 6 -	Implantação da Unidade Acadêmica de Garanhuns, primeira expansão universitária do governo Lula, em 2004	74
Figura 7 -	Localização do município de Garanhuns	75
Figura 8 -	Prédio do Colégio Presbiteriano Quinze de Novembro, onde a UAG iniciou suas atividades acadêmicas, no ano de 2005	76
Figura 9 -	Aula Inaugural da UAG em 2005. Discurso do Presidente Lula	76
Figura 10 -	Aula Inaugural da UAG em 2005	77
Figura 11 -	Construção dos prédios I e II da UAG	77
Figura 12 -	Implantação da UFAPE	80
Quadro 1 -	Informações sobre as entrevistas	92
Quadro 2 -	Categorização dos dados das entrevistas	95
Quadro 3 -	Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa	97
Gráfico 2 -	Nuvem de palavras que representa os termos mais citados pelos depoentes ao explicar suas percepções sobre a felicidade	148

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados da busca no Repositório Attena do PPGedu da UFPE	54
Tabela 2 – Resultados da busca na BDTD	56
Tabela 3 – Resultados da busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	62

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AESGA</b>	Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>CAP</b>	Colégio de Aplicação
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CCS</b>	Centro de Ciências da Saúde
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>CONSU</b>	Conselho Universitário
<b>CTA</b>	Conselho Técnico Administrativo
<b>DOU</b>	Diário Oficial da União
<b>DRCA</b>	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>ESAP</b>	Escola Superior de Agricultura de Pernambuco
<b>ESO</b>	Estágio Supervisionado Obrigatório
<b>HO</b>	História Oral
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IES</b>	Instituições de Ensino Superior
<b>IFPE</b>	Instituto Federal de Pernambuco
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PDE</b>	Plano de Desenvolvimento da Educação
<b>PDI</b>	Plano de Desenvolvimento Institucional
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PPC</b>	Projeto Político Pedagógico do Curso
<b>PPCAP</b>	Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens
<b>PPGEdu</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>PPPAS</b>	Programa de Pós-graduação em Produção Agrícola Sustentável
<b>PPSRR</b>	Programa de Pós-Graduação em Sanidade e Reprodução de Ruminantes

<b>PROFÍSICA</b>	Programa de Pós-Graduação em Física
<b>PROFLETRAS</b>	Programa de Pós-Graduação em Letras
<b>PROUNI</b>	Programa Universidade para Todos
<b>REUNI</b>	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
<b>RI</b>	Repositório Institucional
<b>SINAES</b>	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UAG</b>	Unidade Acadêmica de Garanhuns
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFRPE</b>	Universidade Federal Rural de Pernambuco
<b>UPE</b>	Universidade de Pernambuco
<b>URP</b>	Universidade Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>A FELICIDADE E O PLURALISMO DE PERSPECTIVAS</b>	<b>28</b>
2.1	UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DA FELICIDADE	31
2.2	UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DA FELICIDADE	40
2.3	UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DA FELICIDADE	45
2.4	MÚLTIPLOS OLHARES ACERCA DAS PERSPECTIVAS DA FELICIDADE	48
<b>3</b>	<b>O CAMINHO METODOLÓGICO</b>	<b>51</b>
3.1	CONHECENDO O CAMINHO A SER PERCORRIDO	51
3.2	TRAÇANDO O PERCURSO	64
3.3	PRIMEIRO PASSO: A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA UFAPE	67
<b>3.3.1</b>	<b>Instituição Fundadora: UFRPE</b>	<b>67</b>
<b>3.3.2</b>	<b>A UFAPE: da unidade acadêmica para a emancipação</b>	<b>72</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Os primeiros cursos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco</b>	<b>82</b>
3.4	SEGUNDO PASSO: DEFININDO OS ENTREVISTADOS	86
3.5	TERCEIRO PASSO: A HISTÓRIA ORAL PARA A COLETA DE DADOS	87
3.6	QUARTO PASSO: ANÁLISE DE CONTEÚDO	93
<b>4</b>	<b>DE ONDE PARTEM</b>	<b>97</b>
4.1	QUEM SÃO	97
<b>5</b>	<b>INICIANDO NOSSA CAMINHADA: PROCESSO PARA INGRESSO NA UFAPE</b>	<b>111</b>
5.1	CAMINHANDO: TRAJETÓRIA NA UFAPE	123
<b>6</b>	<b>AS PEDRAS FAZEM PARTE DO CAMINHO</b>	<b>146</b>
6.1	FELICIDADE E INFELICIDADE	146
6.2	TRAJETÓRIA FELIZ E INFELIZ NA UNIVERSIDADE	159
6.3	PARTICIPAÇÃO DA UFAPE NA PERCEPÇÃO DE FELICIDADE	166
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>175</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>179</b>

<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>194</b>
<b>APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM AGRÔNOMO</b>	<b>198</b>
<b>APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM ZOOTECNISTA</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM VETERINÁRIA</b>	<b>236</b>
<b>APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM PEDAGOGA</b>	<b>262</b>
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP</b>	<b>284</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente tese apresenta como temas centrais a história de vida e a percepção de felicidade dos primeiros egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Assim, está inserida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, no Núcleo de Identidades e Memórias, e tem como problema a seguinte questão: como a trajetória universitária na UFAPE contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos seus primeiros egressos?

Para responder esse questionamento, nossa pesquisa teve como objetivo geral: compreender como a trajetória universitária na UFAPE contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos seus primeiros egressos. Como objetivos específicos, pode-se destacar: analisar a trajetória de vida dos primeiros egressos da UFAPE; identificar a percepção de felicidade dos depoentes; e relacionar os dados coletados que demonstrem a participação da instituição na construção da percepção de felicidade de cada entrevistado.

Atualmente, estudos sobre a felicidade têm demonstrado que os indivíduos a consideram como o objetivo da vida humana e que desejam alcançá-la, entretanto apresentam uma grande dificuldade em conseguir explicar suas percepções sobre ela (Barbosa, 2023; Ribeiro, 2015; Faria, 2008; Teixeira; Martins, 2023). O que identificamos nestes estudos é que a discussão sobre a felicidade humana perpassa grande parte das reflexões filosóficas, culturais e sociais da sociedade.

O reconhecimento da busca da felicidade como objetivo humano fundamental pela Organização das Nações Unidas (ONU), explicitado nas Resoluções nº 65/309 de 19 de julho de 2011 e nº 66/281 de 28 de junho de 2012, demonstra a relevância dessa discussão, estimulando-a mundialmente, a fim de ratificar a necessidade de entendê-la como uma aspiração universal dos seres humanos desde a Antiguidade.

Essa reflexão se torna um desafio, considerando as problemáticas que suscita, ao entendermos que “a história da felicidade não é uma história comum, e o tema não é, de nenhuma maneira, comum” (White, 2009, p. 17). Podemos afirmar que essa dificuldade advém de aspectos como sua natureza subjetiva, a complexidade da vida moderna, a falta de compreensão sobre os

seus elementos, além de diversos outros que discutiremos ao longo desta pesquisa. Garcia e Silva (2014) consideram uma ousadia a discussão sobre a felicidade, uma vez que, por ser essencialmente pessoal, torna-se difícil definir seu conceito, ou seja, cada indivíduo teria sua própria ideia de felicidade.

De fato, há uma grande dificuldade em se estudar a felicidade. Entretanto, Froehlich e Sopeña (2018) defendem que essa característica não deve ser uma barreira e que esses estudos precisam ser conduzidos.

Assim, na contemporaneidade, a felicidade vem se tornando objeto de pesquisas empíricas no meio acadêmico, em distintas áreas, pois essa temática se encontra na fronteira de uma diversidade de linhas teóricas e áreas de conhecimento (Perrusi; Fonte, 2020). Para torná-la objeto da nossa pesquisa, houve a necessidade de combiná-la com aspectos da educação, da sociologia e da psicanálise, além da filosofia. Isso ocorre porque refletimos sobre a felicidade enquanto construção social, de modo a atentar para a forma como as pessoas a percebem e a definem, além de considerarmos que sua percepção reflete as ideologias e as normas de uma sociedade, sendo, por isso, social e culturalmente influenciada (Dantas, 2023).

Para atender nossos objetivos, pesquisamos os vínculos que se estabelecem nessa relação entre felicidade e universidade, atentando para a particularidade do nosso campo de estudo, uma vez que entendemos que a vida acadêmica induz à construção de expectativas positivas quanto ao futuro desempenho profissional, entretanto entendemos, também, que as demandas exigidas de uma vida universitária influenciam a qualidade de vida dos indivíduos e sua relação com a felicidade.

A UFAPE, nosso campo de estudo, caracteriza-se por ser a primeira universidade do Brasil instalada através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), na cidade de Garanhuns (PE), no ano de 2005, através da Resolução nº 44 de 26 de abril de 2005, do Conselho Universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco (CONSU/UFRPE). A universidade ofertou a princípio os cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Normal Superior e Zootecnia. Assim, a instituição iniciou sua trajetória como Unidade Acadêmica da UFRPE, com o objetivo de democratizar o acesso e a permanência de estudantes em universidade pública

federal, gratuita e de qualidade, contribuindo também com o fortalecimento da região como polo educacional.

Diante disto, fizemos um levantamento, junto ao Departamento de Registro e Controle Acadêmico da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (DRCA/UFRPE), da relação dos egressos dos cursos selecionados para verificar os que se enquadravam no critério de inclusão da pesquisa, que seria a conclusão do curso. Foram excluídos os egressos que não concluíram os respectivos cursos de graduação.

No intuito de irmos na contramão das pesquisas que relatam sobre o fracasso escolar, sem, contudo, deixar de reconhecer também sua importância, adotamos este critério. Acreditamos que pesquisar casos de sucesso escolar nos permite identificar os fatores que contribuem para o bom desempenho dos discentes, reverberando em práticas que promovam estratégias de sucesso no ambiente universitário e ampliação dos debates acadêmicos a esse respeito.

Nessa perspectiva, optamos pelo uso da metodologia da História Oral de Vida para estabelecer e ordenar nossos procedimentos e a coleta dos dados qualitativos, ao entendermos que “entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado [...]” (Alberti, 2004, p.73). O que pretendemos com sua utilização é compreender como o passado foi interpretado, de forma a possibilitar a documentação de uma visão do que foi vivido e buscar entendê-lo mediante a narrativa dos indivíduos que o vivenciaram.

Isso quer dizer que, independentemente de “falhas”, “distorções” ou “esquecimentos” que possam, por ventura, ocorrer, importa analisar esses aspectos levando em conta o significado dessas variações pois, o que buscamos são as experiências vividas (Meihy, 2005).

Ao optarmos por trabalhar com as memórias dos primeiros egressos da UFAP, entendemos que, da mesma forma como acontece com os documentos escritos, sua reprodução exatamente como aconteceu é impossível, porque opera por descontinuidades (Alberti, 2004). A sua utilização em nossa pesquisa busca o respeito às diferenças e se fundamenta no direito à participação social, o que facilita a compreensão em relação à construção da identidade e das narrativas.

A fase de interpretação e análise das entrevistas se deu através da Análise de Conteúdo. A utilização dessa metodologia permitiu a criação de categorias através de critérios de classificação, favorecendo a organização dos elementos de análise e, além disso, o estabelecimento de relações entre eles, uma vez que esse “é o método de categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem” (Bardin, 2011, p.37).

Dessa forma, justificamos nossa pesquisa a partir da necessidade de compreendermos como a trajetória universitária influenciou a percepção de felicidade dos nossos entrevistados, ao refletir sobre o impacto que o ensino superior exerce não apenas na formação profissional, mas também na formação humana, na felicidade e na inserção do sujeito como agente transformador da realidade social. Além disso, esta discussão contribui para o debate acerca da importância da democratização de políticas educacionais que promovam a permanência e a inclusão dos estudantes universitários.

Nesse contexto, esta tese também se justifica a partir do envolvimento pessoal com o tema e da história de vida da pesquisadora. Por isso, cabe adentrarmos em uma parte dessa história.

Faço parte de uma família e que nunca faltou amor e apoio. Minha avó paterna era costureira e dona de casa, e meu avô paterno era pedreiro. Minha avó materna era dona de casa, e meu avô materno era comerciante. Meus avós maternos e paternos não tiveram oportunidade de ingressar no ensino superior e exerciam suas atividades com muita dedicação. Sou a mais nova de três irmãs, nasci no ano de 1985 e cresci na cidade de Recife (PE), em um bairro periférico chamado Ibura. Lembro que meu pai trabalhava em uma Usina de cana-de-açúcar, na cidade de Jaboatão dos Guararapes e minha mãe era enfermeira, trabalhou no Hospital da Restauração e na Policlínica do Ibura, em Recife.

Nesse período, de todos os filhos dos meus avós, ao todo 10, apenas minha mãe tinha ingressado no ensino superior, na Universidade Federal de Pernambuco, em que concluiu seu curso de graduação em Enfermagem no ano de 1981, já casada e com a primeira filha. Meus pais eram trabalhadores assalariados e abdicaram de muita coisa para nos proporcionar a melhor

educação que podiam, e, assim, estudamos toda a educação básica em escolas da rede particular do Recife.

Como sempre tivemos muito diálogo em nossa casa, lembro que, durante toda minha infância, meus pais incentivavam da forma como podiam para que eu e minhas irmãs estudássemos. Entretanto, eu era uma criança muito ativa e gostava de passar o dia inteiro jogando bola, muitas vezes, por isso, deixava de lado os livros, o que refletia em notas abaixo da média no boletim. O tempo foi passando, e, quando tinha em torno de 12 anos, meu pai ficou desempregado e minha mãe passou a prover a casa com seu salário. Nesse período, aos 13 anos, tornei-me bolsista na escola, pois fazia parte da equipe de voleibol da escola e do Sport Clube do Recife.

Naquele mesmo ano, minha irmã mais velha prestou o vestibular pela primeira vez e não conseguiu ser aprovada. Mesmo sem entender muito bem o que estava acontecendo, lembro que foi um motivo de grande tristeza. Logo, fui procurar saber o que era o vestibular e porque ele era tão importante para minha família. No ano seguinte, minha irmã foi aprovada e iniciou o curso de graduação.

A partir daí, entendi do que se tratava e passei a me dedicar aos estudos, até que, no ano de 2003, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, o que foi motivo de muita alegria. Nesse momento, acessei um mundo que era completamente desconhecido. Vivi experiências prazerosas e angustiantes, como nunca havia vivido antes. Pude conviver com professores que incentivavam e que desmotivavam também os alunos. Até o penúltimo ano do curso, não tinha participado de atividades de pesquisa e extensão. Senti o peso da responsabilidade da vida adulta e, ao mesmo tempo, fui entendendo como a universidade funcionava e qual era o meu papel na sociedade.

Durante esse tempo, percebia que estava muito feliz e que a universidade era imprescindível para isso. Através do que era vivido naquele ambiente, do que era aprendido, conseguia enxergar que estava não só me tornando uma boa profissional na área da Educação Física, de forma que conseguiria trabalhar e viver disso, mas também um ser humano melhor.

No ano de 2006, o último ano da graduação, precisava escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e conheci o professor José Luís Simões. Ao assistir sua aula, identifiquei-me com a defesa que fazia da educação e da sua importância para a vida, pois era o que eu sentia em relação à educação: ela estava mudando a minha vida. Então, ao término da aula, fui conversar com ele e pedir para me orientar naquele trabalho. Nesse mesmo período, tive a oportunidade de me envolver em atividades de extensão, como a organização de congressos, o que me possibilitou conhecer ainda mais a vida acadêmica e decidir por permanecer nela. O interesse pelo tema da felicidade surgiu nesse período da elaboração do trabalho de conclusão do curso de Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física, nas conversas com o professor-orientador José Luis Simões sobre o objetivo da educação para a formação humana, uma vez que chamava minha atenção a forma como a Educação Física, especificamente, conseguia trabalhar os valores humanos (re)significando os conteúdos da disciplina. Assim, realizamos a pesquisa com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação (CAP) da UFPE com o objetivo de analisar suas percepções sobre a felicidade e como a escola poderia contribuir para essa conquista, concluída no ano de 2007.

Fui percebendo que a educação estava me abrindo portas que nunca antes tinha imaginado. Assim, durante a execução do TCC, o professor José Luis Simões comentava bastante a respeito do curso de Mestrado, até que decidi participar da seleção no ano de 2008. Ao mesmo tempo em que fui aprovada no curso de mestrado, assumi um concurso na cidade de Caruaru (PE), como professora de Educação Física da Educação Básica. No intuito de aprofundar a discussão sobre o tema da felicidade, ingressei no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu – UFPE), com a orientação do professor José Luis Simões, com o objetivo de compreender a percepção de felicidade dos professores da escola onde atuava, no município de Caruaru, e, através disso, analisar como a escola contribuía para a conquista da felicidade. O trabalho foi concluído e defendido no ano de 2010.

Nesse mesmo ano, casei e mudei para uma cidade do interior de Pernambuco, chamada Garanhuns. Nesta cidade, trabalhei em algumas escolas, da rede particular e municipal, e como professora substituta de uma Faculdade da Rede Privada na cidade de Arcoverde (PE). No ano de 2011, prestei concurso para professora substituta na UFAPE, ainda como Unidade Acadêmica de Garanhuns da UFRPE. Fui aprovada e pedi exoneração do concurso de Caruaru. No entanto, no ano de 2013, abriu vaga nessa mesma instituição para professora efetiva, onde também consegui a aprovação e onde atualmente atuo como docente.

Nesse contexto, pude observar realidades discentes com características marcantes, por se tratar de uma instituição de ensino superior pública federal em uma cidade do interior de Pernambuco, atendendo a uma população que, em muitos casos, não teria condições financeiras de se deslocar até a capital para realizar o sonho do curso superior gratuito e de qualidade. Assim, no cotidiano do exercício docente, pude conversar bastante com os discentes, ouvindo suas histórias inspiradoras de superação e busca pela conclusão de um curso de ensino superior em instituição federal de ensino, o que me fez questionar, mais uma vez, o objetivo da vida humana no intuito de aprofundar as reflexões acerca dessa relação entre felicidade e educação.

Dessa forma, ingressei no curso de doutorado em Educação, no programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, no ano de 2020, com a orientação do professor José Luis Simões. Nesse mesmo ano, faltando uma semana para iniciar as aulas do curso de doutorado, recebemos a notícia sobre a suspensão das aulas devido à Covid 19, doença causada pelo coronavírus SARS-Cov-2<sup>1</sup>, altamente contagiosa e, em muitos casos, fatal. Isso desencadeou uma pandemia com impactos significativos em todas as esferas da sociedade.

Diante disso, iniciamos as aulas no mês de julho, de forma remota, sendo aquele um período de muita angústia e sofrimento, diante de notícias sobre a perda de entes queridos que chegavam a todo momento entre discentes e docentes da turma. Nesse cenário, iniciamos a escrita desta tese.

---

<sup>1</sup> Confira em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>

Diante do que foi exposto, justificamos a necessidade de investigar a percepção de felicidade como uma construção histórica e social, logo, dinâmica, e construída individualmente. Assim, a trajetória universitária se constitui como um elemento empírico da relação do indivíduo com a felicidade, possível de ser analisada cientificamente.

Como tese, **defendemos que a trajetória na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco contribuiu para a construção da percepção de felicidade dos seus primeiros egressos, na medida em que proporcionou uma formação profissional e humana.** Dessa forma, a presente tese está organizada em sete capítulos, os quais descreveremos a seguir.

Na seção, intitulada: **A Felicidade e o Pluralismo de Perspectivas**, é apresentada a temática da felicidade, destacando a importância da sua discussão ao longo da história da humanidade. Para tal, citamos estudos, dentre outros, de Barbosa (2023), Ribeiro (2015), Faria (2008), Teixeira e Martins (2023), Perrusi e Fonte (2020), Bosch (1998), Comte-Sponville, Delumeau e Farge (2006), Giannetti (2002) e Aristóteles (2005).

Ainda nessa seção, discutimos sobre a felicidade através de três diferentes perspectivas. Para isso, dividimos em três subseções: **Uma Perspectiva Sociológica da Felicidade**, em que realizamos um estudo relacionando a temática da felicidade a aspectos da sociedade contemporânea através dos estudos de Baudrillard (1995) e Bauman (2009); **Uma Perspectiva Filosófica da Felicidade**, abordando o tema mediante os escritos de Abbagnano (2000), Comte-Sponville (2015) e Botton (2007); **Uma Perspectiva Psicanalítica da Felicidade**, em que procuramos discutir, a partir dos escritos de Freud (2011), como se dá, em nossa sociedade, a relação entre o ser humano e a felicidade.

Na seção **O Caminho Metodológico**, apresentamos todo o processo realizado para a execução da pesquisa. Na subseção **Conhecendo o Caminho a Ser Percorrido**, realizamos uma revisão de literatura, segundo Creswell (2010), através de um levantamento bibliográfico em três plataformas digitais – o Repositório de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE (PPGedu/UFPE), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e

Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – a fim de identificar as pesquisas que tratavam da “felicidade” no período de 2010 a 2020, nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil.

Na subseção **Planejando a Caminhada**, apresentamos as diretrizes metodológicas da pesquisa e a caracterizamos como um estudo de caso com abordagem qualitativa (Creswell, 2010). No **Primeiro Passo: a configuração social da UFAPE**, justificamos a escolha do nosso campo de estudo, a UFAPE, contextualizando historicamente sua criação. No **Segundo Passo: escolha dos entrevistados**, discorremos sobre as etapas e sobre os procedimentos que se fizeram necessários para a escolha dos nossos colaboradores.

No **Terceiro Passo: a História Oral para a coleta de dados**, apresentamos e justificamos a adoção da metodologia da História Oral, segundo Alberti (2013), Ferreira e Amado (2006), Meihy (2005) e Thompson (1998), com a entrevista semiestruturada para nossa coleta de dados. No **3.6 Quarto Passo: Análise de Conteúdo**, apresentamos a metodologia da Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2011), e justificamos sua utilização para a realização da interpretação dos dados coletados.

Na seção **De Onde Partimos** e na subseção **Quem Somos**, iniciamos nossas análises e apresentamos os participantes da pesquisa, ao abordar aspectos sobre infância, família e vivências na educação básica e buscar valorizar a experiência individual.

Na seção **Iniciando a Caminhada: processo para ingresso na UFAPE**, discutimos sobre o processo vivido pelos depoentes para conseguir ingressar na universidade. Na subseção **Caminhando: trajetória na UFAPE**, refletimos sobre a trajetória dos participantes da instituição, abordando aspectos como cotidiano, professores, aulas, projetos, amigos, enfim, elementos que permearam suas experiências nesse contexto.

Na seção **As Pedras Fazem parte do Caminho**, abordamos sobre as percepções de felicidade de cada entrevistado, atentando para aspectos como: o que é e o que não é felicidade e como definem uma vida feliz. A partir daí, relacionamos o modo como percebem a felicidade e a experiência vivida por

eles durante o período em que estiveram na universidade. Para isso, dividimos em três subseções: **Felicidade e Infelicidade, Trajetória Feliz e Infeliz na Universidade, e Participação da UFAPE na Percepção de Felicidade.**

Nas **Considerações finais**, apresentamos nossas reflexões acerca do que foi discutido ao longo de toda a pesquisa.

## 2 A FELICIDADE E O PLURALISMO DE PERSPECTIVAS

Atualmente, estudos sobre a felicidade têm demonstrado que os indivíduos a consideram como o objetivo da vida humana e que desejam alcançá-la, entretanto apresentam uma grande dificuldade em conseguir explicar suas percepções sobre ela (Barbosa, 2023; Ribeiro, 2015; Faria, 2008; Teixeira; Martins, 2023). O que identificamos nesses estudos é que a discussão sobre a felicidade humana perpassa parte das reflexões filosóficas e sociais da sociedade.

O reconhecimento da busca da felicidade como objetivo humano fundamental, pela Organização das Nações Unidas (ONU), explicitado nas Resoluções nº 65/309 de 19 de julho de 2011 e nº 66/281 de 28 de junho de 2012, demonstra a relevância dessa discussão, estimulando-a mundialmente, a fim de ratificar a necessidade de entendê-la como uma aspiração universal dos seres humanos desde a Antiguidade Clássica.

Segundo o Relatório Mundial da Felicidade (ONU, 2022), publicado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, as considerações da população mundial sobre a felicidade podem ser utilizadas como uma medida adequada em relação ao progresso social, logo se tornam cruciais para a elaboração de políticas públicas que permitam melhorias das condições de vida da população. Adota-se, assim, a Felicidade Interna Bruta como principal indicador de desenvolvimento do país ao invés do Produto Interno Bruto.

Ao analisarmos os vínculos criados entre a felicidade e as características da nossa sociedade ao longo da história, percebemos que esses aspectos estão relacionados. Portanto, as percepções dos indivíduos sobre a felicidade estão ligadas aos contextos históricos e sociais nos quais estão inseridos (Perrusi; Fonte, 2020).

De acordo com Bosch (1998) e Comte-Sponville, Delumeau e Farge (2006), houve, ao longo da história da nossa civilização, culturas que defendiam a felicidade como objetivo da vida humana. Em especial, citam os ensinamentos atribuídos à Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) como um marco importante, sendo considerado o primeiro filósofo da felicidade.

Sócrates considerava que as atitudes virtuosas constituíam o caminho para se chegar à felicidade, centralizando sua reflexão no preceito “Conhece-te a ti mesmo”. Nesse sentido, estimulava o desbravamento da própria subjetividade para a conquista da alma através da identificação das suas reais necessidades, aproximando-se, assim, da felicidade (Pessanha, 1987).

Outro filósofo que discutiu sobre a importância das virtudes nessa conquista foi Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.). Para ele, nossas ações tenderiam para o Bem e pertenceriam às Ciências Políticas, visto que são mais nobres os atos virtuosos que afetam a Cidade-Estado como um todo (Aristóteles, 2005).

Importante frisar que, ao seguir esse pensamento, Aristóteles (2005) afirma que a felicidade é considerada absoluta, incondicional e auto-suficiente, uma vez que é desejada com o fim em si mesma. Sendo assim, é através das ações virtuosas diárias que os seres humanos poderão aproximar-se dela.

Essa visão de felicidade como bem vinculado a ações virtuosas é característica desse período histórico (Perrusi; Fonte, 2020; Comte-Sponville, Delumeau e Farge, 2006; Bosch, 1998). Entretanto, novas e diferentes concepções de felicidade passam a provocar mudanças perceptíveis nas sociedades a partir do século XVIII, com o advento do Iluminismo, baseadas na noção de progresso civilizatório e uma nova ordem da razão. Conseqüentemente, houve impacto nas considerações sobre a felicidade humana, assim, segundo Giannetti (2002, p.22), esse período “[...] assinala uma clara ruptura em relação às ideias dominantes no mundo antigo, medieval e renascentista.”

Segundo Comte-Sponville, Delumeau e Farge (2006), nesse período, o que se percebe é que os meios para alcançar a felicidade vão diferir de acordo com o contexto sociocultural do indivíduo, ou seja, a felicidade continua sendo o objetivo principal, porém os meios para chegar até ela são diferentes. O autor destaca como exemplo que a concepção da elite estaria voltada para a busca constante de poder.

Podemos citar como característica comum dessas concepções nesse período o fato de os indivíduos associarem a felicidade ao progresso econômico da sociedade, defendendo que as transformações ocorridas facilitariam seu acesso.

Diante disso, percebemos o movimento pela crença na relação entre progresso, bens materiais, riqueza e felicidade, fatores que passaram a tornar possível alcançar a felicidade no presente momento da vida. Assim,

[...] entre o fim do século XVIII e o começo do século XX, os homens cultivaram a crença de que a ciência, a técnica e uma melhoria geral das condições de vida iriam gerar simultaneamente o progresso e a virtude, além de possibilitar a felicidade sobre a terra (Comte-Sponville, Delumeau e Farge, 2006, p.104).

Assim, na contemporaneidade, a felicidade vem se tornando objeto de pesquisas empíricas no meio acadêmico, em distintas áreas, pois essa temática se encontra na fronteira de uma diversidade de linhas teóricas e áreas de conhecimento (Perrusi; Fonte, 2020). Para torná-la objeto da nossa pesquisa, houve a necessidade de combiná-la com aspectos da educação, da sociologia e da psicanálise, além da filosofia. Isso ocorre porque refletimos sobre a felicidade enquanto construção social, atentando para a forma como as pessoas a percebem e a definem, além de considerarmos que sua percepção reflete as ideologias e as normas de uma sociedade, sendo, por isso, social e culturalmente influenciada (Dantas, 2023).

Como nosso objetivo é compreender como a trajetória universitária na UFAPÉ contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos egressos, pesquisamos os vínculos que se estabelecem nessa relação entre felicidade e universidade. Ao realizar esse processo, atentamos para a particularidade do nosso campo de estudo, uma vez que entendemos que a vida acadêmica induz à construção de expectativas positivas quanto ao futuro desempenho profissional. Entretanto, entendemos também que as demandas exigidas de uma vida universitária influenciam a felicidade na medida em que afetam a qualidade de vida dos indivíduos.

Dessa forma, entendemos a percepção de felicidade como uma construção histórica e social, logo dinâmica e construída a partir de relações. Assim, a trajetória universitária se constitui como um elemento empírico da relação do indivíduo com a felicidade, possível de ser analisada cientificamente.

Para essa análise, faremos uma discussão em relação à felicidade utilizando uma abordagem filosófica, sociológica e da psicanálise, de forma a problematizar teoricamente os eixos temáticos da nossa pesquisa e a buscar relacioná-los a partir da noção de felicidade. Assim, essa etapa funciona como um norteador para a elaboração das categorias de análise utilizadas na pesquisa, já que entendemos a felicidade como um campo de inúmeras possibilidades de relação, envolvendo um pluralismo de percepções.

## 2.1 UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DA FELICIDADE

Discutir sobre a felicidade em nossa sociedade atual remete à sua contextualização social para entendermos as relações que são estabelecidas nessa configuração. A noção de sociedade como configuração nos remete ao que é defendido por Elias (2017, p.31) quando afirma que “[...] as configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas, organizados em estados e não por indivíduos singulares interdependentes”.

Uma das características que fundamenta nossa análise é a de que, a partir do século XX, presenciamos uma mudança da estrutura da nossa sociedade, saindo de um modelo de produção e adentrando na sociedade do consumo, que acaba por influenciar as percepções dos indivíduos acerca dos aspectos da vida cotidiana, em especial o que tratamos na tese, a felicidade.

Nessa perspectiva, os estudos sobre felicidade vêm ganhando destaque e geralmente a relacionam com aspectos das sociedades pós-modernas, caracterizada pelo consumo desenfreado de mercadorias. Alguns autores ganharam destaque nessa discussão, dentre eles Baudrillard (1995) e Bauman (2009).

O avanço no modo de produção capitalista, intensificado ao longo do século XX, criou o que chamamos de sociedade do consumo, na qual o desenvolvimento econômico e social está pautado no aumento do consumo, que gera o aumento dos lucros das grandes empresas, aumentando a oferta de emprego, tornando esse um movimento retroalimentado. Entretanto, esse cenário traz críticas que se direcionam não só às perspectivas econômicas, mas também ambientais e sociais.

Seguindo esse entendimento, o crescimento econômico se relaciona com a desigualdade a partir do momento em que essa conjuntura se faz essencial para que se mantenha a estrutura social de privilégio. Por isso, Baudrillard (1995, p.52) conclui que a sociedade de consumo é resultado “[...] de princípios democráticos igualitários, que conseguem se aguentar com o mito da abundância e do bem-estar, e o imperativo fundamental de manutenção de uma ordem de privilégio e domínio”.

A força ideológica da noção de felicidade na sociedade de consumo não deriva da inclinação natural do indivíduo e sim de uma construção sócio-histórica do mito da felicidade, que encarna, na sociedade moderna, o mito da Igualdade, onde prevalece a ideia de que todas as pessoas são tratadas de forma igual em uma sociedade, referenciado desde a Revolução Industrial. Nesse sentido, o mito da Igualdade e todo o arcabouço político e social trazido com ele foram transferidos para a felicidade. Entretanto, para que isso fosse possível, a felicidade precisou ser associada ao bem-estar mensurável por objetos e signos (Baudrillard, 1995).

Neste sentido, Bauman (2009) chama a sociedade atual de líquido-moderna, na perspectiva de que as relações sociais, econômicas e de produção são fugazes e maleáveis, como um líquido que não se sustenta, e, assim, a felicidade encontra-se associada aos ideais neoliberais de consumo, por isso poderia ser adquirida em prestações, transformando-a em algo palpável.

A felicidade sem a necessidade de provas é excluída da sociedade do consumo, uma vez que passa a ser significada através de critérios visíveis, alimentada por princípios individualistas. Isso acontece porque essa noção de felicidade deriva do princípio de igualdade entre os homens, defendido por uma sociedade que não consegue realizá-la verdadeiramente. Como consequência, a igualdade real defendida pelo princípio democrático, que abarca responsabilidades e possibilidades sociais e da própria felicidade no sentido pleno, passa a ser uma igualdade fundada em objetos e outros signos que derivam do êxito social, de maneira a formar uma ideologia democrática global que mascara essa realidade (Baudrillard, 1995).

No intuito de refletir sobre o que há de errado em relação ao entendimento que a sociedade líquida tem acerca da felicidade, Bauman (2009) explica sobre a relação entre riqueza e felicidade, pois, mesmo parecendo, à primeira vista, que existe uma íntima ligação entre crescimento econômico e aumento da felicidade, sabe-se que isso acontece até que as necessidades básicas essenciais sejam satisfeitas.

Segundo Rocha (2006, p.19) necessidades básicas estão “[...] relacionadas à sobrevivência física das pessoas”. Entretanto, para a autora, uma abordagem mais completa sobre esta questão incorporaria também outros aspectos para além da alimentação, como por exemplo, educação, saneamento e habitação.

Além disso, observa-se que, a depender do contexto de desigualdade social, a criminalidade cresce paralelamente ao nível de riqueza (Bauman, 2009). Esse fato se apresenta como contraditório ao que se acreditava como sendo um dos principais indicadores do sucesso da sociedade e do aumento da felicidade da população ao analisá-la a partir do aumento do Produto Interno Bruto (PIB), o que leva a problematizar a utilização desses dados para esse fim.

Portanto, os dados do crescimento do PIB não podem ser utilizados para avaliar a felicidade da sociedade, apenas mostram que isso é consequência de uma maior circulação de dinheiro que pode até ser usado para ações que, em vez de aproximar da felicidade, afastam cada vez mais. Assim, segundo o autor, “observadores indicam que cerca da metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem podem ser adquirida em lojas” (Bauman, 2009, p.12).

Seguindo a lógica consumista de que a felicidade está associada a bens de consumo, o que ocorre é a felicidade sendo cada vez mais superada pela infelicidade de não conseguir ter acesso a esses bens que não podem ser adquiridos no mercado, como, por exemplo, amizades, amor, autoestima e respeito.

Logo, as atividades voltadas ao consumo objetivam conseguir maior lucro no menor tempo, criando uma dinâmica de gastar o mínimo de tempo a

fim de que possamos realizar o maior número possível de compras, o que caracteriza uma espécie de culto à satisfação espontânea.

Assim, a espera passa a ser incômoda e sinônimo de perda de tempo, fato que traz consequências como a diminuição do tempo para relaxamento e também para o aprendizado de novas habilidades, como o instinto de artífice, que possui relação com a autoestima e com o respeito a si mesmo, considerados aspectos que nos aproximam da felicidade (Bauman, 2009).

Bauman (2009) demonstra que, por mais que queiramos obter coisas que podemos comprar, nenhuma delas poderá alcançar, em termos de felicidade, a satisfação em relação aos bens que esse consumo tenta compensar. Entretanto, a sociedade do consumo apresenta como princípio da racionalidade formal a busca pela própria felicidade e a preferência por objetos que proporcionem o máximo de satisfação (Baudrillard, 1995).

O movimento gerado, nessa perspectiva, é identificado como oportunidade de lucro para o mercado, uma vez que, ao diminuirmos, cada vez mais, a possibilidade em oferecer bens que não podem ser adquiridos através do dinheiro (como amor, atenção e amizade), terminamos por tentar compensá-los com produtos compráveis. Bauman (2009) chama tal processo de “auto-sacrifício”, pois, para conseguirmos comprar produtos mais caros, precisamos trabalhar mais e conseqüentemente nos ausentamos, sendo esse um dos motivos que demonstra a razão pela qual não devemos utilizar o PIB para avaliar a felicidade.

O que o mercado almeja com essa prática de associar felicidade ao consumo é gerar uma perspectiva de que a busca pela felicidade não chegará ao fim e a forma que podemos nos aproximar dela é nos mantendo felizes, cultivando essa esperança através da compra. Porém, o que se faz é alterar os aspectos importantes para se alcançar a felicidade, como a busca da vida plena, ao alegar que esta precisaria de meios compráveis para ser alcançada e, dessa forma, torna essa busca interminável.

Para que esse objetivo seja atingido, o que também é utilizado pelo mercado é a inculcação desses valores de consumo desde a infância:

[...] bem antes de haver uma primeira chance de se ouvir sutis considerações filosóficas sobre a natureza da felicidade e os

caminhos para uma vida feliz, que dirá uma chance de estudá-las e refletir sobre sua mensagem (Bauman, 2009, p.18).

Ainda segundo o autor, para que essa forma de agir do mercado consumista se mantenha firme em nossa sociedade, também é necessário que seus produtos sejam expostos por um público que os associe dentro de uma determinada posição social, ou seja, que gere um reconhecimento de pertencimento a um determinado grupo, que seria caracterizado como a identidade. Com isso, o reconhecimento da identidade nesse contexto caracteriza-se como uma preocupação central na busca pela felicidade.

Essa identidade, porém, não está relacionada a algo que existiria em definitivo, pois, assim, não atenderia aos objetivos consumistas, estaria sim apta a ser refeita sempre, a depender do momento.

Além disso, essas mudanças precisam ser rápidas, uma vez que, em uma sociedade líquido-moderna, trabalhar para o autoaperfeiçoamento exige muito esforço e sacrifício, sendo mais fácil e rápido buscar uma nova identidade que permita se aproximar da felicidade através de uma nova compra. Nesse contexto, o mercado trabalha para que essa busca nunca acabe e que ela possa proporcionar momentos felizes a cada nova compra, pois, nesse caso, é vital, para manter o sistema, que o mercado controle não só o aparelho de produção, mas também a procura do consumo.

Feito dessa forma, o mercado estimula que o indivíduo procure sempre comprar um artigo melhor, mais moderno, mais caro, que não pode ser adquirido pela maioria da população, estimulando uma espécie de competição, controlando, dirigindo e configurando o comportamento social e as necessidades. Isso caracteriza o que Baudrillard (1995) chama de ditadura total da ordem de produção.

Outro aspecto que se faz presente nesse contexto é a situação de comparação com as outras pessoas, a qual desperta a sensação de que o indivíduo não possui o que deseja e, muitas vezes, não terá a possibilidade de adquirir. Tal percepção provoca “[...] os mais fortes sentimentos e desencadeiam duas reações opostas, mas igualmente vigorosas: um desejo irresistível [...] e o ressentimento [...]” (Bauman, 2009, p.37).

Por consequência desse processo, passamos a conviver com sentimentos como a ansiedade, uma vez que estamos lidando com impulsos contraditórios difíceis de serem controlados. O problema desse cenário, para Bauman (2009) é o fato de que os indivíduos são levados a pensar que vivem em uma sociedade igualitária, porém o que observamos é que a maioria será incapaz de atingir esse padrão de felicidade estabelecido pelo consumismo.

O que a era moderna traz consigo são preocupações e interesses individualizados, efêmeros e inconstantes, acima do interesse comum. Interessante notar também como a ideia de compromisso foi modificando como consequência dessa individualização, uma vez que o indivíduo se vê no centro de suas preocupações e não demonstra disposição em abandonar a preocupação consigo mesmo.

Isso não quer dizer que deixamos de nos preocupar com as situações de dificuldade vividas por outras pessoas. Percebe-se o aumento da individualização somado à sensibilização com a miséria humana, a diferença é que essas ações têm um certo limite, ou seja, “[...] as manifestações de devoção àquele algo (ou alguém) que não nós mesmos, ainda que sinceras, apaixonadas e intensas, não chegam ao auto-sacrifício” (Bauman, 2009, p.58).

No mundo moderno, projetado para o consumo, a felicidade é vislumbrada como algo que deve ser buscado de forma que vale abandonar o que se imaginava que nos fazia felizes, o que antes foi pensado ao longo da história da felicidade. Os indivíduos são coagidos a trabalhar, a consumir e a ser indiferente ao bem comum para realizar ações que só reforcem seus egos, defendendo que o que importa é a satisfação pessoal. A coerção para a busca pela felicidade na modernidade líquida torna-a inconsistente.

Nesse sentido, Bauman (2009) defende que cabe ao sujeito construir e decidir como e quais meios serão utilizados para tentar aproximar-se da felicidade, numa espécie de ensaio ao longo da vida. Entendendo a vida como uma obra de arte, o sociólogo parte da consideração de que ela é vivida por seres humanos que possuem vontades e liberdade de escolha, tendo também os acontecimentos que fogem ao nosso alcance. Assim, espera-se que cada indivíduo se responsabilize por suas escolhas, sendo seus resultados bons ou ruins. Por isso, o autor considera que cada indivíduo é um artista da vida.

Dessa forma, é preciso entender que as escolhas geram consequências, que serão de responsabilidade de quem as fez. Bauman (2009) afirma que em relação à oposição às gerações anteriores, hoje os indivíduos dificilmente podem continuar leais aos planejamentos da vida, por acreditar que muitos acontecimentos podem interferir durante o percurso.

Esse fato ajuda a explicar como é que as novas gerações entendem e vivenciam o desejo de viver o prazer em todos os momentos. Na incerteza de se dedicar e sacrificar por algo que pode dar errado, uma vez que um momento desprazeroso é considerado uma perda de tempo, dedicam-se a buscar prazeres instantâneos. Assim, para Bauman (2009, p.76), “a ‘arte da vida’ significa coisas diferentes para os membros das gerações mais velhas e mais novas, mas todos praticam e não poderiam deixar de fazê-lo”.

Em relação às questões intergeracionais, é importante considerar o ritmo de mudança em nosso tempo e como esse aspecto afeta os marcos que estabelecem fronteiras geracionais. Com o ritmo acelerado da modernidade, os fenômenos emergem e desaparecem, impedindo a cristalização das experiências e a solidificação das atitudes e dos padrões comportamentais que seriam registrados e classificados como características singulares de uma geração, dificultando a “sublevação” que possibilita uma ruptura geracional. Dessa forma,

[...] para ser reconhecida como ‘sublevação’, a mudança precisa envolver ou provocar uma ‘reavaliação de valores’ que seja completa e temporalmente compacta, e também um reordenamento substancial da hierarquia de valores (Bauman, 2009, p.85).

Nesse aspecto intergeracional, existem também divergências que podem gerar turbulências entre elas, uma vez que os acontecimentos considerados relevantes para uma geração possivelmente não o serão para outra.

Discutindo as diferenças entre aspectos geracionais, o autor afirma que as gerações mais antigas eram mais propensas a buscar traçar um cenário para toda a vida, já as gerações mais jovens, no mundo líquido-moderno, não acreditam nessa possibilidade. Isso seria possível com o exercício da

flexibilidade, entendida como a capacidade de adaptar-se rapidamente, descartando o que não serve mais imediatamente e sem remorso, evitando a lealdade a um projeto para toda a vida.

Nesse mesmo contexto, nas sociedades líquido-modernas, as histórias de vida das pessoas são contadas de forma que o trabalho duro e o autossacrifício não são mostrados ou considerados relevantes para conseguir sucesso na vida. Isso demonstra que o tempo dedicado ao trabalho duro e tudo o que isso significa não aparecem como importantes. As histórias modernas passam que o sucesso viria do destino e de qualquer outro aspecto não necessariamente associado ao trabalho árduo, à abnegação ou ao autossacrifício (Bauman, 2009).

Para Bauman (2009), outro aspecto a ser observado nessa dinâmica é em relação à forma de fazer a arte. Antes preocupada com seu legado e com suas realizações duradouras, a sociedade atual é marcada pela falta de preocupação com a permanência, evitando-se a profundidade. Este mesmo raciocínio é utilizado em relação à arte da vida, uma relação de criação e destruição. Isso quer dizer que, na sociedade do consumo, precisamos, constantemente, rejeitar o que fomos até então e, a cada nova necessidade mercadológica, apresentar uma nova versão de nós mesmos, retirando o que já foi vivido.

Este tipo de entendimento em relação à arte da vida sugere que sua trajetória seja sempre marcada por alegrias e vitórias, em que as derrotas definitivas não existem, porque sempre haverá outras possibilidades de recomeço, o que torna as dificuldades e as perdas um detalhe que pode ser esquecido e apagado da memória,

[...] de modo que as partes destrutivas dos sucessivos atos de destruição criativa, possam ser facilmente esquecidos e o gosto amargo da perda possa ser superado pela doçura das novas paisagens e de suas promessas ainda não testadas (Bauman, 2009, p.100).

Em nossa sociedade esse tipo de comportamento é reforçado pelas possibilidades de recompensa aos projetos que gerem resultados imediatos, desestimulando suas reflexões acerca das consequências. Interessante notar

que essas características da sociedade consumidora, antes vistas como coercitivas, uma vez que impõem um certo estilo de vida baseado nos interesses mercadológicos, hoje são aceitas como características ligadas à liberdade pessoal. Isso ocorre porque a dinâmica de escolha e satisfação individuais, entendidas como o ponto mais alto de uma civilização da liberdade, “[...]constitui a própria ideologia do sistema industrial” (Baudrillard, 1995, p.72).

Essa liberdade pessoal é extremamente limitante, uma vez que nem todos podem pagar o preço que é necessário para acessá-la, de forma que poucos conseguirão alcançá-la. Paralelamente a isso, atualmente a opção por não usufruir da vida conforme o estilo e os valores dominantes é considerada “[...] um ressentimento, ideologicamente inspirado, em relação à liberdade ou pela inépcia em usar seus dons e suas bençãos” (Bauman, 2009, p.105).

Assim, diante das constantes mudanças e autodefinições do mundo e da necessidade de ajustes constantes, a identidade torna-se algo que não pode ser rígido, pronto e acabado e se torna o produto de diversos processos de socialização pelo qual o indivíduo passa ao longo da sua vida, os quais são caracterizados pela interação entre o desejo da liberdade individual e a segurança da aprovação social assegurado por um grupo de comunidade de referência.

Ainda sobre as mudanças que a sociedade líquido-moderna produz na vida dos indivíduos, Bauman (2009) demonstra que o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, como oposição aos demais, também passou por modificações. O que antes era visto como traição ou deslealdade passou a ser um sinal de virtude e superioridade cultural, algo aceito e aprovado.

A sociedade consumista e individualista também confronta a ideia de “ideologia” como um pensamento para uma totalidade, através da defesa da felicidade individual. Nessa perspectiva, a ideia de ter como objetivo a felicidade coletiva dá lugar a uma ideologia da privatização, em que a atenção se volta para os indivíduos que são exigidos a encontrar soluções individuais para problemas criados socialmente (Bauman, 2009).

Esse pensamento retira a responsabilidade pelo bem comum social e repudia a preocupação com o outro, ideologia dominante na sociedade de consumidores, uma vez que

[...] representa o mundo como um depósito de potenciais objetos de consumo, a vida individual como uma eterna busca por barganhas, seu propósito como a satisfação máxima do consumidor e o sucesso na vida como um acréscimo do valor de mercado do próprio indivíduo (Bauman, 2009, p.118).

A felicidade numa perspectiva da sociedade do consumo merece um olhar mais crítico e reflexivo, atentando aos contextos envolvidos quando consideramos o sistema de mercado e suas habilidades em tornar a felicidade atrelada a um objeto ou a um signo de consumo. A tentativa de levar os indivíduos a crerem em uma nova era de liberdade e satisfação dos desejos como evidências de conquista da felicidade se configura como a busca pelo controle das pessoas como massa e força voltadas para o consumo.

## 2.2 UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DA FELICIDADE

Abordar a felicidade em uma perspectiva filosófica nos permite partir da sua relação com a sabedoria. Na tradição grega, a filosofia estaria vinculada à busca pela sabedoria que, por sua vez, está vinculada à felicidade. Nesse sentido, a prática filosófica auxiliaria o indivíduo a ser feliz, pois entende-se que o próprio significado da palavra filosofia quer dizer em grego “amor pela sabedoria” (Comte-Sponville, Delumeau e Farge, 2006), e o filósofo seria então o responsável por descobrir os caminhos que nos levam à felicidade.

Ao longo do tempo, os filósofos se dedicaram à busca pelo entendimento da felicidade e da sua relação com prazer e desejos. Segundo Abbagnano (2000), no período pós-Aristóteles, a ética ocupou-se da felicidade do sábio, esta considerada aquela que basta a si mesmo. Assim, essa felicidade não poderia ser destruída pela má sorte, pelas doenças, nem por qualquer outra situação desfavorável e, da mesma forma, não poderia ser aumentada.

Com a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, os ideais filosóficos, morais e estéticos passaram a valorizar o ser humano. Logo, a

noção de felicidade passa a ser relacionada à noção de prazer, que, de certa forma, já havia sido feita com os epicuristas e cirenaicos (Abbagnano, 2000).

Dentre os muitos filósofos estudados nesse período, podemos citar Immanuel Kant (1724 – 1804). Para ele, a felicidade entendida como parte integrante do Bem Supremo (síntese de virtude e felicidade), seria impossível no mundo natural, pois considerava a impossibilidade de satisfação de todas as tendências e inclinações do homem, uma vez que a natureza não teria a preocupação em satisfazê-lo totalmente e também não seria possível que as necessidades humanas se mantivessem em uma espécie de repouso da satisfação (Abbagnano, 2000).

Entretanto, houve também filósofos que passaram a analisar a felicidade buscando desenvolver sua noção atrelada a um sentido social, que se distanciava da rigidez da noção defendida por Kant. Assim, a felicidade pertenceria ao homem enquanto membro de uma sociedade.

Este tipo de pensamento terminou por influenciar não só a reflexão filosófica, mas também o contexto social e político das civilizações, como, por exemplo, nas culturas inglesa e americana. Assim,

[...] o princípio da maior felicidade continuou por muito tempo sendo a base do liberalismo moderno de cunho anglo-saxônico. A Constituição Americana incluiu entre os direitos naturais e inalienáveis do homem a busca da felicidade (Abbagnano, 2000, p.436).

Portanto, essas reflexões sobre a felicidade levaram ao interesse da sua relação com os homens e com as coisas, colocando-a em oposição à autossuficiência que estava atrelada ao sábio, o que levou a um certo desinteresse dos filósofos por essa noção (Abbagnano, 2000; Comte-Sponville, 2015), juntamente a crescente exaltação à infelicidade neste contexto.

Para Abbagnano (2000), na contemporaneidade, a importância dada à felicidade estaria mais atrelada ao interesse de como as noções negativas, associadas à frustração e à insatisfação, interferem na psicologia individual e social.

Entretanto, nessa perspectiva, qual seria o papel da filosofia na busca pela felicidade? A filosofia tenderia a proporcionar uma vida feliz ao entendê-la

como prática discursiva “que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim” (Comte-Sponville, 2015, p.9). Seguindo esse entendimento, reconheceríamos a felicidade através da sabedoria proporcionada pela filosofia. Nesse aspecto, está situado um ponto importante da nossa discussão, pois o conhecimento filosófico permitiria a busca pela verdadeira felicidade e não por uma felicidade obtida através de diversão, dinheiro, drogas e ilusões.

Desse modo, para se chegar à verdadeira felicidade, a filosofia precisa se comprometer com a verdade, por mais que essa verdade se configure como experiência desagradável para o indivíduo. Assim, a filosofia deve adotar a verdade como caminho para se chegar à felicidade.

Pensando no contexto atual, de uma sociedade líquida moderna, em que as pessoas acreditam que podem comprar a felicidade e vivem para o consumo, entretanto permanecem infelizes, percebemos que a quantidade de bens compráveis não basta para ser feliz. Botton (2007) defende que, ao ver algo que acha belo, o indivíduo deseja comprá-lo para se sentir feliz, entretanto o verdadeiro desejo não seria o de possuir o objeto, mas a ambição de assimilar as virtudes que ele desperta e, assim, garantir acesso às qualidades que ele personifica. O autor demonstra que, no nível mais profundo, o que o ser humano deseja é parecer com os objetos que lhe tocam por sua beleza.

A filosofia demonstra que o que falta é a sabedoria. Comte-Sponville (2015) defende que essa sabedoria vai além de uma boa educação, abrange um saber viver que perpassa a arte, no sentido de aprender a viver. Para isso, torna-se necessário entender também sobre os desejos, visto que, à primeira vista, ser feliz é ter o que desejamos.

Seguindo esse entendimento, percebe-se que o desejo estaria relacionado ao que não se tem e, a partir do momento em que a possuímos, precisaríamos procurar outros desejos. Esses fatores levariam a um sofrimento seguido de tédio, pois, enquanto desejo, sofro, e, depois que conquisto, o desejo dá lugar ao tédio. Além disso, essa forma de analisar esses aspectos da felicidade obrigaria os indivíduos a viverem bastante para o futuro.

O autor chama atenção nesse sentido para o fato de que geralmente os indivíduos buscam como estratégia para lidar com essas questões a busca pela diversão, a busca por novas esperanças a cada dia, ou a crença em uma

esperança vinda da religião, acreditando-se na felicidade após a morte. Uma questão a ser problematizada nessa discussão seria uma possibilidade diferente dessas para lidar com a felicidade fora desse ciclo, envolvendo esperança e tédio (Comte-Sponville, 2015).

Nesse contexto, podemos afirmar que existem dois aspectos importantes que se fazem presentes nas reflexões sobre a felicidade, que seriam, além do prazer que já citamos, a alegria, pois partimos do entendimento de que, quando realizamos o que desejamos, sentimos prazer e alegria.

Comte-Sponville (2015) chama de felicidade em ato quando conseguimos fazer o que desejamos e, ao mesmo tempo, desejamos o que fazemos e, nesse sentido dessa felicidade, não esperamos mais nada, se partimos do entendimento de que não se espera o que não se deseja. Assim, “toda esperança é um desejo, mas nem todo desejo é uma esperança” (Comte-Sponville, 2015, p. 49).

Por isso, a esperança se configura como um desejo sobre algo que não temos, que não sabemos se conseguiremos satisfazê-lo e que não depende de nós. Entendida dessa forma, a esperança estaria afastada do prazer, do conhecimento e da ação, pois deixamos de esperar quando possuímos o objeto do nosso desejo. É nessa lógica que podemos afirmar que também desejamos aquilo de que gozamos, estando relacionado ao prazer, o que conhecemos e o que fazemos.

Assim, essas três características que se opõem à espera, saber, poder e gozar, são o que estaria relacionado à felicidade no momento presente, a felicidade em ato. Isso implica dizer que a esperança está relacionada ao que não possuímos, logo ao que é irreal.

A felicidade poderia estar relacionada ao desesperar, não no sentido de desânimo, mas de não esperar. Por isso, o sábio, segundo o pensamento filosófico, seria feliz, pois não teria nada a esperar, já que nada lhe faltaria, seria uma ausência de temor. É nesse sentido também que a concepção cristã descreve o alcance da felicidade no paraíso, porque, ao chegar ao céu, os indivíduos não precisarão esperar mais nada, pois conhecerão a Deus, tendo

acesso à verdade e ao amor, e, portanto, quem estiver decidido a ser feliz deve tentar alcançar a Deus (Agostinho, 2014).

É necessário frisar que a esperança é um fator importante para o ser humano, pois esperar também faz parte da vida. Entretanto, o que é imprescindível é que não podemos viver só de esperança, é necessário sabedoria para transformar os desejos em ato.

O ser humano não alcançará a sabedoria absoluta, teria o que poderíamos chamar de momentos de sabedoria e de loucura. Com isso, a felicidade seria entendida como um processo em constante movimento, recomeçando e buscando um equilíbrio (Comte-Sponville, 2015).

Essa ideia de movimento nos permite compreender que, nos momentos em que estivermos esperando, não poderemos ser felizes, entretanto, ao agir, poderemos alcançar esse objetivo. Ou seja, “trata-se, na ordem teórica, de crer um pouco menos e de conhecer um pouco mais; na ordem prática, política ou ética, trata-se de esperar um pouco menos e de agir um pouco mais; enfim, na ordem afetiva ou espiritual, trata-se de esperar um pouco menos e amar um pouco mais” (Comte-Sponville, 2015, p. 89).

Logo, diante disso, podemos afirmar que os momentos de esperança estariam mais relacionados a momentos de angústia e infelicidade, enquanto os momentos felizes da vida estariam relacionados a espaços de tempo nos quais não se esperava mais nada, momentos alegres e simples, associados ao desespero.

Nesse sentido, diante do que foi discutido pelo autor, a ideia de felicidade permanente e fixa não se sustenta. A felicidade estaria associada a momentos de alegria, quando ela parece possível. Podemos ser felizes e, mesmo assim, estarmos cansados e tristes. Entretanto, se existe a possibilidade de nos sentirmos alegres a qualquer momento, podemos considerar que estamos diante da felicidade. Todavia, podemos afirmar que estamos diante da infelicidade quando a alegria parece ser impossível, como quando associamos a algum acontecimento que não depende de nós.

## 2.3 UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DA FELICIDADE

Nesse ponto, buscando analisar o tema segundo o contexto da sociedade atual e trazendo outros autores para além dos citados na seção anterior, um aspecto importante a ser ressaltado em relação à felicidade e ao progresso da civilização é discutido por Freud (2011) em seu livro “O mal estar na civilização”. Na obra, o autor reconhece a complexidade em tratar cientificamente os sentimentos e explica, também, como o processo civilizatório determinou o distanciamento entre o ser humano e a felicidade plena.

Na tentativa de alcançar a felicidade, o ser humano termina por buscar a ausência da dor ao mesmo tempo em que busca vivenciar o prazer, o que leva Freud a concluir que é “simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida” (Freud, 2011, p.20).

Nesse sentido, os indivíduos recorrem a diversos meios para fugir do sofrimento. Freud (2011) cita, entre eles, as substâncias químicas e também as religiões e, assim, afirma que, mesmo diante da impossibilidade de ser feliz através do princípio do prazer, o ser humano tenta, de alguma maneira, aproximar-se da felicidade.

Os caminhos que deverão ser percorridos para esse objetivo, segundo o autor, podem variar, a depender de cada ser, posto que estão relacionados à economia libidinal do indivíduo, sendo importante, nesse aspecto, a sua constituição psíquica. Ou seja,

Aquele predominantemente erótico dará prioridade às relações afetivas com outras pessoas; o narcisista, inclinado à autossuficiência, buscará as satisfações principais em seus eventos psíquicos internos, o homem da ação não largará o mundo externo, no qual pode testar sua força (Freud, 2011, p.28).

É nesse ponto que Freud explica que o sofrer pode ter fontes nas quais não podemos interferir, como a natureza e a fragilidade do nosso corpo. Porém, a outra fonte estaria relacionada às normas que regulam os vínculos humanos na sociedade, o que ele chama de civilização, que

[...] designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si (Freud, 2011, p. 34).

Desse modo, Freud (2011) coloca que a relação do homem com a civilização pode ser reconhecida principalmente através do domínio que o ser humano exerce sobre a natureza. Além disso, o autor também cita que a beleza, a limpeza e a ordem estão associadas ao nível de civilização, somado ao cultivo das atividades psíquicas, como, por exemplo, o conhecimento científico e o artístico. Entretanto, um fator que também se faz característico seria a relação social, sendo regulamentado pela cultura. Assim, “[...] a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo” (Freud, 2011, p.40).

Para que esse processo ocorra e possibilite a convivência social, faz-se necessário o controle dos instintos, evitando o uso da força bruta. Assim, segundo Freud (2011, p. 41), “boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais, [...]”.

Para o autor, a problemática que a civilização traz para o alcance da felicidade se dá nesse processo de renúncia instintual, em que o refinamento das atitudes passa a ser visto como sinal de sociedade avançada, trazendo prejuízos à possibilidade de satisfação dos instintos considerados impróprios nesses contextos.

Para melhor explicar essa relação entre civilização e felicidade, Freud (2011) discute sobre o amor sexual, que, por proporcionar fortes vivências de satisfação, estimula a busca contínua da felicidade nesse terreno, e sobre o amor inibido na meta, que conduz às amígdalas e que é de extrema importância para a cultura, pois não precisa atender às séries de exigências de exclusividade a que o outro é submetido.

Desse modo, as restrições impostas através das leis e dos costumes são apresentadas de forma que impõem rigorosas medidas aos que tentarem não se submeter a elas. Por isso, a importância dessas restrições serem trabalhadas desde a infância, visto que, segundo Freud (2011), o ser humano

também apresenta um alto grau de agressividade que ameaça a existência da sua espécie.

Assim, para Freud (2011), a possibilidade de viver de forma feliz em nossa sociedade torna-se difícil, uma vez que a cultura determina que esses instintos sejam sacrificados. Com isso, o autor quer demonstrar que, ao longo da história, a espécie humana optou por buscar o equilíbrio através da troca da segurança por felicidade. Dessa forma, a civilização passou a controlar

[...] o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada (Freud, 2011, p.69).

Nesse aspecto, é importante salientar para o entendimento da problemática apresentada em nosso estudo que essa instância descrita por Freud (2011) trata-se dos instintos do EU que reúnem as ações que desejamos realizar e que nos dão prazer, mas que são tidos como um mal pela sociedade e precisam ser evitados, já que, caso as pratique, o indivíduo pode ser ameaçado com a perda do amor. Essa perda do amor na criança está mais relacionada ao amor dos pais, já nos adultos, o lugar dos pais “[...] é tomado pela grande sociedade humana” (Freud, 2011, p.71).

Enquanto esse medo da perda do amor está relacionado somente ao fato de a autoridade externa ficar sabendo ou não das suas atitudes, o indivíduo pode agir de forma que consiga satisfazer seus desejos instintuais. Entretanto, quando essa autoridade é internalizada, forma-se o “Super-eu”, que provoca sensações de angústia no indivíduo, castigando a si mesmo. Dessa forma, Freud deixa claro que o sentimento de culpa constitui um importante aspecto relacionado à evolução cultural, demonstrando que “[...] o preço do progresso cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa” (Freud, 2011, p.81).

Logo, percebe-se que existe o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser que deseja a felicidade através do princípio do prazer, ao mesmo tempo em que existe a necessidade de integração a uma comunidade, na qual seu agir deve contribuir para o alcance da felicidade. Dessa forma, é notória a existência de duas forças durante o desenvolvimento individual ao longo da

vida, que têm como meta alcançar a felicidade, mas que, de certa forma, opõem-se em relação às características que tendem a ser ou mais egoístas ou mais altruístas,

[...] assim também as duas tendências, a de felicidade individual e a de união com outros seres, têm de lutar uma com a outra no interior de cada indivíduo; assim os dois processos, de evolução individual e cultural, precisam defrontar-se e disputar um ao outro o terreno (Freud, 2011, p.88).

Dessa forma, a análise de Freud (2011) contribui para o entendimento da força que a mudança cultural exerce sobre os seres humanos, agindo como o Super-eu que dita os valores que devem ser tidos como importantes para se alcançar a felicidade em nossa sociedade, e, na medida em que isso ocorre, são instituídas severas exigências que, uma vez não cumpridas, geram a punição da angústia.

Entretanto, o ponto nevrálgico está no entendimento quanto à origem do Super-eu cultural, que, para o autor, seria baseado na força mais avassaladora exercida nos indivíduos que convivem na sociedade. Através desse processo, é possível, por exemplo, a criação das condutas de ética que regulamentam o convívio humano. Dessa forma, os indivíduos passam a regulamentar o que é permitido ou não dentro da sociedade humana, sabendo-se que, “os juízos de valor dos homens são inevitavelmente governados por seus desejos de felicidade, e que, portanto, são uma tentativa de escorar suas ilusões com argumentos” (Freud, 2011, p.93).

Podemos ressaltar que, no contexto de constantes mudanças sociais e culturais, os desejos de felicidade que influenciam as relações humanas, perpassam os cenários e os interesses políticos, sociais e econômicos, o que leva às constantes mudanças quanto à forma de alcançar a felicidade ao longo da história.

## 2.4 MÚLTIPLOS OLHARES ACERCA DAS PERSPECTIVAS DA FELICIDADE

As três perspectivas analisadas ao longo desse capítulo nos ajudam a entender algumas características presentes nas percepções de felicidade das

peças em nossa sociedade, mesmo considerando o contexto em que foram escritas.

Ao examinarmos a discussão da felicidade no contexto da sociedade líquido-moderna, defendida por Bauman (2009) e também por Baudrillard (1995), atentamos para o estímulo ao consumismo e à aquisição de bens materiais tidos como caminhos para se chegar à felicidade em detrimento dos aspectos não compráveis como amor, amizade e autoestima.

A análise, a partir da perspectiva filosófica, segundo Comte-Sponville (2015) e Botton (2007), demonstra que os bens não compráveis, como, por exemplo, respeito, justiça e solidariedade, constituem virtudes humanas que nos aproximam da felicidade e, por isso, merecem nosso empenho ao longo da vida.

A partir disso, entendemos também que a análise a partir da perspectiva psicanalítica, segundo Freud (2011), faz-nos perceber como o processo vivido ao longo da civilização da sociedade interfere na felicidade humana na medida em que regulamenta sua cultura em prol da convivência social.

Ao considerarmos uma sociedade baseada no consumo, que estimula a compra como caminho para a felicidade, entendemos a relação feita por Botton (2007) quando defende que, ao adquirir um objeto, o ser humano estaria, na verdade, à procura de acessar as qualidades que ele desperta, e isso se configura também como uma característica que move os desejos humanos.

A partir daí, também compreendemos como essa pressão social causada pelo contexto vivido afeta os desejos humanos, causando conflitos internos que podem levar ao distanciamento da felicidade, uma vez que o propósito da vida estaria relacionado à “realização dos sonhos e desejos” (Simões, 2021, p.8).

Ao considerar essas diferentes perspectivas, social, filosófica e psicanalítica, torna-se possível verificar como essa realidade pode contribuir para um cenário de insatisfação. A modernidade que traz a sua ênfase no consumismo e no materialismo termina por desviar os indivíduos dos caminhos da felicidade.

Por isso, o estímulo às atitudes virtuosas, à compreensão acerca dos desejos e a uma análise mais crítica acerca do modelo econômico e social no

qual estamos vivenciando se constitui como importante aspecto que pode contribuir para uma reflexão mais holística sobre a felicidade humana.

.

### 3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Com o intuito de demonstrar o processo metodológico seguido para a realização do presente estudo, procuramos esmiuçar, ao longo deste capítulo, todo o percurso para a realização da coleta e da análise dos dados, cumprindo, com isso, as exigências científicas.

Cabe discutirmos sobre as pesquisas anteriores que abordaram essa temática da felicidade através da revisão de literatura. Além disso, também escrevemos sobre os métodos utilizados e todo o processo realizado para coletar as informações a fim de justificar sua aplicação na pesquisa.

Outro aspecto importante, que se faz presente nessa parte do estudo, diz respeito ao conhecimento sobre a configuração social pesquisada e sobre os alvos da investigação, que são os primeiros egressos da UFAPE.

#### 3.1 CONHECENDO O CAMINHO A SER PERCORRIDO

Durante a escolha dos procedimentos e dos métodos que seriam necessários para a realização da pesquisa, muitos fatores se fizeram presentes e precisaram ser levados em consideração. Para essa construção, buscamos adotar como referência principal as orientações de Creswell (2010), a fim de mantermos uma sequência lógica dos processos de realização de uma pesquisa científica.

Nesse sentido, ao iniciarmos a elaboração da nossa pesquisa, temos como passo importante a realização de uma revisão da literatura acadêmica sobre a temática que discutiremos ao longo do estudo. Segundo Creswell (2010, p.55), “uma revisão de literatura significa localizar e resumir os estudos sobre um tópico”.

Além de nos inserir no que há de mais atual nas pesquisas realizadas no Brasil sobre nosso objeto, essa revisão também auxilia a identificar a relevância da nossa pesquisa. Isso ocorre, sobretudo, por ela demonstrar as principais discussões, metodologias e autores utilizados, compartilhar resultados de estudos realizados anteriormente, ajudar a identificar o que ainda não foi discutido sobre o tema, possibilitar o preenchimento das lacunas

existentes e a comparação dos resultados e aprofundar e ampliar esses estudos.

Para isso, iniciamos identificando a principal palavra-chave do nosso estudo e a utilizamos na busca e na localização das teses e das dissertações publicadas nas bibliotecas digitais selecionadas. Após esse processo de identificação da literatura, iniciamos a montagem do nosso mapa da literatura. Para Creswell (2010, p. 56), o mapa da literatura,

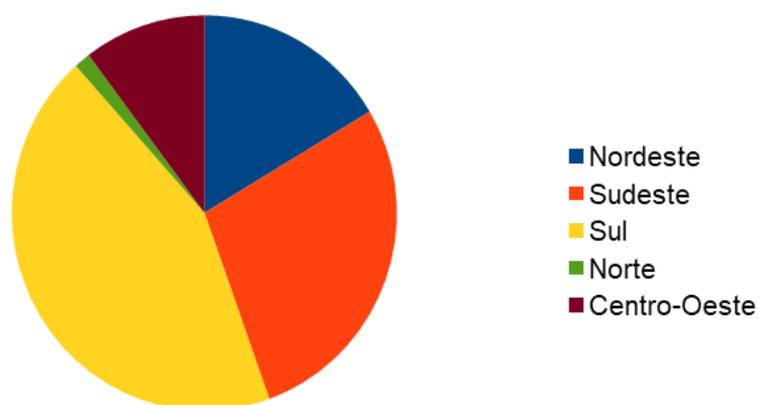
[...] é um quadro (ou figura) visual dos agrupamentos da literatura sobre o tópico, o qual ilustrará como seu estudo vai contribuir para a literatura, posicionando seu próprio estudo dentro do corpo maior da pesquisa.

Durante a elaboração do mapa, selecionamos e elaboramos resumos dos trabalhos que mais se aproximaram do nosso estudo, o que nos permitiu compreender como nossa proposta pode acrescentar às pesquisas já realizadas. Através dos resumos, reunimos, em um parágrafo curto, os elementos relevantes de cada pesquisa com o objetivo de apresentar os seus aspectos fundamentais.

Diante disso, demos início ao estudo exploratório acerca das pesquisas realizadas nos últimos dez anos, contados a partir do ano do ingresso da pesquisadora no curso do doutorado (2020), que abordaram essa temática. Tal averiguação foi realizada através de um levantamento bibliográfico em três plataformas digitais – o Repositório de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE (PPGedu/UFPE), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – a fim de elaborar um mapeamento dessas obras e construir o nosso mapa. Dessa forma, através do descritor “felicidade” e da utilização de filtros que nos levassem especificamente aos trabalhos defendidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação, analisamos um total de 146 pesquisas com o objetivo de fazer uma descrição das obras de acordo com os resumos apresentados e, em alguns casos, quando o resumo não deixou claro os elementos importantes para essa atividade, partimos para o trabalho completo.

Ainda sobre os dados obtidos nessa fase inicial, procedemos um levantamento acerca das regiões do Brasil onde essas pesquisas foram realizadas, a fim de observarmos sua distribuição geográfica. Esse gráfico nos ajuda a identificar onde a temática está sendo mais pesquisada, auxiliando na busca por referências bibliográficas, além de contribuir na identificação de características marcantes na forma de abordar o tema de acordo com cada região, oferecendo um novo dado que permite uma análise mais profunda e com uma melhor organização.

Gráfico 1: Regiões do Brasil onde as pesquisas selecionadas foram realizadas.



Fonte: A autora (2021)

No gráfico 1, identificamos que a Região Sul do Brasil apresenta um maior número de pesquisas que utilizam o termo “felicidade” como palavra-chave, totalizando 64, com destaque para os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, com 29 e 28 publicações respectivamente. A Região Sudeste aparece em segundo lugar, com 41 publicações, com destaque para o Estado de São Paulo com 25 publicações. Em terceiro lugar, temos a Região Nordeste, com 24 publicações, com destaque para o estado de Pernambuco, com 9 publicações, sendo que, destas, 8 foram realizadas sob a orientação do Professor Doutor José Luis Simões, o orientador do presente estudo, o que demonstra sua dedicação às pesquisas com a temática há alguns anos. A Região Centro-Oeste aparece em quarto lugar com 15 pesquisas publicadas

com esse objeto de estudo, tendo o estado de Goiás 7 publicações. Por fim, a Região Norte conta com 2 publicações no estado do Pará.

Após essa primeira análise, selecionamos as obras que dialogaram de alguma forma com a presente pesquisa, de forma a desconsiderar as que não estavam contextualizadas com a nossa discussão. Assim, disponibilizamos em formato de tabelas os trabalhos analisados de acordo com a plataforma digital consultada.

A primeira plataforma digital escolhida foi o Repositório de Teses e Dissertações do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE (PPGedu/UFPE), criado no ano de 2014 com o intuito de garantir o acesso à produção acadêmica e científica da instituição. Foi nomeada de Repositório Digital Attena, no ano de 2019, com o objetivo de facilitar a democratização das informações, dando maior visibilidade à produção intelectual da universidade. Até o ano de 2021, o repositório contava com um acervo de 705 Dissertações de Mestrado e 283 Teses de Doutorado. Assim, a busca foi realizada no dia 10 de maio de 2021 e, utilizando o descritor “felicidade”, obtivemos três resultados no PPGedu/UFPE, duas dissertações e uma tese. A partir desses dados, realizamos a análise dos resumos e encontramos pontos de comum interesse com a presente pesquisa em todos. Dessa forma, incluímos na tabela a seguir os resultados para uma melhor visualização:

Tabela 1: Resultados da busca no Repositório Attena do PPGedu da UFPE.

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Região do Brasil</b>
A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE	Catarina da Silva Souza	2010	Dissertação	Nordeste
A felicidade no discurso dos professores da escola de referência em ensino médio Ginásio Pernambucano	Isis Tavares da Silva	2012	Dissertação	Nordeste
A felicidade no discurso dos professores do colégio de aplicação da Universidade Federal de Pernambuco	Isis Tavares da Silva Lovera	2019	Tese	Nordeste

Fonte: A autora (2021)

O primeiro trabalho trata-se da nossa dissertação de mestrado, intitulada **A PERCEPÇÃO DE FELICIDADE DOS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE KENNEDY – CARUARU / PE**, defendida no ano 2010. A pesquisa buscou estudar a felicidade e a sua relação com a escola através de entrevistas com professores de uma escola municipal da cidade de Caruaru (PE). Através das pesquisas de referenciais teóricos, que contemplam desde a Grécia Antiga até os dias atuais, sobre parte da história da felicidade, observou-se que esta se apresenta como principal objetivo da existência humana, podendo haver diferenças entre os seus elementos constituintes e os meios e as formas de se aproximar dela. Foi identificado que o acesso à educação escolar pode influenciar na percepção de felicidade, assim, segundo os professores pesquisados, o contato com a escola pode modificar o conceito de felicidade dos seres humanos.

A dissertação de Isis Tavares da Silva, defendida no ano de 2012, intitulada **A FELICIDADE NO DISCURSO DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO GINÁSIO PERNAMBUCANO**, teve como objetivo investigar, através dos discursos dos professores do Centro Experimental Ginásio Pernambucano, os fatores que influenciam a felicidade. A pesquisadora constatou a busca constante pela felicidade por parte dos entrevistados e identificou que fatores como dinheiro, família e amigos interferem nesse conceito, bem como a resposta do alunado diante das suas práticas docentes.

O último trabalho também pertence à Isis Tavares da Silva Lovera e corresponde à sua tese de doutorado intitulada **A FELICIDADE NO DISCURSO DOS PROFESSORES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**, defendida no ano de 2019. A pesquisa teve como objetivo investigar a felicidade através dos discursos dos docentes do CAP – UFPE, tendo como padrão de análise a Teoria do discurso. Através dos dados coletados, a pesquisadora buscou discutir as lógicas discursivas sobre a felicidade dos pesquisados, identificando as características hegemônicas e os aspectos que contribuem para a construção dos respectivos discursos, a partir das lógicas discursivas social, política e fantasmática, utilizando-se também das teorias e dos pensamentos filosóficos para discutir as

construções dos elementos discursivos que formam as práticas articulatórias. A autora defende que, para entender a felicidade, é necessário passar pelas lógicas discursivas e, dessa forma, verificou que o conceito de felicidade é arquitetado, sendo construído pela realidade discursiva.

Após a finalização dessa etapa da pesquisa, partimos para a segunda plataforma digital escolhida, que foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no dia 07 de junho de 2021. A BDTD caracteriza-se por ser um portal de buscas de teses e dissertações defendidas no Brasil, criado no ano de 2002, com o objetivo de disseminar e gerar visibilidade às pesquisas do país através da tecnologia. Assim, utilizando o descritor “felicidade” e o filtro “educação”, chegamos ao total de 25 obras. A partir desses dados, através das análises dos resumos e/ou dos trabalhos completos, observamos que apenas 08 pesquisas dialogavam com a nossa temática, sendo seis dissertações e duas teses, conforme tabela a seguir:

Tabela 2: Resultados da busca na BDTD.

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>Tipo de Pesquisa</b>	<b>Região</b>
A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE	Catarina da Silva Souza	2010	Universidade Federal de Pernambuco	Dissertação	Nordeste
Paideia filosófica: o sentido da formação n'a república de Platão	Silvana Bollis	2013	Universidade Federal de Goiás	Dissertação	Centro-Oeste
Escola em Aristóteles: instituição de formação cultural e ético-político	Luciene M. Bastos	2014	Universidade Federal de Goiás	Tese	Centro-Oeste
A paidéia platônica: o projeto filosófico-político educacional e a refundação da cidade: a educação como conversão e reviravolta da alma e a felicidade possível	Janilson J. Alves Viégas	2014	Universidade de São Paulo	Tese	Sudeste
A educação para a responsabilidade moral e sua dimensão política em Aristóteles.	Simoni de Ávila Tomaschewski	2014	Universidade Federal de Pelotas	Dissertação	Sul
Cursos superiores de curta duração: estudo sobre o processo de flexibilização, inclusão e exclusão do mercado de trabalho	Sônia Rodrigues Portes	2016	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Dissertação	Sudeste

Educação e ética em Kant: a importância da pedagogia da autonomia para a constituição moral do sujeito	João P. Martins	2019	Universidade Federal de Alfenas	Dissertação	Sudeste
Moral e educação em Kant: Contribuições para a formação de indivíduos autônomo	Brendha Malheiro Grangeiro	2019	Universidade Federal do Ceará	Dissertação	Nordeste

Fonte: A autora (2021)

O primeiro trabalho, de autoria de Catarina da Silva Souza, foi detalhado no quadro anterior. A dissertação de Silvana Bollis, **“PAIDEÍA FILOSÓFICA: O SENTIDO DA FORMAÇÃO N'A REPÚBLICA DE PLATÃO”**, defendida no ano de 2013, trata sobre a obra de Platão, “A República”, buscando entender a formação, paidéia, no projeto de construção da pólis grega e compreender o que somos hoje, a partir dessa reflexão, visto que essa cultura se configura como uma matriz fundadora da formação da sociedade atual. Nessa perceptiva, o texto trata sobre a perspectiva do filósofo para a formação do homem essencialmente bom, tendo, a partir da educação, a constituição do caráter virtuoso que objetiva o caminho para o Bem, através também da liberdade. Nesse sentido, a educação está além da instrumentalização do saber-fazer para o mercado, e a docência compreende o ato educativo inseparável da dimensão ética, assumindo compromisso com a verdade. A autora reflete sobre a sociedade atual e a degeneração dos valores e das virtudes defendidos pelo filósofo, pautado na ânsia pelo progresso e pelo modelo individualista de felicidade, estimulando o máximo consumo, na cultura do descartável. Assim, para a autora, os ensinamentos do filósofo orientam para ações que possibilitem uma formação em direção ao alcance do Bem comum, caracterizando-se pela busca do aperfeiçoamento do espírito humano, da liberdade, sendo imprescindível a toda a sociedade que pretenda ser verdadeiramente democrática.

A tese defendida no ano de 2014 por Luciene Maria Bastos, intitulada **“ESCOLA EM ARISTÓTELES: INSTITUIÇÃO DE FORMAÇÃO CULTURAL E ÉTICO-POLÍTICA”**, problematiza a sociedade atual, caracterizada pelo crescimento do poder do progresso técnico na vida das pessoas, regida pelos princípios neoliberais, os quais convertem tudo em objeto de consumo. Nesse sentido, os indivíduos objetivam, principalmente, satisfazer seus desejos e

necessidades, deixando de lado as desigualdades que existem no contexto social, além de outros aspectos humanos, e, assim, sua vida passa a ser regida pela produtividade. Nesse processo, a educação, a formação e o saber constituem mercadorias utilizadas na lógica da competição e do mercado, causando uma grande modificação no papel e na função da escola, que termina por assumir os interesses e a lógica do mundo da produção. Então, a problemática apresentada pela autora gira em torno de como mudar esse cenário e (re)construir a educação ética, o Bem comum e a democracia, e como a educação e a escola podem atuar nesse processo. Assim, a filosofia assume o papel de pensar o ser humano na sua totalidade para além de objetos mercadológicos, de forma a buscar, na educação do caráter, assegurar a vida ética. Dessa forma, a pesquisa busca, em especial através das obras “Ética a Nicômaco” e “A Política” de Aristóteles, entender a finalidade da educação e da escola na formação humana virtuosa. Para isso, a autora, ao contextualizar a Grécia Antiga, discute sobre a educação no sentido de compreender as raízes da nossa concepção de formação, de escola e de trabalho, fazendo a interlocução com os dias atuais para entender seus sentidos. Além disso, a autora também problematiza esses fatores, que atualmente estão centrados na formação profissionalizante, como exigência da produção capitalista, contribuindo para o entendimento da felicidade relacionada ao ter e ao consumir. Essa discussão se apresenta no intuito de compreender a educação como Paidéia, defendida pelos filósofos estudados, que se preocupam com a existência plena, com a excelência humana, com a vida coletiva, visando à liberdade. Dessa forma, a pesquisa tratou dos fundamentos da escola como instituição de formação humana ética.

A tese **“A PAIDÉIA PLATÔNICA: O PROJETO FILOSÓFICO-POLÍTICO-EDUCACIONAL E A REFUNDAÇÃO DA CIDADE: A EDUCAÇÃO COMO CONVERSÃO E REVIRAVOLTA DA ALMA E A FELICIDADE POSSÍVEL”**, de autoria de Janilson José Alves Viégas, defendida no ano de 2014, realiza uma análise, através de uma pesquisa bibliográfica, da obra de Platão, “A República”, refletindo sobre seu projeto filosófico-político-educacional na busca de uma total reestruturação do sistema político, educacional e moral da cidade. Busca analisar as considerações de Platão

sobre a educação em geral, no seu tempo, atentando para a sua concepção expressa em seu projeto, sendo esta que permeia a reflexão da pesquisa. Ao considerar o contexto do período em que a obra foi escrita, o projeto platônico se mostra contrário ao poder e a toda influência que a sociedade exercia sobre os jovens, defendendo que, para manter e produzir uma vida feliz, é preciso distanciar-se de qualquer espécie de aprendizagem privada que vise exclusivamente a interesses particulares. O autor busca enfatizar o poder que Platão atribui à educação, “(...) porque somente ela faz operar na alma aquela revolução indispensável aos propósitos da vida em sociedade” (p. 24). Para o autor, a felicidade da cidade e para todos se configura como objetivo principal que dá sentido a todo o seu projeto e seu esforço filosófico-dialético-político e político-pedagógico. Dessa forma, sem esse objetivo nenhuma reforma faria sentido. Assim, diante das reflexões, das discussões e das análises, percebe-se que a educação filosófica que busca preparar o melhor da alma humana deve gravitar em torno da ideia do bem e da justiça, possibilitando as condições necessárias para uma cidade mais feliz.

A pesquisa **“A EDUCAÇÃO PARA A RESPONSABILIDADE MORAL E SUA DIMENSÃO POLÍTICA EM ARISTÓTELES”** trata-se da dissertação defendida no ano de 2014 pela autora Simoni de Ávila Tomaschewski, na qual é discutida a educação na perspectiva de Aristóteles, em sua relação com a ética e com a política. Assim, a autora discute sobre a dimensão política da ética aristotélica através da análise sobre a cidade excelente, que, através da educação e das leis, contribui para a formação moral dos indivíduos. A pesquisa também apresenta análise sobre o papel da educação na formação das virtudes morais, no sentido da preparação dos homens para viverem em comunidade e aproximarem-se da felicidade. Utilizando-se da leitura analítica da obra de Aristóteles e de alguns dos seus estudiosos, além da análise textual, temática e interpretativa, a autora demonstra a importância da *pólis* para formação ética e política humana, pois é através do convívio com o outro e da educação que se torna possível o desenvolvimento das potencialidades e dos valores importantes para o convívio social. Assim, a proposta pedagógica de Aristóteles caracteriza-se por considerar a educação um processo contínuo, de formação de bons hábitos com o objetivo de aproximar-se da vida justa.

Por sua vez, a dissertação **“CURSOS SUPERIORES DE CURTA DURAÇÃO: ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE FLEXIBILIZAÇÃO, INCLUSÃO E EXCLUSÃO DO MERCADO DE TRABALHO”**, de autoria de Sônia Rodrigues Portes, defendida no ano de 2016, aborda questões que permeiam o crescimento da procura pelo ensino superior no Brasil, apresentando reflexões sobre as expectativas e sobre as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos em relação ao mercado de trabalho e à universidade. A autora utilizou a metodologia sócio-histórica e o conceito de dialética, através de um estudo de caso, para analisar doze entrevistas, pautando-se na interpretação das emoções que, de modo consciente e inconsciente se declaram, dando significado aos aspectos subjetivos da vida. A autora discute sobre como a formação superior configura-se como questão central em uma sociedade como a nossa, individualista, dividida por estratos sociais, demonstrando, através dos dados colhidos, que o acesso a esse nível de ensino ainda não pode ser considerado democrático, pois só está acessível a uma pequena parcela da população, desta forma, está relacionada à desigualdade social instituída e ao capitalismo. Sendo assim, o diploma de nível superior é um item muito valorizado na sociedade, configurando um status social, além de ser, cada vez mais, uma exigência do mercado de trabalho. Através das análises, a autora constatou que a procura pelo ensino superior acontece principalmente pela expectativa de melhores salários e oportunidades, que terminam por, muitas vezes, não ocorrer conforme esperavam e, sim, de acordo com o interesse do capital. A pesquisa abordou também os critérios que caracterizam exclusão nos processos de contratação pelo mercado de trabalho, como, por exemplo, a instituição de formação, o endereço residencial, o curso, o tempo de duração do curso, que terminam por deixar de fora a maioria dos indivíduos. Logo, para a autora, o diploma vai possibilitar o comportamento que representa status social, sendo este um aspecto presente em uma sociedade dividida por classes. A autora propõe uma mudança na estrutura social que funciona em prol do trabalho, além de ampliar o conceito de educação, reafirmando o compromisso com a sociedade, buscando diminuir as desigualdades e pensando na educação para além do capital.

Defendida no ano de 2019, a Dissertação de João Paulo Martins, **“EDUCAÇÃO E ÉTICA EM KANT: A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA PARA A CONSTITUIÇÃO MORAL DO SUJEITO”**, trata sobre a educação a partir do pensamento de Immanuel Kant, com objetivo de discutir sobre a temática da educação em sua relação com a ética. O autor utilizou como principal referencial teórico a obra “Sobre a Pedagogia”, com fito de buscar refletir também sobre as características fundamentais da natureza humana. Diante do contexto brasileiro apresentado na pesquisa, a conduta ética é discutida considerando sua relação com a realidade educacional, visando a oferecer caminhos para uma melhor compreensão acerca da autonomia da moralidade. Assim, o objetivo educacional seria possibilitar o desenvolvimento das disposições naturais do homem para a razão e para a liberdade, não devendo apenas formar os sujeitos para atender as necessidades da sociedade, mas principalmente, transformá-la. Dessa forma, o autor traz três aspectos que são possíveis ao processo educativo: como uma busca pela erudição, como socialização e como o desenvolvimento da autonomia, está, desse modo, em constante aperfeiçoamento. Assim, a educação teria como principal finalidade, a realização da felicidade, visando à consciência ética e à formação do sujeito moral, adotando ações pela forma da universalidade da lei.

A pesquisa de Brendha Maria Malheiro Grangeiro trata-se de uma dissertação defendida no ano de 2019, intitulada **“MORAL E EDUCAÇÃO EM KANT: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS AUTÔNOMOS”**, a qual teve por objetivo realizar um estudo sobre a moral e a educação para Immanuel Kant com o intuito de destacar as suas contribuições para a formação do indivíduo autônomo. Ao longo do trabalho, discute-se sobre a fundamentação das questões morais, perpassando sobre os conceitos de ética, respeito e liberdade, além das análises sobre as virtudes e sobre o dever no sentido de entender seu papel na superação das inclinações naturais dos indivíduos em busca da felicidade coletiva. Em relação à educação, discute-se seu papel na construção da moralidade humana, através do desenvolvimento da racionalidade, abdicando dos instintos e trabalhando sua disposição para o bem. Dessa forma, através da leitura e da análise das principais obras de Kant,

a autora traz a discussão para os dias atuais, ao refletir acerca dos aspectos que podem atuar na formação de indivíduos autônomos, que aprendam a conviver em sociedade, estabelecendo suas leis e executando-as, tendo como objetivo o bem universal.

Após finalizar essa etapa da pesquisa, partimos para a terceira plataforma digital escolhida, o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação (MEC), criado no ano de 2002 com o objetivo de disseminar o acesso às pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação *Strictu Senso* do Brasil, incluindo trabalhos defendidos a partir do ano de 1987. Nossa busca foi realizada no dia dez de setembro de 2021. Foram utilizados o descritor “felicidade” e os filtros: “grande área de conhecimento: Ciências Humanas”; “área de conhecimento: Educação” e “nome do programa: Educação”. Dessa forma, obtivemos 111 resultados compreendidos entre os anos de 2010 e 2020. Ao realizarmos a análise de cada trabalho através dos resumos e/ou dos trabalhos completos, chegamos ao número de 05 pesquisas que dialogavam com a nossa temática, quatro dissertações e uma tese, conforme observamos na tabela a seguir:

Tabela 3: Resultados da busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>Tipo de Pesquisa</b>	<b>Região do Brasil</b>
A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE	Catarina da Silva Souza	2010	Universidade Federal de Pernambuco	Dissertação	Nordeste
A felicidade no discurso dos professores da escola de referência em ensino médio Ginásio Pernambucano	Isis Tavares da Silva	2012	Universidade Federal de Pernambuco	Dissertação	Nordeste
Paideia filosófica: o sentido da formação n'a república de Platão	Silvana Bollis	2013	Universidade Federal de Goiás	Dissertação	Centro-Oeste
Escola em Aristóteles: instituição de formação cultural e ético-política	Luciene Maria Bastos	2014	Universidade Federal de Goiás	Tese	Centro-Oeste
Educação e felicidade: a					

relação entre ética e política na formação humana.	Aldrean Thais Ribeiro Eduardo	2017	Universidade Estadual de Londrina	Dissertação	Sul
--	-------------------------------	------	-----------------------------------	-------------	-----

Fonte: A autora (2021)

De acordo com a tabela 3, observamos que quatro pesquisas foram identificadas também nas buscas anteriores, em que já demonstramos suas análises.

A Dissertação de Aldrean Thais Ribeiro Eduardo, defendida no ano de 2017, intitulada “**EDUCAÇÃO E FELICIDADE: A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E POLÍTICA NA FORMAÇÃO HUMANA**”, foi realizada através de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, a qual busca compreender a relação entre ética e política na formação humana através do estudo sobre a educação para a felicidade segundo Aristóteles, além de analisar os principais documentos legais que tratam da educação no país, a Constituição de 1988 e a LDB nº 9394/96, à luz desse conceito. Com principal fonte de pesquisa a obra “Ética a Nicômaco”, o autor analisa o conceito de felicidade segundo o filósofo, para, posteriormente, analisar, através desse conceito, as propostas presentes nos documentos citados, em concomitância com a obra “A Política”, a fim de refletir sobre uma educação que coopere para uma vida feliz. Nesse sentido, observou-se que pode haver essa aproximação através da garantia da paz e da promoção da justiça através, entre outros, do acesso ao conhecimento por parte do Estado. Dessa forma, caberia ao Estado a promoção e o acesso a uma formação humana que proporcione liberdade, favorecendo a convivência harmônica entre os cidadãos, através de leis que busquem preservar a ordem política, e uma formação ética-política que os aproxime da felicidade coletiva. Nesse contexto, entendendo a formação cidadã como principal objetivo da educação em uma sociedade democrática, o autor considera a escola como espaço onde se aprende a viver uma vida feliz.

Após essa análise, constatamos que, em relação às questões metodológicas, foram realizadas pesquisas bibliográficas e/ou documentais de cunho teórico em nove delas e apenas quatro utilizaram entrevistas para analisar seus objetos. Além disso, identificamos também que, dessas pesquisas, doze utilizaram abordagem qualitativa e apenas uma dissertação de

Mestrado utilizou, mesmo sem apresentar de forma explícita, a abordagem de métodos mistos, com entrevista, observação participante e questionário objetivo, porém utiliza os dados estatísticos para demonstrar descrições sucintas com o objetivo de apresentar características sobre o perfil dos alunos entrevistados, como, por exemplo, estado civil, faixa etária, renda individual e familiar, profissão e moradia. Observamos também que, em relação ao nível das pesquisas, nove são dissertações de Mestrado e quatro são teses de Doutorado.

Diante disso, acreditamos que esta pesquisa tem característica de ser precursora quanto ao local e ao grupo selecionado para análise da temática, evidenciando a importância dessa discussão na produção do conhecimento, por expandir as possibilidades de diálogos e aprofundar e disponibilizar outras fontes que auxiliarão na realização de pesquisas futuras.

As pesquisas acadêmicas inicialmente analisadas, somadas às experiências profissionais vivenciadas no cotidiano da instituição pesquisada, contribuíram para um olhar diferenciado frente as análises sobre o tema, o que impactou em todos os aspectos destacados durante a elaboração da tese.

### 3.2 TRAÇANDO O PERCURSO

A fim de estabelecer as diretrizes metodológicas da pesquisa, cabe discutirmos sobre seu tipo e sobre as possíveis implicações da sua escolha, justificando sua adoção mediante os objetivos propostos no estudo e buscando atender as exigências científicas. Para isso, buscamos elaborar um roteiro preciso, de forma a atender para que a prática científica utilizada cumprisse um cuidadoso plano de utilização e isso se deu mediante a escolha de um método.

Esse processo se faz necessário, pois o método científico é, segundo Severino (2007, p.102), “[...] um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos”. Para desenvolver nosso estudo, debruçamo-nos sobre os conhecimentos disponíveis e atentamos para a escolha e para a utilização cuidadosa dos métodos que melhor proporcionassem respostas aos problemas propostos.

Diante disso, com base nos nossos objetivos, optamos por desenvolver uma pesquisa exploratória, escolha que proporciona maior familiaridade com o tema. Poderemos, assim, aprimorar nossas ideias a respeito da temática, pois esse tipo de pesquisa possibilita a análise dos mais variados aspectos sobre o objeto, envolvendo: “[...] (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’ (Gil, 2002, p.41).

Ao situar nossa pesquisa inserida na área de Ciências Humanas e levando em consideração o que foi apresentado, compreendemos nossa busca por abordagens e métodos que possibilitem o entendimento de uma parte da dimensão humana.

Seguindo essa perspectiva, para nossa pesquisa, utilizaremos a abordagem qualitativa que se apresenta como um recurso comum quando o objetivo é a busca pelo significado dado a um determinado problema social por um indivíduo ou grupo, tendo como foco a importância dada a uma determinada situação (Creswell, 2010).

Ao realizar o estudo lançando mão do recurso qualitativo, teremos acesso às entrelinhas e às subjetividades das experiências dos indivíduos, a fim de buscar, através da oralidade, as interconexões entre os elementos que contribuem para a construção das suas percepções de felicidade e sua relação com a trajetória universitária.

Dessa forma, o delineamento utilizado na tese foi o estudo de caso, uma vez que se mostrou o mais adequado para a investigação do nosso objeto, por possibilitar sua análise dentro do seu contexto real em um estudo aprofundado e detalhado (Creswell, 2010). A escolha por esse delineamento vai ao encontro do propósito do estudo, de proporcionar maior nível de profundidade de análise em relação ao nosso problema, identificando possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da felicidade, utilizando como fontes de dados: livros e artigos científicos nas principais revistas indexadas do país; Catálogos de Teses e Dissertações nas plataformas da CAPES, da BDTD e do repositório da UFPE. Nesse momento, também iniciamos uma pesquisa documental, explorando as evidências

históricas sobre nosso campo de pesquisa, como leis, decretos, atas de reuniões, imagens e pesquisas anteriores.

Diante disto, outro passo que se fez imprescindível para a realização do estudo foi a escolha sobre os métodos de pesquisas a serem utilizados, o que envolve a forma de coleta, análise e interpretação dos dados. Nesse aspecto, julgamos necessário que os procedimentos escolhidos pudessem disponibilizar meios que nos ajudassem a aprofundar as reflexões acerca do problema de forma que, por se tratar de uma temática subjetiva, conseguíssemos perceber e interpretar os detalhes durante o momento de contato com os entrevistados.

Após estudo teórico sobre a temática, incluindo as pesquisas anteriores demonstradas durante a primeira seção deste capítulo, além, principalmente, dos objetivos pretendidos, escolhemos como estratégia de coleta de dados qualitativos a metodologia da História Oral de Vida, com a entrevista semiestruturada (Apêndice A), e, para o estudo dos dados, a análise de conteúdo.

A metodologia da História Oral, através da oralidade, permite oferecer interpretações qualitativas de processos históricos-sociais. Ela conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição das fontes orais (entrevistados/ colaboradores) desempenha um importante papel. O objetivo é procurar destacar e centrar a análise na visão e na versão que nasce do interior do mais profundo da experiência desses atores sociais. Lembrando que a parte central desse método de pesquisa são as considerações no âmbito subjetivo da experiência humana.

Os indivíduos que participaram do estudo compõem o grupo de egressos da primeira turma dos primeiros cursos da UFAPE (Pedagogia, Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia), que ingressaram no semestre 2005.2.

Os dados coletados na entrevista foram transcritos e passaram por análise de conteúdo. As falas mais frequentes ou que obtiveram maior destaque foram comparadas com a literatura existente sobre o tema.

Destacamos como aspecto imprescindível da nossa pesquisa a atenção com as questões éticas, uma vez que nossas fontes são constituídas por indivíduos. Assim, de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho

Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as diretrizes e sobre as normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, submetemos nosso projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CCS-UFPE) e obtivemos a aprovação no dia 11/07/2023, através do número CAAE: 68723723.3.0000.5208 (Anexo A), dando início, assim, à nossa coleta de dados. Ainda seguindo suas orientações, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B).

Entendida a necessidade de um maior aprofundamento quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, descrevemos, nos subcapítulos que seguem, cada passo dado nessa etapa do estudo.

### 3.3 PRIMEIRO PASSO: A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA UFAPE

Nessa etapa da pesquisa, para justificar a escolha do nosso campo de estudo, cabe entender e conhecer o contexto da criação da UFAPE, a fim de identificarmos os aspectos que influenciaram seu processo de instalação e consolidação como uma das instituições de ensino superior de maior relevância no interior de Pernambuco. Apesar de nosso foco estar especificamente na UFAPE, iniciamos contextualizando historicamente sua instituição fundadora: a Universidade Federal Rural de Pernambuco.

#### **3.3.1 Instituição Fundadora: UFRPE**

De acordo com Leão (2013), no dia 03 de novembro do ano de 1912, na cidade de Olinda, no estado de Pernambuco, foram criadas as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento pelos monges beneditinos, sendo estas consideradas o início do que hoje conhecemos pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O Período Beneditino da instituição compreendeu os anos de 1912 a 1936, atendendo aos interesses da Igreja, do Estado e da Sociedade, uma vez que esse período se caracterizava por uma forte expectativa de modernização industrial no Brasil.

Figura 1: Reprodução, em tela, do prédio onde funcionaram inicialmente as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, em Olinda.

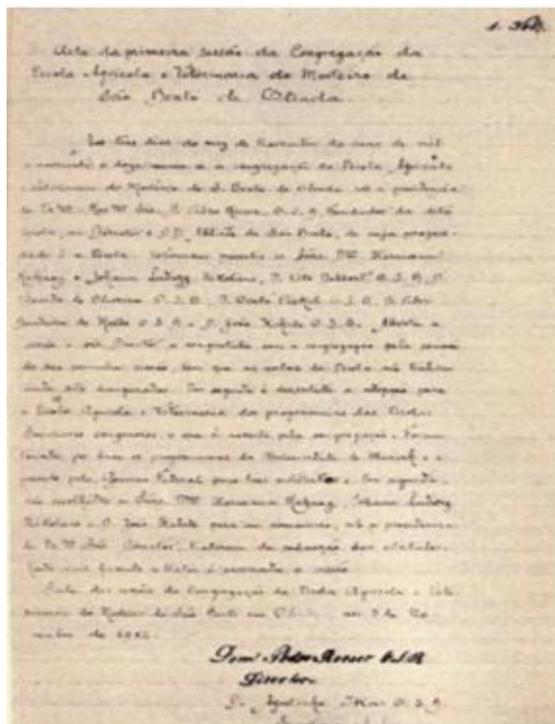


Fonte: Leão (2013, p.13)

Assim, no ano de 1914, no dia 01 de fevereiro, foi realizada a aula inaugural das Escolas de São Bento, sob a orientação do Abade alemão D. Pedro Roeser, com o objetivo de formar profissionais que atuassem em atividades agropastoris, estimulando, de certa forma, a economia local e regional.

Vale salientar que, devido à origem germânica da maioria dos monges beneditinos no final do século XIX, o modelo curricular adotado nos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária tinha influência alemã e carregava também ideais positivistas.

Figura 2: Ata da primeira sessão da Congregação da Escola de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, de 3 de novembro de 1912.



Fonte: Leão (2013, p.70)

No ano de 1915, os beneditinos construíram as instalações da Escola Superior de Agricultura de São Bento após a compra do Engenho de São Bento, localizado no município de São Lourenço da Mata (PE). Até que, no ano de 1936, a instituição foi estatizada e passou a se chamar: Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP).

Figura 3: Vista parcial do prédio da Escola Superior de Agricultura.



Fonte: Leão (2013, p.14)

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da

UFRPE 2013-2020 (UFRPE, 2012), a instituição foi transferida para o bairro Dois Irmãos, no Recife(PE), através do Decreto nº 82 de 12 de março de 1938, onde, atualmente, abriga a Reitoria da UFRPE. As primeiras mulheres a concluírem um curso na ESAP e possuírem uma titulação de engenheiras agrônomas dataram da década de 1940 e terminaram ocupando lugar de destaque no mercado de trabalho.

A partir da Lei nº 1.837 de 17 de março de 1954, a Universidade Rural de Pernambuco (URP) “passa a incorporar a Escola Superior de Agricultura, a Escola Superior de Veterinária, o curso de Economia Doméstica Rural e a Escola Agrotécnica de São Lourenço” (Leão, 2013, p.24).

O período de estatização da instituição encerrou no ano de 1956, quando iniciou o período da Ordem Federal entre os anos de 1956 e 1966, ficando subordinada ao Ministério da Agricultura. Através do Decreto Federal nº 60.731, de 19 de maio de 1967, os órgãos de ensino vinculados ao Ministério da Agricultura passaram a ficar subordinados ao Ministério da Educação (MEC), de modo que a URP passou a se chamar Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), permanecendo assim até os dias de hoje.

Figura 4: Vista parcial do prédio da Reitoria da UFRPE.



Fonte: UFRPE (2023).

A partir de então, criaram-se novos cursos, acompanhando as diversas modificações ocorridas na Educação Superior, principalmente a partir da

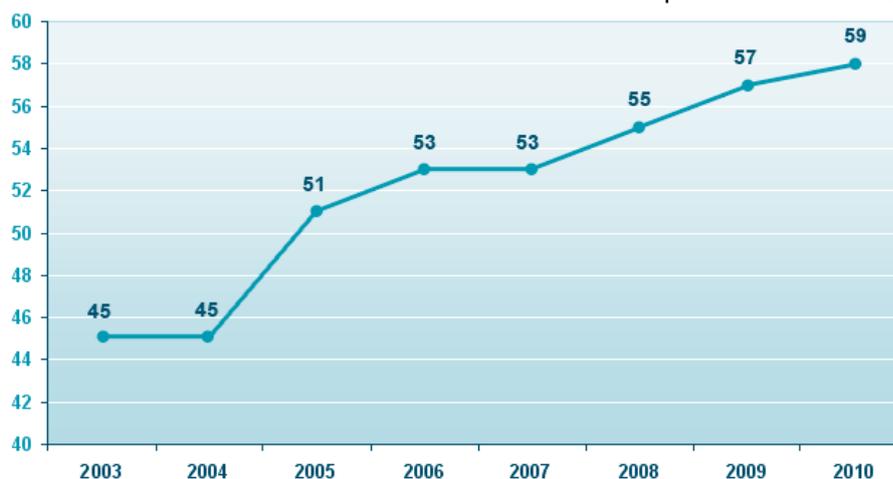
década de 70, como, por exemplo, o início das ofertas de cursos de pós-graduação *strictu sensu* (Leão, 2013).

Um marco importante foi a criação da Pró-reitoria do Ensino de Graduação através do Decreto nº 76.212, de 4 de setembro de 1975, que, segundo Leão (2013, p.24), “mudou a estrutura da Universidade com a criação dos Departamentos Acadêmicos, das Pró-Reitorias”. Durante a década de 70, a UFRPE criou alguns *campi* avançados, sendo a Clínica de Bovinos inaugurada no município de Garanhuns no ano de 1979 em parceria com a Secretaria de Agricultura do estado de Pernambuco (UFRPE, 2012).

A partir de então, a UFRPE continuou ampliando sua oferta de cursos de graduação e pós-graduação, acompanhando o cenário nacional, com os períodos de investimentos mais lentos e até críticos, como na década de 1990.

Entretanto, em todo o país, deu-se início a uma nova fase de crescimento do ensino superior público a partir dos anos iniciais do século XXI, mais do que dobrando o número dessas instituições em todo o país. Segundo Bizerril (2020), esse crescimento foi devido ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciado no governo do presidente Luíz Inácio Lula da Silva (2003-2010) a partir de 2007.

Figura 5: Crescimento do número de Universidades Federais no período de 2003-2010



Fonte: Brasil (2022).

Através do Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007 (Brasil, 2007), foi instituído o REUNI, que objetivava ampliar e criar condições de acesso e

permanência para estudantes nas universidades públicas federais, de forma que, desde o início da expansão, foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi. A expansão do ensino superior priorizava também atender o interior do país, o que “ampliou o número de municípios atendidos pelas universidades de 114 em 2003 para 327 até o final de 2011” (Brasil, 2022). A criação desse programa também gerou impactos na UFRPE, que expandiu suas atividades ao criar cursos de graduação através de novas unidades acadêmicas, tendo a Unidade Acadêmica de Garanhuns como a primeira delas.

### **3.3.2 A UFAPE: da unidade acadêmica para a emancipação**

A partir da criação da Lei nº 10.861 de 14 de abril de 2004 (Brasil, 2004), pelo então Presidente da República Luíz Inácio Lula da Silva, instituiu-se o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), o qual tinha por finalidade a melhoria da qualidade da educação superior no país bem como a orientação da expansão de sua oferta por meio da promoção de valores democráticos, iniciativa que fortaleceu o papel do Estado no processo de busca pela qualidade educacional. Com a criação do SINAES, houve uma mudança na educação brasileira, em especial no Ensino Superior, porque essa lei criou marcos regulatórios que visavam a garantir padrões mínimos de qualidade nesse nível de ensino.

A partir daí, houve também mudanças na matriz de financiamento das instituições federais de ensino superior (Andriola; Suliano, 2015). No ano de 2005, foi criado o Programa Universidade para Todos (PROUNI) através da Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005 (Brasil, 2005), com o objetivo de oferecer bolsas de estudo em Instituições de Ensino Superior (IES) particulares para brasileiros não portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não excedesse o valor de até um salário mínimo e meio, sendo alterado pela Lei nº 14.350, de 25 de maio de 2022 (Brasil, 2022), que fixou o valor de até três salários mínimos.

Finalmente, a partir do Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007 (Brasil, 2007), foi instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em reconhecimento ao

importante papel das universidades federais para o desenvolvimento social e econômico do país, de forma a integrar as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) (Brasil, 2023a).

Esse programa foi criado considerando a meta de expansão constante no item 4.3.1 do Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei nº10.172 de 9 de janeiro de 2001 (Brasil, 2001), com o objetivo de criar e ampliar o acesso e a permanência de estudantes na graduação, além de otimizar o aproveitamento da estrutura física e dos recursos humanos das universidades federais. Segundo Andriola e Suliano (2015), esse acontecimento promoveu mudanças significativas na educação, no intuito de contribuir com a justiça social, uma vez que possibilitou o ingresso de estudantes antes excluídos do ensino superior.

Essa ação do Governo Federal contribuiu para retomar o crescimento do ensino superior público, já que, no Relatório de Primeiro Ano - REUNI 2008 (Brasil, 2008), constava que apenas 24,3% dos jovens entre 18 e 24 anos tinham acesso ao ensino superior. Por isso, inicialmente houve o Programa de Expansão Fase I, iniciado em 2003, seguido da implantação do Programa REUNI.

Durante sua reformulação, o REUNI apresentou como principais objetivos garantir às universidades a criação de condições para ampliação do acesso e da permanência na educação superior, assegurando a qualidade, estimulando a inovação acadêmica, promovendo a articulação entre a graduação, a pós-graduação, a educação básica e a educação profissional e tecnológica e otimizando a infraestrutura e os recursos humanos das IES.

O programa dava ênfase à interiorização, ao aumento da oferta de cursos de formação de professores, à ampliação dos cursos existentes e à inovação (Andriola; Suliano, 2015). Podemos afirmar que esse programa de expansão universitária buscou atender as demandas sociais do século XXI, uma vez que, através desse movimento da interiorização, sobretudo, pôde oportunizar a formação universitária gratuita e de qualidade a segmentos da sociedade fragilizados socialmente.

Segundo o Relatório do Primeiro Ano – REUNI 2008 (Brasil, 2008), durante o período de adesão ao programa REUNI, 53 das 54 universidades

federais existentes no período aderiram ao programa em duas chamadas, a primeira em 29/10/2007 e a segunda em 17/12/2007, quando houve a inclusão da UFRPE.

A UFRPE encaminhou seu protocolo de intenção através do ofício n. 7825/2004-MEC; SeSu/ DEDES em novembro do ano de 2004 (Gomes, 2022), e, dessa forma, foi a primeira unidade acadêmica instalada no país com o processo de interiorização do ensino superior que foi iniciada no ano de 2004. Diante disso, de acordo com Cordeiro (2018, p.92), a

[...] UFRPE já tinha o projeto da instalação da Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG) antes de 2005. Portanto, em 2007, na ocasião em que o governo federal instituiu o REUNI, a UFRPE foi a primeira a encaminhar seu projeto.

Assim, o município de Garanhuns recebia sua unidade acadêmica de universidade federal.

Figura 6: Implantação da Unidade Acadêmica de Garanhuns, primeira expansão universitária do governo Lula, em 2004.



Fonte: Leão (2013, p.82).

O município do Garanhuns, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está localizado no Planalto da Borborema, na Mesorregião do Agreste Pernambucano, região de desenvolvimento do Agreste Meridional, com área territorial de 458,552 km<sup>2</sup>. Está situado em posição estratégica com relação aos grandes centros urbanos do Nordeste, pois é cortado por uma malha rodoviária composta por rodovias estaduais e federais.

Além disso, está distante 230 Km da capital Recife. Segundo dados do IBGE (IBGE, 2023), apresenta uma população estimada em 141.347 pessoas, uma densidade demográfica de 282.21 hab/km<sup>2</sup>, e o índice de desenvolvimento humano municipal é de 0,664, considerado um desenvolvimento médio.

Em relação à inserção territorial, Garanhuns apresenta como característica o fato de possuir uma posição favorável de acesso com os 26 municípios que estão no entorno da sua microrregião e também com as principais cidades do Nordeste e Centro-Sul do país, tornando-se um importante atrativo para atividades de serviço e comércio, com ênfase nas áreas de educação, saúde e turismo.

Figura 7 – Localização do município de Garanhuns



Fonte: UFRPE (2023).

Dessa forma, a UAG foi o primeiro campus a ser implantado no Brasil, no ano de 2005 através da Resolução nº44 de 26 de abril de 2005, do Conselho Universitário da UFRPE (CONSU/UFRPE), oferecendo os cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Normal Superior e Zootecnia.

Assim, em 05 de setembro de 2005, é inaugurada a primeira Unidade Acadêmica do Processo de Expansão do País, e foi celebrada, nesta mesma data, sua aula inaugural. Entretanto, como a universidade ainda não tinha sede construída, foi necessário alugar um prédio pertencente ao Colégio

Presbiteriano Quinze de Novembro, na cidade de Garanhuns, para dar início às atividades acadêmicas (Cordeiro, 2018).

Figura 8 – Prédio do Colégio Presbiteriano Quinze de Novembro, onde a UAG iniciou suas atividades acadêmicas, no ano de 2005.



Fonte: Gomes (2022).

Segundo Cordeiro (2018), nesse momento, a unidade precisou de acordos celebrados junto à prefeitura de Garanhuns para garantir o funcionamento da unidade através, por exemplo, da cedência de estagiários e servidores para o exercício de funções administrativas, uma vez que o primeiro concurso para técnico-administrativos da unidade só ocorreu no ano de 2005 com o início das contratações no mês de abril do ano de 2006.

Figura 9: Aula Inaugural da UAG em 2005. Discurso do Presidente Lula.



Fonte: Gomes (2022).

Figura 10: Aula Inaugural da UAG em 2005.



Fonte: Gomes (2022).

Assim, apenas no primeiro semestre do ano de 2007, a unidade acadêmica passou a funcionar em sede própria em dois prédios, chamados Prédio I e Prédio II, onde funcionavam as atividades administrativas e as salas de aula.

Figura 11: Construção dos prédios I e II da UAG.



Fonte: Gomes (2022)

Dessa forma, a UFAPE iniciou sua trajetória como Unidade Acadêmica, com o objetivo de democratizar o acesso e a permanência de estudantes em universidade pública federal, gratuita e de qualidade. A criação da unidade também contribuiu com o fortalecimento da região como polo educacional, visto

que, já existiam no município um Campus da Universidade de Pernambuco (UPE) e a Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns (AESGA). Nesse sentido, com o passar dos anos, verificou-se um aumento de outras instituições, como o campus do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), além de diversas faculdades particulares as quais ofereciam cursos na modalidade presencial e a distância.

No ano de 2009, foram criados mais três cursos na unidade: Engenharia de Alimentos, Bacharelado em Ciências da Computação e Licenciatura em Letras. No ano de 2010, a instituição também passou a oferecer cursos de pós-graduação *strictu-sensu*, na modalidade de mestrado acadêmico: Ciência Animal e Pastagens (PPCAP), Produção Agrícola Sustentável (PPPAS) e Sanidade e Reprodução de Ruminantes (PPSRR), de modo a consolidar-se, ao longo dos anos, como uma importante produtora de conhecimento científico no cenário regional e nacional.

No ano de 2013, os cursos de Mestrado Profissional passaram a ser ofertados pela UAG/UFRPE, na área de Física (PROFÍSICA) e Letras (PROFLETRAS). Os cursos de mestrado oferecidos pela instituição já formaram, até o ano da sua elaboração em 2016, mais de 150 mestres e, desse número, mais da metade ingressou em cursos de doutorado no Brasil (UFRPE, 2023).

Além disso, a unidade aumentou suas instalações físicas com a construção de mais prédios de salas de aula e salas de professores, laboratórios, hospital veterinário, fazenda, biblioteca, residência universitária, quadra poliesportiva, cantina, entre outros. Com isso, dobrou seu espaço físico e aumentou também seu patrimônio humano através do quadro de servidores e docentes. Considerando essa trajetória, observamos também como comprovação do seu crescimento o número de vagas ofertadas nos cursos de graduação, que passou de 120 para 560 anuais, fato que consolida sua relevância na cidade e na vida da população.

Diante desse cenário, a partir do ano de 2016, iniciaram-se as discussões sobre o processo de emancipação da unidade acadêmica, de modo que, em 28 de agosto de 2016, aconteceu a primeira reunião para tratar do assunto junto à comunidade (Gomes, 2022). No dia 21 de setembro de 2016, a

Magnífica Reitora da UFRPE, Professora Maria José de Sena, realizou uma reunião com a comunidade acadêmica para esclarecimentos sobre o tema da emancipação (UFRPE, 2023).

Com a coordenação do então diretor acadêmico da unidade, o Professor Airon Aparecido Silva de Melo, foi realizado, no dia 28 de setembro de 2016, um momento de debates a fim de se discutir os pontos favoráveis e os desfavoráveis sobre a proposta de emancipação (UFRPE, 2023). Durante reunião, ocorrida no dia 03 de outubro de 2016, foi decidida a realização de um plebiscito para tomar a decisão referente à emancipação. No dia 04 de outubro de 2016, foram aprovadas as normas para a realização de plebiscito, e, assim, no dia 06 de outubro de 2016, ocorreu o plebiscito junto à comunidade acadêmica, a fim de que o corpo técnico-administrativo, docentes e discentes pudessem expressar as suas opiniões em relação ao assunto, portanto se concordavam (SIM) ou se não concordavam (NÃO) que a referida unidade acadêmica se tornasse uma Universidade Federal autônoma, desvinculada da UFRPE.

Segundo a Ata da terceira reunião Extraordinária do Conselho Técnico Administrativo (CTA) da UAG/UFRPE (UFRPE, 2023), ocorrida no dia 10 de outubro de 2016, que teve como pauta a homologação da Ata de Plebiscito de emancipação da unidade, o resultado foi que, em relação à média ponderada, a opção SIM teve 68,86% dos votos e a opção NÃO obteve 31,14% dos votos. Tais votos foram divididos da seguinte forma: 76,30% dos docentes votaram SIM e 23,70% votaram NÃO, os técnico-administrativos votaram 62,50% SIM e 37,50% NÃO, e os discentes 67,79% e 32,21% respectivamente. O resultado favorável pela emancipação foi aprovado por unanimidade através da Decisão CTA-UAG nº 450/2016 de 10/10/2016. Deu-se, assim, encaminhamento aos trâmites para a emancipação através do Processo nº 23082-018304/2016-31 (Gomes, 2022).

Dessa forma, no dia 15 de dezembro de 2016, através do Processo nº 23082.018029/2016-56, foi encaminhado o projeto à Reitoria da UFRPE, a fim de ser submetida ao Conselho Superior para registro, tramitação e aprovação, para, posteriormente, ser encaminhada ao MEC. Assim, através da Lei nº 13.651 de 11 de abril de 2018 (Brasil, 2018), publicada no Diário Oficial da

União (D.O.U.) no dia 12/04/2018, assinada pelo então Presidente da República Michel Temer, foram criadas duas Universidades Federais, dentre elas a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) por desmembramento da UFRPE. Assim, através da Portaria nº 2.118 de 10/12/2019, o Professor Airon Aparecido de Melo foi nomeado Reitor *Pro tempore* da UFAPE e, através da Portaria nº151, de 29 de janeiro de 2020, o Professor Mácio Farias de Moura foi designado Vice-Reitor *Pro tempore*.

Figura 12: Implantação da UFAPE



Fonte: Gomes (2022).

A transformação da UAG/UFRPE em UFAPE foi construída com base em justificativas que perpassaram por inserção territorial, aspectos socioeconômicos, adequação ao Plano Nacional de Educação (PNE), Ensino de Graduação, Pós-graduação, pesquisa e extensão.

Estudos realizados sobre os impactos da UFAPE no desenvolvimento social e econômico, principalmente do município de Garanhuns e Agreste Meridional, foram realizados e demonstraram várias transformações ocorridas a partir da política de expansão (Gewehr, 2021; Souza, 2019; Cordeiro, 2018).

Os dados coletados e as análises realizadas por Gewehr (2021) demonstraram que o desenvolvimento econômico vem se interiorizando no estado de PE, e a implantação da UFAPE foi um dos motivos desse crescimento na medida em que proporciona geração de emprego e renda e forma capital humano para atuar no mercado regional. A autora compara dados

socioeconômicos anteriores e posteriores à implantação da instituição, testemunhando mudanças positivas no perfil da região.

Em sua pesquisa, Souza (2019) observou que os cursos pesquisados na UFPE contribuíram para o desenvolvimento social regional, uma vez que promoveram a elevação do nível de instrução da população. Atestou também a efetividade dos cursos para o desenvolvimento nacional e a rápida inserção dos egressos no mercado de trabalho. Cordeiro (2018) realizou um levantamento histórico sobre a criação da unidade acadêmica com o objetivo de identificar as principais transformações que afetaram o contexto social da instituição ao longo do período estudado.

Podemos observar, portanto, de acordo com as informações coletadas, que esse processo de expansão universitária, além de democratizar o acesso ao ensino superior público e de qualidade, através do aumento do número de vagas nos cursos de graduação, causou diversos impactos na sociedade, como mostraram vários estudos sobre o tema (Cordeiro, 2018; Bizerril, 2020; Brasil, 2022).

Percebeu-se, por exemplo, que o investimento feito pelo governo federal na implantação das universidades causa impacto econômico no município a partir do pagamento dos salários dos funcionários, dos gastos com o estabelecimento e manutenção das instalações físicas e da presença de estudantes de outras regiões. Podemos citar também a qualificação da mão de obra, tanto em relação aos egressos como em relação aos projetos de extensão e pesquisa realizados junto à comunidade externa.

Além disso, como um ponto relevante, a cultura universitária contribui para a região através da disseminação de valores que estimulam os aspectos políticos, sociais e culturais, como “a democracia, a liberdade, a responsabilidade social, a ética, o pensamento científico e crítico” (Bizerril, 2020, p.18).

Essas pesquisas demonstram que, em pouco tempo de existência, a UFPE já dispõe de estudos que atestam sua eficiência enquanto Instituição de Ensino Superior no interior de Pernambuco, considerando que as atividades desenvolvidas repercutiram na configuração social em que está inserida.

### **3.3.3 Os primeiros cursos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco**

Conforme citamos, os primeiros cursos a se instalarem na UFAPE foram Agronomia, Medicina Veterinária, Normal Superior e Zootecnia, no ano de 2005, os quais marcaram o início das atividades acadêmicas na instituição.

Visando a atender às demandas do Ministério da Educação (MEC) e acompanhando as discussões sobre a natureza e a função dos cursos Normal Superior diante dos cursos de Pedagogia, estes já reconhecidos como os responsáveis pela formação docente para atuação na Educação infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a IES decidiu substituir o curso Normal Superior pelo Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, no mês de fevereiro do ano de 2007.

Inicialmente, o curso Normal Superior contou com 4 docentes que não tinham formação específica na área de Pedagogia. Tal característica, que se figurou como uma grande dificuldade no início do curso, foi trabalhada e aprimorada de forma que, no decorrer da formação, outros profissionais passaram a fazer parte do quadro de docentes, construindo a identidade do curso.

Conforme consta no Projeto Político Pedagógico do curso (PPC) de Licenciatura em Pedagogia da UAG/UFRPE (UFRPE, 2022c), o seu objetivo era formar profissionais para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas para as quais são previstos conhecimentos pedagógicos.

O curso era oferecido na modalidade presencial, funcionando semestralmente em regime de créditos, com carga horária distribuída da seguinte forma: Núcleo de Estudos Básicos de 2.820 horas (sendo 2.550 horas de componentes obrigatórios e 270 horas de componentes optativos); Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos, com 300 horas; e Núcleo de Estudos Integradores com 105 horas. Dessa forma, a carga horária total de curso era de 3.225 horas/ 215 créditos, com período mínimo de integralização curricular de 6 semestres e máximo de 12 semestres (UFRPE, 2006).

Assim, os três núcleos eram responsáveis pela integralização curricular e também por proporcionar experiências de construção de referências teórico-

metodológicas próprias da docência, a fim de contribuir com a inserção do estudante na realidade social e laboral da escola.

O currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAPE, no ano de 2007, privilegiava os valores e os pressupostos presentes no contexto social da escola, abrangendo seus princípios estéticos, políticos e éticos, a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, a contextualização, a transversalidade e a avaliação enquanto processo formativo.

Além disso, a organização do curso buscava estimular a participação dos estudantes em outras atividades acadêmicas como: iniciação científica, extensão, seminários, monitorias, estágios e participação em eventos científicos, culturais, políticos e sociais.

Assim, a primeira turma do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAPE era composta por 30 estudantes, destes 18 concluíram o curso e 12 não concluíram.

O curso de Agronomia da UFAPE iniciou suas atividades norteado pelas diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do referido curso da UFRPE, no mês de setembro de 2005, com 30 estudantes na primeira entrada do vestibular para o período diurno.

Por ser um curso oferecido na instituição desde o ano de 1912, sabe-se que sua oferta de disciplinas passou por diversas mudanças a fim de contribuir para o perfil do profissional exigido durante cada período histórico.

Assim, no ano da sua criação na UFAPE, o curso de Agronomia era oferecido na modalidade presencial, funcionava semestralmente em regime de créditos, e tinha duração de cinco anos, com dez períodos semestrais e com uma carga horária de 3.375 horas de disciplinas obrigatórias, 255 horas de disciplinas optativas e atividades dirigidas, 210 horas de estágio supervisionado e 30 horas de Educação Física. Dessa forma, o curso totalizava uma carga horária de 3.990 horas (UFRPE, 2023).

O objetivo do curso, de acordo com o PPC (UFRPE, 2023), abrangia aspectos como a racionalização da produção vegetal e animal, buscando a solução de problemas agrícolas e pastoris, visando ao desenvolvimento agrário sustentável de acordo com a legislação vigente.

Segundo o PPC de Agronomia (UFRPE, 2023), esse objetivo vai ao

encontro do perfil de profissional exigido pela sociedade, e, com isso, é esperado que o egresso desenvolva, em função dos conhecimentos obtidos na universidade, características como, a capacidade competitiva, cidadania e o empreendedorismo bem-sucedido nos agronegócios, com responsabilidade técnica e social, dentro de princípios éticos.

Para isso, o curso contava com uma estrutura curricular distribuída em três núcleos de conteúdos: Núcleo de conhecimentos básicos, com disciplinas que ofereciam ferramentas teóricas para aprendizagem ao longo curso; Núcleo de conteúdos profissionais essenciais, com disciplinas pertencentes ao campo profissional do agrônomo; e o Núcleo de conteúdos profissionais específicos, com disciplinas optativas, atividades complementares, Trabalho de conclusão de curso (TCC) e estágio supervisionado obrigatório (ESO).

Assim, a primeira turma do curso de Agronomia da UFAPE era composta por 30 estudantes, destes 18 concluíram o curso e 12 não concluíram.

Assim como os demais cursos, a escolha do curso de Zootecnia para compor a UFAPE foi em função de demandas regionais, devido à tradição da região de Garanhuns na área de agricultura e produção de leite, de modo a permitir a influência da universidade no desenvolvimento regional.

Desde a sua implantação na UFAPE, o curso de Zootecnia oferta anualmente 80 vagas (40 vagas/semestre). O curso era oferecido na modalidade presencial e funcionava semestralmente em regime de créditos. O tempo mínimo para integralização do curso era de 5 anos e máximo de 9 anos, com 3.090 horas de disciplinas obrigatórias, 270 horas de disciplinas optativas, 300 horas de atividades acadêmicas complementares, 330 horas de estágio curricular supervisionado obrigatório e 45 horas de trabalho de conclusão de curso, perfazendo uma carga horária total de 4.035 horas. O curso tem como objetivo formar profissionais para atuar com sistemas de produção animal, viabilizando sistemas alternativos de produção e comercialização contextualizado pela gestão ambiental e sustentabilidade, estimulando a autonomia intelectual e empreendedorismo, dotados de consciência ética. (UFRPE, 2023).

Dessa forma, propõe-se formar um egresso com o perfil profissional que

seja capaz de atuar em programas de melhoramento genético, na área de nutrição e alimentação animal, na administração de propriedades rurais, no desenvolvimento de pesquisas e na coordenação e na assessoria de projetos de gestão ambiental.

Assim, a primeira turma do curso de Zootecnia da UFAPE era composta por 30 estudantes, destes 19 concluíram o curso e 11 não concluíram.

Com o mesmo intuito de contribuir com o desenvolvimento regional, o curso de Medicina Veterinária iniciou suas atividades na instituição, buscando atender não só as diretrizes curriculares, mas também o avanço tecnológico e regional.

De acordo com o PPC (UFRPE, 2023e), o referido curso tem como objetivo formar o médico veterinário apto para desenvolver ações na área de Ciências Agrárias com foco em produção animal, produção de alimentos, saúde animal e proteção ambiental. Eram buscados o mais alto padrão de qualidade, o princípio ético e a cidadania, atentando para a necessidade da preservação e da utilização racional dos recursos da natureza.

O perfil do egresso deve contemplar uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, que busca compreender as necessidades dos indivíduos e da comunidade com relação às atividades inerentes ao exercício profissional, além de desenvolver a capacidade de raciocínio lógico, observação, interpretação e análise de dados para a identificação e para a resolução de problemas na área de Medicina Veterinária.

O curso era oferecido na modalidade presencial, funcionava semestralmente em regime de crédito e oferecia anualmente 80 vagas, 40 por semestre, com período mínimo de integralização curricular em 5 anos e meio. A carga horária total é de 4.605 horas, especificamente 4.290 horas voltadas para conteúdos essenciais e obrigatórios para a formação generalista do egresso (disciplinas, educação física, atividades acadêmicas complementares e estágio supervisionado obrigatório) e 315 horas de conteúdos optativos.

Assim, a primeira turma do curso de Medicina Veterinária da UFAPE era composta por 30 estudantes, destes 21 concluíram o curso e 09 não concluíram.

### 3.4 SEGUNDO PASSO: DEFININDO OS ENTREVISTADOS

A fim de atender aos nossos objetivos e compreender como a trajetória universitária dos primeiros egressos da UFAPE contribuiu para a construção das suas percepções de felicidade, realizamos um levantamento, junto ao Departamento de Registro e Controle Acadêmico da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (DRCA/UFRPE), da relação dos egressos dos cursos selecionados para verificar os que se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa. Tivemos como critério de inclusão a conclusão do curso, ou seja, houve a exclusão dos egressos que não concluíram os respectivos cursos de graduação.

Após essa primeira etapa, os nomes foram separados por grupos e receberam as letras respectivas dos cursos a que pertencem, quais sejam: Agronomia (A), Medicina Veterinária (MV), Pedagogia (P) e Zootecnia (Z). Foram numerados em ordem crescente, ficando aptos a participarem do sorteio e serem contatados para as entrevistas e para posteriormente procedermos à discussão dos resultados sem a possibilidade de suas identificações/individualizações.

Assim, precisávamos entrevistar um indivíduo de cada curso, totalizando quatro. A escolha se deu da seguinte forma: tínhamos um universo de 76 egressos, sendo 18 do curso de Pedagogia, 18 do curso de Agronomia, 21 do curso de Medicina Veterinária e 19 do curso de Zootecnia. Utilizamos como critério de escolha o sorteio, que foi realizado dia cinco de maio de dois mil e vinte e três às 16 horas.

Sorteamos quatro egressos de cada curso e anotamos seus nomes por ordem de sorteio, incluindo seus códigos para preservação das identidades. Assim, entramos em contato com o primeiro sorteado de cada curso e os outros três deixamos na lista de espera, caso houvesse algum impedimento do anterior participar.

Diante disto, buscamos os indivíduos sorteados através de redes sociais e entramos em contato. Nesse primeiro momento, nós nos apresentamos e explicamos que se tratava de uma pesquisa de doutorado e solicitamos o número do telefone para explicar melhor sobre a pesquisa. Todos forneceram seus respectivos números e, assim, através da ligação telefônica com o

primeiro egresso sorteado de cada curso, informamos sobre todas as características do estudo para a obtenção da concordância da sua participação como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os indivíduos selecionados aceitaram participar da pesquisa, logo agendamos as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um.

Dos quatro indivíduos sorteados, apenas dois residem atualmente na cidade de Garanhuns. Desse modo, a primeira entrevista foi realizada de forma remota através do aplicativo Jitsy, o qual possibilita gravar o vídeo e o áudio. Conseguimos realizar as demais entrevistas de forma presencial, na cidade de Garanhuns nos locais escolhidos pelos entrevistados, com gravação de áudio, buscando o melhor conforto e acessibilidade.

As entrevistas foram realizadas em dias e horários agendados pelos entrevistados, de forma remota e presencial de acordo com suas disponibilidades, em um ambiente reservado para melhor aproveitamento e facilitação da sua livre expressão, inclusive uma boa captação de áudio, com a gravação delas.

### 3.5 TERCEIRO PASSO: A HISTÓRIA ORAL PARA A COLETA DE DADOS

Para compreender a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados qualitativos do nosso estudo, discutiremos neste tópico sobre a história oral, buscando entender e justificar a importância da sua aplicação para atingirmos nossos objetivos científicos.

A história oral pode ser definida como um método,

[...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (Alberti, 2013, p.24).

Nesse caso, optamos pelo uso da história oral metodologicamente para estabelecer e ordenar nossos procedimentos e a coleta dos dados qualitativos. Dessa forma, a metodologia da história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica (Ferreira; Amado, 2006).

Essa perspectiva demonstra a interdependência que se constrói entre a prática, a metodologia e a teoria, além da indissociabilidade entre a pesquisa empírica e a reflexão teórica na produção do conhecimento histórico, uma vez que, sozinha, a história oral não seria capaz de formular soluções e explicações. Atenta, também, ao estabelecimento de uma relação entre os sujeitos da história e o pesquisador, em que o objeto histórico é resultado de sua elaboração.

O que pretendemos com sua utilização é compreender como o passado foi interpretado, de forma a possibilitar a documentação de uma visão do que foi vivido, buscando entendê-lo mediante a narrativa dos indivíduos que o vivenciaram. Isso quer dizer que, independentemente de “falhas”, “distorções” ou “esquecimentos” que possam, por ventura, ocorrer, importa analisar esses aspectos levando em conta o significado dessas variações, pois o que buscamos são as experiências vividas (Meihy, 2005).

Dentro dessa perspectiva, Alberti (2013) defende algumas especificidades da história oral que contribuem para sua utilização metodológica nas pesquisas, dentre as quais destacamos: o fato de as pesquisas situarem-se na contemporaneidade; sua utilização que visa à produção de documentos históricos; o entrevistador produzindo e avaliando o documento durante toda sua construção; e o depoimento concebido por quem viveu o período, possibilitando aos envolvidos no processo da entrevista a construção de uma abordagem sobre o passado, constituindo-se em um documento oral.

Torna-se imprescindível ressaltar no contexto das fontes orais, sobre o entendimento acerca da memória, já que a consideramos como a matéria prima dessa metodologia. Para Ferreira e Amado (2006, p.94), a memória é

[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social nacional.

Nesse sentido, entendemos que a oralidade atua dentro de um contexto de coletividade e, sendo assim, atua também na construção identitária do indivíduo a partir da sua análise da percepção de si e dos outros.

Ao optarmos por trabalhar com as memórias dos primeiros egressos da UFAPE, entendemos que, da mesma forma como acontece com os documentos escritos, sua reprodução exatamente como aconteceu é impossível, porque ela opera por descontinuidades (Alberti, 2004). A sua utilização em nossa pesquisa busca o respeito às diferenças e se fundamenta no direito à participação social, facilitando a compreensão em relação à construção da identidade e das narrativas.

A identificação desse aspecto traz à história oral uma especificidade no sentido de que, ao termos contato com as narrativas dos depoentes, acessamos uma parte da história que seria difícil conseguir de outra forma e, assim, recuperamos o tempo que foi vivido segundo a concepção de quem o viveu e compreendemos suas expressões.

Sendo assim, esse método de pesquisa foi escolhido diante do contexto da presente investigação científica, uma vez que temos como objetivo geral do nosso estudo compreender como a trajetória universitária na UFAPE contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos seus primeiros egressos. Por sua vez, os objetivos específicos são: analisar a trajetória de vida dos primeiros egressos da UFAPE; identificar a percepção de felicidade de cada entrevistado; e relacionar os dados coletados que demonstrem a participação da instituição na construção da percepção de felicidade de cada entrevistado.

Dessa forma, compreendemos que os nossos objetivos estão condizentes com o emprego dessa metodologia e, assim, a realização das entrevistas de história oral constituem efetivamente um caminho apropriado frente aos questionamentos feitos por nós, uma vez que terão destaque na pesquisa.

Para Alberti (2004, p.23),

[...] as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características de grupo. Elas mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo e ilustram formas típicas de comportamento.

Assim, com a história oral, é possível significar o passado através da experiência concreta, histórica e viva, a qual se torna um aliado na produção e na divulgação do conhecimento, uma vez que, através da história de um

indivíduo, temos acesso a informações que representam a história da sociedade, mesmo sem esgotá-las.

Nesse sentido, as fontes orais se constituem como uma das bases da nossa pesquisa, que se materializa através da ação interativa entre o entrevistado e o entrevistador, de tal modo a possibilitar a documentação das ações de constituição das memórias dos primeiros concluintes da UFAPE, as quais temos como objeto de estudo.

Importante destacar que, através destas entrevistas, será permitida a criação de fontes inéditas sobre a temática na medida em que nos possibilita o desenvolvimento de conhecimentos novos que fundamentam nossas análises acerca da relação entre a felicidade e o ensino superior.

Com efeito, a história oral nos permitiu o registro de algumas narrativas viabilizando o acesso a diferentes perspectivas acerca da felicidade e da trajetória acadêmica, ou seja, conseguimos ouvir e analisar visões de mundo e trajetórias de vida provenientes de indivíduos que pertencem a diferentes grupos sociais e culturais, reafirmando sua pluralidade e reforçando suas características teórico-metodológicas. Dessa forma, ao analisar as narrativas, através da metodologia da história oral, procuramos ir além dos simples registros sobre a vida de um indivíduo, buscamos produzir documento histórico através dos dados que permeiam os aspectos da pesquisa.

Entendendo a entrevista como instrumento de investigação da história oral em nosso estudo. É importante ressaltar que a compreendemos como um recurso que possibilita o conhecimento em relação a aspectos da história dos envolvidos. Ou seja,

Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado - experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas - e as concepções sobre o passado através de sequências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo sentido está atrelado à forma com que são narradas, sendo impossível dar conta do primeiro (o sentido) sem considerar a segunda (a forma). (Alberti, 2004, p.73)

Para otimizarmos a coleta das informações através das entrevistas, buscamos seguir as orientações de Thompson (1998) em relação ao modo como devemos conduzi-las. Assim, focalizando a temática abordada evitamos

perguntas “fechadas”, uma vez que, segundo o autor, terminam por dificultar a fluidez e inibir a memória dos entrevistados. Assim, ao mesmo tempo em que procuramos ter o cuidado para não moldar suas respostas, precisamos orientar a conversa, com a disponibilização aos respondentes do tempo necessário para que suas narrativas não se dispersem e atinjam nossos objetivos.

Portanto, formulam-se perguntas, ao mesmo tempo que era possibilitado também que os entrevistados pudessem relatar outros aspectos que não se encontram previamente estipulados, mas que se tornam relevantes para o entendimento da temática. Tal procedimento caracteriza-a como uma entrevista orientada, uma vez que, para Thompson (1998, p.258),

[...] a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado e, pelo menos, uma pergunta inicial precisa ser feita.

A depender da pesquisa, dos seus objetivos e dos propósitos, o pesquisador deve proceder a escolha sobre o tipo de entrevista que será utilizada, podendo ser: entrevistas temáticas ou entrevistas de história de vida. Nesse sentido, optamos por realizar a entrevista de história de vida, pois a história do indivíduo será o centro do nosso interesse, uma vez que precisamos acessar os diversos acontecimentos e as conjunturas que ele vivenciou e que auxiliaram na construção de sua percepção de felicidade. Logo, suas experiências nos interessam na medida em que não estamos na busca de verdades e sim nas suas versões sobre a moral existencial (Meihy, 2005).

Através da narração da história de vida dos depoentes atendemos aos objetivos da nossa pesquisa porque tentamos acessar os elementos existentes nas suas percepções de felicidade através das suas histórias, do conhecimento de suas trajetórias e da valorização da subjetividade dos seus detalhes.

Dessa forma, em nossa pesquisa, a utilização da história oral consistiu na gravação de entrevistas com os primeiros egressos da UFAPE, tendo a narrativa como alicerce desse processo. Assim, ao narrar suas experiências, os depoentes as transformam em linguagem, organizando e sistematizando os acontecimentos, dando-lhes sentido (Alberti, 2004).

Estabelecemos, assim, como estratégia de planejamento inicial, o estudo aprofundado sobre a temática abordada e a metodologia adotada na pesquisa, a elaboração do roteiro geral das entrevistas, o sorteio e o contato com os entrevistados em potencial, a elaboração do roteiro individual e a realização das entrevistas.

Nosso roteiro para a entrevista semiestruturada contou com nove perguntas abertas (ANEXO A), sem estipular um período para duração delas, a fim de deixar os entrevistados mais livres. Os encontros presenciais foram realizados de acordo com a conveniência de cada entrevistado e gravadas através de aplicativo de gravador de voz em *smartphone*, já a entrevista remota foi realizada através do aplicativo Jitsy, conforme está sistematizado no quadro:

Quadro 1: Informações sobre a realização das entrevistas

<b>Curso do entrevistado</b>	<b>Data</b>	<b>Formato</b>	<b>Local</b>	<b>Horário</b>	<b>Duração da entrevista</b>
Agronomia	11/07/2023	Remoto	Residência	20:00	01:01:52
Zootecnia	25/07/2023	Presencial	Residência	19:00	01:05:57
Pedagogia	31/07/2023	Presencial	Residência	16:00	01:12:63
Medicina Veterinária	12/08/2023	Presencial	Clínica onde trabalha	17:00	01:10:50

Fonte: Autora (2023)

A escolha dos entrevistados se deu de acordo com os objetivos e com os critérios estabelecidos na pesquisa, tendo por preocupação entrevistar os indivíduos que vivenciaram todo o processo de ingresso e conclusão nas primeiras turmas dos cursos da UFAPE, que pudessem fornecer depoimentos significativos relacionados ao tema estudado. Com isso, buscou-se, a princípio, assegurar a representatividade em função da questão da pesquisa de forma que justificasse sua participação no estudo. Nesse sentido, o que pretendemos, ao estipular o número de depoentes, foi contemplar os objetivos e a temática escolhida, sem se deter a uma amostra quantitativa.

Ademais, as entrevistas de história oral também nos auxiliaram a conhecer o presente, por fornecerem dados para uma melhor compreensão da realidade, não cabendo a nós pesquisadores, o seu julgamento, e, sim, sua análise profunda juntamente com os demais documentos escritos.

As entrevistas foram elaboradas e realizadas visando ao atendimento dessas características, o que implicou o investimento de tempo em sua

preparação e durante sua gravação, atentando também ao processamento das entrevistas. Para Figueirôa (2017, p. 31), “[...] o entrevistador deve fazer um planejamento logístico prévio, para que no momento da entrevista, o entrevistado sinta-se seguro em relatar os seus conhecimentos relacionados aos objetos da pesquisa”. Após esses passos, iniciamos a etapa de preservação das gravações e todo o processo da sua transformação em documento escrito.

Essa etapa da pesquisa, que compreende as entrevistas e sua transcrição, caracteriza-se por ser parte primordial para atingirmos nossos objetivos, visto que, “é na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer da história oral [...]” (Alberti, 2013, p.157). Além disso, tivemos também como etapa imprescindível o tratamento das entrevistas através da análise de conteúdo.

Atentamos também, durante todo o processo de coleta e análise dos dados para os aspectos éticos dessa metodologia, uma vez que lidamos com recordações do passado que podem ser perturbadoras ou gratificantes. Por isso, mantivemos a perspectiva de que o bem-estar do entrevistado deve estar acima dos nossos interesses enquanto pesquisador. Diante disso, reforçamos o aprofundamento nos estudos sobre essa metodologia, a fim de aplicá-la com cautela e responsabilidade, principalmente porque, durante a pesquisa, mantivemos relações pessoais com nossas fontes.

Trata-se, portanto, de entender que essa produção deriva de um trabalho conjunto, ou seja, uma vez que a história oral apresenta, como uma das suas peculiaridades, o fato de que o resultado do processo de utilização da metodologia se caracteriza por ser fruto de uma ação do entrevistador e do entrevistado, essa pesquisa, em linhas gerais, constitui-se em documento intencionalmente produzido.

### 3.6 QUARTO PASSO: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após a transcrição das entrevistas, disponibilizamos o material escrito para que os narradores pudessem ler e efetuar eventuais modificações que achassem necessárias. Assim, quando todos devolveram o material, iniciamos a fase de interpretação das entrevistas através da análise de conteúdo.

Na análise de conteúdo, a atitude interpretativa é sustentada por processos técnicos de validação que incluem divisões e cálculos, através de um trabalho analítico minucioso que exige uma conduta crítica em sua aplicação metodológica.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que a análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), apresenta duas funções que podem ser complementares ou não. Uma é voltada para uma perspectiva exploratória e a outra funciona como verificação da informação a fim de confirmá-la ou negá-la. Assim, a autora define a análise de conteúdo como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p.42).

Nesse sentido, ao utilizar essa metodologia em nosso estudo, buscamos analisar as entrevistas através de procedimentos sistemáticos que nos auxiliem na descrição do conteúdo e, com isso, possibilitem o tratamento das informações contidas nelas.

Para isso, utilizamos a análise categorial, em que examinamos, através das características comuns expressadas pelos colaboradores nas entrevistas, a frequência de ausência e a presença dos elementos de investigação, tornando possível a criação de dados passíveis de categorização e interpretação.

A utilização dessa metodologia de análise permitiu a criação de categorias através de critérios de classificação, favorecendo a organização dos elementos de análise e, além disso, o estabelecimento de relações entre eles, ou seja, “é o método de categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem” (Bardin, 2011, p.37).

Dessa forma, a leitura efetuada no material coletado objetivou compreender seu sentido a partir do tratamento das significações das suas mensagens, inferindo conhecimentos acerca da temática pesquisada.

O processo adotado pela presente pesquisa requer também importante dedicação à investigação exaustiva do objeto de estudo. Isso quer dizer que precisamos adotar também como procedimento a consulta às fontes como documentos públicos e privados, artigos, revistas e jornais, teses, dissertações e demais referências bibliográficas, com objetivo de compreender os acontecimentos e as situações políticas, econômicas e sociais do período.

De fato, o que acrescentamos em nossa análise documental, ou seja, além dos livros, artigos, teses e as demais fontes escritas, é exatamente o fator da oralidade, que traz consigo uma série de detalhes que compuseram nossa análise. Como exemplo disso, pode-se citar como a vivência na universidade contribuiu com a percepção de felicidade dos pesquisados, dentre outras questões, que são acessadas através dessa metodologia. Assim, o estudo no âmbito subjetivo da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa histórica (Ferreira; Amado, 2006).

De acordo com as características da nossa pesquisa, o modo de contagem das unidades de registro deu-se através das presenças que foram significativas, funcionando como indicadores, uma vez que, para Bardin (2011), em pesquisas qualitativas, pressupõe-se que todos os itens tenham o mesmo valor, e, assim, a inferência pode ser fundada na presença do tema e não sobre sua frequência de aparição.

Com a finalidade de realizar a categorização, inicialmente separamos o material transcrito das entrevistas por tema, descobrindo, assim, os núcleos de sentido que poderiam contribuir para nosso objetivo analítico. Dessa forma, classificamos os elementos constituintes em cada tema e os organizamos a fim de fornecermos uma representação dos dados brutos, de modo a chegar às nossas categorias de análise, conforme quadro a seguir:

Quadro 2: Categorização dos dados das entrevistas

<b>Tema</b>	<b>Eixos Temáticos</b>	<b>Categorias</b>
Infância	Histórias da infância e da família	De onde partimos
Família		
Educação Básica	Experiências na Educação Básica	
Vestibular	Experiências de ingresso e vivências na Educação Superior	Processo de ingresso e trajetória na UFAPE
Ingresso na UFAPE		
Vivências na UFAPE		

Percepções sobre felicidade e infelicidade	Percepções sobre Felicidade	Percepções sobre felicidade e sua relação com a UFAPE
Elementos da felicidade e Infelicidade		
Universidade e Felicidade	Universidade e Felicidade	

Fonte: Autora (2023).

Seguimos as recomendações de Bardin (2011) quanto à exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade durante essa etapa da pesquisa. Ao estabelecer as categorias de análise, foi possível, por meio da triangulação dos dados (entrevistas, teóricos e documentos), buscar entender profundamente o fenômeno estudado.

## 4 DE ONDE PARTEM

Neste capítulo, apresentaremos os participantes da pesquisa e abordaremos, através das suas trajetórias de vida, aspectos sobre a infância, a família e a educação básica de cada um, bem como apresentaremos seus dados sociodemográficos.

### 4.1 QUEM SÃO

A História Oral se mostrou adequada como nossa metodologia, pois, no momento da coleta e da análise, a subjetividade e a experiência individual passam a ser valorizados como componentes importantes para a compreensão do passado. Mais especificamente, ao se tratar da História Oral de vida, buscamos incentivar os entrevistados como protagonistas das suas próprias narrativas, de forma que a condução argumentativa ficou a cargo dos participantes (Meihy; Seawright, 2020).

Nesse momento, o interesse da nossa pesquisa estava sobre a história de vida de cada entrevistado, como suas origens, infância e adolescência, a fim de valorizar a experiência individual e as diferentes interpretações sobre o mesmo fato.

As variadas histórias de vida que acessamos através das entrevistas demonstram diversas interpretações sobre o que foi vivido, uma vez que cada indivíduo constrói suas análises influenciadas pelos contextos políticos, sociais e econômicos nos quais estão inseridos.

Dessa forma, entrevistamos quatro indivíduos que, diante dos objetivos da nossa pesquisa, contemplaram os critérios de inclusão. Assim, demonstramos, no quadro a seguir, o resumo dos seus respectivos dados sociodemográficos:

Quadro 3: Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

Identificação	Idade	Cor	Gênero	Estado civil	Religião	Graduação	Pós - Graduação
Agrônomo	36	Parda	Masculino	Casado	Evangélico	Agronomia	---

Zootecnista	40	Parda	Masculino	Solteiro	---	Zootecnia	Doutorado
Veterinária	36	Parda	Feminino	Solteira	Espírita	Medicina Veterinária	Especialista
Pedagoga	62	Parda	Feminino	Casada	Evangélica	Pedagogia	---

Fonte: Autora, 2023

Agrônomo nasceu na cidade de Venturosa, interior do estado de Pernambuco, no ano de 1987. É filho de uma dona de casa, vendedora e de um pedreiro e tem duas irmãs. Aos seis meses de nascido, foi diagnosticado com glaucoma congênito<sup>2</sup> em um dos olhos, foi submetido à cirurgia e faz tratamento desde então. Durante sua infância, teve vários sonhos,

Tive vontade de ser jogador de futebol, mas era muito ruim. Quis ser piloto de Fórmula 1, mas eu também não tinha dinheiro para fazer isso [risos]. Gostava de jogar vôlei, mas chegou um certo ponto que eu não tinha mais altura para alcançar a rede [risos] (Agrônomo, 2023).

Além disso, Agrônomo gostava de tocar teclado, violão e de cantar. Entre os anos de 2019 e 2020 descobriu uma doença renal crônica e iniciou o tratamento, entretanto, devido à Covid-19, houve um agravamento do seu quadro clínico, por isso precisou de internação e hemodiálise, e, desde então, faz tratamento conservador. No ano de 2021, as dores advindas do glaucoma voltaram, e os colírios não aliviavam mais. Assim,

Os procedimentos que poderiam ser feitos pra aliviar a dor não era garantia que eu teria um alívio de dor, nem uma qualidade de vida boa, nem esteticamente ia ficar bom. Aí resolvi por tirar o olho e colocar uma prótese. Hoje em dia quase ninguém percebe, poucas pessoas vão perceber que eu uso prótese, né? (Agrônomo, 2023).

<sup>2</sup> Segundo a Sociedade de Pediatria de São Paulo (2024), glaucoma Congênito ocorre quando o olho não se desenvolve corretamente, o que danifica o nervo óptico. Confira em: <https://www.spsp.org.br/glaucoma-congenito-e-a-importancia-da-triagem-oftalmologica-em-recem-nascidos/#:~:text=O%20glaucoma%20cong%C3%AAAnito%20%C3%A9%20uma%20condi%C3%A7%C3%A3o%20ocular%20grave%2C%20que%20pode,um%20beb%C3%AA%20ou%20crian%C3%A7a%20pequena>

Durante toda a educação básica, Agrônomo estudou na cidade de Venturosa (PE), em escolas da rede pública municipal, e tinha o sonho de estudar no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco (CEFET-PE), na unidade de Pesqueira, durante o ensino médio. Assim, participou do processo seletivo para ingressar na instituição e foi aprovado. Entretanto, houve algumas dificuldades, como ele relata no seguinte trecho,

No Ensino Médio eu estudei na Escola Técnica Federal, o nível dos professores lá é diferenciado da rede pública estadual. Tanto que na rede pública estadual eu me achava inteligente. Quando eu fui pro CEFET, eu vi que o buraco era mais embaixo (Agrônomo, 2023).

No ano de 1987, dentro do Programa de Expansão do Ensino Técnico em nosso país, foi criada a unidade de Pesqueira da Escola Técnica Federal de Pernambuco. O objetivo do Programa era interiorizar essa modalidade de ensino, estimulando a qualificação da mão de obra da região (IFPE, 2024).

A instituição teve sua aula inaugural no ano de 1994. Em 18 de janeiro de 1999, através de um Decreto, a referida escola passou a ser o Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco (CEFET-PE). Através da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, o CEFET-PE transformou-se em Campus Pesqueira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

Para Agrônomo, os CEFETS são reconhecidos pela qualidade do ensino ofertado, pelo corpo docente qualificado, entre outras características, o que estimulava ainda mais o sonho em acessá-lo.

Mesmo diante de todas as dificuldades que Agrônomo sentia em acompanhar o ensino da instituição, conseguiu concluir o ensino médio sem reprovar nenhuma disciplina, o que ele considerou um milagre. Nesse período, Agrônomo relata que, no CEFET, todos os professores e colegas falavam muito sobre o processo seletivo para ingresso nas universidades, o vestibular, e que a instituição visava também essas aprovações para acessar o Ensino Superior. Além disso, seus pais e amigos o incentivavam bastante.

Então, aí o que se falava no CEFET era só preparação pra vestibular. Além da vontade de meus pais, que eu continuasse

estudando, uma oportunidade que eles não tiveram. Meu pai não teve a oportunidade de estudar, minha mãe não teve a oportunidade de estudar, eles queriam que eu tivesse essa oportunidade, que não fosse pro mercado de trabalho, mas sim que estudasse pra ter o nível superior, ter uma faculdade. Porque tem a mentalidade de que era mais fácil as coisas com a faculdade, né? Porque no superior tem mais outras coisas e além de ter amigos que faziam faculdade e puxavam uma coisa puxa o outro, né? Um puxa o outro. É questão de crescimento, né? (Agrônomo, 2023).

Atualmente, Agrônomo tem 36 anos, é casado, tem um filho, professa a religião Evangélica e reside na cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Ao concluir sua graduação, passou no concurso para trabalhar na Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), na cidade de Sanharó (PE), onde ficou por 8 meses. Logo após, foi aprovado no concurso dos Correios, onde trabalhou em várias cidades do estado de Pernambuco e ficou por 8 anos, até que, no ano de 2019, foi aprovado no concurso da Caixa Econômica Federal. Com isso, iniciou seu trabalho na cidade de Arapiraca (AL) e, desde o ano de 2022, trabalha na cidade de Maceió, no mesmo estado. O seu nível de escolaridade é a graduação em Agronomia pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

Zootecnista nasceu na cidade de Garanhuns, no interior do estado de Pernambuco, no ano de 1983. Seu pai trabalhou como vigilante de uma agência bancária por vários anos e também era proprietário de uma sorveteria. Após alguns anos, precisou pedir demissão do trabalho de vigilante e ficou apenas com a sorveteria. Nesse período, ele acredita que tinham poucas sorveterias. Entretanto, logo após, aumentou bastante o número de concorrentes, e, assim, ele vendeu o negócio e comprou um carro para fazer transporte de passageiros entre as cidades de Garanhuns e Arcoverde, (cidades do interior de Pernambuco, distantes 92,1km entre si). Mudou-se, pouco tempo depois, para a linha entre Garanhuns e Saloá (cidades do interior de Pernambuco, distantes 33,8 km entre si). Trabalhou assim até o período em que adoeceu. Foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e precisou parar de trabalhar. Assim ele relata:

Perto de eu entrar no mestrado, aí ele deixou de trabalhar porque ele ficou com algumas sequelas, né? Aí num podia

mais dirigir, porque se tivesse acontecido, por exemplo, esse problema que ele teve dirigindo, né? Poderia ter um acidente. Aí ele parou de trabalhar. Aí isso faz uns dez anos agora, né? Que eu entrei no mestrado em... não, faz mais, que eu entrei no mestrado em dois mil e onze. Doze anos (Zootecnista, 2023).

Em relação à sua mãe, Zootecnista relatou que ela é dona de casa e, durante o período que o pai tinha a sorveteria, ela também trabalhava na fabricação dos sorvetes e dos picolés,

Aí tinha a fabricazinha, tal, que inicialmente era lá no centro (da cidade de Garanhuns – PE), atrás do INSS. Aí tinha um ponto lá e aí depois voltou, foi ser lá em casa, né? No quintal assim, aí fez uma reforma lá e levou as máquinas tudo e ficou lá. Aí minha mãe ficava com o serviço da sorveteria também, ela que fazia as coisas, sorvete, picolé, tal, ela sempre fez (Zootecnista, 2023).

Zootecnista é o mais novo de uma família de três irmãos, sendo a primeira uma irmã e o segundo um irmão, que faleceu aos 29 anos, em um acidente de trânsito. Zootecnista viveu toda sua infância no município de Garanhuns, na Vila do Quartel, bairro popular da cidade, e sua casa tinha um quintal em comum com a casa da sua avó e da sua tia, por isso ele relata que sua avó teve uma participação muito importante durante toda sua criação:

Minha vó participou demais da criação e ela influenciou em muita coisa na minha criação, eu e dos meus dois irmãos, e aí depois de um tempo a gente saiu de lá da rua do quartel e veio morar na Brasília, e aí foi quando foi tendo um certo distanciamento dessa criação da minha avó, mas assim muito ensinamento dela continuou ainda, algumas coisas que a gente era muito ligado à igreja foi que a gente foi se separando mais, e esse afastamento da criação dela a gente automaticamente se afastou bastante da igreja, mesmo assim a igreja continuou influenciando muito, sempre na vida da gente (Zootecnista, 2023).

Durante sua infância, estudou até a quarta série na Escola Adventista, escola da rede particular de Garanhuns Na quinta série, estudou na Escola Estadual Dom Juvêncio de Brito, na mesma cidade, e, da sexta série até o terceiro ano do Ensino Médio, estudou em outra escola da rede particular, o

Colégio Diocesano de Garanhuns. Zootecnista gostava muito de jogar vôlei e relatou que chegou a receber convite para ser bolsista em outra escola da rede particular de Garanhuns.

Ganhei bolsa pra estudar no Santa Sofia, na época de Kerli. Kerli, que ele era treinador de basquete. [...] Ele era treinador de vôlei do Diocesano e de basquete do Santa Sofia. Aí eu treinava com ele no Diocesano e aí quando teve uma virada de ano, aí ele disse ó, o pessoal lá quer saber se você não quer estudar lá, você tem uma bolsa pra jogar e tal, mas aí meu pai não deixou, porque já tinha feito uma matrícula no Diocesano aí ele disse não, tinha os livros pra comprar e farda, não sei o que, aí enfim, acabei não indo, né? Mas assim, a vontade, aí continuei jogando no Diocesano. (Zootecnista, 2023).

Zootecnista tem 40 anos, é solteiro, não professa nenhuma religião e reside na cidade de Petrolina, interior de Pernambuco. Quatro meses antes de concluir a graduação em Zootecnia na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), Zootecnista iniciou um trabalho em uma empresa privada, na sua área de formação, na cidade de Garanhuns (PE), onde ficou por um período de nove meses. Precisou pedir demissão, pois tinha sido aprovado na seleção do curso Mestrado em Zootecnia no Programa de Pós-graduação, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no ano de 2011. Ao concluir o mestrado, iniciou o curso de Doutorado na mesma instituição, o qual concluiu no ano de 2017. Atualmente é professor do Instituto Federal do Piauí (IFPI) no Campus Paulistana.

Veterinária nasceu na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, no ano de 1987. Seu pai é advogado e trabalhou no Ministério da Agricultura, na área de inspeção, até sua aposentadoria. Sua mãe também é advogada, porém não exerceu a profissão e, assim, dedicou-se a outras atividades, como, por exemplo, foi artesã, costureira e professora de culinária no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em Garanhuns (PE), por um período de 10 anos, onde também se aposentou. Veterinária é a mais nova de três irmãs e sobre isso relata:

Eu sofria muito com comparações com elas, porque eu era mais feia das três. É, isso dentro de casa, na família. Então, minhas tias, diziam a minha mãe: como que tu fez as duas tão

bonita e ela tão feia? Isso era na minha cara, viu? Pequena. Isso refletiu até hoje que eu quando fiz terapia, e ficou muito claro que a minha autoestima ela é baixa dessa origem aí, né? E aí depois eu não tinha uma relação de amizade com minhas irmãs, apesar de conviver ali. Então era muito eu e elas duas, né? (Veterinária, 2023).

Em relação à sua infância, Veterinária considera que sua família não era pobre, mas também não era rica, pois vivia no limite com as finanças. Morou em Recife até os treze anos de idade quando seu pai foi transferido para a cidade de Garanhuns, e, então, sua família acompanhou a mudança, entretanto a irmã mais velha continuou em Recife, pois já era casada. Veterinária lembra também que brincava bastante, como podemos observar no seu relato:

E aí eu fui uma criança que brinquei muito de boneca, eu vivi muito a infância na raiz assim, de brincar de boneca, de pular elástico, de amarelinha, de dançar quadrilha até grande, porque hoje em dia ninguém dança, ninguém participa, é uma geração muito diferente da gente, né? mas não era de brincar em rua, eu sempre estudei muito, sempre gostei de estudar, eu acho que eu compensava, né? Eu queria fazer alguma coisa melhor, eu compensava estudando, lendo, eu gostava muito. Então, minha infância foi uma infância feliz, apesar de tudo, foi uma infância boa, não me faltou, graças a Deus, nada não (Veterinária, 2023).

Ao relatar sobre a mudança de cidade que precisou ser feita com a transferência do seu pai para Garanhuns (PE), Veterinária lembra que gostou muito e que se sentiu bem ao chegar,

Porque aqui eu fiz amizades em relação a, eu comecei a treinar basquete no colégio, porque minha irmã treinava e eu ia assistir. Aí acabei, que comecei a treinar. Fiz meus verdadeiros amigos, hoje são todos do basquete. [...] E aí eu vim adorei Garanhuns porque não tinha muito balada, não gostava de sair [...]. O colégio foi muito acolhedor nessa questão da turma de basquete, né? Eu ia treinar duas da tarde, chegava em casa seis da noite, porque eu ficava no meu treino e treinava o treino dos meninos pequenos, treino dos grandes, só vinha no final, quando terminava o treino. Gostava, e mesmo assim tirava notas boas, por isso que minha mãe deixava o dia todo lá, né? (risos) e aí participei do campeonato, viajei com basquete e aí realmente foi um período muito bom (Veterinária, 2023).

Durante todo o ensino básico, Veterinária e sua segunda irmã estudaram em escolas particulares que foram custeadas pelo seu avô, uma vez que ela relatou que seus pais não tinham condições financeiras para mantê-las nessas instituições,

[...] meu avô, ele pagava os estudos meu e da minha irmã do meio, e não era só o estudo, era mensalidade, material, viagem, passeio. A gente não era privado de nada que tivesse na escola. Então ele dava o suporte educacional todo pra gente não ser diferente. Porque já que ele pagava uma escola particular e a gente não era daquele meio em relação à condição financeira dos pais dos outros alunos, mas ele pagava tudo pra gente do bom e do melhor, pra ser igual, pra eles lá, pra gente não sofrer nenhum tipo de bullying, hoje bullying, né? Mas antes, discriminação mesmo e ele pagou até o meu ensino médio até terminar, toda a minha educação foi meu avô que pagou e porque ele fazia questão disso (Veterinária, 2023).

Atualmente, veterinária tem 36 anos, é solteira, professa a religião Espírita, tem um filho com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível de suporte 3, e está passando por um processo de divórcio com o antigo companheiro e, nesse processo, luta pela guarda do filho. Reside na cidade de Garanhuns com seus pais e filho e é proprietária de uma Clínica Veterinária. Após a conclusão do curso de graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), Veterinária realizou uma Especialização em Saúde Pública pela Universidade de Pernambuco (UPE).

Pedagoga, por sua vez, nasceu na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, no ano de 1961. Seu pai era pescador e arquivista da prefeitura, e sua mãe era dona de casa, e, juntos, tiveram nove filhos, seis homens e três mulheres. Pedagoga considera que sua infância foi muito boa e que seus pais eram unidos e bastante rígidos.

Minha mãe era dona de casa, minha mãe aprendeu a ler e a escrever no MOBRAL, ela sabia ler, assinava o nome dela, escrevia, mas ela aprendeu no MOBRAL e papai era arquivista da prefeitura do Recife e nós éramos em nove, a nossa família era uma família grande e papai sustentava trabalhando como arquivista e pescava, meu pai era pescador, ele tinha uma jangada lá na praia do Pina e ele pescava lá (Pedagoga, 2023).

No dia 15 de dezembro de 1967, foi instituído o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), de acordo com a Lei 5.379, o qual perdurou até o ano de 1985. Segundo Saviani (2007), essa concepção tinha como proposta, entre outros aspectos, a criação de um amplo programa de alfabetização para adultos.

Nesse período, o Brasil passava por uma ditadura civil-militar, e era necessário desenvolver ações que fizessem a população acreditar que o governo estava cumprindo seu papel de estímulo ao desenvolvimento da nação (Silva, 2018). Tal movimento se diferenciou das experiências voltadas para a educação popular dos anos iniciais da década de 1960, que buscavam estimular uma educação voltada para a emancipação do sujeito e tinham Paulo Freire como um dos seus representantes (Saviani, 2007).

Para pedagoga, ao participar do MOBRAL, sua mãe conseguiu aprender a ler e escrever. Quando Pedagoga completou quinze anos, sua mãe adoeceu, teve câncer de bexiga, e esse foi um período bem difícil para todos como relata:

[...] A minha irmã mais velha já era casada, meu irmão mais velho já era casado e os outros viviam todos em casa. Então como eu era a mais velha das mulheres, aí eu tive que assumir a casa. Mamãe ficou internada por muito tempo, fez uma cirurgia, voltou pra casa. A cirurgia cicatrizou, tudinho, mas aí depois ela adoeceu... Ela teve um abscesso de parede [...] E desse abscesso, minha mãe faleceu. Aí eu passei com, passei com minha mãe, mais ou menos, uns três anos lutando com a doença no hospital, voltava pra casa, meu pai não tinha condições de pagar uma empregada pra tomar conta dos meninos, então eu cuidava de mamãe e voltava (Pedagoga, 2023).

Após o falecimento da sua mãe, Pedagoga relatou que seu pai se casou novamente, e o sentimento que ficou foi de abandono. Assim, por ser a mais velha da casa, ela precisou assumir as responsabilidades sobre seus irmãos mais novos,

Aí teve um momento que eu não aguentei mais, aí conversei com meus outros irmãos, aí a gente fez uma reunião. Como nós éramos muito unidos, papai criou a gente assim com muita

união, aí nós resolvemos, assim, dividir, aí os irmãos casados ficaram com uma quantidade, outro ficou com outra, aí um, dois casou que já eram mais velhos, já tinha namorada, casaram, aí a gente se dividiu. Eu fui morar com meu irmão em Palmares, aí lá eu conheci meu esposo (Pedagoga, 2023).

Assim, aos dezoito anos, foi morar na cidade de Palmares (PE) e, aos dezenove anos, casou-se. Após seu casamento, precisou mudar para a cidade de Palmeira dos Índios (PE), onde teve seu filho. Retornou para Palmares, e, após algum tempo, seu marido conseguiu emprego na empresa Parmalat na cidade de Garanhuns (PE). Assim, toda a família mudou-se para essa cidade no ano de 1990.

Pedagoga estudou em escola pública na cidade de Recife (PE) durante a educação básica. No período em que sua mãe esteve doente, Pedagoga precisou acompanhá-la no tratamento e, ao mesmo tempo, cuidar dos irmãos em casa, por isso precisou parar de estudar quando estava na oitava série, hoje, nono ano do ensino fundamental. Porém, ela relatou que, como gostava muito de estudar, tinha o sonho de retornar e concluir os estudos. Quando seu filho se casou, pedagogia tomou a decisão de retornar aos estudos.

[...] Aí eu dizia assim, quando meu filho ficar numa idade que eu possa deixar ele sozinho e voltar a estudar eu faço isso. Aí aqui eu voltei a estudar. Aí fiz o segundo grau aqui, aí fiz magistério no João da Mata. Aí lá eu terminei o magistério e estagiei aqui num monte de lugar, a GERE gostava muito de me chamar pra estagiar, e eu ia estagiar (Pedagoga, 2023).

Durante os anos de 1997 a 1999, Pedagoga estudou na Escola Estadual Dom João da Mata Amaral, localizada na cidade de Garanhuns, onde realizou o ensino médio na modalidade de magistério. De acordo com Saviani (2009), após o golpe militar de 1964, foram efetivadas diversas mudanças no campo educacional. Assim, através do Parecer nº 346/72 do Conselho Federal de Educação (CFE), aprovado em 6 de abril de 1972 (Brasil, 1972), foi fixada uma habilitação específica do 2º grau, que permitia lecionar até a quarta série, com estudos equivalentes a 3 anos.

Esse curso de magistério tinha como finalidade formar professores no ensino médio para lecionar em turmas até a quarta série (5º ano). Entretanto, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº

9394/96, ficou recomendado que os professores deveriam fazer uma formação de nível superior (Brasil, 1996). Desde então, esse curso foi sendo substituído pela formação chamada Normal Superior e, atualmente, pelo curso de Pedagogia.

Pedagoga tem 62 anos, é casada, professa a religião evangélica e reside na cidade de Garanhuns (PE). Após concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), trabalhou com aulas de reforço para crianças na sua casa, entretanto atualmente não está mais com as aulas de reforço e é dona de casa.

Um ponto em comum encontrado entre os entrevistados, de acordo com as características iniciais da análise, é que todos alegaram fazer parte da camada popular da sociedade. Tal fato nos chama a atenção, uma vez que este era um dos objetivos do processo de democratização do ensino superior brasileiro através do REUNI: oportunizar e ampliar o acesso de indivíduos oriundos de camadas historicamente excluídas da universidade no Brasil (Matos; Fernandes, 2022).

Segundo Matos e Fernandes (2022), a forma como a educação superior se desenvolveu no país demonstra como ela contribuiu para a reprodução da estrutura social desigual, uma vez que foi formada para a classe dirigente da sociedade. Em sua origem, os cursos superiores no Brasil tinham em vista a formação cultural da elite brasileira para a ocupação dos cargos de prestígio nas relações de trabalho.

Em sua pesquisa, Ribeiro (2017) analisou as chances de o filho de um trabalhador manual qualificado alcançar a classe social do filho de um profissional de alto nível, podendo estas serem vistas como as vantagens de um em relação ao outro. O autor verificou que essa vantagem vem diminuindo no Brasil ao longo dos anos, de modo que, no ano de 1973, por exemplo, o filho de um profissional de alto nível tinha 35 vezes mais chances de, ao se tornar adulto, permanecer nessas classes comparadas às do filho de um trabalhador manual qualificado tornar-se um profissional quando adulto. Notou-se que essa vantagem, no ano de 1996, era de 21 vezes e, no ano de 2014, era de 15 vezes, ou seja, apesar da desigualdade ainda existir, vem diminuindo

ao longo dos anos, assim “podemos interpretar isso como uma diminuição das desigualdades de oportunidades de mobilidade social” (Ribeiro, 2017).

Para o autor, a expansão educacional que ocorreu no Brasil nas últimas décadas contribuiu para um acesso mais democratizado aos diferentes níveis educacionais. Assim, houve uma diminuição do efeito da classe de origem sobre a educação alcançada pelos filhos. Com essa diminuição das desigualdades de oportunidade educacional verificada no período analisado por Ribeiro (2017), que compreendeu os anos de 1973 a 2014, foi verificada uma mobilidade intergeracional entre as classes de origem e de destino. Tal característica foi observada em três dos quatro indivíduos entrevistados em nossa pesquisa, que, diferentemente dos seus pais, conseguiram acessar o ensino superior.

Portanto, o processo de expansão e inclusão educacional que levou à democratização do acesso aos diversos níveis educacionais ocorridos ao longo das últimas décadas do nosso país, desencadeou alterações na configuração de ingresso e diversificação do perfil social universitário, e também teve por consequência a redução da desigualdade de oportunidades em nossa sociedade, o que possibilita uma mobilidade social no Brasil (Alves, 2022; Matos; Fernandes, 2022). Além disso, foi possível verificar, nesse início de conversa com os nossos colaboradores, a presença de aspectos como apoio familiar, dedicação aos estudos, capacidade de conciliação de tarefas, autossuperação e desejo em ingressar em uma universidade pública. Em seu artigo, Alves (2022) realizou uma pesquisa de campo, em que entrevistou membros de frações ascensionais das classes populares entre os anos de 2015 e 2016, moradores de bairros da Região Metropolitana de Recife (PE), que conseguiram ingressar no ensino superior a fim de analisar as condições objetivas e subjetivas que permitiram a esses membros aproveitar essas oportunidades educacionais.

Segundo a autora, foi possível perceber, entre os seus entrevistados, a presença de um conjunto de disposições para o trabalho duro, como, por exemplo, autocontrole, capacidade de concentração, autossuperação, capacidade para conciliar faculdade e trabalho. Além disso, também

dispunham de condições objetivas e subjetivas que favoreceram o investimento de suas disposições ascéticas em estratégias escolares.

Percebemos, durante os primeiros momentos dos depoimentos com os egressos da UFAPE, características semelhantes às encontradas pela pesquisadora, como, por exemplo, verificamos em nossos entrevistados pré-condições materiais, cognitivas e emocionais que atuaram na inserção do grupo na universidade. Para Alves (2022), um fator importante era que suas famílias eram estruturadas, compostas por pai e mãe casados ou por outros membros familiares que se fazem, de fato, presentes em suas vidas. Esses aspectos possibilitam a incorporações de disposições ascéticas para o estudo.

Durante suas análises, a autora observou que essa incorporação pode acontecer de maneira afetiva, uma vez que, na sua posição de origem, para o indivíduo que não dispõe de capital econômico e cultural, o incentivo pode vir à medida em que ele observa o sacrifício dos seus familiares para mantê-lo fora do mundo do trabalho, podendo dedicar-se aos estudos, mas poderia ocorrer também através de exemplaridade, orientações, conselhos e estímulos afetivos.

Nossos entrevistados demonstraram essa dimensão afetiva ao relatar a dificuldade financeira em que seus familiares viviam e a forma como eram incentivados, por pais, avós ou irmãos, a ingressarem e permanecerem no ensino superior, pois, diferentemente de uma trajetória mais comum da classe média, na qual isso ocorre como consequência de sua formação escolar, para essa fração da sociedade, isso se constitui como um desafio.

Para Bourdieu (2007), o entendimento sobre o capital cultural é indispensável, pois, através dele podemos entender sobre a desigualdade de desempenho escolar que existe quando analisadas crianças de diferentes classes sociais, uma vez que, consiste em um princípio de diferenciação social, assim,

O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e [...] o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social - também herdado - que pode ser colocado a seu serviço (Bourdieu, 2007, p.74).

Na verdade, esse acontecimento traz consigo uma série de outros conflitos e tensões que se apresentam no decorrer do curso, como, por exemplo, o sentimento de inferioridade por não possuir grande capital cultural, a conciliação entre a carreira profissional e outros aspectos pessoais, a expectativa criada pela conquista do diploma de ensino superior e as oportunidades de trabalho, aspectos que serão debatidos nas próximas sessões.

## **5 INICIANDO NOSSA CAMINHADA: PROCESSO PARA INGRESSO NA UFAPE**

Para discutirmos sobre o ingresso na UFAPE, vivenciado pelos nossos depoentes, fez-se necessário compreendermos o que os motivou a realizar o processo seletivo e como se deu a escolha da instituição e do curso. Uma característica comum a todos os entrevistados se configurava no desejo em acessar esse nível de ensino e na necessidade que se concretizasse em uma instituição pública, gratuita e de qualidade, por várias questões, dentre elas, a mais citada, foi a dificuldade financeira.

Nesse aspecto, cabe frisarmos a importância social da universidade, uma vez que uma graduação representa, para esses estudantes, um investimento que pode mudar a realidade em que estavam inseridos até então. A Educação Superior, para Andriola e Barrozo Filho (2020), deve contribuir para a geração de riqueza, para o fortalecimento das identidades culturais e a coesão social, sendo um objetivo estratégico para o desenvolvimento da sociedade.

Ainda em relação à responsabilidade social da universidade, segundo a Conferência Mundial de Ensino Superior, que aconteceu entre os dias 5 e 8 de julho de 2009, na sede da UNESCO em Paris, cabe à Educação Superior, “avançar nosso conhecimento multifacetado sobre várias questões, que envolvem dimensões culturais, científicas, econômicas e sociais e nossa habilidade de responder a tais questões” (UNESCO, 2009, p.2).

No ano de 2005, ano de ingresso dos nossos entrevistados no ensino superior, segundo o Censo da Educação Superior realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) do Ministério da Educação, o número de universidades públicas federais no Brasil era de trinta nas capitais e vinte e duas nos interiores, dessas, catorze estavam situadas na região Nordeste do país, nove nas capitais e cinco no interior. Em Pernambuco, existiam duas instituições na capital Recife, UFPE e UFRPE, e uma no interior, a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) situada na cidade de Petrolina (INEP, 2007).

Segundo Mancebo, Vale e Martins (2015), entre os anos de 1995 e 2010, ocorreu um aumento no número total de matrículas no ensino superior.

Na rede pública, esse aumento foi de 134,58%. Para as autoras, o crescimento nas matrículas foi devido, principalmente, ao programa REUNI. Assim, as políticas de democratização nas universidades se configuraram como medidas importantes que visaram a diminuir os efeitos dos privilégios sociais.

Para Andriola e Barrozo Filho (2020), a partir dos anos 2000, observou-se um grande movimento de expansão da Educação Superior em nosso país, o qual envolveu não só o aumento do número de instituições, mas também de cursos, vagas, matrículas e conclusões de cursos. Esse fato se deu de forma mais acelerada devido ao crescimento do número de instituições privadas no período de 1999 a 2003. A partir do ano de 2004, o crescimento se manteve, estando associado à democratização do acesso aos cursos de graduação oriundos das políticas de inclusão.

Dessa forma, para os autores, o REUNI, juntamente com outras ações como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), Sistema de Seleção Unificada (SISU) e Universidade Aberta do Brasil (UAB), contribuiu para ampliar o número de vagas no ensino superior, o que possibilitou o ingresso e a conclusão dos estudantes nessas instituições (Andriola; Barrozo Filho, 2020).

O que se busca com a democratização do acesso ao ensino superior é a geração de oportunidade a todas as camadas da população e que, de forma inclusiva, garanta o acesso e a permanência de seus estudantes. Assim, para Andriola e Barrozo Filho (2020, p. 596):

Para que a Educação Superior brasileira honre o seu papel de imperativo estratégico, como preconiza a CMES, seus responsáveis (Governo, Iniciativa Privada e o Estado), devem atuar em bloco monolítico, a fim de alinharem seus propósitos, ações e metas, para que possa proliferar a inteligência democrática, com a participação igualitária de todos sem dicotomia ou vieses.

Na cidade de Garanhuns (PE), com a inserção da unidade acadêmica da URFPE através do REUNI, que posteriormente viria a se transformar na UFPE, foi possível contribuir com esse aumento do número de vagas, fato que, segundo os depoimentos coletados na nossa pesquisa, foi imprescindível para o ingresso na instituição, pois, historicamente, esse processo era bem restrito e difícil de ser acessado pelo grupo com as características dos nossos

entrevistados.

Em pesquisa sobre o acesso e sobre a democratização do ensino superior na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), verificou-se a baixa escolarização da parcela mais pobre da população em relação ao ensino superior. Além disso, a diferença de renda também se expressa na escolha dos cursos, por exemplo, dos alunos matriculados no curso de Medicina, 44% tinham renda familiar superior a 10 salários mínimos, já nos cursos de Pedagogia, esse percentual cai para 5% (Guerrini; Piconi; Sturion; Mata, 2018).

Além de a renda ser um fator impactante em relação ao acesso, os autores também citam os critérios étnico-raciais, os quais refletem na baixa presença de pessoas pretas, pardas e indígenas na escolarização em nível superior. Tal fato demonstra que os cursos de grande demanda são os que mais apresentam desigualdades em relação a esses fatores. Esses dados se entrelaçam com o fato de que as profissões que apresentam um maior prestígio em nossa sociedade são as que possuem os maiores desempenhos nos vestibulares, ou seja, são os cursos que atraem estudantes com maior capital cultural.

Esse cenário dificulta o acesso de alguns grupos a esse nível de ensino, envolvendo, principalmente, questões econômicas e sociais, de modo a contribuir com o processo de desigualdade que permeia o nosso país, uma vez que não estamos nos referindo a uma “minoría”, mas a uma maioria excluída do sistema de ensino superior brasileiro (Zago, 2006). Conforme Andriola e Barrozo Filho (2020, p. 597) apontaram, diante desse cenário, “nas últimas décadas, o Governo Federal tem recorrido à criação de medidas para expansão quantitativa, do acesso à Educação Superior, tais como a formulação de Políticas Públicas voltadas a essas camadas sociais menos privilegiadas”.

Em relação a essa democratização, Rocha e Carvalhaes (2023) defendem que, para pesquisá-la, além de investigar a expansão e os padrões de acesso, é necessário saber também onde ela acontece. Ou seja, não basta saber se a pessoa concluiu a graduação, pois o tipo de curso feito possui consequências distintas, como empregabilidade, prestígio social e retorno salarial.

Para que possamos verificar o impacto da expansão, não podemos pensá-la apenas pelo número de vagas ofertadas, por exemplo, porque a redução da desigualdade vertical, advinda com a universalização do acesso, pode coexistir com o aumento da desigualdade horizontal.

Quando nos referimos ao ensino superior no Brasil, não podemos deixar de citar os problemas que permeiam a realidade dos estudantes, como a dificuldade de acesso e permanência nas instituições. Dados do Censo da Educação Superior de 2022 (INEP, 2024) mostram que existem 2.595 instituições no Brasil, destas 2.238 são privadas e 312 são públicas. Ao compararmos esses dados, percebemos como são reduzidas as ofertas nas IES públicas, o que gera processos seletivos concorridos e, conseqüentemente, mais excludentes.

No ano de 2004, a relação candidato/vaga nas instituições privadas atingiu o índice de 1,6. Nesse mesmo período, essa relação era de 10,7 nas instituições públicas federais e estaduais (Pacheco; Ristoff, 2004). Esse dado demonstra a necessidade de ampliação e inclusão das instituições públicas nesse período.

No Brasil, entre o ensino médio e o superior, existe um aspecto que requer bastante atenção: o vestibular. Em nosso país, não dispomos de ampla garantia de acesso ao ensino superior, problemática que faz com que o indivíduo aprenda a passar no vestibular antes de aprender a ser estudante, o que Senkevics e Carvalho (2023) chamam de ofício vestibulando.

A adoção de um processo seletivo para ingresso no ensino superior no Brasil foi criada no dia 05 de abril de 1911, através do Decreto nº 8.659 (Brasil, 1911), quando foi aprovada a Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República, de forma que, em seu artigo 65, ficou instituído que o candidato deveria realizar uma prova escrita que verificaria seu desenvolvimento intelectual para, assim, acessar a instituição de Ensino Superior.

Por muitos anos, essa foi a única forma de ingresso em IES no país, na qual eram selecionados os candidatos que obtivessem maiores notas. Para Felicetti e Cabrera (2017), esse processo favorecia os estudantes que frequentavam as melhores escolas de educação básica, situação que

privilegiava os candidatos provenientes de famílias da elite brasileira, visto que esse grupo conseguia ter capital social e cultural que o colocava à frente de outros estudantes que não pertenciam a esse contexto social.

Pouco a pouco, o processo seletivo para ingresso nas universidades públicas foi se adaptando às novas demandas da sociedade. Com a aprovação da Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as universidades ganharam autonomia para deliberar e estabelecer seus critérios e normas para seleção e admissão de estudantes, levando em consideração as orientações para o Ensino Médio, conforme consta no Artigo 51 (Brasil, 1996).

No ano de 2005, conforme relatado pelos depoentes, o processo seletivo para ingressar na UFAPE, contava com uma prova escrita presencial dividida em duas fases, organizada pela Diretoria de Concursos e Vestibulares COVEST, com a possibilidade de utilização de uma porcentagem da nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Ao relatar como foi o processo para ingresso na UFAPE, Agrônomo afirmou que chegou a fazer vestibular para outro curso em outra instituição, porém não conseguiu aprovação,

No primeiro vestibular eu fiz pra jornalismo. Nossa era época da Covest não sei se você é muito, acho que você é mais nova do que eu, não sei se você pegou essa fase de Covest (risos) e se você não pegou essa fase, você deve, algumas pessoas podem ter dito a você que era muito difícil o vestibular, era o mais difícil do país. Aí fiz pra Jornalismo, é que eu gostava muito de literatura, aí eu pensei e tal. Mas eu não passei na segunda fase. Principalmente por conta de inglês. Aí em no meio do ano de dois mil e cinco ou, foi, dois mil e cinco, aí eu tomei conhecimento que tinha aberto uma nova universidade, um campus né? Uma Universidade em Garanhuns e que ia ter um vestibular de inverno, né? Foi no, depois do meio do ano, né? Era um período que não tinha vestibular em local nenhum, né? Tanto que se você pesquisar você vai ver que foi o mais concorrido pra entrar na UAG<sup>3</sup>, foi esse primeiro, né? Aí eu olhando, eu comprei o manual do candidato, só vendia nos Correios e não vendia nos correios da minha cidade, vendia em outras cidades, aí eu fui lá, comprei e fui ler os cursos (Agrônomo, 2023).

---

<sup>3</sup> Em respeito à fala dos nossos colaboradores e compreendendo o contexto do momento em que estudaram na instituição, não modificamos a forma como a ela se referiram. Assim, onde tem escrito UAG leia-se UFAPE.

Agrônomo afirmou que se dirigiu até a cidade de Arcoverde (PE) para comprar o manual do candidato e assim ter acesso às informações a respeito dos cursos e do processo seletivo. Ao ler sobre as atribuições e sobre as disciplinas, identificou-se com o curso de Agronomia, pois gostava muito da área de exatas, como matemática e física, como podemos observar neste trecho do seu depoimento:

Eu era bom, apesar de ter feito vestibular pra jornalismo, eu gostava e gosto muito de matemática, de física, eu me dava muito bem. Por um período que eu me dei muito bem. Matemática e física. Aí foi essa a escolha. Eu nunca tive vontade de fazer agronomia, mas dos cursos que estavam lá disponíveis. E eu indo fazer esse vestibular, eu arrastei mais uns amigos meus, mostrei a eles que tinha essa universidade e foram fazer comigo (Agrônomo, 2023).

Zootecnista fez vários vestibulares até conseguir a aprovação na UFPE e relata sua preocupação ao ver seus amigos conseguindo ingressar em outras faculdades e ele não. Além disso, afirmou que as seleções de que participava eram para instituições públicas devido às suas condições financeiras.

[...] aí eu sempre tive vontade de estudar, depois de entrar na faculdade, mas eu demorei bastante pra entrar, eu fiz vários vestibulares pra várias áreas diferentes. E eu não passava em nenhum e aí comecei a trabalhar, quando terminei o ensino médio, aí eu fazia vários cursinhos e tal e aí eu ficava nessa de ver meus amigos do ensino médio passando e perto de terminar o curso de graduação e eu não conseguia nem entrar, né? Aí, eu fiz Odontologia, fiz Educação Física, fiz biologia e aí todos eram em faculdade pública porque não tinha condições de pagar (Zootecnia, 2023).

Apesar da dificuldade, Zootecnista não desistia de tentar ingressar no ensino superior, até que ficou sabendo da chegada de uma nova universidade em sua cidade, como observamos no seu relato.

Então, eu tava nessa onda de não passar em nada, né? E aí quando veio a Rural pra cá, eu fiquei sabendo. Porque assim, eu fazia cursinho na época, deixa eu ver, que eu fiz tantos cursinhos, né? Mas nesse ano, não, nesse ano eu não tava fazendo cursinho, o vestibular foi no meio do ano. Geralmente

vestibular era só uma vez no ano e no final. E aí eu fiquei sabendo, eu lembro de uns cartazinhos, eu acho que a inscrição fazia no correio até. Se eu não tiver enganado, né? Aí a gente comprava manual, essas coisas. Aí eu lembro, se eu não estiver enganado, fiz a inscrição no correio ali do centro. E aí eu vi por um cartaz, se eu não me engano foi isso. E aí dos cursos que tinha, né? Que era zootecnia veterinária, agronomia e na época era normal superior que não era pedagogia (Zootecnista, 2023).

Assim, Zootecnista afirmou que foi procurar saber quais eram os cursos, quais as disciplinas e sobre o que tratava cada um deles. Por não gostar muito de matemática, descartou a possibilidade de fazer o curso de Agronomia e, da mesma forma, descartou o curso de Medicina Veterinária por ser da área de saúde, apesar de anteriormente ter feito alguns vestibulares para a área. Foi quando tomou a decisão de fazer a inscrição para o curso de Zootecnia apesar de afirmar não conhecer ninguém que tinha feito o curso. Ele relata:

Eu só quebrei a cara do negócio da matemática, né? E dos cálculos (risos), porque depois que eu entrei, eu digo, velho o que foi que eu fiz aqui, velho? (risos). Aí pronto, aí fiz a inscrição do vestibular e aí nesse ano, realmente eu tava só estudando no trabalho. A empresa que eu tava trabalhando era uma loja de peça de moto e tava bem ruinzinha assim, o movimento e tal, e aí eu passava o dia quase todo estudando e eu estudei nesse ano, eu estudei muito mais química e matemática, que era minhas, meus dois calos, né? Assim, eu tinha muita deficiência. E aí eu passei a estudar sozinho, porque eu já tinha feito vários cursinhos, à noite, pra sair do trabalho e tal. Aí eu fiquei estudando, estudando, estudando e aí fui fazer o vestibular, eu tinha feito o ENEM também, que nessa época o ENEM acho que valia só dez por cento pra quem era do Agreste Meridional pra subir a nota, né? E aí a nota minha do ENEM foi maior do que a nota do primeiro vestibular então ajudou, né? Esses dez por cento, e aí fiz a prova. Quando saiu o resultado assim, eu fiquei feliz da vida, porque é, na condição que eu tava de passar tanto tempo e não conseguia entrar, né? Eu já tava assim, apesar de tá estudando, eu tava bem me achando que não prestava pros estudos, porque não passava de jeito nenhum e aí eu via todo mundo passando. E aí, é da minha turma, acho que eu fiquei em primeiro, ou foi em segundo lugar, quando saiu o resultado. E aí, assim, eu tava todo orgulhoso, né? Mostrando pra todo mundo, o resultado e tal [...] (Zootecnista, 2023).

Ao concluir o terceiro ano do ensino médio, Veterinária afirmou que não pensava em ser médica, mas sabia que tinha que escolher uma área para

realizar o vestibular, pois, na instituição que estudava, esse era um tema constante. Como gostava muito de ler história, geografia e também pela referência dos pais que tinham concluído o curso de Direito na UFPE, pensou em ingressar nesse mesmo curso e se tornar advogada. Entretanto, ficou na lista de remanejamento do curso e, como não houve desistência, não conseguiu a aprovação. Diante dessa situação, voltou para a cidade do Recife para estudar em cursos preparatórios para tentar novamente o vestibular em uma universidade federal, pois, por questões financeiras, não poderia custear uma faculdade particular.

E aí fiz de março a julho. Porque em julho minha irmã, a mais velha, disse, [...] vai abrir um campus da Rural em Garanhuns. Vai ter veterinária, tu não quer fazer não? Aí eu disse, eu faço. [...]. Então, dois mil e cinco, no começo do ano tava em Recife, voltei pra Recife fazer cursinho. Aquela vida de três ônibus, o dia todo no cursinho, era isso, né? Aí isolada de não sei o quê, que na época da gente era muito mais difícil do que hoje, nesse sentido, a pressão era muito grande, redação (Veterinária, 2023).

Veterinária alega que a vida na capital pernambucana era bem cansativa, gastava-se muito tempo com deslocamento na cidade, devido aos constantes engarrafamentos no trânsito. Outro ponto era a questão da insegurança quando comparada ao interior, a sensação de segurança em relação à violência urbana era bem maior em Garanhuns. Além disso, havia as amizades que foram construídas ao longo do período em que Veterinária morou no interior. Esses aspectos, em sua opinião, contribuíam para o seu desejo em voltar a residir na cidade de Garanhuns, sendo esse o fator que a motivou a realizar o vestibular conforme seu relato.

Eu ficava na casa do meu avô, desse meu avô lá. E aí eu ficava no cursinho e voltava pra casa do meu avô estudando. Eu estudando o dia todo. E aí que, eu adorei Garanhuns. Hoje eu gosto muito mais de Garanhuns inclusive, e aí eu queria voltar pra Garanhuns. Então eu fiz vestibular pra veterinária porque eu queria voltar a morar em Garanhuns, foi esse motivo. E aí, minha irmã disse: quer que eu te inscreva? Eu disse: inscreve, porque eu tento, se eu passar eu tento fazer, se eu gostar eu fico. Como eu não tinha esse sonho, então pra mim o que viesse, o que eu me identificasse ia ser lucro. E se eu não gostar, eu tranco e vou tentar outra coisa. Aí ela me

inscreveu e aí já botou pra eu entrar, né? No primeiro, na primeira turma. Porque a outra turma só entrou em janeiro, né? Eu entrei em setembro, a gente entrou cinco de setembro, que toda vez tinha uma comemoração na faculdade, e tal. [...] Então eu fiquei em décimo terceiro de sessenta das duas turmas, eu fiquei em décimo terceiro ainda, por causa da área que eu estava estudando, né? E aí eu disse: não, vou tentar. Aí voltei pra Garanhuns e comecei a cursar veterinária e aí gostei do curso. Gostei da turma, gostei do curso e fui me identificando e, ai sabe, vou não, é isso mesmo que eu vou fazer (Veterinária, 2023).

Ao concluir o curso do magistério, Pedagoga começou a estagiar em escolas do município de Garanhuns (PE) através de contratos com a prefeitura. Entretanto, em seus relatos, afirmou que tinha um desejo grande em se especializar e tentou fazer psicopedagogia, mas devido a problemas com seu primeiro marido, passou por episódios de depressão, precisou fazer uso de medicamentos e, por isso, não conseguiu concluir.

Assim, Pedagoga ficou sabendo da chegada de uma universidade federal na cidade de Garanhuns, quando estava na igreja onde frequentava, através de algumas amigas e logo resolveu estudar, pois cursar uma faculdade particular estava fora da sua realidade.

Na época, eu e mais três amigas minhas e um amigo meu lá da igreja, irmãos lá da igreja, a gente ouviu, né? Dizer que a UAG estava vindo pra cá, foi Lula, né? Que trouxe na época, e resolvemos fazer. Aí a gente se juntou pra estudar. [...] Não lembro direito, eu sei que o comentário surgiu na igreja que eu frequento aqui próximo da minha casa, a igreja presbiteriana, que chama a Igreja presbiteriana do Planalto. Por que as filhas do pastor iam fazer e na época era vestibular, né? [...] ai eu não lembro como foi que a gente fez a inscrição, não lembro se eu fui lá, não lembro se foi on line, eu não lembro, eu sei que o vestibular foi naquele mesmo prédio onde depois tornou-se faculdade, o vestibular foi lá mesmo. [...] Aí eu fiz vestibular na época, era vestibular. Aí eu prestei vestibular e passei, no primeiro vestibular que eu prestei, eu passei, graças a Deus. Aí foi na UAG, ai realizei meu sonho né? Que era fazer uma faculdade, uma universidade (Pedagoga, 2023).

Analisando esses relatos, observamos que a escolha dos cursos de Zootecnia, Agronomia e Medicina Veterinária se deu de forma menos pretensiosa, não era um sonho de infância e não havia vivências anteriores.

Agrônomo e Zootecnista afirmaram, inclusive, que desconheciam a área de atuação na hora de escolher seus cursos e precisaram procurar nos manuais para saber de que se tratava. Veterinária, por ter um avô que já tinha formação superior na área, sabia do que se tratava, mas decidiu inscrever-se para retornar à cidade de que tanto gostava. Diferentemente dos outros, Pedagoga, já atuava na área da educação e gostaria de obter o título do curso superior.

Em sua pesquisa, Senkevics e Carvalho (2023, p. 3), ao discutir sobre os impasses dos estudantes na transição para o ensino superior, observaram, durante as entrevistas, um tipo de senso de “apropriação da universidade enquanto um bem público alicerçado em uma visão socialmente construída de direito ao ensino superior”. Da mesma forma, identificamos em nossos depoentes essa visão em relação à instituição, que somada ao prestígio que a IES apresentava na região, contribuiu para que eles tivessem o interesse em ingressar nelas antes mesmo da escolha dos seus cursos, em alguns casos.

Ainda considerando os motivos que levaram os entrevistados a optarem por seus cursos, foi possível observar uma particularidade em relação ao relato de Pedagoga, por ter sido a única que relacionou a sua escolha pelo curso de Licenciatura em Pedagogia a um sonho antigo, já que os demais expressaram o sonho de ter um diploma de curso superior em uma universidade pública federal, sem especificar o curso.

Um dos resultados mencionados por Rocha e Carvalhaes (2023) na pesquisa sobre o perfil socioeconômico dos estudantes de licenciaturas no Brasil indica que a realização pessoal é o principal motivo que leva os discentes do curso de licenciatura em Pedagogia a optarem pelo curso. Ainda na mesma pesquisa, os autores identificaram algumas tendências de perfil dos discentes das licenciaturas associadas à situação socioeconômica mais baixa e a mulheres. Para os autores, “nos cursos de Pedagogia, em especial, 31% dos estudantes tinham mais de 37 anos no momento da pesquisa, ao passo que tal índice não atingia 20% nas licenciaturas específicas” (Rocha; Carvalhaes, 2023, p. 5).

Em seu estudo, Zago (2006) chama atenção para algumas tendências de pesquisas que analisam o estudante universitário de origem popular, frisando que recentemente observou-se um interesse nas pesquisas

sociológicas pelos casos que se distanciam da visão dominante que associa o fracasso escolar a esses meios sociais. Parte dessas investigações procura explicar quais os processos que possibilitaram o rompimento dessa tradição de um tempo de escolaridade mais curto nesse contexto. Tais estudos contribuem para uma maior visibilidade a essas ações, contrariando as visões estigmatizadoras que são associadas a esse público.

A autora afirma que ainda são poucos os estudos que abordam como alguns indivíduos conseguem traçar caminhos distintos dessa realidade. Logo, o acesso dessas pessoas de origem popular ao ambiente universitário estimula a necessidade de conhecer seus perfis e suas visões de mundo a fim de compreender os fatores que contribuem para essa mudança e quais suas consequências, de modo a permitir uma melhor elaboração de propostas de políticas sociais que atuem diretamente nessa realidade.

Para a pesquisadora, diferente do que acontece com os indivíduos provenientes da camada média intelectualizada da sociedade, para a qual o ensino superior é quase que um acontecimento inevitável, para a camada mais vulnerável, chegar a esse nível de ensino nada tem de natural, pois, “com um histórico escolar pouco competitivo e o alto grau de concorrência no vestibular, todos os entrevistados tinham uma apreciação muito crítica sobre suas chances objetivas” (Zago, 2006. p. 231).

Neste sentido, quando o estudante é aprovado no vestibular, sendo a primeira tentativa ou não, de forma que não se concretiza sua previsão de fracasso, por vezes, esse acontecimento é atribuído à “sorte”, de modo que o estudante apresenta dúvidas da sua capacidade (Zago, 2006).

Identificamos, durante as nossas entrevistas, que, no momento de relatar a aprovação no vestibular, todos esboçaram o sentimento de surpresa e profunda alegria que sentiram ao receber a notícia, seja por ser a primeira tentativa, como no caso de Pedagoga, seja por ter sido aprovado após tantas tentativas como Zootecnista.

Esse aspecto demonstra que, de fato, existia uma desconfiança de cada um quanto às suas capacidades intelectuais para aprovação no vestibular. Segundo Alves (2022), essas tensões acontecem na medida em que o indivíduo acredita que, para superar sua condição social, é necessário

ingressar no ensino superior, entretanto não dispõe de algumas condições objetivas, como o capital cultural exigido e/ou o tempo para se dedicar aos estudos.

Dentre os quatro participantes da nossa pesquisa, três afirmaram ser os primeiros do seu núcleo familiar a concluir o Ensino Superior, com exceção de Veterinária, pois seus pais tinham formação superior na área de Direito, como podemos observar, nos trechos a seguir, quando relataram sobre o fato de serem os primeiros da família a ingressar no ensino superior:

Na casa dos meus pais sim, porque sou o mais velho, ai eu fui o primeiro (Agrônomo, 2023).

Lá de casa mesmo, eu era o único que tinha, que tinha feito curso superior. O meu irmão quando faleceu, ele tipo, eu acho que ele tinha feito até a oitava série só. Meus pais também não, não tem estudo, né? Meu pai é analfabeto, minha mãe tem só ensino fundamental incompleto, né? Acho que ela só fez até a sétima série. E minha irmã acho que ela fez um curso de administração. Naquela um, eu não sei se foi UNOPAR, eu acho que era Unopar, mas à distância, toda à distância e ela terminou, acho que deve fazer uns três anos que ela terminou, só que foi bem depois que eu terminei que ela resolveu fazer uma graduação (Zootecnista, 2023).

[Fui a primeira] Entre as minhas irmãs. Isso. Meus pais têm, meu avô tinha, né? (Veterinária, 2023).

Nenhum dos meus irmãos na época tinha faculdade. Aí pra mim era assim, um orgulho muito grande de eu ser a primeira pessoa da minha casa, primeiro dos meus irmãos a me formar, ter uma faculdade. E através de mim meus irmãos criaram incentivo e depois mais três se formaram (Pedagoga, 2023).

Analisando os depoimentos sobre o histórico familiar de cada entrevistado em relação ao acesso ao ensino superior encontramos particularidades que merecem reflexão e análise. Fazer parte da primeira geração do núcleo familiar a ter acesso ao ensino superior desencadeia mudança de vida e de contexto social. O acesso ao conhecimento contribui para mudanças significativas em relação à cultura e às formas de enfrentar, entender e agir no mundo (Felicetti; Cabrera, 2017).

Ser a primeira geração a conseguir uma aprovação no vestibular de uma universidade federal proporcionou para esse grupo melhores perspectivas de

vida na sociedade, além de possibilitar o contato e a apreensão de um capital cultural que até então não era acessado por sua família. Tal situação impactou não só a sua geração, na medida em que eles incentivaram também seus irmãos, mas também as gerações futuras.

Dessa forma, para esse grupo, acessar uma universidade constituiu aspecto relevante no campo da mobilidade social. Sabemos que esse acontecimento, por si só, não dá conta da complexidade de fatores que envolvem a mobilidade social e o desenvolvimento da nação e que a desigualdade de oportunidades no Brasil vai muito além de aspectos educacionais.

Todavia, o que conseguimos apreender nessa parte da análise é que o ensino superior proporcionou a esse grupo mudanças que impactaram não só a vida deles, mas a de seus familiares e, por que não dizer, da sociedade, uma vez que possibilitou a um perfil de estudante oriundo de núcleos familiares populares acessar esse nível de ensino.

Assim, a implantação de uma universidade federal no interior de Pernambuco possibilitou ao grupo pesquisado condições de acesso a um nível de formação profissional e cidadã que até então só era disponibilizado na capital Recife. De acordo com as entrevistas, conseguimos visualizar a importância da expansão e da democratização do ensino superior no país na vida de cada um dos entrevistados.

## 5.1 CAMINHANDO: TRAJETÓRIA NA UFAPE

Nesse momento da pesquisa, tínhamos o interesse em entender como foi a trajetória dos participantes na UFAPE, abordando aspectos importantes do dia a dia, os professores, as aulas, os projetos, os colegas, as facilidades e as dificuldades, enfim, identificar elementos que permearam suas experiências na instituição, uma vez que, após conseguir ultrapassar a barreira do ingresso ao ensino superior, os depoentes precisaram lutar pela permanência e pela conclusão.

De acordo com os resultados das pesquisas realizadas por Zago (2006) e Costa e Picanço (2020), é errado considerar “sucesso escolar” o acesso ao ensino superior, pois só esse aspecto não basta, esse sucesso vai muito além

disso, é necessário considerar outras características como a escolha do curso e as condições de inserção e permanência. Segundo Zago (2006, p. 233), “se o ingresso ao ensino superior representa para este grupo de estudantes uma ‘vitória’, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso”.

Durante os depoimentos sobre o período em que estiveram na UFAPE, pudemos perceber como um ponto comum entre os entrevistados falas de muita admiração e orgulho por terem feito parte e vivenciado todo o processo de implantação de uma instituição, onde eles fizeram questão de destacar os momentos de superação que se fizeram necessários. Também foram comuns relatos sobre as dificuldades presentes nesse período.

Ao ingressar na instituição, os depoentes relataram que iniciaram as atividades em um prédio provisório e sentiram falta de muitos materiais e de uma melhor estrutura física. Foi comum o relato sobre as aulas assistidas embaixo de algumas árvores nesse espaço, o que geralmente foi associado a uma lembrança boa. Além disso, corpo docente, técnicos administrativos e demais funcionários foram citados em um misto de admiração e superação.

Ao iniciar descrevendo suas trajetórias na UFAPE, os participantes da pesquisa relatam que se sentiram muito felizes com a aprovação, ficaram bastante animados e também desfrutaram de momentos bons e ruins. No início, comentaram que sentiram muitas dificuldades em relação à infraestrutura física da instituição, visto que estavam em um prédio provisório, que não dispunha de tantos recursos para os cursos, conforme trechos a seguir,

[...] Sem falar que o curso de agronomia, diferente dos outros cursos que tinham lá, principalmente, é, os que tinham uma prática mais em campo, a gente era mais defasado porque não tinha laboratório, não tinha campo experimental, não tinha onde você plantar, era tudo uma burocracia pra ser feito. Era mais complicado. Diferente, muitas vezes, do curso de veterinária, o curso de zootecnia, quando eles tinham no primeiro período anatomia, eles tinham um local lá incrível, tinha o Centro de Zoonoses, que eu tinha até um colega que era monitor, ele ia direto pro centro de zoonoses, tinha a clínica de bovinos, tinha um suporte. A gente da agronomia não tinha [...]. É, eu vejo é, que a gente penou bastante por ser os primeiros, né? (Agrônomo, 2023).

Foi naquele prédio lá atrás do [Hotel] Tavares Corrêa e aí a estrutura era péssima, né? Não tinha nada. Assim, pra área da zootecnia, né? Mas como começou a ter tipo um laboratório de informática, isso tinha desde lá aquele outro prédio, biblioteca começou a ser montada lá também, mas era pouca coisa que tinha, mais assim, ao livros que iniciavam [...] Já tinha umas coisas de biblioteca já, mas como o curso de, tipo de veterinária, agronomia e zootecnia, as disciplinas do básico elas tinham muita semelhança, de química, de biologia, então esses livros, a gente era abastecido, mas assim, estrutura de laboratório [sinal negativo com a cabeça]. [...] Então a gente não sabia de nada, assim, uma vez ou outra a gente viajou pra Recife, por exemplo, na disciplina de zoologia a gente foi pra o Laboratório de lá, é um ou outro professor levaram a gente pra exposição de animais lá, então as vezes, assim uma visita técnica em alguma fazenda aqui próximo, mas também não era muito não (Zootecnista, 2023).

[...] Só que a defasagem do curso, da própria estrutura, a gente não tinha muita oportunidade de crescer nessa área [clínica], então a gente achava que não dava pra ser, enfim [...]. A gente tinha, teve aula, a gente lembra todo mundo da turma debaixo do pé de manga, tinha um monte de pé de manga lá no prédio temporário, que a gente nem tinha estrutura de Rural ainda. [...] É o prédio por trás do [Colégio] Quinze ali, do lado, era do lado do [Colégio] Meridional, era ali. Então, a gente tinha aula ali e a gente ficava debaixo dos pés de manga, tendo aula de anatomia com ela [professora], fazendo seminário, enfim, tudo era muito precário mesmo assim. Aí eles traziam livro de Recife pra gente tirar xerox e ter onde estudar, a gente não tinha biblioteca, a gente tinha exemplares de livro, um de cada e isso. E aí era um livro, eu lembro que esse de anatomia que eu falei, era o pior livro que tinha, que não tinha foto nenhuma [risos] na verdade era todo preto e branco, não era, era péssimo, era bem antigo, era muito bom, era muito, né? Grosso e tal, bem grande, mas era péssimo pra estudar [...] (Veterinária, 2023).

Era uma luta, porque as salas eram salas antigas. Salas pequenas. Não tinha recurso. Não tinha recurso nenhum. Qual era o recurso que tinha ali? Não tinha nada, a gente entrou com a cara e a coragem, tanto a gente como os professores, principalmente os professores, né? Tinha que se virar nos trinta, né? (Pedagoga, 2023).

O Ensino Superior brasileiro enfrentou e enfrenta grandes desafios desde sua implantação, e, de acordo com Silva (2001), um dos seus grandes problemas é a escassez de recursos financeiros. Segundo Mancebo, Vale e Martins (2015, p.39), uma das críticas recebidas pelo programa de expansão universitária seria em relação aos recursos destinados para a melhoria da

infraestrutura das instituições que estariam “insuficientes para o atendimento da expansão em curso e para a qualidade das atividades acadêmicas”.

Para Lima e Machado (2016), as críticas feitas à democratização e ao crescimento do ensino superior permeiam a pauta da perda da qualidade, discussão que, segundo os autores, está longe de um consenso até pelo próprio embate em torno da definição de qualidade.

Os participantes relataram, em seus depoimentos, que as dificuldades estruturais encontradas durante o início dos seus respectivos cursos dificultaram em alguns momentos o processo de ensino aprendizagem, pois, não dispunham muitas vezes de laboratórios e materiais para aulas práticas, além de haver poucos livros disponibilizados pelo setor de biblioteca. Para Lima e Machado (2016), não podemos ignorar a existência de vários problemas gerados pela expansão ou por ela acentuados.

Para Peñaloza (2022), as orientações políticas em nosso país buscam reduzir ou não ampliar o apoio financeiro às universidades públicas, mesmo diante das demandas por aumento de vagas e produção. Logo, os relatos dos participantes da pesquisa demonstram que, de fato, existiam problemas estruturais na IES, não só por se tratar de um prédio provisório, mas por todo o contexto da própria implantação de uma nova universidade.

Diante disso, “o REUNI surge num momento e contexto de aumento dos investimentos do Governo Federal na educação pública brasileira” (Lima; Machado, 2006, p.403), mas, mesmo com os recursos destinados ao programa, os participantes da pesquisa relataram vivências de dificuldades estruturais ao mesmo tempo em que reconheceram que, durante o processo de implantação da universidade, e, principalmente, com o início das obras do prédio definitivo, esses problemas foram diminuindo gradativamente conforme relato de Zootecnista.

[...] Quando a gente estava já terminando, aí já estava muito mais estruturado em comparação, né? E aí um ou dois anos depois que eu terminei, quando eu estava no mestrado, eu vim fazer minhas análises do mestrado aqui [Garanhuns]. Porque eu tive que mudar de projeto lá no Recife aí, é, meu orientador queria que eu prorrogasse e eu disse a ele que eu não tinha condição nenhuma de prorrogar porque não dava pra ficar no Recife. Aí falei com a professora Keila aqui [Garanhuns], o

laboratório já tava muito, muito, muito estruturado. E aí eu fiz minhas análises do mestrado todinha aqui [Garanhuns], e aí nessa época já tinha laboratório de nutrição de solos, já tinha um monte de coisa, né? Mas na época da gente (Zootecnista, 2023).

Apesar das dificuldades estruturais relatadas, todos concordaram em afirmar que desfrutaram de bons momentos na instituição. Nesse aspecto, também houve unanimidade em relação à importância dos docentes em todo o período do curso, os quais incentivavam e apoiavam os estudantes, como observamos nos seguintes relatos,

Antes era complicado, mas eu gostava muito da galera lá, né? Teve um período que eu passei em laboratório, era bom, que tinha uma companhia. Meus professores, que tenho uma amizade com alguns ainda, principalmente o Marcelo Metri que é, foi meu orientador de PIBIC, eu tenho amizade com ele. Pronto, isso é o que fica, além do fato de que eu aprendi muita coisa, né? (Agrônomo, 2023).

E aí quando eu entrei, a disciplina de química, [...], que eu não gostava de química antes. [...]. Aí gostei muito, porque eu tive ótimos professores, né? Que era a Suzana Rufino, tinha professor de matemática que ele, a gente tava sem professor de matemática, né? Que Sansuke chegou depois. Aí todos esses professores de química e matemática que eu tive foram maravilhosos, né? Eu ficava encantado e eu aprendia mesmo, né? Aí uma vez, a gente organizando esse negócio de festa, calourada, pra juntar dinheiro pra turma, aí eu tirei um e meio numa prova de química, aí a professora disse: meu Deus, tu tirou um e meio, tava tão na esperança que tu fosse meu monitor no semestre que vem. Aí aquilo ali me endoidou a cabeça, né? Aí eu disse: meu Deus, vou ter que recuperar essa nota, porque a professora disse que eu ia ser monitor. Aí estudei, estudei, estudei, pra fazer a terceira VA [Verificação de Aprendizagem] e eliminar aquela nota, né? Aí estudei, aí não lembro a nota que eu tirei não, mas assim, eu tirei uma nota boa e tal, aí passei e aí quando foi no semestre seguinte, ela abriu a seleção de monitoria. Aí tinha a prova, né? [...]. Aí eu estudei pra prova [...]. Enfim, aí foi eu e Mábio, monitores da disciplina (Zootecnista, 2023).

Então, a gente contou também com professores muito bons nesse sentido, de querer suprir o que a gente não tinha e levar a gente nas aulas, a gente arrumava aula prática [...]. Eu lembro de um professor que ele, a gente não tinha aula prática nenhuma de ultrassom e botou os carneiros por, naquelas rampas, não tem as rampas da rural? Não tem umas rampas? [...]. Ele botou os carneiros pela rampa, a gente subiu com eles pelo corredor da faculdade pra ter aula dentro da sala de

ultrassom, porque a gente não conseguiu sair, alguma coisa assim, e ele até respondeu processo administrativo, porque não podia, mas enfim, mas foi a forma que ele achou da gente poder ter alguma prática porque não estavam liberando a gente pra sair. Por algum motivo, acho, não sei se não trocou aula, eu não lembro [...]. E aí a gente teve professor mudando didática porque a turma toda conversou e ninguém estava entendendo. A gente era muito de conversar, minha turma, e a gente conseguia resolver no final das contas [...]. Se você perguntar aos professores, eles sempre dizem assim, a primeira turma foi uma turma, né? Porque a gente não era vítima e era muito interessado, né? Então, era uma turma boa, não era tão ruim não [...]. Porque lá a gente tinha professores que faziam de tudo pela gente sim, retiravam do bolso pra fazer, pegar material pra gente, isso a gente sabe não por eles, depois a gente ficou sabendo, né? (Veterinária, 2023).

Aí na época, professor Marcelo, que é tampa, Juliene, né? Professor Cláudio. E todos os outros, tudo professor bom. Só doutor [...]. Naquela época tinha que ser doutor. Então todos doutor. Nenhum daqui [Garanhuns]. Alguns professores, era a primeira turma de universidade deles. Então eles deram tudo de si, por saber que aquela universidade era a primeira academia no interior, né? Então eles deram tudo de si. Chega me arrepio de falar e assim foi bom demais, bom demais, eles assim, eles davam muita força a gente, muita força. Professor Marcelo, professora Juliene nada se perdia, o que você falasse na sala de aula eles davam jeito de arrumar ali, embora que não fosse aquilo que eles quisessem, mas eles davam um jeito de arrumar e sua resposta estava boa pra eles. Era desse jeito. Eles eram esse tipo de professor, Professor Marcelo, Professora Juliene. Ainda hoje eu me comunico com o professor Marcelo muito, a gente se comunica direto. Ele vem aqui na minha casa quando ele vem aqui em Garanhuns, vem com a Aurora e Alessandra pra casa. E foi muito bom, foi um período um período maravilhoso. Professor Cláudio quando a gente encerrou, ele levou a gente pra Itamaracá. Nós passamos três dias num hotel lá em Itamaracá por conta dele. [...] A gente tinha um professor de matemática que não correspondia muito com as nossas expectativas e a gente brigou, a gente foi até pra Recife brigar, aí trouxeram Sansuke. Aí pronto. Aí maravilha. Maravilha. Correspondeu as nossas expectativas e foi muito bom. Vitória, era nossa professora de artes, ó muito bom, só coisa boa, lá da universidade só coisa boa, acho, acho não, eu tenho certeza foi a melhor época da minha vida com relação a estudo, foi a UAG (Pedagoga, 2023).

Através desses trechos, conseguimos apreender que os docentes da instituição tiveram um papel importante na vida dos discentes, impactando suas ações, no sentido de estimular a permanência na universidade e os estudos. Foi observado, durante as análises das entrevistas, que essas vivências

despertaram a admiração e o reconhecimento pelos seus esforços na prática de sala de aula por parte dos nossos entrevistados. Esses fatos não se detiveram a apenas um curso, uma vez que diferentes experiências foram citadas por todos e demonstraram resultados positivos, de forma que foi possível observar que o comprometimento dos docentes foi além do repasse de conhecimento.

Para Junges e Behrens (2015), o trabalho do professor no ensino superior se justifica através da transposição do conhecimento científico em aprendizagens significativas aos discentes. Além disso, com a expansão do nível superior e com a diversidade dos discentes, é necessário que os professores compreendam o contexto no qual ensinam, a quem e como ensinam. Assim, esse trabalho vai além do domínio dos conhecimentos da sua disciplina, é necessário que “[...] o professor também atue sobre fundamentos pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem, aliados aos saberes de sua experiência e de sua produção científica” (Junges; Behrens, 2015, p.286).

Segundo Borralho, Fialho e Cid (2012), é preciso que o docente universitário se preocupe, sobretudo, com o fazer aprender, incrementando, nesse processo de aprendizagem, além das competências básicas profissionais, a autonomia, o pensamento crítico e a reflexão.

Uma característica que nos chamou atenção nessa parte das entrevistas foi em relação ao estabelecimento de um certo grau de amizade que os depoentes relataram ter conseguido estabelecer com alguns dos seus professores, o que também teve uma contribuição significativa para seus processos formativos.

Em pesquisa sobre prática docente no Ensino Superior, Junges e Behrens (2015) realizaram entrevistas com um grupo de professores desse nível de ensino lançando reflexões acerca de suas práticas pedagógicas. Ao analisar as respostas dos docentes sobre os relacionamentos com os alunos, as autoras afirmaram que, na medida em que começava a existir uma aproximação entre eles, os alunos passavam a demonstrar mais interesse nas aulas, de forma que se percebeu um aumento mútuo de confiança e comprometimento.

Para as autoras, as parcerias entre professor e aluno contribuem para uma melhor participação do corpo discente, pois “[...] alunos interessados e comprometidos estimulam o trabalho do professor, favorecem a comunicação dialógica, a descoberta e a aprendizagem significativa” (Junges; Behrens, 2015, p.305).

Quando o docente estimula a participação e a colaboração dos discentes durante aulas, projetos e demais atividades acadêmicas, são produzidos impactos positivos no processo de aprendizagem que resultam em um melhor rendimento acadêmico (Borralho; Fialho e Cid, 2012).

Diante disso, é possível afirmar que o trabalho docente no ensino superior vai além da formação profissional do seu alunado, já que o compromisso abarca também a formação cidadã e ética de pessoas que interferirão na construção de uma sociedade (Junges; Behrens, 2015), característica que pudemos observar através dos relatos dos entrevistados, quando comentaram sobre as boas experiências que tiveram com seus professores.

Além disso, foi possível observar também relatos sobre participações em atividades acadêmicas de pesquisa e extensão, que contribuíram em diversos aspectos para a permanência e para o crescimento intelectual e profissional nas áreas específicas de cada depoente.

Sobre sua participação em PIBIC] Sim. Acho que foi uns dois anos e meio. Não recordo. Eu fui monitor também. Fui monitor da disciplina de física. Que era, o professor era Carlindo, [...] uma figura [risos]. Esse foi um dos períodos mais divertidos que tive na UAG, foi o período que eu era monitor de Carlindo, porque cada dia era uma pérola diferente e quando eu comecei a ser monitor dele era no prédio antigo e tinha que dar aula ao pessoal, né? Principalmente a turma de Zootecnia, é que zootecnia era da manhã. Que por sinal, tinha um amigo meu que estudava, fazia Zootecnia. Eu era monitor de Agronomia, mas dava aula pra Zootecnia. É, e teve um período que eu dava aula até debaixo da árvore [...]. Até, na época, o coordenador dos cursos de graduação era o Marcelo Machado Martins, até ele me elogiou, me deu os parabéns, por essa iniciativa que eu tive de dar aula lá na natureza, né? Na árvore [risos]. E o PIBIC foi com Marcelo Metre. Na área de solos (Agrônomo, 2023).

[...] Aí passei um ano, aí fiquei fazendo projeto de extensão com a mesma professora de química e aí, foi aparecendo

outras monitorias, outros projetos e aí eu comecei a participar, mudei pra Cleber Regis, ele me ensinou muita coisa, principalmente a escrever, né? Que foi as primeiras viagens assim, pra um congresso, apresentar trabalho, foi tudo com ele (Zootecnista, 2023).

A gente teve aula nos centros zoonoses, a gente dizia que a gente ia roer osso lá, porque a gente ia preparar as peças, então a gente não usou as peças, a gente preparou e a partir das outras turmas que eles foram usando. A gente ficava lá roendo o osso literalmente, aí tirando carne toda, aquele cheiro de formol, a gente almoçava lá mesmo. Era isso menina, era bem assim [risos]. Mas foi muito bom, foi muito bom. [...] Então aqui a gente percebeu uma diferença de, ah tem que fazer monitoria, a gente tem que fazer iniciação, a gente tem que fazer, né? PIBIC, PIC e tudo mais. Então a gente tinha muito isso aqui [...] (Veterinária, 2023).

[...] Sim, a gente passou um tempo dando aula em Capoeiras, numa comunidade que tem em Capoeiras, uma comunidade bem pobre. E a gente ficou indo várias vezes pra lá pra orientar os professores. O Professor formou uma turma e a gente ia pra orientar os professores lá porque era aqueles professores assim sem muita capacitação, que dava aula a comunidade e assim foi muito aprendizado (Pedagoga, 2023).

De acordo com a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), ficou fixado, em seu Art. 207, que, “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Assim, cabe a essas instituições inserir tais atividades em seu cotidiano.

Através dos relatos, observamos que, enquanto estavam na graduação, os depoentes tiveram a oportunidade de participar de atividades de monitoria, pesquisa, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIC), e extensão, reconhecendo a importância dessas atividades em suas formações.

A Lei n. 5.540 de 1968 (Brasil, 1968) fixa as normas de organização e funcionamento do Ensino Superior, de modo a estabelecer, em seu Art. 41, que “as universidades deverão criar as funções de monitor para alunos do curso de graduação [...]”. Com o objetivo de promover a iniciação à docência, a UFPE descreve em seu PDI 2023-2028 (UFPE, 2023) que a monitoria é uma colaboração entre docente e discente monitor e entre discente monitor e seus monitorados.

Por meio dos programas de monitoria, o interesse pela docência é estimulado no aluno. Além disso, há também a possibilidade de aprofundamento do conhecimento da área de atuação da disciplina, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem, tornando-se, assim, um processo ativo, cognitivo, construtivo, significativo, mediado e auto-regulado (Gonçalves, et al., 2021).

Da mesma forma, a iniciação científica (IC) também se configura como um instrumento de construção e desenvolvimento do pensamento crítico, sendo esse um dos caminhos para a formação de pesquisadores, uma vez que insere os discentes na prática da pesquisa.

Para Cabrero e Costa (2015), as atividades de IC se constituem em uma obrigação das universidades, assim se configuram como um mecanismo de formação e não podem ser confundidas com uma tarefa passageira. Além disso, com a IC, os discentes têm a oportunidade de desenvolver projetos de pesquisa, vivenciando debates através da interação com outros pesquisadores, e de conhecer os processos utilizados na geração de novos conhecimentos, contribuindo, assim, para a aquisição da maturidade e dos demais valores indispensáveis à carreira acadêmica.

Sobre isso, Canaan e Nogueira (2015) afirmam que a oportunidade de participar de uma pesquisa de IC desenvolve, nos discentes, maior domínio sobre o conjunto de disposições necessárias para o desenvolvimento da atividade científica, como, por exemplo, o conhecimento dos códigos e da linguagem acadêmica e da sua utilização de forma apropriada.

Costa (2021) complementa afirmando que a iniciação estimula o processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências, possibilitando a realização de pesquisa em diferentes contextos, oportunizando ao discente um despertar pela área acadêmica. Outro aspecto observado por Cabrero e Costa (2015, p.112) e Bardagi e Hutz (2012) em suas pesquisas é que, geralmente, poucos estudantes de graduação envolvidos com pesquisa abandonam ou interrompem o curso superior, por isso é esse mais um efeito do envolvimento com as atividades da universidade.

Além da iniciação científica, as atividades de extensão universitária não só promovem a ciência, mas também estimulam a busca por soluções para os

diversos problemas observados nos campos de atuação dos docentes e discentes.

A Resolução n. 6/2022 da UFAPE, que dispõe sobre a sua política de extensão, em seu Art. 2, esclarece que

[...] a extensão tem como objetivo promover a interação dialógica entre as instituições de ensino superior e os demais setores da sociedade, por meio da troca de saberes, da produção e da aplicação do conhecimento, visando o protagonismo do/a estudante em sua formação de profissional-cidadã e a transformação social (UFAPE, 2022).

Segundo Nunes e Silva (2011), através da extensão, a universidade recebe da comunidade demandas que contemplam suas reais necessidades, anseios e aspirações, ao mesmo tempo em que leva o conhecimento e/ou assistência, de forma que essa interação contribui para o desenvolvimento e para a melhoria da qualidade de vida da comunidade na qual está inserida, exercendo, assim, sua responsabilidade social.

Assim, ocorre a troca entre os saberes sistematizados da academia e os populares, possibilitando o confronto com a realidade local e proporcionando a participação da comunidade (Silva, *et al.*, 2019). Dessa forma, a extensão, aliada ao ensino e à pesquisa, produz profundas mudanças no processo pedagógico, uma vez que possibilita aos docentes e aos discentes envolvidos constituírem-se como sujeitos no ato de aprender.

Além das atividades citadas, os participantes da pesquisa também relataram diversas experiências com aulas práticas e participação em congressos científicos. Nesse momento das entrevistas, observamos que os relatos eram acompanhados de sorrisos, de um sentimento de orgulho que tiveram ao participar de eventos científicos, da satisfação em conhecer lugares novos que até então não tinham tido oportunidade, e, mais uma vez, de reconhecimento dos esforços empenhados pelos docentes nessa etapa, seja na escrita dos artigos apresentados seja nas viagens para as vivências, conforme os trechos a seguir:

Eu fui, não por intermédio da UAG, né? Mas eu fui por estar lá, acabei indo e consegui recurso e fui pra o congresso brasileiro

de ciência do solo. Em Fortaleza, aí eu fui no ônibus da Universidade Rural de Pernambuco lá de Recife a Fortaleza de ônibus, não era muito confortável, mas eu fui e aí foi lá, ficamos hospedados num hotel bacana. Muito bom o hotel lá em Fortaleza. O Hotel e o congresso todo foi [custeado] por mim. Só a viagem que foi pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (Agrônomo, 2023).

Teve, a primeira vez que eu fui no Recife, não, foi não, não, foi um congresso que eu fui, eu tava no segundo período, aí foi no Recife, mas já tinha ido no Recife fazer vestibular. É teve alguns lugares, no interior, de Alagoas, Santana do Ipanema, foi através da UAG, João Pessoa, eu nunca tinha ido, aí fui pra um congresso através da UAG. É, deixa ver mais, Maceió pra um congresso também, mas Maceió eu já conhecia. Então, foi mais alguns lugares aqui próximos. Aqui próximo de Garanhuns (Zootecnista, 2023).

A gente foi, era próximo, era na nas cidades próximas, acho que a gente foi em Saloá, a gente foi em Gravatá, a gente foi em Recife, eram lugares mais próximos, mas que a gente conseguia ter aula prática com os conhecimentos deles [professores], né? Produtores amigos ou deles mesmo da família. A gente foi pra aula prática de ginecologia, parte de produção animal, a gente teve aula prática, a gente foi pra, virose, bacteriose a gente teve aula prática, aí teve um, alguma coisa que eles fizeram uma semana em Recife, a gente foi, todo mundo, a gente fez aula prática em várias áreas lá, cirurgias, clínica, porque a gente não tinha tido nada aqui. E a aula prática da gente foi uma semana. A gente foi no hospital, né? lá. Eles conseguiram isso, a gente foi pra lá pra ter aula prática (Veterinária, 2023).

[...] uma vez [risos] a gente não teve o que fazer [risos] foi todo mundo pra nascente do Mundaú aqui, o professor disse olha, o professor Cláudio disse assim, amanhã vai todo mundo pra nascente, viu? Se prepare que a gente vai pra dentro do mato. Ai minha filha, lama, todo mundo de tênis, a lama dava aqui olha [risos, apontando para o joelho], na gente olha, e o tênis não adiantou de nada [risos]. A gente botou o pé dentro da lama e foi pra nascente, coisa mais linda do mundo, a nascente. [...] aí a gente foi pra nascente, ver a nascente, uma nascente, pegar água da nascente pra analisar, aí pra estudar sobre mata ciliar, essas coisas, né? Que na época a nascente já estava assim com a mata ciliar bem, assim, pouquinho que dá, você sabe que tem uma distância, né? Da nascente pra mata ciliar, né? E naquela época a gente foi e constatou isso [...]. A gente viajava, minha filha, a gente tem o nome da gente aqui, no Elfe, um congresso que acontece, todo ano acontece esse congresso e aí nós fomos, participamos desse congresso. Junto com Juliene, né? Na época, aí foi Juliene que nos orientou. Nós viajamos pra tanto lugar, nós fomos pra o Vale do Catimbau sem nenhuma experiência [risos], lá vai, todo mundo pro Vale do Catimbau, com um pingo de água, no verão,

nequinho passou mal depois, quase que desmaiava [risos], eu mesmo quase desmaio [risos]. [...] A gente foi pra Recife várias vezes, a gente foi visitar a unidade acadêmica de lá. Eu morava lá, já conhecia, mas eu fui com os meninos visitar. Nós passeamos naquele parque escola, com o professor Marcelo e professora Juliene e professor Cláudio, né? Quem mais andava com a gente. Nós fomos pra muitos lugares. [...] Lembrei de uma coisa, a gente foi pra Recife, na volta, ele fez uma desviada e foi no litoral, aí Sadraque viu o mar pela primeira vez. Mulher, ele ficava assim olha, parado assim, de braço cruzado, pensa na felicidade, da gente tudinho, né? Principalmente do professor que proporcionou isso a ele, né? Ver o mar pela primeira vez, imagina. Tem coisa mais linda do que o mar? Mulher, me diz se a gente tem alguma coisa de ruim pra falar desses professores dessa universidade? (Pedagoga, 2023).

Podemos considerar que, através dessas atividades, é possível envolver os discentes nas discussões científicas, ampliando suas visões de mundo, pois, ao incentivar a reflexão e a interação com pensamentos e ambientes distintos, é possível estimular a criticidade dos indivíduos.

Para Cabreiro e Costa (2015), mesmo que o aluno tenha participado de atividades de iniciação científica, extensão e/ou monitorias e não opte pela carreira acadêmica, ao ingressar no mercado de trabalho, possuirá um perfil diferenciado, pois a experiência nesses contextos produz uma melhor desenvoltura intelectual no campo profissional.

Durante os relatos, os depoentes comentaram sobre algumas bolsas recebidas durante a realização desses projetos, com exceção de Pedagoga, que alegou não ter recebido bolsas. Para eles, a bolsa auxiliou na permanência e no estímulo para a continuidade na instituição. Entretanto, observamos também que eles desenvolveram muitas outras atividades de forma voluntária, alegando que as experiências trariam muitos benefícios para suas formações.

Os participantes relataram que chegaram a receber bolsas de pesquisa, extensão e monitoria, conforme trechos a seguir:

E foi o período que me segurou na universidade, era o que me segurava. Porque quando eu estava no terceiro período eu fiz outra, outro processo seletivo pra Física, Licenciatura em Física na Rural só que no Recife mas eu não tinha condições de me manter lá e nem meu pai ia ter condições de manter lá, porque minha irmã já cursava em outra capital que é em João Pessoa[...]. Aí não dava, aí além de eu tá mais perto de casa

eu tava começando a receber uma bolsa. Aí me segurou. (Agrônomo, 2023).

Mas, assim, no começo da graduação eu fazia tudo, tudo, tudo que aparecia eu fazia e era tudo sem bolsa, né? E aí assim é, até eu tirava onda, dizia quando, uma hora eles me olhar e vão dizer, vamos dar a bolsa aqui pra esse pobre coitado, tudo que é de graça ele faz, eu disse uma hora vai ter uma bolsa, né? E aí acho que, aí teve bolsa de extensão com a professora de química, aí foi quando começou a aparecer as primeiras coisas [risos]. [...]. Quando eu entrei na monitoria foi no segundo [período] e aí acho do segundo pro terceiro que teve o projeto de extensão, aí teve uma bolsa de projeto de extensão, e aí acho que quando eu tava no quarto período eu entrei pra Cleber Régis, né? Pra melhoramento genético, no PIBIC. Só que era eu, Catarina e Luciana. E aí só tinha uma bolsa, mas a gente tinha combinado que, pra quem saísse a bolsa a gente ia dividir pros três. E aí a bolsa era trezentos reais aí ficava cem reais pra cada (Zootecnista, 2023).

Ela [a professora] disse que ia fazer uma camisa pra mim que era amigos da universidade [risos], porque eu fiz tudo muito sem bolsa, porque na época não tinha também. Então eu fui muito voluntária de tudo. Eu acho que eu só recebi bolsa no PIBIC que foi com dividida com Wando, a gente era uma bolsa pros dois e dividia. Então acho que foi a única coisa que eu tive de remuneração da universidade, o resto foi tudo solidário mesmo, tudo sem receber bolsa tudo, ai ela dizia vou fazer uma camisa de amigo da universidade. E tudo eu topava porque, eu dizia assim tudo é uma experiência pra vida assim, eu posso não usar na veterinária mas eu uso, vou aprender de alguma forma, então se aparecer um projeto que não, que era de química, que era, eu vou fazer! Ah mas não vai. Mais na frente eu vou e vai servir pra alguma coisa, né? Não serve talvez na prática da veterinária mas serve como pessoa mesmo (Veterinária, 2023).

Para Cabrero e Costa (2015), essa dificuldade em se conseguir bolsas acontece, pois, devido à grande demanda e por se tratar de recursos advindos de agências de fomento à pesquisa e das próprias universidades, não há como repassar uma bolsa para todos os estudantes, o que resulta em processos seletivos disputados. Por isso, verifica-se um grande número de alunos atuando como voluntários nas atividades de pesquisa e extensão.

Entendemos que, ao ampliar o número desses tipos de bolsas, é possível atrair um maior número de estudantes que tenham vocação para docência e pesquisa, o que termina por contribuir com o fortalecimento da ciência nacional.

Entretanto, existem casos em que o recebimento de algum auxílio financeiro torna-se crucial para a permanência do estudante nas universidades públicas, isso acontece porque, segundo pesquisa realizada por Pacheco e Ristoff (2004, p.12), “[...] cerca de 25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que não têm condições de entrar no ensino superior mesmo se ele for gratuito”. Isso demonstra que, além da gratuidade do ensino, os estudantes dependem de bolsas (estudo, trabalho, monitoria, extensão e pesquisa), restaurantes universitários, moradia estudantil, dentre outras ações que viabilizem sua permanência no campus.

Cabe enfatizarmos, diante disso, que, durante o período em que estive na UFAPE, Agrônomo era o único, dentre os participantes da pesquisa, que não tinha seus familiares residindo em Garanhuns, por isso precisou alugar um local para conseguir frequentar as aulas.

Era como se fosse sua pensão aí, porque era um aluguel com, no começo, acho que era eu e mais sete pessoas todos da mesma cidade. Aí a gente se mudou de lugar, mas sempre era eu e mais alguém, nunca fui eu sozinho, sempre mais duas ou três pessoas, era muita gente. [...] dividia tudo (Agrônomo, 2023).

Tal relato demonstra o impacto da implantação da universidade no interior de Pernambuco na vida desses estudantes. Todos os participantes relataram que seria muito difícil manterem-se na capital e que provavelmente não teriam conseguido. Ao mesmo tempo, expuseram também como se sentiram bem ao conseguir estudar em uma universidade federal estando ainda na casa dos pais, e, no caso de Agrônomo, bem mais próximo comparado à capital Recife.

Quando indagados sobre o convívio entre os colegas na instituição, todos os colaboradores relataram que tiveram uma boa experiência. Nesse momento, observamos muitos sorrisos quando citaram vários exemplos de situações em que o bom relacionamento com os pares se constituiu em lembranças saudosas, no auxílio dos estudos ou em momentos de descontração entre eles, fatores que se tornavam um estímulo dentro do ambiente universitário, como destacamos a seguir,

[...] Eu conversava [com os colegas], trocava ideia, não tinha estresse, né? (Agrônomo, 2023).

[...] A galera [turma] sempre falava que eu chorava, chorava e no final das contas passava com nota boa, né? Que tipo, a gente ia pra casa de lanara pra estudar, com lanara e Mané. Aí, as vezes a gente chegava lá ai tava eu e Igor de ressaca, morto na prova, ou então morto pra estudar. Aí Mané ensinava as coisas pra gente, aí eu e Igor tirava nota melhor do que Mané [risos]... aí ele, pô esses meninos chegam bêbo aqui, [...] e eu fico aqui ensinando, pra eles tirarem uma nota maior do que eu e tal, ai a gente ficava tirando onda [risos] [...]. (Zootecnista, 2023).

A turma foi, já entrou pequena minha turma e no final ficou muito menor, a gente era pra ter entrado com trinta, entrou vinte e nove, né? Já nem entrou e eu acho que a gente terminou, não sei se foi vinte, dezenove, uns não desistiram do curso, mas atrasaram porque passou em concurso, alguma coisa, aí acabou atrasando. Desistência, a gente teve poucas, assim teve uma que desistiu, na aula de necrópsia porque viu que não ia dar certo, nojo mesmo, assim, não conseguia, né? Porque algumas disciplinas eram mais pesadas em relação a isso. Mas minha turma era uma turma boa, claro que ninguém é amigo de todo mundo, mas no final das contas eu acho que até por isso, pela necessidade da falta, né? A gente meio que se unia pra tentar o melhor pra todo mundo [...]. Mas óbvio que tinha as picuinhas de sala, as divergências que ninguém consegue, né. Hoje todo mundo se dá muito bem, porque todo mundo está mais maduro também, mas na época, né? Sempre tinha briguinha, enfim, eu mesma briguei, eu era meio brigona [risos]. [...] Eu passei, eu passava, geralmente de segunda, difícil eu ir pra final, mas mesmo sem precisar todo mundo vinha pra cá e eu estudava com todo mundo que ia pra final. Eu sem precisar, então a gente era muito assim, parecia muito, muito lindo mesmo, isso ajudava pra ninguém ficar pra trás, pra a turma toda passar (Veterinária, 2023).

Pense numa turma boa. Foi uma das primeiras turmas da universidade. Eu acho que nenhuma turma mais nunca foi como a nossa. Pense numa, a gente viajou, viu? A gente andou até umas horas [...]. Assim, porque a turma da gente era uma turma que era muito misturada, tinha jovem mas tinha também muita pessoa de idade já...E eu já tinha uma certa idade né? Na época eu tinha cinquenta e poucos anos, e hoje eu tenho sessenta e dois (Pedagoga, 2023).

Sobre esse aspecto, Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008) afirmam que, quando os estudantes conseguem integrar-se acadêmica e socialmente na universidade, eles têm mais chances de crescer intelectual e pessoalmente. Assim, é de grande importância o estabelecimento de laços de amizade no

ambiente universitário, na medida em que proporcionam o compartilhamento de experiências e problemas. Em contrapartida, quando não há tal característica, pode ocorrer uma frustração quanto às expectativas relacionadas à vida social, comprometendo o andamento do curso.

Segundo pesquisa realizada por Bardagi e Hutz (2012), que entrevistou um grupo de universitários evadidos e buscou identificar, dentre outros aspectos, percepções sobre a importância dos relacionamentos para a decisão de abandono de curso, foi verificado que os relacionamentos interpessoais na graduação têm um papel importante na permanência dos estudantes na instituição, de modo que, quando não acontece de forma satisfatória, isso se torna uma das razões da desistência.

Ainda durante a pesquisa acima, os autores puderam perceber que o aspecto do relacionamento interpessoal foi marcante, de forma que, quando teve um efeito positivo, atuou como critério para postergar a saída do curso. Entretanto, quando o efeito foi negativo, foi tido como um critério para a evasão. Logo, o bom convívio se constitui como parte fundamental da integração dos estudantes com seus respectivos cursos, pois “[...] sentir-se parte do ambiente e do novo grupo é fundamental para a consolidação da identidade profissional, uma vez que, o aluno tende a fazer uma associação entre o curso, os colegas, a instituição e a profissão em si” (Bardagi; Hutz, 2012, p.180).

Nesse sentido, a dimensão relacional, com a integração ao grupo, tanto de colegas, quanto de professores e demais funcionários da instituição, constitui-se como aspecto fundamental para a satisfação acadêmica e para a adesão ao curso (Bardagi; Hutz, 2012; Teixeira, Dias, Wottrich; Oliveira, 2008; Nierotka, Bonamino; Carrasqueira, 2023). Além disso, os colegas passam a ser apoio no enfrentamento das dificuldades do dia a dia, como, por exemplo, na ajuda com os estudos para as avaliações, mencionadas nos trechos citados.

Diante dos relatos, observamos que o cotidiano da vida universitária exigiu dos nossos colaboradores um grande esforço no sentido de adaptação aos novos desafios que essa fase impôs. Momentos de dificuldades tornaram-se um estímulo à superação e à resiliência. Dessa forma, a oportunidade de ingressar no ensino superior proporcionou a vivência de experiências que

tornaram possível a realização pessoal da conclusão do curso superior e da tão sonhada formatura.

O Censo da Educação Superior, realizado pelo INEP anualmente, oferece informações estatísticas que possibilitam o acompanhamento de dados sobre esse nível de ensino. Levando em consideração que, no ano de 2005, ano de implantação da UFAPE, o número de concluintes em instituições de ensino federal no Brasil, nas modalidades presencial e a distância, foi de 92.626 (INEP, 2012) e que, no ano de 2022, o total foi de 142.853 (INEP, 2024), percebemos que o aumento do número de formandos, em um período de 17 anos, foi de 54,2%.

Mesmo considerando a expansão do nível superior no Brasil, o acesso a esse nível de ensino e a conclusão dele ainda se impõem como um desafio na realidade brasileira (Nierotka; Bonamino; Carrasqueira, 2023). Apenas os números de matriculados nas IES não dão conta de mostrar os efeitos da expansão do ensino superior. Nesse sentido, torna-se importante atentarmos aos aspectos que tornaram suas trajetórias bem sucedidas, compreendidas, assim, através da permanência e da conclusão dos seus cursos (Costa; Picanço, 2020).

De acordo com as entrevistas, percebemos que as oportunidades vividas pelos depoentes na instituição e a forma como eles reagiram diante delas, assim como todo o contexto social e econômico, contribuíram para a culminância da colação de grau. Estudos demonstram que o universitário tem um papel central no seu processo de formação, de forma que esse envolvimento depende muito mais dele do que do ambiente, porque a exploração ativa das oportunidades deve partir do próprio discente (Bardagi; Hutz, 2012; Teixeira, Dias, Wottrich; Olivera, 2008; Nierotka; Bonamino, 2023).

Segundo uma pesquisa realizada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), IES que também é fruto da expansão e interiorização do ensino superior, na qual foram analisadas características de alunos que concluíram a graduação, as autoras verificaram que o apoio social e a participação em programas de atividades extracurriculares, com bolsa ou em caráter voluntário, constituíram aspectos de grande relevância na trajetória acadêmica e na consequente conclusão (Nierotka; Bonamino, 2023). Esses dados vão ao

encontro das análises dos relatos disponibilizados pelos nossos depoentes, pois pudemos observar características semelhantes que contribuíram para a conclusão dos seus cursos.

Diante disso, chegando o dia da colação de grau, os depoentes relataram como foi o evento e como se sentiram em relação a familiares, amigos e professores. Observamos que esse foi um momento de emoção, um misto de alegria e alívio, e que a participação nesse dia simbolizou a conquista de uma vitória, não só para eles, mas também para os seus parentes mais próximos, conforme podemos observar nos seguintes relatos:

Acho que foi mais de alívio, eu tava aliviado de ter terminado, de ter conseguido, porque eu achei que eu não ia conseguir. Chegou um momento que eu digo, ó, são cinco anos, né? É, o curso só faz, isso, se você não tiver nenhum empecilho, é cinco anos. [...] Aí eu consegui concluir o curso e eu pensei que eu não ia conseguir concluir no período certo, aí foi mais de alívio, meus pais ficaram felizes, né? Pelo, não, não disseram nada, né? Porque a gente não é muito de falar assim, mas eles ficaram contentes por eu ter conseguido, eu estar lá, né? Comigo. A formatura foi muito boa, foi muito boa. Não foi aquela festa de arramba como tem nessas outras, nesses cursos, até porque só eram sete pessoas, né? E a gente não tinha recurso pra isso, mas foi boa [...]. Eu lembro, eu lembrei de uma coisa. Quando foi pra formatura foi um sorteio pra ser orador e eu fui sorteado [...]. Acabou que eu desisti de ser orador e foi outra pessoa, do curso de Zootecnia. É, ele foi orador. No discurso dele, ele nomeou todos os alunos de Agronomia e não me citou. Não me citou [momento de emoção e lágrimas]. Aí, é a outra vontade que eu tenho, de fazer outra graduação e mudar isso [momento de emoção e lágrimas]. [...]. Assim, eu fiquei, achei que eu não fosse importante não [...]. Eu tô, hoje eu tô numa boa. Tem que pensar assim. (Agrônomo, 2023).

[...] Eu fiquei muito feliz de ter conseguido, da gente ter conseguido realizar o baile, o dia da formatura, a colação de grau, que como era também a colação de grau das primeiras turmas foi aquele evento né, cheio de político, falatório tão grande, tal, foi um pouco cansativo para os convidados mas pra gente foi maravilhoso ainda assim, porque, é, o professor da gente que foi homenageado, que foi Jalmir, ele falou de cada um de nós, foi um momento super especial[...]. Meu pais também estavam muito felizes com a festa de formatura porque durante muito tempo eles me viam saindo pra faculdade mas não entendiam, é, o curso, o que era que fazia e tal, né, aí assim, com o passar do tempo que eles foram entendendo, mais aí eles viram que esta festa de formatura era pra ter um encerramento, né. Que a galera ia se separar depois disso,

enfim, foi ótimo [...]. Era um momento muito esperado, obviamente, né? E aí, teve uma característica da turma da gente, que a gente trabalhou bastante durante o curso pra juntar dinheiro pra formatura e no final, porque a gente fez, a gente fez São João, a gente fez calourada, evento científico, tudo o que tinha, rifa, é camisa, tudo que tinha pra ganhar dinheiro a gente fez, né. No intuito de fazer a festa da gente[...]. E aí com o dinheiro que a gente tinha a gente conseguiu fazer a festa e ninguém botou mais nenhum real pra fora, né. Fora isso, só as senhas dos convidados. E aí assim, pra mim era uma realização porque eu queria muito que essa festa acontecesse porque a gente trabalhou muito pra isso né, e como tinha o sonho de concluir a faculdade e tal aí era um momento muito especial, minha família foi, apesar de não serem muito de festa [...]. Todos os meus amigos estavam presentes, só não foi quem não quis mesmo e foi um momento muito especial, eu tenho várias lembranças desse dia [...] (Zootecnista, 2023).

Meu pai ficou assim, meu pai queria ser veterinário, né? Ele só não teve coragem porque ele é mole com sangue essas coisas, aí não, mas ele quis, porque queria, porque era o sonho do meu avô que ele fosse veterinário, esse meu avô, né? E aí eu sinto que meu avô quando eu terminei veterinária, meu avô tava com Alzheimer, então ele não, ele não, não chegou a, eu não cheguei a dar essa alegria de assim, eita minha neta, porque eu era neta preferida, né? Eu tinha muita coisa com ele e aí ele teve Alzheimer e ele não me, não me conhecia mais, quando me formei então ele não, não veio pra minha formatura e nem sabia assim, né? Que eu tava me formando pra o que ele queria tanto, né? (Veterinária, 2023).

Nossa formatura foi no fórum. Nós fomos a primeira turma de universidade que recebemos o canudo realmente. Foi, a gente recebeu o diploma realmente, não foi de faz de conta não. Já estavam prontos, a gente pensando que ia receber só uma imitação lá e o diretor chegou lá pra gente e disse[...]. Foi uma formatura belíssima, foi muito bonita nossa formatura. E ele chegou pra gente e disse, eu tenho uma surpresa pra vocês, uma coisa inédita que nunca aconteceu, vocês vão receber o diploma de vocês hoje. [...] Teve um vídeo, filmaram um vídeo meu, é, foi, houve uma entrevista. Como era a primeira turma, né? A se formar no interior, aí, é, a Rádio Jornal fez uma entrevista e eu fui entrevistada. Eu fui entrevistada aí, de surpresa, lá no dia da formatura, ele botou lá o filme, só falei morrer [risos]. Foi. Botou lá o filme. Passou o filme lá e eu sendo entrevistada. Eu fui a aluna da turma de pedagogia a ser entrevistada [...]. Aí passou lá o filme lá, a entrevista, foi feita lá, eles fizeram essa pergunta a mim, se eu era a primeira pessoa minha família a me formar, aí eu falei que sim, e que estava muito orgulhosa e meus irmãos estavam todos lá, no auditório. Foi muito bom, muito bonito (Pedagoga, 2023).

Através dos relatos, conseguimos identificar aspectos do cotidiano dos nossos colaboradores que nos ajudaram a compreender como se deram suas trajetórias na instituição, possibilitando a exploração de detalhes que foram cruciais para o entendimento das singularidades desse processo.

Para compreender as trajetórias dos estudantes desde seu ingresso até a conclusão, Nierotka (2021) destaca que é necessária a análise sobre três dimensões, que seriam as características: socioeconômicas e educacionais; institucionais e de escolha dos cursos; e de desempenho e/ou rendimento acadêmico. Assim, ao analisar as informações dessas dimensões em conjunto, como, por exemplo, idade, sexo, renda, escolaridade dos pais, atividades extracurriculares, apoio social, turno, notas, reprovações, dentre muitas outras, é possível termos uma melhor visualização da relação entre essas variáveis e o sucesso obtido com a conclusão. Além desses fatores, a autora destaca a influência dos amigos e dos familiares, o relacionamento com os professores e a valorização profissional do curso.

Diante disso, buscamos, nos relatos dos nossos colaboradores, informações sobre suas considerações acerca das suas trajetórias, como eles perceberam e como avaliam esse período em que estiveram na UFAPE, a fim de identificar se eles a consideraram boa ou não. Após lembrar essas vivências, observamos que a entrevista suscitou reflexões sobre todas as barreiras e dificuldades encontradas durante o período da graduação, traduzidas através do sentimento de superação e da sensação de vitória. Em relação a esses aspectos, foi dito:

É muito flutuante., porque quando eu entrei não era lá onde é o prédio atualmente era em outro local atrás do Hotel Tavares Corrêa [...]. É, quando você, quando eu passei na faculdade foi um, eu fiquei muito feliz, né? (risos) Que era uma coisa que eu assim, não é nem prepotência, mas é uma coisa que eu já sabia que ia acontecer. Que uma hora ou outra eu ia passar no vestibular, eu ia ser concursado. Eu sabia que uma hora ou outra eu ia passar no concurso, que eu ia conseguir. Eu consegui. É, quando eu, nos primeiros dias, é sempre bom, né? Sempre uma coisa aqui por ser novidade, mas teve um período que eu não via a hora mais de acabar aquilo, né? Como todo mundo, né? Cinco anos as mesmas caras, as mesma rotina é exaustivo, né? [...]. Hoje eu eu só tenho uma graduação, mas eu acho que eu nem vou voltar mais pra Agronomia futuramente. Mas eu aprendi muita coisa,

principalmente em relação a produção textual, questão de normas, escrita, essas coisas, pelo menos é uma coisa, isso aí eu guardei e não esqueço (Agrônomo, 2023).

É assim, eu considero que foi uma trajetória boa porque eu sempre me envolvi em tudo que que dava tempo e que eu conseguia me envolver desde o início. Eu acho que até porque, talvez porque, eu trabalhava já há algum tempo e só, aquele negócio só estudar, quando aparecia qualquer coisa a mais eu queria fazer, né? Mesmo que fosse, mesmo que o início era tudo sem bolsa, porque inicialmente, não era porque era concorrido, né? Porque a gente foi da primeira turma e praticamente não tinha essas concorrências todas, né? Mas porque não tinha mesmo bolsa. No começo eu nem sabia nem que existia isso de bolsa, né? De você tipo, pra mim bolsa era coisa de uma universidade particular, tipo você tinha que pagar a mensalidade aí você trabalhava na biblioteca pra não pagar a mensalidade. Mas eu não imaginava que, de você estar estudando numa escola pública e você ia ainda receber pra isso, por alguma coisa, né? Aí depois que você entra, que vai entendendo um pouquinho como que funciona, né? Aí assim, eu considero isso porque me envolvi em tudo e eu sempre gostei de estudar. Desde que entrei, né? Não vou dizer de antes não. Eu acho que a vontade que eu tinha de entrar era que me fez me empenhar mais. (Zootecnista, 2023)

Difícil, na verdade com dificuldade mas ao mesmo tempo leve. A gente teve dificuldade de estrutura, teve dificuldade nesse sentido. Mas a gente, não faltou pra gente o conhecimento, a orientação, né? Não faltou, assim, a gente teve professores de guiar mesmo, de orientar, de verdade, a gente, pra o que a gente fazia, né? Por ser primeira turma tinham muito esse cuidado. Aqui a gente percebeu também, que aqui os professores deixavam, eles direcionavam muito os alunos pra pesquisa. (Veterinária, 2023).

Era só felicidade. O tempo, meu tempo da UAG, eu acho que foi o tempo melhor da minha vida, eu acredito que tenha sido assim o tempo melhor da minha vida. Foi o tempo da universidade. A gente fazia tudo com muita satisfação, muita satisfação, muito esforço, assim, mas muita satisfação (Pedagoga, 2023).

Para Nierotka e Bonamino (2023), a permanência e a conclusão do curso são fomentadas pelas políticas e pelas interações estabelecidas pela instituição com os estudantes, de forma que esse aspecto ajuda na compreensão sobre suas trajetórias e sobre o fenômeno da conclusão.

Observamos pelos relatos dos colaboradores que eles avaliaram suas trajetórias como boas, deixando claro que as dificuldades e os desafios foram

muitos e precisaram de muito esforço para chegar até o dia da tão sonhada formatura. Entendemos que, nesse contexto, a IES, sua forma de organização, seus docentes, funcionários e suas políticas atuaram de forma a estimular a formação, a permanência e a conclusão dos estudantes, corroborando o que indicaram os estudos citados o longo do capítulo a respeito da importância desses aspectos no ambiente universitário.

## 6 AS PEDRAS FAZEM PARTE DO CAMINHO

Neste capítulo, abordaremos sobre as percepções de felicidade de cada entrevistado, atentando para os seguintes aspectos, segundo seus depoimentos: o que é e o que não é felicidade e como definem uma vida feliz. A partir de então, relacionaremos o modo como percebem a felicidade e a experiência vivida por eles durante o período em que estiveram na universidade.

Esse momento se torna um desafio, considerando as problemáticas que essa reflexão suscita, ao entendermos que “a história da felicidade não é uma história comum, e o tema não é, de nenhuma maneira, comum” (White, 2009). Podemos afirmar que essa dificuldade advém de aspectos como sua natureza subjetiva, a complexidade da vida moderna, a falta de compreensão sobre os seus elementos, além de diversos outros que discutiremos ao longo desta sessão. Garcia e Silva (2014) consideram uma ousadia a discussão sobre a felicidade, visto que, por ser essencialmente pessoal, torna-se difícil definir seu conceito, cada indivíduo teria sua própria ideia de felicidade.

De fato, há uma grande dificuldade em se estudar a felicidade, entretanto Froehlich e Sopeña (2018) defendem que essa característica não deve ser uma barreira e que esses estudos precisam ser conduzidos.

Nosso intuito é analisar as diferentes formas de perceber a felicidade, sem a pretensão de julgamentos, buscando, assim, contribuir com o aprofundamento da reflexão sobre a temática. Dessa forma, conscientes das nossas limitações, partiremos para a discussão sobre as suas múltiplas considerações.

### 6.1 FELICIDADE E INFELICIDADE

Na perspectiva de compreender a percepção de felicidade dos nossos colaboradores e, assim, acessar quais os elementos que, para eles, são importantes ou não nesse contexto, iniciamos esta análise. Para Ribeiro (2015), conhecer os fatores que interferem nessa percepção se faz importante, pois permite saber como as pessoas estão se sentindo em relação à vida que

levam e, assim, torna-se possível entender como a situação pode ser melhorada.

Apesar dos enormes esforços intelectuais para se definir a felicidade, ainda não temos um consenso sobre ela, por isso Ribeiro (2015) defende que, a depender do tipo de pesquisa, uma alternativa analítica seria pedir para cada indivíduo dizer se é ou não feliz. Isso acontece, pois a felicidade vai depender da definição pessoal do conceito e da forma como o indivíduo lida com as situações cotidianas, sendo influenciada também por fatores como saúde, qualidade de vida, riqueza e educação, seja no âmbito da família, seja na comunidade seja no país (Faria, 2008).

Diante disso, é importante salientar que, ao longo da história da humanidade, diferentes fatores interferiram na felicidade dos indivíduos. Assim, como salienta Barbosa (2023), a intensidade e as transformações ocorridas durante essa busca acontecem na medida em que mudam os interesses e os valores de cada época e cultura, reverberando no comportamento dos indivíduos.

Nesse sentido, cabe contextualizarmos brevemente a sociedade em que hoje vivemos para que possamos analisar de forma mais contundente os fatores que interferem na percepção dos nossos entrevistados.

O estilo de vida estabelecido na Pós-Revolução Industrial se apresenta com uma das razões apresentadas para o estudo da felicidade atualmente. Isso acontece porque, a partir desse acontecimento, o homem passa a ser comparado a uma máquina produtiva, que visa ao crescimento econômico e social e, ao mesmo tempo, substitui as relações interpessoais de afeto, interação e convívio, assim como observa-se também o aparecimento de patologias orgânicas e emocionais (Barbosa, 2023).

Segundo Pinto e Moura (2022), entre o final do século XIX e o início do século XX, nossa sociedade era caracterizada como capitalista de produção e o seu imperativo, entendido como demanda imposta por determinada cultura, era marcado por ordens como o de sacrifício, trabalho e renúncia do prazer, diferentemente do que vivemos hoje, uma sociedade capitalista de consumo, o que gera uma grande mudança, pois, ao passarmos da produção para o

consumo, o imperativo ficou marcado pela exigência do: consuma, você pode, você merece!

Assim, para as referidas autoras, existe em nossa contemporaneidade uma espécie de imperativo da felicidade, ou seja, o que antes era um direito tornou-se um dever. O indivíduo precisa estar pleno e feliz em todos os aspectos da sua vida, e a tristeza e o desprazer não podem existir. Nesse momento, a felicidade se encontraria dentro de cada um, entendida como efeito de um investimento pessoal.

Esse cenário terminou por estimular, cada vez mais, pesquisas relativas ao tema, a fim de tentar se descobrir o que torna as pessoas mais felizes (Soares; Dalboni; Teixeira, 2022), uma vez que essa situação pode levar à priorização de aspectos que não podem gerar uma felicidade autêntica (Barbosa, 2023). Além disso, sabe-se que a felicidade também é um “conceito sócio culturalmente muito diversificado e transcultural” (Melo; Almeida Neto; Petrillo, 2023, p.14), o que torna essa reflexão ainda mais complexa.

Ao adentrarmos na temática da felicidade durante as nossas entrevistas, notamos que os momentos que antecederam os comentários se tornaram mais reflexivos e demorados e também acompanhados de emoção, em que, em algumas situações, não foi possível conter as lágrimas.

Assim, para iniciar a análise das entrevistas na perspectiva da felicidade, com o intuito de representar visualmente quais foram as palavras mais citadas pelos depoentes ao tentar explicar suas percepções, apresentamos o gráfico abaixo que demonstra, através da nuvem de palavras, os termos que, de forma geral, fazem-se presentes nessa discussão:

Gráfico 2: Nuvem de palavras que representa os termos mais citados pelos depoentes ao explicar suas percepções sobre a felicidade



Fonte: Autora (2023).

De acordo com o gráfico 2, identificamos que termos como “bem-estar”, “amigos”, “família”, “viver” (bem com as pessoas), “saúde” e “Deus” apareceram com mais frequência em relação aos demais. Esse aspecto corrobora as considerações de Bizarria, Barbosa e Rocha (2017), quando afirmam que a felicidade estaria relacionada com aspectos sociais e pessoais, além disso com características no país onde se vive (democracia e segurança, por exemplo), com religião, com saúde, com trabalho e com rede social ampla.

Com isso, destacamos a seguir alguns trechos das falas sobre as percepções de felicidade segundo nossos colaboradores.

Felicidade, eu penso que é você ser agradável aos outros, né? [...] (Agrônomo, 2023).

Então, acho que felicidade tem muito a ver com o bem-estar, né? [...] É porque eu acho que de tanto a gente ver essas frases, essas coisas compartilhadas de rede social de, ah! Felicidade! [...] Mas acho que é a sensação de bem-estar, eu acho que ela define muito a felicidade, de as vezes você tá com pessoas que você gosta e tá se sentindo bem naquele ambiente, então você tá feliz [...]. eu acho que a felicidade pra mim é bem-estar em vários aspectos, de conforto, de local, de pessoas, enfim (Zootecnista, 2023).

Ter amigos, viver momentos, sem internet, viver momentos cara a cara, né? Compartilhar experiências e ter fé (Veterinária, 2023)

Felicidade é você poder estar em paz, com você mesmo, com Deus, com as pessoas, né? Você poder se acordar de manhã, e você ter pelo menos um pouco de saúde, né? [...] Ter sua casa, uma coisa que é sua, uma conquista, né? Ter família, ter amigos, pessoas que você sabe, que você tem certeza, porque elas demonstram através de atitudes que amam você, né? (Pedagoga, 2023).

Entender como Agrônomo, Zootecnista, Veterinária e Pedagoga percebem a felicidade se torna importante nessa etapa da pesquisa, pois esses dados nos permitem identificar como e com o que a felicidade está sendo associada por eles e quais aspectos estão influenciando essa percepção, uma vez que ela resulta “ [...] de processos vividos em relação com os outros e com o mundo, em contextos coletivos de pertencimento, em núcleos como a família, a religião e a comunidade, por exemplo” (Barbosa, 2023, p.46).

Ao analisarmos os depoimentos dos nossos colaboradores sobre como seria uma vida feliz, conseguimos identificar a dinâmica desses elementos na prática, ou seja, quando e em que circunstâncias esses aspectos se tornam importantes na percepção da felicidade. Assim, nesse momento, outras características, que antes não haviam sido citadas, fizeram-se presentes, como nesses trechos que se seguem:

Hoje eu acho que uma vida feliz pra mim é não ter nada que não venha lhe tirar do sério e venha lhe tirar sua paz. Que não venha lhe encher o saco [risos]. Tem até memes que diz é, que nada paga a paz de um homem [risos]. O homem em paz não tem preço que pague isso. Pronto, é o meu caso (Agrônomo, 2023).

Eu acho que a vida feliz é quando você consegue fazer a maioria das coisas que você quer [...]. Eu acho que não pode faltar amigos pra mim, porque assim, quando eu cheguei em Petrolina, por exemplo, que eu, quando eu comecei a trabalhar em Paulistana, eu morei nove meses em Paulistana e na verdade era muito ruim. Porque é muito pequeno, que não tem muita coisa pra fazer. E aí eu fui pra Petrolina e aí eu, assim, eu nunca tive problema de ficar sozinho [...]. Mas, eu acho que a presença, ter uma rede de apoio dos meus amigos eu acho que pra mim é essencial, porque quando eu fui pra Petrolina eu senti muita falta disso [...]. Acho que a pessoa sem dinheiro também é difícil demais, né? Porque assim é um bem essencial pra gente fazer qualquer coisa, né? Então não é só os amigos, porque assim se eu tiver os amigos e não tiver um real pra nada, aí é muito complicado, né? Então dinheiro ele é essencial e aí assim a gente só tem o dinheiro se tiver o trabalho, né? Então uma coisa, é, puxa outra, então o trabalho é essencial, é, dinheiro é essencial. Esse negócio que dinheiro não traz felicidade não é bem assim porque sem ele a gente não faz nada (Zootecnista, 2023).

A felicidade ela é reflexo, pra mim, do meio, do que você decide pra você. Então, eu sou feliz com pouco, mas o pouco são poucas coisas que pra mim é muito, então, é Deus, família, é amigo, né? É isso, acho que é tudo isso junto, deixa, que torna a pessoa feliz, eu não preciso de muito não, pra ser feliz, mas se eu tiver com minha família, com meus amigos, com meus bichinhos, né? [risos]. Fazendo o que eu gosto, eu faço por amor mesmo. Eu acho que eu amo, eu faço mais, digo sempre, faço mais pelos meus pacientes que pelos meus de casa [...]. Isso pra mim é o importante, assim eu consegui ao longo desses anos conquistar amigos de verdade, né? E do mesmo jeito que eles fazem por mim eu faço por eles [...]. E é isso, e a minha vida hoje é isso, eu sou feliz com muito, muito perrengue, mas eu sou, sou porque eu vejo meu filho melhorar, né? Meu filho é autista verbal, ele não fala, nunca falou

mamãe. Aí eu vejo ele se comunicar de outra forma porque agora tem formas alternativas de comunicação e ele se comunica através de um iPad, né? [...]. Eu descobri com, acho que com menos de dois anos, aí já teve um laudo e aí ele já faz terapia quase três anos já (Veterinária, 2023).

A gente tem que ter humildade, a gente tem que perdoar. Perdoar sempre. [...], eu não tenho dificuldade nenhuma de perdoar, não tenho dificuldade nenhuma, não guardo rancor de ninguém, [...]. Eu sou assim e eu me sinto feliz assim. Meu filho casou, tem a casa dele, os meus dois netinhos que eu amo. Um é meu neto de verdade que é filho do meu filho, o outro é meu neto do coração que eu considero também meu neto de verdade, entendeu? Então, pra quê meu Deus, eu querer mais coisa do que isso? Eu tenho sonhos, mas os meus sonhos é o quê? É ver meus netos crescerem, sabe? É poder ver, ter o prazer de ver meus netos crescerem. É ver meu sobrinho que praticamente foi eu que criei, que minha irmã morou muitos anos comigo dentro da minha casa. Então o meu sonho é esse, é ver meus dois sobrinhos, realizados na vida (Pedagoga, 2023).

Para White (2009, p.10), a história da felicidade na filosofia ocidental demonstra tentativas importantes de concretizar a esperança em harmonizar os vários objetivos que os seres humanos julgam desejáveis e que valem a pena. Dessa forma, tais tentativas terminam por estarem ligadas à palavra felicidade “e a equivalentes razoavelmente próximos, como ‘bem-estar’ [...]”.

Nos trechos das entrevistas que foram citados, observamos características que remetem a perspectivas hedonistas e eudemonistas sobre a felicidade. Desse modo, a visão hedonista se mostra mais presente, quando associada à sensação de sentir-se bem, confortável e satisfeito no momento presente, especialmente em relação ao ambiente e às pessoas, como, por exemplo, no trecho “a sensação de bem-estar, eu acho que ela define muito a felicidade, de as vezes você tá com pessoas que você gosta e tá se sentindo bem naquele ambiente, então você tá feliz” (Zootecnista).

Hedonismo, segundo Abbagnano (2000, p.497), refere-se ao termo que indica o prazer como “[...] único bem possível, portanto, como fundamento da vida moral”. Ainda nesse sentido, Epicuro (2002, p.37) defende que “[...] o prazer é o início e o fim de uma vida feliz”. Segundo esse entendimento, o prazer é visto como o ponto de partida para se alcançar a vida feliz, ou seja, ele

serve de motivação para nossas ações e escolhas, sendo assim ele também é o resultado final desejado.

Nesse sentido, o bem-estar se encontra relacionado à sensação de prazer, conforto e satisfação no momento presente. Pesquisa realizada por Deci e Ryan (2008) demonstra que a maioria das investigações mais recentes sobre essa temática trata do bem-estar voltado para uma perspectiva hedonista.

Do mesmo modo, ao analisarmos as respostas, também encontramos elementos de uma visão mais eudemonista sobre a felicidade, como, por exemplo, no trecho “a felicidade ela é reflexo, pra mim, do meio, do que você decide pra você” (Veterinária), sugerindo, assim, que a felicidade seria o resultado de viver de acordo com valores pessoais, propósito e virtudes.

Para Abbagnano (2000, p. 390), o eudemonismo defende “a felicidade como princípio e fundamento da vida moral”, e essa perspectiva tem, em Aristóteles, um dos seus representantes. Para esse filósofo, a felicidade é o bem para o qual todas as nossas ações tenderiam, ou seja, a finalidade de todos os nossos atos. Dessa forma, vendo a felicidade como o bem em si, podemos entendê-la como sendo a finalidade de nossas ações, pois, se “existe uma finalidade visada em tudo que fazemos, tal finalidade será o bem atingível pela ação, e se há mais de uma, serão os bens atingíveis por meio dela” (Aristóteles, 2005, p.25).

Os relacionamentos sociais também aparecem nas falas dos entrevistados em vários momentos, seja no contexto familiar, seja no de amizades seja no de trabalho. De fato, esse é um fator que, segundo Faria (2008), merece destaque, pois esses relacionamentos são considerados a maior fonte de felicidade e saúde, atuando no alívio da depressão. Isso acontece porque constroem uma rede de apoio que gera alegria, proporcionando a partilha de experiências. Além disso, os grupos sociais exercem bastante influência na propagação da felicidade, e a família aparece como sendo o principal exemplo (Bizarria, Barbosa e Rocha, 2017).

Para Soares, Dalboni e Teixeira (2022), a felicidade e a satisfação com a vida estão positivamente relacionadas com aspectos como casamento, família e laços de amizade. Assim, segundo os dados obtidos nessa pesquisa, os

autores identificaram que os indivíduos os quais têm a família como um fator muito importante apresentam 10,2% mais chances de se considerarem muito felizes em relação às outras pessoas. Quanto aos amigos, os indivíduos que os consideram importantes têm uma probabilidade 5,3% maior de serem muito felizes.

Ao falar sobre a família, percebemos que esse foi um dos momentos nos quais houve mais comoção por parte dos nossos entrevistados, seja ao tratar sobre o Transtorno do Espectro Autista do filho e seus avanços, no caso de Veterinária, seja sobre ver o filho construindo sua família, no caso de Pedagoga. Observamos que esses aspectos exercem muita influência em suas percepções de felicidade, até pelo tempo de fala durante a entrevista sobre eles.

Da mesma forma, podemos citar o caso de Zootecnista, que, mesmo trabalhando na cidade de Paulistana, foi morar em Petrolina. Entre essas cidades existe uma distância de aproximadamente 173 km, e, mesmo assim, ele optou por isso, pois se sentia sozinho e precisava de uma maior convivência com seus amigos, que residiam na cidade de Petrolina. Observamos também que, para Agrônomo, procurar viver um bom relacionamento com todos exerce tanta influência, que o fez resumir a felicidade em ser agradável e estar em paz com os outros, entendido como o cultivo de relacionamentos harmoniosos e respeitosos com as pessoas ao seu redor.

Nesse sentido, os relatos obtidos demonstram que o convívio social exerce influência importante nessa discussão. Sobre isso, Ribeiro (2015) defende que as relações de amizade e afetivas mantêm uma estreita relação com a felicidade. Assim, para o autor, os principais fatores correlacionados a ela seriam a amizade e o companheirismo. Para Farias (2008), as relações interpessoais consideradas interações gratificantes vividas ao longo da vida podem fazer a diferença na percepção da felicidade ou da infelicidade individual.

Em relação à saúde, observamos, por exemplo, quando Pedagoga comenta sobre a importância desse aspecto na sua idade e quando Veterinária comenta sobre o seu filho, que se constitui como uma característica relevante

na percepção de felicidade. Para Farias (2008), a saúde exerce essa influência, pois, na medida em que indivíduo, família ou grupo social a possui, pode sentir-se mais forte e realizar suas ações, tornando seus dias de vida mais felizes.

Da mesma forma, Soares, Dalboni e Teixeira (2022) afirmam a importância desse aspecto, pois problemas de saúde impossibilitam a realização de atividades sociais e econômicas, reduzindo a qualidade de vida. Para Schopenhauer (2001), a saúde do corpo, juntamente com outros fatores, como a serenidade de espírito e bens exteriores, em medida muito pequena, caracteriza-se por ser um dos fatores essenciais para se alcançar a felicidade possível.

A saúde aparece como um fator fundamental quando relacionada à felicidade. Entretanto, para Ribeiro (2015), esse efeito se dá quando é levada em consideração a saúde declarada ou percebida, uma vez que esse aspecto está relacionado à personalidade e às relações pessoais, de forma que, quanto melhor o estado de saúde e a integração social, mais as pessoas tendem a declarar a satisfação com a vida.

Outros aspectos citados com certa frequência foram “Fé” e “Deus”, como elementos que também interferem em uma vida feliz. Essa característica é importante, pois, segundo Ribeiro (2015), a religião ajuda na interpretação do sentido da vida. Ainda para o autor, essa correlação existe, mas não tão fortemente como as amizades, por exemplo.

Segundo Soares, Dalboni e Teixeira (2022), a participação em atividades de natureza religiosa, artística, recreativa e esportiva, assim como de ajuda ao próximo ou mútua, também contribui para a percepção de felicidade, já que despertam um sentimento de pertencimento e participação em grupos sociais.

Outros aspectos citados nas respostas dos nossos colaboradores e que merecem reflexão foram dinheiro e trabalho. Para abordar essas questões, é importante frisar que a situação das pessoas à sua volta interfere na percepção de felicidade do indivíduo, porque há um julgamento baseado em normas sociais e comparações com os outros (Ribeiro, 2015). Sobre esse aspecto, Clark e Oswald (2000) explicam que a percepção de felicidade estaria ligada à renda quando relacionada na forma de comparação, ou seja, quando a renda

do indivíduo cai em relação aos demais do seu convívio, ele tende a se sentir menos feliz.

Nesse sentido, a percepção subjetiva sobre a renda também se torna um fator importante nessa discussão, pois, se a pessoa está satisfeita com o que recebe, também tende a ficar satisfeita com a vida. Assim, essa consideração sobre a renda é feita através de comparações subjetivas com os outros indivíduos (Ribeiro, 2015).

É comum a ideia que estabelece uma relação positiva entre felicidade e dinheiro, apresentando maior impacto em países mais pobres (Bizarria, Barbosa e Rocha, 2017). De fato, o dinheiro é um importante elemento gerador de felicidade até se atingir um certo grau de uma vida digna, entretanto, daí em diante, ele se torna indiferente, podendo até gerar infortúnio (Barbosa, 2023). Da mesma forma, Farias (2008) afirma que ter mais do que o necessário pode dificultar e até ser um obstáculo à felicidade dos indivíduos.

Ainda sobre essa questão, Soarez, Dalboni e Teixeira (2022) afirmam que um nível mais elevado de renda, em geral, possibilita mais oportunidades e meios para que o indivíduo alcance o que deseja, com mais segurança, sendo, dessa forma, mais feliz. Entretanto, frisam que essa afirmação é verdadeira somente até determinado ponto. Neri (2008) também afirma que a renda mais alta está positivamente associada à felicidade em um dado ponto do tempo, relação que enfraquece ao longo do ciclo da vida.

Em pesquisa realizada com 104 estudantes de uma Instituição de Ensino Superior da rede particular no estado do Tocantins, sobre a percepção de felicidade, os autores observaram que, em relação ao dinheiro, os participantes alegaram que ele é necessário, mas não é o objetivo maior da vida, seria um instrumento para viver bem e feliz (Monteiro, et al, 2021).

Nos trechos destacados “Eu acho que eu amo, eu faço mais, digo sempre, faço mais pelos meus pacientes que pelos meus de casa” e “então, o trabalho é essencial”. Veterinária e Zootecnista, respectivamente, demonstram a importância que o trabalho exerce nesse processo. Segundo Soares, Dalboni e Teixeira (2022), os indivíduos empregados apresentam uma probabilidade maior (4,9%) de se autodeclararem mais felizes em relação a desempregados, pois a situação de desemprego pode gerar perda de status social e de

autoestima e, com isso, causar problemas de depressão, ansiedade e outros transtornos.

Outro ponto que nos chamou atenção nessa relação da felicidade com o dinheiro diz respeito às características dos nossos colaboradores. Apenas Zootecnista mencionou essa relação, enquanto Agrônomo, Veterinária e Pedagoga não. Da mesma forma, Barbosa (2023), ao realizar sua pesquisa sobre a percepção de felicidade com sete respondentes, constatou que apenas um mencionou o dinheiro. A autora observou que os outros seis mencionaram Deus em suas respostas. Segundo sua pesquisa, isso se deve à relação dos entrevistados com os preceitos religiosos, uma vez que, nesse contexto, a menção ao dinheiro seria politicamente incorreta. Dado semelhante foi encontrado por nós.

Diante das respostas das entrevistas destacadas nessa parte da análise, podemos afirmar que nossas interpretações vão ao encontro da declaração de Ribeiro (2015), quando defende que o grau de felicidade da população brasileira seria uma soma entre as condições materiais, as relações sociais e as percepções individuais sobre renda e saúde.

Em pesquisa realizada por Bizarria, Barbosa e Rocha (2017), ao indagar sobre a percepção de felicidade com seus entrevistados, as palavras “família”, “amor” e “dinheiro” apareceram como as mais citadas, o que, para os autores, ressalta o seu caráter genérico, uma vez que correspondem à vida familiar, às interações afetuosas e à necessidade de sobrevivência, que podem ser relacionados também à aquisição de bens e/ou serviços que proporcionam mais conforto.

Saber quais os aspectos estavam relacionados à percepção de felicidade dos nossos colaboradores foi etapa essencial para nossa pesquisa, pois, segundo Becker (2007), para tentar definir um conceito, podemos buscar elementos que possam ser reconhecidos como constituintes daquilo a que ele se refere, procurando, posteriormente, o que há de comum entre eles. Assim, o significado do conceito pode variar a depender do contexto e das experiências individuais, ou seja, do que temos em mente no momento que o definimos.

Ainda segundo o autor, quando nos deparamos com fatos ou eventos que não estão convencionalmente nas discussões sobre um determinado tema,

podemos encontrar novos elementos que precisam ser incorporados no estudo. Esse trabalho nos obriga a rever nossas análises e ampliá-las, influenciando a forma como entendemos e abordamos nosso problema.

Diante disso, também nos interessou saber o que, para nossos colaboradores, não seria a felicidade ou o que seria a infelicidade. Indagamos dessa maneira a fim de identificar, através da negação, novos elementos que poderiam corroborar nossas análises. Além disso, para Giannetti (2002, p.155), como não é absoluta, a felicidade também “[...] se define pelo contraste com seu oposto”.

Encontramos expressões como “tristeza”, “mentira”, “falsidade”, “doença”, “forçar determinadas situações que causam desconforto”, “falta de amigos”, “falta de condições básicas de alimentação” e “falta de esperança”. Podemos observar essas considerações nos trechos das entrevistas abaixo destacados:

[...] Eu acho que é todo local que você vai e só vê tristeza, coisa ruim, pessoas que querem o mal aos outros eu acho que isso [...] (Agrônomo, 2023).

É você tentar forçar se caber no local que você não se encaixa. É você forçar uma amizade, [...]. Porque isso, não só pra uma relação afetiva, mas pra uma relação familiar ou de amigos ou de qualquer coisa (Zootecnista, 2023).

Viver de mentira, viver de falsidade. Não tem como você ser feliz assim. É eu acho que é a falta do que eu considero pra ser feliz, né? A falta da fé, a falta da verdade, a falta do amor, a falta da empatia. Não tem como você ser feliz assim só sendo, só fazendo mal aos outros né? Eu acho que é isso. (Veterinária, 2023).

É você não ter, amanhecer o dia, você não poder pôr o pé no chão porque você está doente em cima de uma cama, ou no hospital seja lá onde for. É você não ter amigos, é você não ter parente. É você não ter um pouco de alguma coisa pra você se alimentar. Porque a gente sabe que tem pessoas vivendo assim no nosso país [...], a gente sabe que tem pessoas vivendo aqui assim, amanhecendo o dia sem ter o que comer, sem ter saúde, sem ter onde morar, sem ter um Deus, uma religião, algo que você possa se apegar. [...] viver aqui nesse mundo sem ter algo ou a quem você possa ter esperança. Se você não tiver esperança, você deixa de viver, pára de viver, né? Então é isso. (Pedagoga, 2023).

A partir dessas respostas, identificamos que a desigualdade social afeta a percepção de felicidade na medida em que pode privar do acesso a serviços básicos, como, por exemplo, a alimentação, a moradia e a assistência médica, aspectos mencionados por Pedagoga.

A tristeza, destacada por Agrônomo, pode estar relacionada a aspectos de desigualdade social, como também à injustiça e à inveja, quando menciona o fato de que querer o mal aos outros pode contribuir para a infelicidade, expressão também utilizada por Veterinária, além da mentira e da falsidade, que também afetam as relações interpessoais na medida em que comprometem a confiança e a honestidade.

Quando Zootecnista relata sobre não se encaixar em determinadas situações sociais e afetivas, podemos relacionar essa percepção de infelicidade a aspectos como falta de conexão social e de sentimento de pertencimento, além de constrangimento ao se sentir coagido a agir de determinada maneira a fim de evitar discriminação e marginalização.

Para Russell (2004, p. 13), existem tipos variados de infelicidade, e suas causas devem-se “por um lado ao sistema social e, por outro, a psicologia individual”. Podemos afirmar, diante disso, que a infelicidade pode ter características que permeiam questões sociais e individuais, como, por exemplo, desigualdade social, injustiça, discriminação e falta de apoio social.

Diante do que foi discutido nessa seção, foi possível analisar e discutir sobre elementos e contextos que afetam a percepção de felicidade e infelicidade dos nossos entrevistados, contribuindo para um melhor entendimento sobre suas características. Podemos afirmar que a combinação de condições satisfatórias psicológicas, fisiológicas e ambientais proporciona a sensação de felicidade (Teixeira; Martins, 2023). Assim, fatores pessoais e demográficos, como estado civil e saúde, fatores micro e macroeconômicos, como emprego e renda, e fatores institucionais, como o nível de descentralização política da nação, exercem influência na percepção de felicidade individual (Soares; Dalboni; Teixeira, 2022).

Atentamos também para variados contextos em que ocorre a problematização da felicidade atualmente, no sentido de entender como, com o passar dos séculos, essa discussão passou de uma reflexão sobre a boa vida

na *pólis* e na construção de um mundo coletivo, para o discurso que defende a imposição da felicidade baseada no resultado de um investimento pessoal e alimentada pela cultura do consumismo (Pinto; Moura, 2022).

Cabe acrescentarmos a essa discussão a consideração de Comte-Sponville, Delumeau e Farge (2006, p.169) ao refletir sobre as diferentes concepções atribuídas à felicidade ao longo da história da humanidade:

A felicidade não é um estado de repouso, mas um esforço recompensado ou uma decepção que foi superada. Isso significa que não existe felicidade sem coragem e demonstra que os estóicos tinham razão. Há menos felicidade ainda sem o prazer, o que mostra que Epicuro tinha razão. Não há felicidade tampouco sem amor, o que demonstra que Sócrates, que se considerava um especialista no amor, também tinha razão, como também tinha razão Aristóteles ('Amar é deleitar-se'), Montaigne ('Eu amo a vida'), Espinosa ('o amor é uma alegria'), Freud (quando alguém perdeu a 'capacidade de amar' é porque está enfermo) e também todos nós. A felicidade não está nem no ser nem no ter. ela reside na ação, no prazer e no amor.

Portanto, diante dessa discussão, podemos destacar que a problemática acerca da felicidade sugere que essa busca não se dá de forma passiva. Trata-se de uma jornada ativa e dinâmica envolvendo elementos que variam de acordo com o tempo e com a sociedade.

## 6.2 TRAJETÓRIA FELIZ E INFELIZ NA UNIVERSIDADE

Com o intuito de identificar quais e como as situações vividas durante a trajetória universitária remetiam à felicidade e à infelicidade por parte dos nossos colaboradores, iniciamos esta etapa da pesquisa.

Promover essa reflexão se faz necessária, pois a universidade se caracterizou como lócus de sonhos e aspirações dos nossos entrevistados enquanto estudantes da graduação na UFAPE. O ingresso nessa instituição de ensino se deu em um contexto de muito esforço e dedicação por parte deles, por isso, Melo, Almeida Neto e Petrillo (2023) afirmam que a universidade se caracteriza como um lugar de esperança e felicidade. Além disso, configura-se como um espaço de diversidades sociais, culturais e de objetivos pessoais (Monteiro, *et al*, 2021).

Observamos uma coerência entre as percepções de felicidade e infelicidade, tratadas no tópico anterior desta tese, e os acontecimentos citados nessa relação com a experiência universitária, conforme podemos identificar nos trechos citados a seguir, sobre as ocorrências que despertavam a felicidade:

Eu acho que os colegas, os amigos que eu tenho lá. [...]. Eu conversava, trocava ideia, não tinha estresse, né? Acho que era isso (Agrônomo, 2023).

Eu acho que esse negócio de se envolver em muita coisa me deixava muito feliz. Porque além das coisas tudo, a gente ainda era da comissão de formatura e aí ficava tipo, fazia festa, fazia um evento, a gente fez os eventos bem massa, né? Tipo, teve até um ano que foi aquele do Fórum, que a gente fez um, que foi no fórum, que a gente trouxe um Zootecnista que era do zoológico de São Paulo. Doutor Pet, que a gente trouxe também. Então, assim, esse negócio de tá envolvido nessas coisas, sabe? E aí, às vezes, quando a galera de outra turma queria fazer alguma coisa parecida, aí eles vinham conversar comigo e com o Igor, por exemplo, aí a gente se sentia assim, os importantes, sabe? Nessas coisas. Aí assim, eu acho que me ocupar muito lá me deixava feliz, porque eu passava o dia lá. O dia inteiro manhã e tarde, na minha época acho que nem tinha curso noturno, né? Até eu terminar a graduação, não tinha. Então, assim, a gente ficava lá manhã e tarde inteira (Zootecnista, 2023).

Dar aula de monitoria. Eu gostava que só, gostava bastante dos projetos, as viagens, né? De aula prática. Assim, eram sempre experiências boas. [...]. É algumas aulas em específico, né? Eu acho que alguns professores que foram mais do que professores assim, eles foram amigos mesmo de querer ouvir, as vezes a gente não estava bem, eles acolhiam. A minha orientadora que foi a professora Suzana, professora de química, que fui monitora dela, enfim. Ela foi uma mãe pra mim. Durante a graduação toda. A gente ficou amiga e até hoje a gente se fala e, né? [...]. E aí eu acho que foi isso também as amizades. Hoje eu tenho, o povo diz que não faz amizade com turma de graduação. Minha mãe dizia, ninguém é amigo na faculdade, porque fica todo mundo querendo a sua vaga, todo mundo querendo ou não, às vezes concorrem pra mesma coisa, ela quis dizer nesse sentido. E hoje eu tenho quatro amigas que foi da graduação e que são amigas de verdade assim (Veterinária, 2023).

Essas experiências, né? Eu ensinava no José de Alencar na época e um dia o professor Marcelo levou a turma inteira pra ver eu dando uma aula de sexualidade. Naquela época a gente podia, né? Essas aulas hoje não podem mais. E o professor levou a turma inteira e a gente ficou no pátio porque a turma

era grande. E ali eu fui pro pátio dar aula aos meninos, e foi gravado. [...]. Tudo de bom, né? A nossa primeira turma. Eu tenho certeza. Sim, a gente passou um monte de tempo se encontrando, a gente se reunia, se encontrava (Pedagoga, 2023).

Conforme relatos, identificamos que os momentos com amigos, o envolvimento nas atividades acadêmicas e os professores são citados como importantes aspectos que atuam nas lembranças que remetem à felicidade no ambiente universitário, em conformidade com o que foi descrito anteriormente em relação às interações sociais.

Podemos afirmar, de acordo com as respostas destacadas, que as amizades construídas constituem parte importante das lembranças felizes vivenciadas durante o período em que nossos entrevistados estiveram na universidade, pois, nesse contexto, representam apoio emocional e social, além de possibilitar o desfrute de momentos de diversão, relaxamento e colaboração acadêmica.

As diversas atividades acadêmicas, como pesquisas, extensões e monitorias, também aparecem como pontos importantes na formação universitária, não só pela própria natureza formativa dessas atividades que promovem a aprendizagem ativa, interativa, mediada e autorregulada (Gonçalves, et al, 2021), tão caras nesse contexto, mas também pelo potencial de estímulo de elementos importantes para a percepção de felicidade.

O desenvolvimento crítico, associado à realização dessas atividades, ultrapassa os muros da universidade, proporcionando melhorias da qualidade de vida da população, avanço social e evolução do conhecimento (Cabrero; Costa, 2015). Mas, para além disso, percebemos durante as entrevistas que, ao relatar suas participações em atividades dessa natureza, os depoentes expressavam empolgação, orgulho e satisfação por terem tido essas oportunidades, elementos que associamos a lembranças felizes.

Na universidade, os professores exercem uma função imprescindível e, segundo Teixeira e Martins (2023, p.41), eles “têm um papel central e preponderante na sociedade, [...], eles são os recursos das escolas e determinam a qualidade da educação”. Para as autoras, nesse aspecto, a felicidade e a satisfação no trabalho são de extrema importância para o

sucesso do processo educativo, de forma que acreditam na existência de uma relação positiva entre o desempenho dos alunos e os níveis de satisfação dos professores.

Nesse momento das entrevistas, observamos o reconhecimento do trabalho docente na instituição. Ao citar situações que remetem à felicidade atreladas às práticas dos professores, identificamos que, além de desempenhar a função de transmissão de conhecimento, facilitando a compreensão dos alunos quanto aos conteúdos trabalhados em suas respectivas disciplinas curriculares, eles foram fonte de apoio, encorajamento e orientação, inspirando e motivando os discentes, de forma a contribuir não só para suas formações profissionais, mas também humanas.

Ao adentrarmos nas situações vividas na universidade que remetiam a lembranças de infelicidade, os colaboradores citaram aspectos que permeavam questões sobre dificuldades de aprendizagem, professores, preconceitos e falta de infraestrutura, conforme podemos observar nos trechos abaixo:

As dificuldades que eu que eu tinha no aprendizado. Porque, assim, eu nunca fui reprovado. E na UAG eu fui reprovado e, tem coisas que, assim, como minha primeira reprovação foi em fisiologia vegetal, que era uma coisa que eu nunca gostei na verdade da área de botânica, né? Que tinha memórias, essas coisas, e eu nunca fui bom em memorizar nada de aprender processos assim, eu nunca fui bom. Depois penei com motores que também tem que aprender esse processo de combustão, essas coisas. Aí tudo que que envolvia essas questões de você ter que memorizar processos eu nunca me dei bem. Sempre levei bomba nesses, aí eu acho que as sensações que eu tinha com essas reprovações, esses eram os piores momentos, com certeza (Agrônomo, 2023).

Acho que, por exemplo, eu disse que eu não fiz o mestrado lá por causa de alguns professores que eu não gostava. E aí eu tive algumas, tipo, a gente foi da primeira turma é, a gente teve professor ministrando disciplina que não era da área deles e a gente teve muitas disciplinas com alguns professores que eu não gostava. E aí algumas disciplinas, algumas áreas, eu passei a ter uma um certo receio, assim não gostava muito por causa do professor. Então acho que, alguns professores que eles, sei lá, eles tratavam a gente como se eles fossem muito superiores à gente, por ser meros estudantes, sabe? Eu acho que essa era a parte mais chata. Alguns professores que não tratavam a gente com educação mesmo, sabe? [...] Eu acho que era essa mesmo, porque mesmo depois de eu decidir que não queria fazer o mestrado aqui [Garanhuns], assim seria

muito mais cômodo pra mim, porque eu ir pra Recife eu não tinha certeza da bolsa e eu sabia que eu só conseguiria ficar no Recife se eu tivesse a bolsa, porque tipo, a ideia de eu sair do trabalho e fazer graduação aqui em Garanhuns, eu tava na casa dos meus pais, por mais que eu não tivesse um real pra tomar uma Coca-Cola fora de casa, mas eu tava em casa e aí no Recife ia ser mais difícil. Mas eu não queria de jeito nenhum (Zootecnista, 2023).

A gente sofria muito preconceito da sede. É, a sede às vezes era muito, bloqueava muito as coisas pra gente, alguns professores, não queriam que a gente fosse ter aulas. Algumas, alguns alunos menosprezavam um pouco a gente. A gente sentia isso. [...]. E a própria questão estrutural mesmo, que fazia falta, né? A gente não ter prática, fazia falta, [...]. Então acho que isso foi o pior pra gente assim, por não ter o mesmo subsídio pra gente, conseguir, né? [...]. Era até os professores mesmo porque o que acontecia, [...], eles passavam, não tinha professor pra toda disciplina. Então a gente ia passando os cursos, estava sem professor porque tinha que ter o concurso daqui que chamasse, aí tinha professor se virando e dando disciplina que nem era deles, entende? [...]. Mas era difícil pra gente não ter livro pra estudar, não ter material, não ter a estrutura a gente não tinha nem se as salas direito, né? (Veterinária, 2023).

Foi muita dificuldade, porque o primeiro ano que nós fomos pra lá foi um inverno muito pesado não tinha aquele calçamento ali, não tinha ainda, nem tinha aqueles prédios todos. [...]. O prédio atual, eles fizeram dois lances de prédio. Foi aquele primeiro onde era a secretaria, onde fica lá as placas da gente, né? E aquele outro de cá. Só tinha esses dois. Aí depois, tinha outro do lado de lá. Foram três lances. Aí depois eles foram ampliando né? Não tinha calçamento em canto nenhum. Era barro batido. E, teve um dia que teve uma chuva tão forte, que a gente saiu de lá com água assim na perna, aí termina a aula pra todo mundo ir pra casa. [...]. O que me deu muita dificuldade de fazer foi meu TCC, que a gente levava tudo prontinho achando que estava abafando e quando chegava lá, a professora mandava a gente, riscava todinho e dizia vai refazer isso aqui, isso aqui e isso aqui. Eu dizia, meu Deus quando eu penso que está pronto, né?. [...]. Eu tive nada que me fizesse desanimar assim e querer [desistir], as dificuldades, né? (Pedagoga, 2023).

Conforme observado nos relatos, vários fatores podem contribuir para a infelicidade no ambiente universitário, para Agrônomo, a dificuldade de aprendizagem foi um deles. O ingresso no ensino superior é cercado de desafios, pois, ao se tornar um universitário, existe uma ruptura com o processo de aprendizado em relação ao ensino médio, pois é um nível de

ensino que exige uma nova forma de ser estudante (Senkevics; Carvalho, 2023).

No ambiente universitário, espera-se do estudante uma maior autonomia em relação à aprendizagem, quando comparado ao período escolar, no que diz respeito à administração do tempo, definição de metas, entre outros aspectos (Teixeira; Dias; Wottrich; Oliveira, 2008).

Em comparação com os níveis anteriores de educação, a abordagem utilizada no processo de aprendizagem no ambiente universitário requer do estudante uma maior autonomia, autorregulação e gerenciamento de tempo. Soma-se a essa realidade a complexidade dos conteúdos que exigem maior dedicação e profundidade de reflexão e análise crítica, necessidade de envolvimento com atividades de pesquisa e extensão e expectativas que permeiam o curso superior, como, por exemplo, preocupações com o futuro profissional.

Um ponto abordado por Veterinária foi a falta de acolhimento sentida em relação aos demais estudantes da Sede (UFRPE). Conforme visto anteriormente, esse é um fator que contribui para a percepção de infelicidade humana, por promover isolamento social, baixa autoestima e prejudicar também a auto confiança.

Em relação aos professores, percebemos que a insatisfação se deu de duas formas, uma relacionada à prática pedagógica docente, conforme relatado por Zootecnista, e outra estando mais associada à falta de infraestrutura sentida no início dos cursos, relatado por Veterinária e também por Zootecnista, quando afirmam que alguns docentes ministravam disciplinas que eles não consideravam que fossem suas áreas de especialidade.

Sobre a prática pedagógica, Mattos e Fernandes (2022) afirmam que a docência no âmbito universitário enfrenta desafios formativos. Para os autores, historicamente, a prioridade na contratação de professores para o ensino superior estava alicerçada em profissionais com formação europeia, priorizando suas atuações científicas. Esse modo de agir terminou por retirar o foco da aprendizagem dos alunos como objetivo central nesse processo, desestimulando a exigência de formação para a docência dos profissionais atuantes nesse nível de ensino.

Tal cenário não difere totalmente do que observamos em nosso tempo atual. Isso pode acontecer devido às demandas e à multiplicidade de fatores que envolvem um ensino de nível superior, levando a priorização do domínio do conteúdo acadêmico em detrimento das habilidades pedagógicas, assim “a ausência da formação pedagógica sinaliza a complexidade da atuação docente [...]” (Mattos; Fernandes, 2022, p. 14).

O desempenho em sala de aula, a competência e a forma de ensinar do docente são características notadas pelos estudantes e que contribuem para um melhor envolvimento com o curso, ao passo que, quando isso não ocorre, os discentes alegam o sentimento de frustração (Teixeira; Dias; Wottrich; Oliveira, 2008).

Diante disso, devemos atentar para a importância da atividade docente como prática pedagógica que objetiva a formação profissional e cidadã e que impacta o discente de tal modo, que suas ações poderão ser fonte de felicidade ou infelicidade. Para Junges e Behrens (2015), se a prática docente não é refletida e continuamente revista, levando em consideração os interesses dos alunos, ela, em si mesma, não se reverte em aprendizagem. Neste caso, mesmo que o professor tenha anos de experiência, não significa que, do ponto de vista pedagógico, será um bom professor.

Conseguimos identificar nos relatos dos nossos entrevistados que a falta de infraestrutura sentida no período da implantação da instituição impactou suas expectativas. De fato, a expansão ocorrida com o REUNI mais que duplicou o número de discentes matriculados (Rocha; Carvalhaes, 2023), gerando uma série de adaptações que se fizeram necessárias para a continuidade dos cursos. Para Mancebo, Vale e Martins (2015), o programa de expansão universitária gerou o mais-trabalho do professor, pois houve aumento do número de discentes sem a correspondente aplicação do número de docentes.

De acordo com o que foi descrito pelos depoentes, a falta de estrutura afetou negativamente suas experiências na instituição, com isso comprometeu a motivação durante as atividades. A falta de livros, laboratórios e materiais de estudo, conforme fala de Veterinária, dificultou o acesso à informação e limitou

a realização de pesquisas e aulas práticas. Para Pedagoga, a infraestrutura comprometeu a segurança e o conforto para frequentar e assistir às aulas.

No contexto universitário, o estudante se depara, rotineiramente, com situações e dificuldades que o desanimam e podem até levá-lo ao abandono e à evasão do curso, por isso, a atenção em relação a esse aspecto é fundamental, ao entendermos que a desistência do curso implica a desistência de um sonho (Melo; Almeida Neto; Petrillo, 2023).

Os fatores citados podem interferir no desempenho acadêmico, gerando situações de angústia e ansiedade, que terminam por dificultar a trajetória universitária, uma vez que sentir que não dispõem de ferramentas adequadas para concluir de forma satisfatória seus respectivos cursos pode causar desânimo e sensação de desvalorização em relação à instituição de ensino.

Para Lima e Machado (2016), a expansão universitária ocorrida através do REUNI, que promoveu o aumento do número de estudantes, não pode perder de vista a função de formar profissionais de alta qualidade, além da de realização de pesquisa e produção de conhecimento alinhada ao desenvolvimento social e econômico e considerando sua base histórica e cultural.

### 6.3 PARTICIPAÇÃO DA UFAPE NA PERCEPÇÃO DE FELICIDADE

Nessa etapa da pesquisa, tendo como base tudo o que foi conversado com nossos colaboradores, era nosso interesse identificar como a trajetória na UFAPE impactou na percepção de felicidade de cada um deles, ou melhor, se essa experiência de ingresso e conclusão do ensino superior tinha contribuído para que eles se sentissem mais felizes.

Agrônomo, Zootecnista, Veterinária e Pedagoga foram unânimes em afirmar que a UFAPE contribuiu para que se sentissem mais felizes, considerando fatores como realização do sonho de ingresso em uma universidade pública Federal, a possibilidade do exercício profissional e a formação humana. Ao entendermos que esse ponto é crucial em nossa tese, destacaremos, a seguir, trechos maiores das entrevistas. Sobre esses aspectos, seguem suas considerações:

É contribuiu. Pelo seguinte, acho que tem coisas que eu aprendi lá, que se eu não tivesse lá eu não teria aprendido e me deu suporte pra eu conquistar outras coisas. Que as coisas que eu conquistei, hoje eu tenho um emprego que é uma coisa que me deixa feliz também. Hoje eu tenho um carro que é uma coisa que me deixa feliz, hoje eu tenho um apartamento que é uma coisa que me deixa feliz, eu acho, são coisas que eu não teria conquistado se eu não tivesse aprendido lá. Algumas coisas que eu aprendi lá, me fez conseguir coisas que hoje eu tenho. [...]. Minha independência, porque toda a vida eu morei na casa dos meus pais, né? E no período que eu estava na UAG não tinha meus pais comigo, eu tive que desenrolar tudo sozinho, né? Você, quando você está na escola, né? Você, tudo é com os pais, né? E lá não, lá é você, você é responsável por tudo o que você faz. E você na faculdade, tem isso de chamar o pai pra resolver não, é você que tem que resolver. [...]. Quando você tá em casa, você tem alguém pra fazer o seu almoço. É, começa logo aí, é coisa simples. Você tem alguém que faz o seu café. Tem alguém pra fazer sua janta. Quando você não está em casa é você que faz ou então você fica sem (Agrônomo, 2023).

Com certeza. Assim, primeiro por eu ter conseguido entrar, né? Que era um sonho muito distante, né? E aí quando ela chegou e aí essa expectativa, mas assim, foi uma felicidade a Rural [UFRPE] vir pra Garanhuns. Mas assim, não era uma certeza que eu ia entrar, porque eu tava vendo que o negócio não tava dando certo pra mim, né? Eu fazia, fazia, fazia, não dava certo. E aí quando ela chegou e aí eu entrei e aí eu fiquei numa colocação muito boa e também depois que comecei a estudar eu tava me dando, me dei bem na maioria das disciplinas [...]. E aí como eu tinha muita vontade realmente de fazer um curso superior e tal. Então assim, é inegável, né? Que a UAG foi, e os frutos que eu tenho de tipo, de trabalho, de muita coisa. Hoje em dia, claro, que se não fosse a UAG, a oportunidade que eu tive nela, não tinha pra onde, né? Eu estaria muito provavelmente onde eu estava quando ela chegou, trabalhando no comércio. Porque era, ou você estudava na FAGA aqui, que os cursos superiores, antigamente, né? Hoje em dia está até mais barato, né? Tá cada vez caindo mais o preço e tal, mas naquela época ou você fazia a UPE, que eu não conseguia entrar ou você estudava na FAGA, que eu não conseguia pagar. Eu trabalhava, mas assim, era o salário que eu recebia, então tipo, eu ia entrar na faculdade e ia pegar todo o salário, e não tinha condições de fazer isso, né? E aí é assim, com certeza, assim, eu tenho um carinho enorme pela UAG, e por vários professores daquela época, né? Que hoje em dia eu chego lá, eu não conheço quase ninguém mais, né? Mas assim, é um lugar que eu falo com muito carinho, sempre, sempre, sempre, porque eu tenho ótimas lembranças lá (Zootecnista, 2023).

Sim. Ela me deu minha profissão, né? Ela me fez escolher, apesar de ter sido só pela cidade, mas ela me fez entender que

eu nasci pra ser veterinária e eu não sabia. Eu descobri através da UAG, né? Eu tenho certeza que sim. Sim, que tudo que eu vivi lá e que eu passei depois disso, contribuiu e contribui ainda muito. Eu tenho o maior prazer de dizer que fui da primeira turma. Tenho o maior orgulho de dizer que fui de lá. E por isso que eu vou, faço maior questão de sempre que me chamam eu estar presente, né? Aquelas aulas de primeira turma, né? Eles sempre chamam os egressos e egressos antigos, e aí eu sempre, eu tenho o maior prazer por causa disso, porque tenho muito orgulho de ser de lá, de ter participado, de ter sido, de ter feito parte dessa história, né? De ter uma participação nisso, porque foi importante pra região foi muito importante, né? Pra cidade também, porque a gente tem uma base muito boa aqui, os professores, enfim apesar de faltar, como eu disse, faltou estrutura e a gente compensou em profissionais assim pessoas muito, vieram pessoas muito boas, competentes e profissionais muito dispostos a construir junto uma história bonita [...]. Os primeiros professores assim, acolheram a gente, né? Tentando dar sempre o melhor deles e foi muito bonito isso, assim, a gente deve muito a eles também, a cada um deles. Nem tem todos aí agora, né? Muitos foram embora. É uma pena também, mas, até hoje, onde se vê, onde se encontra eles fazem a maior festa. Às vezes eu vou pra banca de ESO [Estágio Supervisionado Obrigatório] e reencontro e é um prazer. Hoje eles são meus clientes aqui, muitos trazem os bichinhos pra eu cuidar [...]. Pra mim é uma honra quando vem o professor e, eu digo, traz por confiar no meu trabalho, né? Então é importante pra gente também[...]. Eu consigo hoje rever, muitos são clientes, muitos são amigos, os que não são clientes também são amigos e é bonito, a história foi muito bonita e sim, faz parte da minha trajetória e da felicidade mesmo assim. O que eu tenho hoje eu devo ao meu curso né? A minha graduação. Porque foram muitos perrengues, mas hoje eu tenho uma profissão e uma graduação graças a unidade acadêmica mesmo. Que se não fosse aqui, acho que eu não teria feito, né? Aqui talvez, ficado na região e contribuído de alguma forma pra própria região. Que a intenção era essa também, né? Tirar um pouco do foco da capital e era trazer pro interior, era trazer para as outras regiões do estado, oportunidade. Eu acho que eles conseguiram, né? E vir gente de outros estados também, né? De cidades pequenas. Eu tinha um amigo que a cidade dele era muito pequena e enfim, ele conseguiu também se formar e hoje é uma referência também na área que ele escolheu então é, foi importante. Bastante. [...] É isso, então foi muito, muito mais, eu ganhei muito mais como pessoa do que coisas que fossem pra veterinária na prática assim. Me tornaram uma pessoa melhor. E eu acho que isso vale mais às vezes, né? A humildade mesmo. [...]. Eu acho que a honestidade, né? A empatia, então isso tudo eu aprendi na graduação também, né? Em conversas e ficar horas, eu tinha que ficar doze horas lá, mesmo sem fazer nada, tem que ir, tá lá, de ouvir a menina da limpeza, né? De conversar com a menina da xerox, da cantina, de igual pra igual, a gente

aprende a não querer ser melhor do que ninguém, aí são coisas que ninguém tira da gente (Veterinária, 2023).

Certamente, muito. [...] Então, quando eu vejo um aluno que estudava há três anos numa escola particular que não tinha nem coordenação motora, porque o menino nem no lápis ele não sabia pegar e eu deixei essa criança lendo e escrevendo com a letra maravilhosa dessa. Eu posso dizer que a UAG foi quem contribuiu com tudo isso porque, o magistério também contribuiu muito. Mas a UAG completou, né? A UAG me completou como professora, né? Então eu me orgulho. Eu digo, todo canto que eu chego eu digo, eu fui da primeira turma da UAG, eu fui a primeira turma da UAG, eu fui formada na primeira turma da UAG todo canto que eu chego eu digo. [...] Então, pra concluir o que eu posso dizer é que a UAG me melhorou muito como pessoa, como ser humano, como cidadã, como professora, né? Eu pude passar aquilo que eu aprendi com meus professores, a maneira de tratar com o aluno diferenciada. E eu tenho um aluno com a deficiência e eu tratar aquele aluno de igual pra igual com os outros porque foi isso que a gente aprendeu na UAG, foi isso que Marcelo passou pra gente. Principalmente, não só ele, Juliene, Cláudio, Heloísa, aí eu vou dizer tudinho daqui a pouco, é isso. [...] Melhorou, porque você passa a ter uma outra visão de mundo. Porque quando você não tem cultura, uma pessoa sem cultura é uma pessoa que tem uma visão de mundo totalmente diferente de uma pessoa que tem cultura, né? Então a gente passa a enxergar e a valorizar outras coisas. A gente passa a ter novos valores, né? A gente passa a valorizar coisas que antes a gente não valorizava. A gente não dava valor. Por quê? Porque hoje você é uma pessoa que, de uma certa forma, você tem uma cultura, né? E você pode dizer, você pode conversar, né? Você pode dialogar, você tem como dialogar com pessoas de diversas áreas, porque você tem um certo conhecimento. Você pode entrar numa roda de conversa que envolva outras áreas porque hoje você tem outro conhecimento, outros valores, né? Então, isso é bom demais! Você saber que você é uma pessoa que de uma certa forma você tem uma certa cultura. Você não é leigo em tudo. Leigo em algumas coisas nós vamos sempre ser, a gente não estuda tudo, a gente não alcança tudo, né? Mas você hoje tem uma certa cultura quando você pode dialogar com qualquer pessoa. Sem ter medo, né? (Pedagoga, 2023).

Sobre esses aspectos podemos destacar algumas considerações de acordo com o que foi relatado ao longo das entrevistas.

A conclusão do curso superior e a conquista do diploma em uma universidade pública foram fatores relacionados à percepção de felicidade citados ao longo das entrevistas, e isso se deu para eles, principalmente, devido à boa reputação dessas instituições, aliada a gratuidade e qualidade do

ensino oferecido, o que, para os entrevistados, contribuiu para a aquisição das habilidades necessárias para a inserção no mercado de trabalho.

Para além da preparação profissional, a UFAPÉ, segundo os relatos, contribuiu também com a formação humana, na medida em que foi possível, através não só das atividades acadêmicas, mas também da vivência cotidiana do contexto universitário, desenvolver aspectos éticos, sociais e culturais.

Segundo Sobrinho (2018), isso acontece, pois a educação é a base para a formação moral e para o desenvolvimento social e intelectual, por propiciar aspectos éticos, políticos, cognitivos e estéticos para não só a inserção, mas também para a participação consciente dos indivíduos na sociedade. Assim, ela propicia a libertação humana, instruindo o homem em sua busca pela superação das suas misérias ao mesmo tempo em que estimula seus anseios em relação à liberdade.

Desse modo, a educação exerce uma importância fundamental na formação integral dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa, porque fornece os alicerces para o desenvolvimento moral, social e intelectual dos indivíduos e prepara-os para a vida em sociedade.

A existência humana necessita da vida em comunidade e, por isso, quanto mais efetiva for sua participação, melhor realizada será sua existência (Sobrinho, 2018). Isso se dá devido à natureza social e interdependente dos seres humanos, uma vez que, através da interação com os outros, deparamo-nos com diferentes perspectivas e experiências que proporcionam crescimento e desenvolvimento pessoal, além do senso de pertencimento e de identidade que conecta grupos e estimula a participação ativa em prol de objetivos compartilhados e causas comuns.

Assim, a esperança na construção de um futuro melhor é o que dá sentido à educação, é o que sustenta a capacidade humana de sonhar com condições mais favoráveis que contribuam para a evolução de sociedades emancipadas, o que não nos faz descartar seus limites diante da difícil realidade humana (Sobrinho, 2018).

Na medida em que lemos os depoimentos dos nossos colaboradores, notamos que a conclusão do curso superior possibilitou suas inserções no mercado de trabalho de forma que julgam ser satisfatórias, mesmo para

Agrônomo, que não exerce a profissão de sua formação, mas reconhece que as experiências e o conhecimento adquirido na universidade foram fundamentais para acessar o emprego que tem atualmente.

De acordo com os depoimentos, a inserção no mercado de trabalho é considerada como um fator que associa a UFAPE e a percepção de felicidade, pois a formação universitária proporcionou uma fonte de renda que permitiu atender as suas necessidades básicas como, alimentação, moradia e saúde, ou seja, tornou possível a melhoria do padrão de vida, além da realização pessoal e satisfação profissional, pois eles exercem atividades alinhadas com seus interesses, valores e habilidades.

Segundo Sobrinho (2018, p.746), através da educação, os indivíduos buscam “[...] os benefícios que lhes possam proporcionar bons empregos, melhores oportunidades e situações sociais, potencializar suas condições financeiras e assegurar-lhes uma vida digna e produtiva”, esta uma aspiração necessária e legítima, em que o indivíduo busca o progresso material através do acesso à educação.

Da mesma forma, em sua pesquisa, Alves (2022) afirma que pessoas pertencentes às classes populares utilizam como estratégia para tornar possível a mobilidade social, o acúmulo de capital escolar e cultural, pois percebem que essa é uma forma de serem incluídas socialmente. Assim, no sentido prático, a universidade seria o caminho para alcançar uma profissão qualificada. Tal visão é compartilhada também por Zago (2006), quando defende que o ensino superior representa, para esses estudantes, um investimento para tornar possível suas chances de inserção no mercado de trabalho.

Entendida dessa forma, em nossa sociedade, a educação é essencial ao ser humano, e sua privação prejudica a condição de cidadão ativo, já que termina por restringir a sua participação plena e livre na esfera pública, negando sua condição de membro da sociedade. Por isso, para Andriola e Barrozo Filho (2020), a preocupação das nações soberanas, democráticas, inclusivas, emancipadoras e avançadas nas artes, nas ciências, nas tecnologias e na inovação deve ser o acesso à educação e a permanência e a qualidade dela.

Nesse sentido, embora tenha consciência das inúmeras dificuldades e limitações, a educação, ainda assim, constitui-se como fonte de esperança na superação e no fortalecimento da dignidade humana, ainda que diante das diversas situações de vulnerabilidade social, opressão e injustiças sociais vividas pela maior parte da população mundial (Sobrinho, 2018).

Portanto, a universidade se insere como “patrimônio de toda a sociedade” (Sobrinho, 2018, p.742), juntamente com as outras instituições educacionais. As universidades públicas, nas suas vivências de pesquisa, ensino e extensão, buscam cumprir os compromissos de formação da cidadania e promoção do bem social. Da mesma forma, as instituições privadas devem se submeter a esses princípios diante da incapacidade do Estado de atender a toda demanda educacional.

A necessidade de acesso a uma educação de qualidade, pela maior parte da população, aumenta a possibilidade de construção de uma nação forte, entretanto não estamos tratando apenas de números, pois não adianta aumentar a oferta sem se preocupar com a formação humana, com a educação em seu sentido mais pleno. Tratando do ensino superior, especificamente, essa educação estaria alicerçada em uma formação técnica e profissional sustentada pela ética e pelo imperativo moral do bem comum, de forma a cumprir seu objetivo de formar cidadãos conscientes de seus papéis na vida pública (Sobrinho, 2018).

Da mesma forma, segundo documento da Conferência Mundial do Ensino Superior (2009, p.2), esse nível de ensino deve, além de fornecer práticas sólidas, “contribuir para a educação de cidadãos éticos, comprometidos com a construção da paz, com a defesa dos direitos humanos e com os valores da democracia”. Assim, à educação superior caberia a formação de sujeitos com conhecimento técnico-científico sólido e atualizado, em profunda conexão com a formação ética-moral.

Para Mello, Almeida Neto e Petrillo (2023), a educação superior também é responsável pela formação humana dos seus discentes, na medida em que ela é pensada como um espaço que estimula a valorização e a transformação do indivíduo, preparando-o para a atuação profissional, ética e cidadã.

Foi possível identificar nos relatos das entrevistas que a trajetória universitária fomentou o desenvolvimento da atividade intelectual, da formação profissional e humana, através das suas diversas atividades científicas e do convívio entre os indivíduos que integravam a comunidade acadêmica, sendo esses aspectos associados à percepção de felicidade humana. Esse dado corrobora o que foi defendido por Perrusi e Fonte (2020, p.100) quando afirmam que “estudos indicam que a realização acadêmica faz parte das condições importantes para a felicidade, na opinião dos sujeitos brasileiros”.

Vale salientar que Zootecnista, Veterinária e Pedagoga alegaram o sentimento de orgulho por ter feito parte da instituição. De acordo com os relatos, esse sentimento de orgulho estaria associado à posição de primeiros egressos de uma instituição pública Federal, a ter conseguido concluir o curso superior apesar de todas as dificuldades estruturais e demais adversidades, por considerarem ter tido bons professores e também por se sentirem bem sucedidos em suas carreiras profissionais. Sobre este aspecto, Russel (2004, p.181) esclarece que “ninguém pode tirar de ninguém a felicidade que provoca haver feito bem um trabalho importante, a não ser que lhe seja demonstrado que, na verdade, todo o seu trabalho está mal feito”.

Percebe-se, dessa forma, a importância do espaço universitário na composição das trajetórias dos nossos colaboradores. A atividade intelectual fomentada na universidade é uma das suas características essenciais, na medida em que proporciona e estimula a crítica e o debate, pensando e oferecendo soluções aos problemas da sociedade (Sobrinho, 2018). Mas, para além dessa característica, ela proporciona a interação entre pessoas de diferentes origens, culturas e perspectivas, servindo como ponto de partida para o desenvolvimento do caminho profissional e pessoal.

Bizarria, Barbosa e Rocha (2017) indicam que o melhor aproveitamento acadêmico estaria atrelado à felicidade no âmbito educacional e, possivelmente, a uma melhor transição para o mercado de trabalho, uma vez que é possível que esses indivíduos tenham uma maior capacidade de adaptação às diversas situações.

Dessa forma, Fellicetti e Cabrera (2017) destacam que, de fato, a formação universitária pode contribuir com a melhoria da vida das pessoas e

com o desenvolvimento da sociedade e do país. Tais aspectos podem, diante do que foi tratado nessa parte da nossa pesquisa, ser relacionados como importantes para a percepção da felicidade humana. Sabemos que a democratização do ensino superior e o acesso a ele não são a solução de todos os problemas existentes em nossa nação. A situação de desigualdade extrema no Brasil vai além de aspectos educacionais. Além disso, a felicidade humana não se resume a um diploma de graduação e talvez nem se faça necessário em muitas culturas.

O que entendemos é que, ao se considerar a finitude humana e suas imperfeições, é preciso construir-se diariamente, produzindo uma existência diante da vida social e de todo caos e incertezas que a acompanham, e essa construção também se dá através de sonhos e superação, assim “esperança, utopia, educação, Humanidade constituem um complexo semântico que tece a compulsão pela transcendência e pela busca da felicidade” (Sobrinho, 2018, p. 740).

Assim, entendemos que, juntos, esses conceitos alimentam a busca pela felicidade humana, através da esperança em um futuro melhor, da luta por uma sociedade onde a justiça e a igualdade prevaleçam, da conexão entre os seres humanos pelo objetivo do bem comum ou do estímulo ao pensamento crítico que auxilia no processo de entendimento e na transformação da sociedade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos compreender como a trajetória universitária na UFAPE contribuiu para a construção das percepções de felicidade dos seus primeiros egressos. Para isso, foi necessário analisar as trajetórias de vida dos nossos depoentes, identificar suas percepções de felicidade e relacionar os dados coletados que demonstrassem a participação da instituição na construção de suas respectivas percepções de felicidade.

A escolha da metodologia utilizada na pesquisa foi feita tendo como principal preocupação responder aos objetivos pretendidos de forma satisfatória, e, a partir daí, foi iniciado um longo percurso.

A História oral nos permitiu uma compreensão acerca das experiências, das perspectivas e dos contextos dos depoentes, valorizando suas diversidades. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram uma exploração detalhada acerca de alguns temas, de forma mais flexível, sendo possível ajustar as perguntas de acordo com as respostas. Da mesma forma, através da análise de conteúdo, foi possível identificar os elementos significantes nos relatos, contribuindo para uma análise mais detalhada para entendimento dos dados qualitativos. Assim, a metodologia escolhida nos permitiu interpretações qualitativas dos processos históricos sociais vividos pelos indivíduos.

As fontes orais se constituíram como uma das bases da nossa pesquisa, fruto de uma ação interativa entre a entrevistadora e os entrevistados, o que possibilitou a documentação das ações de constituição das memórias dos primeiros concluintes da UFAPE, tendo-as como nosso objeto de estudo.

A experiência com os entrevistados foi enriquecedora desde o primeiro contato, quando se mostraram bastante disponíveis, e durante todo o período da pesquisa. No decorrer das entrevistas, rimos, choramos e nos emocionamos. De fato, foi um privilégio ouvir suas histórias e partilhar suas alegrias, tristezas, angústias e conquistas.

As diferentes histórias de vida que acessamos através das entrevistas demonstraram diferentes representações sobre o que foi vivido, visto que cada indivíduo construiu suas análises influenciado pelos contextos políticos, sociais e econômicos no qual está inserido.

Ter a oportunidade de conhecer as trajetórias de vida dos nossos entrevistados nos fez perceber o quanto as políticas de democratização e permanência do ensino superior são urgentes e necessárias em um país desigual como o nosso. Conhecer detalhes das histórias de superação de pessoas oriundas de camadas populares rumo à realização de um curso superior em uma instituição pública e de qualidade nos fez compreender que essa ainda é uma realidade difícil de se alcançar nos dias de hoje.

Acessar o ensino superior foi um acontecimento profundamente impactante e significativo na vida de cada um, segundo os relatos dos nossos entrevistados, porque, neste caso, não se concretizou a previsão de fracasso comumente associado às pessoas que não pertencem às camadas mais altas da sociedade em relação à educação.

Identificamos que a educação superior permitiu que os nossos entrevistados alcançassem uma posição socioeconômica mais elevada em relação aos seus pais, uma vez que proporcionou chances de acesso a empregos melhores remunerados e mais qualidade de vida, representando uma quebra de barreira histórica e estrutural.

Por isso, pesquisar sobre contribuição da trajetória universitária na percepção de felicidade tornou-se fundamental para nós, na medida em que nos permitiu ter uma compreensão mais abrangente em relação aos impactos da educação superior na vida dos indivíduos e na sociedade, bem como nos levou à reflexão acerca da importância das políticas que promovem a inclusão e a permanência nas universidades brasileiras.

De acordo com os relatos, observamos que a percepção de felicidade é multifacetada e complexa, sendo influenciada por fatores individuais, sociais e culturais. Identificamos também que as relações interpessoais, principalmente família e amigos, a saúde, a espiritualidade, o trabalho e o dinheiro são considerados importantes nesse contexto. Além disso, a infelicidade estaria associada, principalmente, à falta de conexão social, injustiça, desigualdade social, mentira e falsidade.

A partir das análises, foi possível também identificar que aspectos como relacionamentos sociais, participação em atividades acadêmicas de pesquisa,

ensino e extensão e o apoio e incentivo dos docentes são fundamentais para associar o ambiente universitário à percepção de felicidade.

Por outro lado, fatores como dificuldade de aprendizagem, falta de recursos de infraestrutura e insatisfação com a prática pedagógica docente afetam não só o desempenho acadêmico do discente, podendo levar até a sua desistência e evasão, mas também são vistos como motivos de infelicidade durante a trajetória acadêmica.

Portanto, constatamos que a trajetória na UFAPE impactou a percepção de felicidade dos nossos colaboradores. O fato de ter conseguido acessar e concluir o ensino superior contribuiu não só para o êxito na vida profissional, mas também contribuiu para a formação humana, na medida em que eles ressaltaram que as experiências vividas na UFAPE os ajudaram a se tornarem pessoas mais justas, humildes e honestas, enfim, pessoas melhores, participantes e conscientes do seu papel na sociedade.

Conscientes das nossas limitações, sabemos que o grupo entrevistado pode não representar a visão de todos os egressos da UFAPE, por isso é importante cautela ao extrapolar os resultados da presente pesquisa para além do contexto em que foi executada, ou seja, não são possíveis generalizações.

Pressupomos que esta pesquisa tenha contribuído para o fornecimento de novas perspectivas sobre a história da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e para o fortalecimento da história da Educação Brasileira. Julgamos que o trabalho contribuiu também para o debate acerca da felicidade no ambiente universitário, auxiliando na compreensão acerca dos fatores que influenciam a felicidade dos estudantes nesse nível de ensino e no desenvolvimento de políticas e práticas educacionais que favoreçam a inclusão e a permanência, de forma a diminuir os índices de desistência e evasão no ensino superior.

Diante disso, nossa pesquisa pode estimular a realização de novos estudos sobre essa temática, como, por exemplo, comparação com outros contextos universitários, inclusão de mais variáveis e análise de grupos específicos dentro da população de egressos, só para citar alguns.

Acreditamos na educação como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e o ensino superior se insere nesse contexto

como um aspecto importante em uma sociedade como a nossa, pois deve ajudar a promover uma ampliação da consciência do homem no mundo, na luta por uma sociedade que forneça oportunidade para todos os cidadãos.

Assim, finalizamos esta etapa e nos apoiamos na afirmação de Simões (2021, p.95) quando defende que “colocar os valores humanos acima das coisas é um dos segredos da felicidade. [...]. Toda pessoa que tem grande caráter estará acima das mediocridades e idiossincrasias humanas, será mais feliz.”

Dessa forma, ao considerar o contexto pesquisado, podemos afirmar que a educação superior se constitui como um caminho para a melhoria da condição e da qualidade de vida, impactando diretamente na percepção de felicidade dos cidadãos, na medida em que proporciona não só o conhecimento técnico e científico, mas também o desenvolvimento de valores éticos que são cruciais para a formação humana e, conseqüentemente, para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre a vida feliz**. Tradução de Enio Paulo Giachini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3.ed.rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, A. R. C.. Batalhadores culturais: trajetórias de mobilidade ascendente nos meios populares. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/mxdGYWmKnrcxpyVCvvCKPFv/#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ANDRIOLA, W.; SULIANO, D. Avaliação dos impactos sociais oriundos da interiorização da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. (online)**. Brasília, v.96, n.243, mai/ago. 2015. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1692/1431>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ANDRIOLA, W. B.; BARROZO FILHO, J. L.. Avaliação de Políticas Públicas para a Educação Superior: o caso do Programa Universidade para Todos (PROUNI). **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 3, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/yF8fSy9jbSG78hFspPdNkcL/#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

BARBOSA, K. M. M. S. **A Felicidade na percepção de sujeitos escolares**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54735> . Acesso em: 04 dez. 2023.

BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. **Rotina acadêmica e relação com colegas e professores**: Impacto na evasão universitária. *Psico*, [S. l.], v. 43, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7870> Acesso em: 04 dez. 2023.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.
- BASTOS, Luciene Maria. **Escola em Aristóteles**: instituição de formação cultural e ético-política. 2014. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Arte & Comunicação, ed. 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **A Arte da vida**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- BECKER, H. S. **Segredos e Truques da Pesquisa**. São Paulo: Zahar, 2007.
- BIZARRIA, F. P. A.; BARBOSA, F. L. S.; ROCHA, S. G. S. Considerações sobre Felicidade por Clusters de discentes de administração em uma Instituição Pública de Ensino Superior. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: <https://sustenere.inf.br/index.php/rbadm/article/view/SPC2179-684X.2017.001.0009> . Acesso em: 04 dez. 2023.
- BIZERRIL, M. X A. O processo de Expansão e Interiorização das Universidades Federais Brasileiras e seus desdobramentos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/13456> Acesso em: 28 nov. 2023.
- BOLLIS, S. **Paideia filosófica**: o sentido da formação n'a república de Platão. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- BORRALHO, A.; FIALHO, I.; e CID, M. Aprendizagem no ensino superior: Relações com a prática docente. In: Leite, C., & Zabalza, M. (Orgs.). **Ensino Superior**: Inovação e qualidade na docência. 2012. <https://www.aidu-asociacion.org/wp-content/uploads/2019/08/cidu-2012-porto.pdf> . Acesso em: 04 dez. 2023
- BOSCH, P. V. D. **A filosofia e a felicidade**. Tradução de: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOTTON, A. **A arquitetura da felicidade** / Alain de Botton; Tradução de Talita M. Rodrigues. - Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In*: Nogueira, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (orgs). **Escritos de Educação**. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRASIL. **Decreto nº 60.731, de 19 de Maio de 1967**. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60731-19-maio-1967-401466-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 01 mar. 2023.

BRASIL. **Parecer nº 346/72 do Conselho Federal de Educação (CFE), aprovado em 6 de abril de 1972.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcfe349\\_72.htm](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcfe349_72.htm) Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm) Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm) Acesso em: 19 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº10.861, de 14 de abril de 2004.** Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAIS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm). Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**, 2005. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br>. Acesso em: 03 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005.** Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/570545#:~:text=Institui%20o%20Programa%20Universidade%20para,2004%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias>. Acesso em: 03. nov. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%206.096%2C%20DE%2024,Expans%C3%A3o%20das%20Universidades%20Federais%20e%20REUNI](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%206.096%2C%20DE%2024,Expans%C3%A3o%20das%20Universidades%20Federais%20e%20REUNI). Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Reuni-2008 – Relatório de Primeiro Ano.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=2069-reuni-relatorio-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2069-reuni-relatorio-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): MS; 2012. Disponível em:  
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em: 10 jan. 2023

BRASIL. **Lei nº 13.651 de 11 de abril de 2018**. Cria a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), por desmembramento da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e cria a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape), por desmembramento da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13651.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13651.htm). Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Portaria nº 151**, de 29 de janeiro de 2020, que nomeia o reitor e vice-reitor da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Diário Oficial da União.

BRASIL. **Lei nº14.350, de 25 de maio de 2022**. Altera as Leis nºs 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 11.128, de 28 de junho de 2005, e a Lei Complementar nº 187, de 16 de dezembro de 2021, para aperfeiçoar a sistemática de operação do Programa Universidade para Todos (Prouni). Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/L14350.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14350.htm). Acesso em: 10 jan. 2023.

CABRERO, R. de C.; COSTA, M. da P. R. Iniciação científica, bolsa de iniciação científica e grupos de pesquisa. In: Massi, L. e Queiroz, S. L. (Orgs.). **Iniciação científica**: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

CANAAN, M. G. e NOGUEIRA, M. A. Bens em disputa no campo universitário: o efeito de fatores socioeconômicos e culturais no acesso à bolsa de iniciação científica. In: Massi, L. e Queiroz, S. L. (Orgs.). **Iniciação científica**: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

CLARK, A. E; OSWALD, A. J. **Satisfaction and comparison income**. Centre for Economic Performance, London School of Economics, Houghton Street, London, 2000.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE ENSINO SUPERIOR 2009. **As Novas Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social**. Paris: UNESCO, 5-8 de julho de 2009. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=4512-conferencia-paris&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4512-conferencia-paris&Itemid=30192) Acesso em: 04 dez. 2023.

COMTE-SPONVILLE, A.; DELUMEAU, J.; FARGE, A. **A mais bela história da felicidade**: a recuperação da existência humana diante da desordem do mundo. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

COMTE-SPONVILLE, A. **Felicidade, desesperadamente**. André Comte-Sponville. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CORDEIRO, W. M. **As interações entre contexto e universidade**: estudo da unidade acadêmica de uma universidade pública federal. 159f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

COSTA, A. L. D.; PICANÇO, F.. PARA ALÉM DO ACESSO E DA INCLUSÃO Impactos da raça sobre a evasão e a conclusão no Ensino Superior. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 2, p. 281–306, maio 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ch8p7sZsd9gk33JFRG3kpTJ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

COSTA, S. H. **A importância do programa de iniciação científica (PIBIC) na formação científica dos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DECI, E. L; RYAN, R. M. Hedonia, eudaimonia, and well-being: an Introduction. **Journal of Happiness Studies**, 2008. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-006-9018-1> Acesso em: 11 ago. 2023.

EDUARDO, A. T. R. **Educação e felicidade**: a relação entre ética e política na formação humana. 2017. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2017.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.

FARIA, M. C. C. S. Desenvolvimento de competências para a felicidade. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, vol. 1, núm. 1, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349832316040.pdf> Acesso em: 22 jan. 2023.

FELICETTI, V. L.; CABRERA, A. F.. Resultados da Educação Superior: o ProUni em Foco. **Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, n. 3, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/YBtpNM9Wdxfq8V7pcPVjkGq/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIGUEIRÔA, A. P. R. **Que Saudade da Professorinha**: história e memória da escolarização das normalistas Niteroienses e Recifences. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de: Paulo César de Souza. 1ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FROEHLICH, J. M.; SOPEÑA, M. B.. Sobre a noção de desenvolvimento baseada na felicidade: considerações críticas. **Sociologias**, v. 20, n. 48, p. 272–299, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/FgYsbyt7ppbGryzJG6WSFmx/#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

GARCIA, F. G; SILVA, W. M. Medindo a felicidade do brasileiro. **GVExecutivo**, v. 13, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/0125e480-7e20-4d34-b1dc-6176e97be5d8/content>. Acesso em: 04 dez. 2023.

GUERRINI, D. et al.. Acesso e democratização do ensino superior com a Lei nº 12.711/2012: o câmpus de Londrina da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 17–36, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JYdDHSZWGfYpNG7ZY859CCS/abstract/?lang=pt#> . Acesso em: 12 dez. 2023.

GEWEHR, F. A. C. **As Relações entre a Expansão do Ensino Superior Público em Pernambuco e o Desenvolvimento Local**: os possíveis impactos da implantação da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco no desenvolvimento sócioeconômico do Agreste Meridional. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

GIANNETTI, E. **Felicidade**: diálogos sobre o bem-estar na civilização. São paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, J. S. B; et al (orgs). **Anais do Primeiro Seminário UFAPE em Foco**. Garanhuns, PE: UFAPE, 2022.

GONÇALVES, M. F.; GONÇALVES, A. M.; FIALHO, B. F.; GONÇALVES, I. M. F. A importância da monitoria acadêmica no ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3757>. Acesso em: 24 nov. 2023.

GRANGEIRO, Brendha Maria Malheiro. **Moral e educação em Kant: Contribuições para a formação de indivíduos autônomos**. 2019. 73 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

IBGE. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/garanhuns.html>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LEÃO, R. S. C. (Org.). **O livro dos 100 anos: memorial fotográfico da UFRPE**, Recife: UFRPE, 2013.

INEP. **Censo da Educação Superior**: sinopse estatística – 2005. Brasília: O Instituto, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-da-educacao-superior-2013-sinopse-estatistica-2013-2005>. Acesso em: 28 nov. 2023.

INEP. **Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico**. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2010/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2010.pdf](https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2010/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2010.pdf). Acesso em: 04 dez. 2023.

INEP. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022** [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2022.pdf). Acesso em: 04 dez. 2023.

JUNGES, K. S; BEHRENS, M. A. **Prática docente no Ensino Superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudança**. Perspectiva, [S. l.], v. 33, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v33n1p285>. Acesso em: 20 nov. 2023.

LIMA, E. E.; MACHADO, L. R. DE S.. Reuni e Expansão Universitária na UFMG de 2008 a 2012. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 2, p. 383–406, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/KN5tkssYxCcBN5KQkwjf8qD/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 04 dez. 2023.

LOVERA, I. T. S. **A felicidade no discurso dos professores do colégio de aplicação da Universidade Federal de Pernambuco**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MANCIBO, D.; VALE, A. A. D.; MARTINS, T. B.. POLÍTICAS DE EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL 1995-2010. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 60, p. 31–50, jan. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/QKyJmCvWkGxsJqg7vSCC4xk/abstract/?lang=pt> #. Acesso em: 03. DEZ. 2023.

MARTINS, J. P. **Educação e ética em Kant**: a importância da pedagogia da autonomia para a constituição moral do sujeito. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019.

MATTOS, H. C. X. S.; FERNANDES, M. C. DA S. G.. Desafios simbólicos da universidade: a perspectiva de estudantes sobre a permanência. **Educar em Revista**, v. 38, p. e85943, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/6J7kjmZRh35ckzcG5dDvQbh/#>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5ed. Rev. Ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELLO, C. M.; ALMEIDA NETO, J. R. M.; PETRILLO, R. P. Universidade e Felicidade. **Revista Interdisciplinar do Direito – Faculdade de Direito de Valença**, [S. I.], v. 21, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/FDV/article/view/1416>. Acesso em: 04 nov. 2023

MONTEIRO, N. F, et al. Percepção da felicidade e bem-estar nos acadêmicos de uma instituição de ensino superior particular no Estado do Tocantins, Brasil. *Research, Society and Development*, [S. I.], v. 10, n. 14, p. e492101422191, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22191>. Acesso em: 04 dez. 2023.

NERI, Marcelo Cortes (Coord.). **Educação e trabalho do jovem no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

NIEROTKA, R. L. **Desigualdade de oportunidades no ensino superior: um estudo de caso sobre acesso e conclusão na UFFS**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas - Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/57127/57127.PDF>. Acesso em: 24 nov. 2023.

NIEROTKA, R. L.; BONAMINO, A. M. C. Conclusão de curso no ensino superior: um olhar sobre ingressantes das camadas populares na Universidade Federal da Fronteira Sul. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dFcmdBbr3hTwGyHDkQXBVTQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

NIEROTKA, R. L.; BONAMINO, A. M. C.; CARRASQUEIRA, K.. Acesso, evasão e conclusão no Ensino Superior público: evidências para uma coorte de estudantes. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 31, n. 118, p. e0233107, jan. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/wyCSCb88RyNtDnynHHxfrp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade**. Revista Mal-estar e sociedade. V.4. n.7. 2011. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ONU. **Resolução nº65/309 de 19 de julho de 2011**. Dispõe sobre Felicidade: rumo a uma abordagem holística do desenvolvimento. Disponível em: <https://happinessday.org/wp-content/uploads/2015/11/UN65309.pdf> Acesso em: 13 ago. 2022.

ONU. **Resolução nº66/281 de 28 de junho de 2012**. Dispõe sobre **Dia Internacional da Felicidade**. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N11/475/68/PDF/N1147568.pdf?OpenElement> Acesso em: 13 ago. 2022.

ONU. **Relatório Mundial da Felicidade, 2022**. Disponível em: <https://portalods.com.br/publicacoes/relatorio-mundial-da-felicidade-2022/> Acesso em: 04 jun. 2023.

PACHECO, E.; RISTOFF, D. I. **Educação Superior: Democratizando o Acesso**. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 9, n. 4, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1284>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PEÑALOZA, V. **Um modelo de análise de custos do ensino superior**. NUPES - Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior. 2022, Universidade de São Paulo.

PERRUSI, A.; FONTE, E. M. M. **Em Busca da Felicidade Química: Bem-estar Subjetivo, Redes Sociais e Consumo de Psicotrópicos entre Estudantes de Graduação**. (Org): PERRUSI, A.; FONTE, E. M. M. – Recife: Ed. UFPE, 2020.

PESSANHA, J. A. M., 1932-.. **Defesa de Sócrates**. 4. ed. Sao Paulo: Nova Cultural, 1987.

PINTO, V. R. B.; MOURA, E. P. G. de. O Imperativo da Felicidade na Contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. e12646, 2022. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12646>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PORTES, S. R. **Cursos superiores de curta duração**: estudo sobre o processo de flexibilização, inclusão e exclusão do mercado de trabalho. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RIBEIRO, C. A. C.. Renda, Relações Sociais e Felicidade no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 1, p. 37–78, jan. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/sFt6JB4r9STwmM63rsFn9xs/#> Acesso em: 02 04. dez. 2023.

RIBEIRO, C. A. C. **Tendências da Desigualdade de oportunidades no Brasil**: mobilidade social e estratificação educacional. Mercado de Trabalho. Abr, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7807/1/bmt\\_62\\_tend%C3%AAs.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7807/1/bmt_62_tend%C3%AAs.pdf). Acesso em: 04. dez. 2023.

ROCHA, D. N. DA.; CARVALHAES, F.. Quem são os futuros professores do Brasil? O perfil socioeconômico dos cursos de licenciatura do ensino superior. **Sociologia & Antropologia**, v. 13, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/Px6VsChdRvQzx99pNxDjGbS/#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**: afinal, de que se trata? 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RUSSELL, B. **A conquista da felicidade**. Tradução de Luiz Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 40. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/format=pdf&lang=pt>. Acesso:08 marc. 2024.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de ser feliz**. Organização e ensaio de Franco Volpi; Tradução de Marion Fleischer, Eduardo Brandão, Karina Jannini. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SENKEVICS, A. S.; CARVALHO, M. P. DE. Ofício de vestibulando: impasses da juventude na transição para o ensino superior. **Educação e Pesquisa**, v. 49, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/kmC5zbT84LK9CynB8NF4K6h/#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. C. Alguns problemas do nosso ensino superior. **Estudos avançados**, n. 15, v. 42, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/K7qGYkTrDXZB5VHJfprtdKF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25 ago. 2023.

SILVA, I. T. **A felicidade no discursos dos professores da Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano**. Recife, 2012. 93f.: Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Recife, 2012.

SILVA, J. C. **A memória dos esquecidos: narrativas dos sujeitos partícipes das ações do Mobral Cultural no Sertão de Alagoas**. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SILVA, A. L. B.; SOUSA, S. C.; CHAVES, A. C. F.; SOUSA, S. G. C.; ANDRADE, T. M.; FILHO, D. R. R. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. **Revista de Enfermagem UFPE online**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/242189/33602>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SIMÕES, J. L. **Ser feliz: a saga de um brasileiro que viveu na periferia**. Recife: Liceu, 2021.

SOARES, L. S. A; DALBONI, F. M; TEIXEIRA, E. C. Capital social e felicidade individual no Brasil. **Economia Aplicada**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 247–274, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ecoa/article/view/170055>. Acesso em: 04 dez. 2023

SOBRINHO, J. D.. Universidade em tempos de precarização e incertezas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 23, n. 3, p. 736–753, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/Vg74vx8NWmd97r75WF59njH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SOUZA, C. S. **A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE**. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SOUZA, M. E. J. **Uma análise da eficácia e da efetividade dos cursos das ciências agrárias da Unidade Acadêmica de Garanhuns para o desenvolvimento do Agreste Meridional de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado profissional em Administração Pública) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

TEIXEIRA, M. A. P; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e**

**Educacional**, v. 12, n. 1, p. 185 –202, jun. 2008. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/abstract/?lang=pt#>.  
 Acesso em: 04 dez. 2024.

TEIXEIRA,C.; MARTINS, E. A Felicidade dos Trabalhadores da Educação.  
**State Of Art.Management In Review**. 2023. Disponível em:  
<https://managementinreview.org/index.php/mir/article/view/3/4>. Acesso em: 04  
 dez. 2023.

TOMASCHEWSKI, Simoni de Ávila. **A educação para a responsabilidade moral e sua dimensão política em Aristóteles**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**: história oral. 2 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Plano de reestruturação, estatuto e regimento geral da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Recife, 1985. 131 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução nº 44 de 26 de abril de. 2005, do Conselho Universitário (CONSU) da UFRPE**, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Plano de desenvolvimento institucional PDI UFRPE - 2006-2010**. Recife, 2006.  
 Disponível em:  
[https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/PDI\\_UFRPE\\_2006.2010.pdf.txt.pdf](https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/PDI_UFRPE_2006.2010.pdf.txt.pdf).  
 Acesso em: 04 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Projeto Político Pedagógico do curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura**. Recife/Garanhuns, 2006. Disponível em:  
[https://drive.google.com/file/d/1EwseouOD5DGbdXw7Pd-24\\_ffwrndCrbX/view](https://drive.google.com/file/d/1EwseouOD5DGbdXw7Pd-24_ffwrndCrbX/view) .  
 Acesso em: 05 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Projeto Político Pedagógico do curso de Agronomia – UFRPE (2006)**. Disponível em:  
<https://ufrpe.br/sites/ufrpe.br/files/PROJETO%20PEDAG%C3%93GICO%20DO%20CURSO.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Plano de desenvolvimento institucional PDI UFRPE – 2013-2020**. Versão revista e atualizada. Recife, 2012. Disponível em:  
[https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/documentos/plano\\_de\\_desenvolvimento\\_institucional\\_-\\_pdi\\_ufrpe\\_2013-2020.pdf](https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/documentos/plano_de_desenvolvimento_institucional_-_pdi_ufrpe_2013-2020.pdf). Acesso em: 04 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Proposta para Criação da Universidade Federal de Garanhuns**. Disponível em: <http://ufape.edu.br/sites/default/files/2022-06/Projeto%20de%20Emancipac%CC%A7a%CC%83o%20da%20UAG.pdf>. Acesso em: 10/01/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Projeto Político Pedagógico do curso de Zootecnia – UFRPE, 2012**. Disponível em: [file:///C:/Users/ssd%20m.2/Downloads/PPC%20ZOOTECNIA\\_UAG\\_2012-2020.pdf](file:///C:/Users/ssd%20m.2/Downloads/PPC%20ZOOTECNIA_UAG_2012-2020.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Ata da 3ª reunião extraordinária do CTA, 2016**. Disponível em: [http://ufape.edu.br/sites/default/files/2022-06/Ata%20da%203%C2%AA%20REUNI%C3%83O%20EXTRAORDIN%C3%81RIA%20DO%20CTA%20-%2010-10-2016\\_0.pdf](http://ufape.edu.br/sites/default/files/2022-06/Ata%20da%203%C2%AA%20REUNI%C3%83O%20EXTRAORDIN%C3%81RIA%20DO%20CTA%20-%2010-10-2016_0.pdf). Acesso em: 10 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Projeto Político Pedagógico do curso de Medicina Veterinária – UFRPE (2019)**. Disponível em: <https://www.ufrpe.br/br/content/medicina-veterin%C3%A1ria-0>. Acesso em: 20 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (UFAPE). **Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Resolução nº 006/2022. Dispõe sobre a Política de Extensão da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e dá outras providências. Garanhuns, 2022. Disponível em: [http://ufape.edu.br/sites/default/files/resolucoes/CONSEPE\\_RESOLUCAO\\_n\\_006\\_2022.pdf](http://ufape.edu.br/sites/default/files/resolucoes/CONSEPE_RESOLUCAO_n_006_2022.pdf). Acesso em: 04 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (UFAPE). **Plano de desenvolvimento institucional PDI UFAPE – 2023- 2028**. Garanhuns, 2023. Disponível em: [http://ufape.edu.br/sites/default/files/2023-05/PDI%20UFAPE%202023-2028%20-%20Vers%C3%A3o%20para%20Consulta%20Publica\\_0.pdf](http://ufape.edu.br/sites/default/files/2023-05/PDI%20UFAPE%202023-2028%20-%20Vers%C3%A3o%20para%20Consulta%20Publica_0.pdf). Acesso em: 04 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). **Proposta para Criação da Universidade Federal de Garanhuns**. Disponível em: <http://ufape.edu.br/sites/default/files/2022-06/Projeto%20de%20Emancipac%CC%A7a%CC%83o%20da%20UAG.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VLÉGAS, J. J. A. **A paidéia platônica**: o projeto filosófico-político-educacional e a refundação da cidade: a educação como conversão e reviravolta da alma e a felicidade possível. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WHITE, N. **Breve História da Felicidade**. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ZAGO, N.. **Do acesso à permanência no ensino superior**: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, p. 226–237, maio 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2023.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
**Entrevista Semi-estruturada**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Graduação que fez na UFAPE: \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_

Nível educacional: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Trabalha atualmente? \_\_\_\_\_

Local de Trabalho: \_\_\_\_\_

Função Exercida: \_\_\_\_\_

- 1.** Como o senhor (a) descreveria sua história de vida?
- 2.** Por que o senhor (a) ingressou na UFAPE?
- 3.** Como o senhor (a) descreveria sua trajetória na UFAPE?
- 4.** O que é felicidade para o senhor (a)?
- 5.** O que não é felicidade para o senhor (a)?
- 6.** Como o senhor (a) define uma vida feliz?
- 7.** Durante o período que esteve na UFAPE, o que deixava o senhor (a) feliz?
- 8.** Durante o período que esteve na UFAPE, o que deixava o senhor (a) infeliz?
- 9.** O senhor (a) acredita que a UFAPE contribuiu para sua felicidade? Como?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa **A Percepção de Felicidade na Trajetória dos Egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (2005-2010)**, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Catarina da Silva Souza, com endereço na xx – Telefone xx e e-mail xx. Que está sob a orientação do Professor Doutor José Luis Simões Telefone: xx, e-mail: xx.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

A presente pesquisa investigará como a trajetória universitária contribuiu para a construção da percepção da felicidade. Tem como Objetivo Geral: Compreender como a trajetória universitária dos primeiros egressos da UAG/UFRPE contribuiu para a construção das suas percepções de felicidade e Específicos: Analisar a trajetória universitária dos primeiros egressos da UAG/UFRPE; Identificar a percepção de felicidade de cada entrevistado como objeto histórico e social; Relacionar os dados coletados que demonstrem a

participação da instituição na construção da percepção de felicidade de cada entrevistado. Essa pesquisa, embasada na metodologia da história oral, será realizada individualmente com um egresso da primeira turma dos cursos de graduação em Agronomia, Medicina Veterinária, Pedagogia e Zootecnia. Os participantes responderão a uma entrevista com questões norteadoras, as quais serão gravadas e realizadas em ambiente reservado de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado. RISCOS: O estudo apresenta algum nível de constrangimento no momento em que os egressos forem estimulados a compartilhar memórias, sentimentos e opiniões relacionadas a sua vida pessoal. Para amenizar esse sentimento, as entrevistas além de realizadas em situações confortáveis (ambiente e horário escolhido pelo entrevistado), poderão ser suspensas caso necessário. Para minimizar a possibilidade de vazamento das informações, ao término das entrevistas, as mesmas serão armazenadas, bem como todos os dados relativos a pesquisa em HD externo sob a responsabilidade da pesquisadora e serão apagados da nuvem/rede para evitar o vazamento de dados com potencial quebra da confidencialidade. BENEFÍCIOS: Quanto aos benefícios, os voluntários aproveitarão de um momento de conversação e, possível reflexão sobre suas trajetórias universitárias, além de contribuir com informações importantes para a Instituição de Ensino Superior que estudaram, bem como para a ciência, no sentido de oportunizar a formulação de políticas educacionais voltadas especificamente para o aprimoramento do segmento discente. Porém não haverá nenhum benefício direto aos participantes.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, como gravações, entrevistas e questionários, ficarão armazenados em HD externo sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

---

(Assinatura do pesquisador)

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **A Percepção de Felicidade na Trajetória dos Egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (2005-2010)** como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa**

**e o aceite do voluntário em participar.** (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM AGRÔNOMO

**Catarina:** Queria que você me descrevesse sua história de vida.

**Agrônomo:** Eu nasci dia 11 de abril de 1987, na cidade de Venturosa, sou filho de xx e xx, xx mais conhecida como xx e xx, meu pai é pedreiro, minha mãe vendedora e dona de casa. Passei a minha vida toda em Venturosa. Aos 6 meses de nascido fui diagnosticado com Glaucoma congênito, foi feita cirurgia é.... foi em um dos olhos né... a partir daí fiquei sendo submetido a tratamento da minha infância até os dias de hoje, né... é... estudei em Venturosa é, o Ensino Médio até o Ensino Fundamental melhor dizendo, no Ensino Médio eu fui pra Pesqueira, fiz um processo seletivo e, pra passar no CEFET pra estudar no CEFET que era uma vontade que eu tinha e realizei. É, eu tenho duas irmãs, antes de concluir ali, eu tenho duas irmãs uma chama-se xx ela é fisioterapeuta, a outra é xx ela é formada em pedagogia, mas trabalha como empreendedora. Tenho um sobrinho, xx e sou casado com xx e tenho um filho chamado xx. Aí prosseguindo o ensino médio, após concluir eu passei fiz vestibular, tampouco passei, depois eu fiz pra UAG e consegui ingressar no curso de Agronomia. Foram cinco anos se a memória não me falha. Após esses cinco anos eu fiquei desempregado e fui e voltei pra Venturosa. Nesse período tinha feito outros concursos anos anteriores, aí fui chamado pra trabalhar na COMPESA. Aí eu passei durante oito meses na COMPESA e depois passei nos Correios, fui pros Correios, passei oito anos isso trabalhando quando eu trabalho na COMPESA eu trabalhava em Sanharó, quando eu fui pros Correios e trabalhei em várias cidades rodei várias cidades de Pernambuco uma coisa boa conheci outras pessoas, outras cidades, aí em dois mil e dezoito, dois mil e dezenove fui chamado pro concurso da Caixa Econômica Federal, quando eu assumi inicialmente em Arapiraca e desde dois mil e vinte e dois eu estou trabalhando em Maceió.

**Catarina:** Certo

**Agrônomo:** Toco um pouco de teclado, um pouco de violão, às vezes eu gosto de cantar... essa história. Já joguei. Quem, é vontade de ser jogador de futebol, mas eu era muito ruim. Quis ser piloto de Fórmula um, mas eu também não

tinha dinheiro pra fazer isso (risos). Gostava de jogar vôlei, mas chegou um certo ponto que eu não tinha mais altura pra alcançar a rede (risos)... xô ver mais, ah sim, continuando, em dois mil e em dois mil e dezenove ou dois mil e vinte, não lembro mais ou menos, eu descobri que tem uma doença renal crônica aí a partir daí comecei a ter esse tratamento, que agravou com a com a covid que eu peguei, acho que é, fiquei internado uns dias, principalmente da hemodiálise, quase vou pro caixão (risos), mas voltei, mas estou aqui não faço mais hemodiálise, faço tratamento conservador. E desde dois mil e vinte e um eu uso prótese no olho esquerdo. Porque eu sentia muitas dores, vindo do glaucoma. Aí sentia muitas dores e o colírio não aliviava a dor e os procedimentos que poderiam ser feito pra aliviar a dor não eram garantia que eu teria uma um alívio de dor, nem uma qualidade de vida boa, nem esteticamente ia ficar bom aí resolvi por tirar o olho e colocar uma prótese. Hoje em dia quase ninguém percebe que... poucas pessoas vão perceber que eu uso prótese, né?

**Catarina:** É.

**Agrônomo:** E não sinto mais dores. É importante eu dizer que eu estou, que eu tenho visão monocular, né? Não dá pra...

Catarina: Realmente é imperceptível... Agrônomo, você foi o primeiro da sua família a ter acesso ao ensino superior?

Agrônomo: Na casa dos meus pais sim, porque era o mais velho, aí eu fui o primeiro. Mas eu... eu na família... eu acho que família inteira eu fui um dos primeiros senão o primeiro... eu não posso ter certeza, mas eu fui um dos primeiros principalmente por parte do da família do meu pai.

Catarina: Certo, e por que você decidiu ingressar na UAG? Como foi assim esse processo de escolha? O processo de seleção, o que te motivou?

Agrônomo: No primeiro vestibular eu fiz pra jornalismo nossa era época da COVEST não sei se você é muito acho que você é mais nova do que eu não sei se você pegou essa fase de COVEST (risos) e se você não pegou essa fase você deve algumas pessoas podem ter dito a você que era muito difícil o vestibular ... é mais difícil do país. Aí fiz pra Jornalismo é.... que eu gostava muito de literatura aí eu pensei e tal. É, mas eu não passei na segunda fase. Principalmente por conta de inglês... aí em no meio do ano de dois mil e cinco

ou, foi dois mil e cinco, aí eu tomei conhecimento que tinha aberto uma nova universidade, um campus né? Uma Universidade em Garanhuns e que ia ter um vestibular de inverno, né? Foi no depois do meio do ano, né? Era um período que não tinha vestibular em local nenhum, né? Tanto que se você pesquisar você vai ver que foi mais concorrido pra entrar na UAG, foi esse primeiro, né? Aí eu olhando, eu comprei manual do candidato só vendia nos Correios e não vendia nos correios da minha cidade, vendia em outras cidades, aí eu fui lá, comprei...e fui ler os cursos...

**Catarina:** Qual cidade você comprou o manual?

**Agrônomo:** Arco Verde...dessas cidades maiorzinhas a mais perto de nós, né? Aí eu fui pra Arcoverde e comprei e fui ler os cursos que no manual... hoje não tem mais o manual do curso... o manual do candidato... ele é que vem dizendo as atribuições, as profissões, média salarial que é uma mentira, né? Que eles colocaram uma ideia, uma mentira que não tem isso. É, tem em geral as atribuições, mais ou menos, as disciplinas, me identifiquei mais com agronomia por causa das exatas. Eu era bom, apesar de ter feito vestibular pra jornalismo, eu gostava e gosto muito de matemática, de física, eu me dava muito bem. Por um período que eu me dei muito bem. Matemática e física. Aí foi essa a escolha. Eu nunca tive vontade de fazer agronomia. Mas dos cursos que estavam lá disponíveis... e eu indo fazer esse vestibular eu arrastei mais os amigos meus... mostrei a eles que tinha essa universidade e foram fazer comigo. Também a prova.

**Catarina:** Mas, e assim, o que é que te motivou a fazer um curso superior? Teus pais te motivavam ou eram seus amigos, eram seus professores ou algo desse tipo no ensino médio?

**Agrônomo:** Era um pouco de tudo. Era um pouco de tudo. Do ensino médio eu estudei na escola técnica federal o nível dos professores lá é diferenciado da rede pública estadual. Tanto que na rede pública estadual eu me achava inteligente. Quando eu fui pro CEFET eu achei, eu vi que o buraco era mais embaixo

**Catarina:** Aonde era esse CEFET?

**Agrônomo:** Pesqueira. Que hoje é IFPE, né? Mudaram, era a unidade de Pesqueira. E eu vi que era mais de ...complicado o negócio, não era tão

simples não. Aí coisas que já era pra eu saber eu cheguei lá sem saber, sem bagagem. Aí levei... foi muito, muito difícil. Mas eu consegui levar, não com.... Passei três anos e não reprovei uma disciplina sequer. Um milagre (risos)... Posso dizer que é um milagre. Tem um amigo meu que, tem até uma piada aqui um professor dele que ele faleceu até ano passado, o nome dele era Olavo, ele... o meu amigo chamava Pedro Henrique. Aí ele Pedro Henrique, você tá vai, vai cursar matemática um, matemática dois, matemática três, daqui a pouco você vai se formar em matemática, de tanto que ele reprovou em matemática (risos)...Então, aí o que se falava na no CEFET era só preparação pra vestibular. Além da vontade de meus pais, que eu continuasse estudando uma oportunidade que eles não tiveram. Meu pai não teve a oportunidade de estudar, minha mãe não teve a oportunidade de estudar, eles queriam que eu tivesse essa oportunidade, que não fosse pro mercado de trabalho, mas sim, que estudasse pra ter o nível superior, ter uma faculdade. Porque tem a ... tem a mentalidade de que era mais fácil as coisas com a faculdade, né? Porque no superior tem mais outras coisas... e além de ter amigos que faziam faculdade e puxavam uma coisa, puxa o outro, né? Um puxa o outro. É questão de crescimento, né?

**Catarina:** É. Realmente. Como é que você descreveria sua trajetória lá na UAG? Como é que foi lá? Como é que eram os dias? Assim se você lembrando assim, do dia que você entrou até o dia que você saiu. Como é que você descreveria assim esses momentos?

**Agrônomo:** É muito flutuante... porque... quando eu entrei não era lá onde é o prédio atualmente era em outro local atrás do hotel Tavares Corrêa que hoje funciona o grau técnico se eu não me engano. É, quando você, quando eu passei na faculdade foi um, eu fiquei muito feliz, né? (risos) Que era.... era uma coisa que eu assim... não é nem prepotência, mas é uma coisa que eu já sabia que ia acontecer. Que uma hora ou outra eu ia passar no vestibular, eu ia ser concursado. Eu sabia que uma hora ou outra eu ia passar no concurso, que eu ia conseguir. Eu consegui. É, quando... eu... quando.... nos primeiros dias é sempre bom, né? Sempre uma coisa aqui por ser novidade, mas teve um período que eu não via a hora mais de acabar aquilo, né? Como todo mundo, né? Cinco anos as mesmas caras, a mesma rotina é exaustiva, né? Sem falar

que o curso de agronomia, diferente dos outros cursos que tinham lá, principalmente os que tinham uma prática mais em campo ... a gente era mais defasado porque não tinha laboratório, não tinha campo experimental, não tinha onde você plantar, era tudo uma burocracia pra ser feito. Era mais complicado. Diferente muitas vezes do curso de veterinária, o curso de zootecnia, quando eles tem no primeiro período anatomia, eles tinham um local lá... incrível, tinha o Centro de Zoonoses que eu tinha até um colega que era monitor, ele ia direto pro centro de zoonoses, ou tinha a clínica de bovinos, tinha um suporte... a gente da agronomia não tinha... tanto que se você ver foram trinta pessoas que entraram no curso e só se formaram sete... eu vejo é a gente penou bastante por ser os primeiros, né... não sei como tá a situação agora (risos). Antes era complicado, mas eu gostava muito da galera lá, né? Teve um período que eu passei em laboratório, era bom que tinha uma companhia... Meus professores que tem uma amizade com alguns ainda, principalmente o Marcelo Metri que é, foi meu orientador de PIBIC, eu tenho amizade com ele. Pronto, isso é o que fica... além do fato de que eu aprendi muita coisa, né? Hoje eu não lembro quase nada de agronomia. Hoje eu só tenho uma graduação, mas eu acho que eu nem vou voltar mais pra agronomia futuramente. Mas eu aprendi muita coisa, principalmente em relação a produção textual, questão de normas, esse escrita, essas coisas, pelo menos é uma coisa, isso aí eu guardei e não esqueço.

**Catarina:** Aí você chegou a fazer...

**Agrônomo:** Teve uma coisa. Teve um período também que eu... fiquei meio... bloqueado em ir pra faculdade, que eu sofri um assalto lá, próximo a UAG, aí eu ficava com muito medo de ir pra faculdade, muito medo de ir sozinho, de voltar pra casa sozinho... ah não sei se... eu analiso isso hoje como que foi me prejudicou um pouco porque eu tirava muita... chegava atrasado, chegava atrasado, eu confesso também que eu não era um dos alunos nota dez, né? Eu não era um dos mais responsáveis, mas... Eu não sei se isso foi um problema pra mim, essa experiência. Hoje eu acho que foi, não sei.

**Catarina:** Aí você chegou a fazer PIBIC lá?

**Agrônomo:** Sim. Acho que foi uns dois anos e meio. Não recordo. Eu fui monitor também. Fui monitor da disciplina de física. Que era, o professor era

Carlido, não sei se você conheceu... uma figura (risos). Esse foi um dos períodos mais divertidos que tive na UAG, foi o período que eu era monitor de Carlindo, porque era, cada dia era uma pérola diferente e quando eu comecei a ser monitor dele era no prédio antigo e tinha que dar aula ao pessoal, né? Principalmente a turma de zootecnia... é que... zootecnia era da manhã...que por sinal tinha um amigo meu que estudava fazia com zootecnia. Eu era monitor de agronomia mas dava aula pra zootecnia. É, e teve um período que eu dava aula até debaixo da árvore. Levava o material e dava lá... até o ...na época... era... o coordenador dos cursos de graduação era o Marcelo Machado Martins, até ele me elogiou, me deu os parabéns, por essa iniciativa que eu tive de dar aula lá na natureza, né? Na árvore (risos) E o PIBIC foi com Marcelo Metre. Na área de solos.

**Catarina:** E essas experiências assim você disse foi muito divertido tudo foi um momento que você passou mais tempo também, né? Lá na universidade é...

**Agrônomo:** E foi o período que me segurou na universidade, era o que me segurava... porque quando eu estava no terceiro período eu fiz outra, outro processo seletivo pra física, Licenciatura em Física na Rural só que no Recife mas eu não tinha condições de me manter lá e nem meu pai tinha condições de manter lá porque minha irmã já cursava em outra capital que é em João Pessoa. Curso em João Pessoa. Aí não dava... Aí ...além de eu tá, no... mais perto de casa eu recebi uma... estava começando a receber uma bolsa. Aí me segurou...

**Catarina:** Ah, então as bolsas que você recebeu do lá na UAG foram PIBIC e monitoria?

**Agrônomo:** Isso, PIBIC e monitoria.

**Catarina:** Certo e essas bolsas foram cruciais assim pra você conseguir se manter na universidade ou você conseguiria mesmo sem essas bolsas?

**Agrônomo:** Eu conseguiria assim, me manter na faculdade eu conseguiria, mas ajudou a ter um incentivo a mais de continuar lá, né?

**Catarina:** Exatamente. Aí você alugou casa aqui ou você ia e voltava todo dia?

**Agrônomo:** Era como se fosse sua pensão aí, porque era um aluguel com... no começo acho que era eu e mais sete pessoas todos da mesma cidade. Aí a

gente se mudou de lugar, mas sempre era eu e mais alguém, nunca fui eu sozinho, sempre mais duas ou três pessoas era muita gente.

**Catarina:** Aí vocês dividiam tudo?

**Agrônomo:** Dividia tudo.

**Catarina:** O que que te deixava assim mais feliz durante o período que você esteve lá na UAG?

**Agrônomo:** (... pensando...) Eu acho que os colegas, os amigos que eu tenho lá.

**Catarina:** Por que? Como? Assim, o que que vocês faziam que te deixavam mais feliz?

**Agrônomo:** Eu conversava, trocava ideia, não tinha estresse, né? Acho que era isso.

**Catarina:** O que é que te deixava mais infeliz? As dificuldades assim que você enfrentou lá...

**Agrônomo:** As dificuldades que eu que eu tinha no aprendizado. Porque... assim eu nunca fui reprovado né? E na UAG eu fui reprovado... e... tem coisas que... assim... como minha primeira reprovação foi em fisiologia vegetal... que era uma coisa que eu nunca, nunca gostei na verdade da área de botânica, né? Que tinha memórias essas coisas e eu nunca fui bom em memorizar nada de aprender processos assim, eu nunca fui... bom... depois penei com motores que também tem que aprender também esse processo de combustão, essas coisas. Aí tudo que que envolvia essas questões de você ter que memorizar processos eu nunca me dei bem. Sempre levei bomba nesses, aí eu acho que as sensações que eu tinha com essas reprovações, esses eram os piores momentos, com certeza.

**Catarina:** Como você define assim uma vida feliz? A tua, assim, o que que você pensa? Uma vida feliz tem que ter isso e isso e isso e isso...o que é que você acha que tem que ter?

**Agrônomo:** Hoje eu acho que uma vida feliz pra mim é... não ter nada que não venha lhe tirar do sério e venha lhe tirar sua paz. Que não venha lhe encher o saco... (risos)... tem até memes que diz...é memes é... que nada paga a paz de um homem (risos) o homem em paz não tem não tem preço que pague isso pronto...é o meu caso...

**Catarina:** O que é felicidade pra você?

**Agrônomo:** Felicidade... eu penso que é você ser agradável aos outros, né? Você chegar num local e ser bem recebido, você ser lembrado como uma boa pessoa, isso é uma coisa feliz. Do mesmo jeito você ter pessoas que venham até você, que sejam pessoas agradáveis também. Eu acho que é um ambiente que provoca felicidade.

**Catarina:** O que não é felicidade pra você?

**Agrônomo:** (... pensamento) o que não é felicidade (...pensamento) eu acho que é todo local que você vai e só vê tristeza, coisa ruim, pessoas que querem o mal aos outros eu acho que eu acho que isso é coisa mal, é me traz tristeza...

**Catarina:** Você acredita que assim, a tua experiência lá na UAG o tempo que você passou lá tudo, toda essa tua experiência lá, contribuiu pra sua felicidade? Por quê?

**Agrônomo:** (...pensamento) É contribuiu... pelo seguinte... acho que tem coisas que eu aprendi lá que se eu não tivesse lá eu não teria aprendido...e me deu suporte pra eu conquistar outras coisas. Que as coisas que eu conquistei... hoje eu tenho um emprego que é uma coisa que me deixa feliz também. Hoje eu tenho um carro que é uma coisa que me deixa feliz, hoje eu tenho um apartamento que é uma coisa que me deixa feliz, eu acho são coisas que eu não teria conquistado se eu não tivesse apren... se eu não tivesse aprendido lá. Algumas coisas que eu aprendi lá me fez conseguir coisas que hoje eu tenho...

**Catarina:** E o que que mudou na sua vida? Assim, se você pudesse me pontuar assim algumas coisas, não, tal coisa realmente mudou na minha vida depois que eu fui pra UAG...

**Agrônomo:** (...pensamento)... minha independência, porque toda a vida eu morei na casa dos meus pais, né? E no período que eu estava na UAG não tinha meus pais comigo, eu tive que desenrolar tudo sozinho, né? Você, quando você está na de escola, né? Você ,tudo é com os pais, né? E lá não, lá é você, você é responsável por tudo o que você faz..é você na faculdade, tem isso de chamar o pai pra resolver não é você que tem que resolver...

**Catarina:** É obrigado a amadurecer né ...

**Agrônomo:** É, no amor ou na dor.

**Catarina:** Eu acho que o fato de você vir de outra cidade e talvez isso assim, como você diz né, por mais que na universidade você é só você mesmo, você e você. Mas se seus pais estão com você todos os dias, né? Em casa, tudo, eu acho que realmente é um pouco diferente, né? Do que você não ter a presença deles todos os dias....

**Agrônomo:** É cem por cento diferente. Cem por cento, por quê, quando você tá em casa, você tem alguém pra fazer o seu almoço... É, começa logo aí, é coisa simples...Você tem alguém que faz o seu café. Tem alguém pra fazer sua janta...Quando você está em casa é você que faz ou então você fica sem. Essa é a realidade.

**Catarina:** É. Tem razão. Como é que foi assim tua formatura? O que você acha que teus pais sentiram na hora? O que eles te falaram nesse momento? Assim, como é que foi no dia lá, os sentimentos e o que você sentiu lá no momento?

**Agrônomo:** Acho que foi mais de alívio, eu tava aliviado de ter terminado... de ter conseguido, porque eu achei que eu não ia conseguir. Chegou um momento que eu digo, ó, são cinco anos, né é, o curso só faz.. isso... se você não tiver nenhum empecilho, é cinco anos. Tem gente que consegue em quatro anos e meio... Ou consegue em cinco anos e meio.... Agora me fugiu à memória, mas beleza.... Aí eu consegui concluir o curso e eu pensei que eu não ia conseguir concluir no período certo...aí foi mais de alívio, meus pais ficaram felizes, né? Pelo, não, não disseram nada, né? Porque a gente não é muito de falar assim, mas eles ficaram contentes por eu ter conseguido, eu... estarem lá, né? Comigo. A formatura foi muito boa, foi muito boa. Não foi aquela festa de arromba como tem nessas outras, nesses cursos, até porque só eram sete pessoas, né? E a gente não tinha recurso pra isso, mas foi boa.

**Catarina:** E os professores assim a coordenação, o diretor na época, toda essa equipe assim lá da UAG, você se sentia assim acolhido, você acha que e você precisava assim eles estavam lá me ajudar, tuas lembranças em relação a isso são lembranças boas?

**Agrônomo:** Em relação a mim especificamente eu me sentia acolhido sim. Mas em relação ao curso de agronomia, eu não achava isso. Por toda, por

todos. E como eu disse, a gente não tinha o que era na minha opinião, necessária para eu desenvolver do curso era tudo complicado. A gente não tinha um ambiente pra cultivar... é difícil você fazer uma graduação em uma... em um, uma área como agronomia sem você pôr a mão no arado né? Pra fazer as coisas. Mas, em relação a mim eu sempre tive, sempre tive ajuda do pessoal sempre... tanto da coordenação de agronomia, tanto da direção geral eu tive um ambiente muito saudável com todos. Só são os professores que eu não ia muito com a cara, mas eu acho que era esse, mas não era problema pra mim não.

**Catarina:** Os amigos que assim da tua turma e os amigos mesmo que não fossem da tua turma, mas que estavam lá na mesma situação, né? De outros cursos, mas todo mundo estudante... Como era assim esse clima entre vocês, esses amigos você mantém contato até hoje, foram amigos assim que você realmente levou, trouxe na verdade, né... pra tua continuidade, como é que foi essa relação?

**Agrônomo:** Da minha turma, hoje eu tenho contato e muito pouco com dois. É Daniel, que na verdade Daniel é da minha turma, mas não se formou comigo. E é e Raquel. É, se formou comigo. Os outros eu sei mais ou menos aonde estão o paradeiro deles. É, Cristal ela é professora na AESGA aí eu cheguei a bater com ela algumas vezes lá...mas tem gente que eu não sei o paradeiro. E sobre as outras turmas teve tem muita gente que era amiga minha, amigos meus de Venturosa. E até hoje tenho contato, fala todo dia praticamente, a gente tem assuntos em comum que a gente curte e fala, sempre.

**Catarina:** Certo. você acredita que com a conclusão do curso tuas expectativas foram atendidas? assim as expectativas que você tinha quando você pensou em fazer o curso, elas foram atendidas?

**Agrônomo:** Não.

**Catarina:** Por que?

**Agrônomo:** Porque eu... eu quando eu entrei no curso eu achei que eu ia trabalhar na área... quando eu estava cursando, eu tinha von.. comecei a ter von... como entrei na área científica, né? Meu desejo era prosseguir na carreira acadêmica fazer mestrado fazer doutorado...e não foi isso que aconteceu, né? Aí eu já... eu tinha ...meus projetos era de tentar em outros, outras

universidades, mas na época eu só fiz seleção pra uma, que foi pra da UAG até... em nutrição ve... desculpa, nutrição vegetal. E não fui escolhido, né? Hum aí a situação, eu acho que eu não... foi essa minha maior frustração também, de não prosseguir na carreira acadêmica e não prosseguir na carreira acadêmica eu não tinha o que fazer. Eu cheguei até em pensar uma hipótese de eu estagiar no laboratório de solos, mas foi nesse meio tempo que eu fui chamado pro concurso, isso era dois mil e dez, agosto mais ou menos. Eu fui chamado pro concurso que eu tinha feito em dois mil e seis. Aí entre estagiar e não saber o que ia acontecer e trabalhar concursado, eu fui trabalhar na COMPESA. Nada a ver com minha área, nada a ver, mas eu estava lá, ganhando o meu salário. Eu acho que essa foi a maior frustração em relação a não, não a ... não tive, não atendeu as minhas expectativas, né... esperava continuar na carreira acadêmica.

**Catarina:** Certo. Se você fosse fazer um resumo assim de uma análise de como foi toda essa tua trajetória, como seria?

**Agrônomo:** Eu penso eu hoje em dia, eu penso o seguinte, que foi uma experiência boa mas, eu pensando na cabeça de hoje, eu me subestimava e acho que a maioria das pessoas são assim, a gente nunca acha que pode mais, eu acho que se eu tivesse pensado mais, se eu tivesse esperado um pouco mais, eu tinha conseguido algo que eu realmente queria e não aquela expectativa de o que o que o primeiro que eu passar eu vou... o certo era você ir fazer o que você quer fazer, tem vontade de fazer e agronomia não era vontade que eu tinha de fazer a agronomia surgiu e eu fiz, mas não era a minha vontade, se eu tiver hoje argumento que eu tinha hoje, era, antes, que eu era capaz de conseguir uma outra coisa algo que eu quisesse... Isso até pros meus amigos que fizeram o curso na minha época comigo teve um que fez zootecnia e ele não concluiu. E hoje ele vê também que ele tem a capacidade de ir mais à frente. E se a gente for pensar hoje, o nível intelectual das pessoas a qualidade das pessoas que entram hoje na faculdade não se compara com a qualidade que tinha antes... Hoje em dia é muito mais fácil entrar na faculdade. A faculdade está aí pra todo mundo. Só não faz quem não quer. Mas hoje em dia o nível superior tá pra todo mundo. Antigamente não era assim. Acho que por essa dificuldade que era de conseguir uma faculdade que

eu dizia, se eu consegui eu vou, vou agarrar essa vaga aqui na agronomia e vou fazer. Mas o meu pensamento era hoje em dia era esse. Eu não faria agronomia, não por causa do curso em si, mas porque eu deveria fazer o que eu tivesse vontade, o que fosse o meu sonho.

**Catarina:** Faltou te fazer uma pergunta. O fato de existir a UAG em Garanhuns, de ter sido a primeira do programa REUNI, do Processo de Redemocratização da universidade, fez diferença o fato de assim de existir essa universidade em Garanhuns pra tua vida, facilitou a tua vida? Ou assim você pensa não se eu tivesse que ir pra outro lugar teria sido muito mais difícil e talvez eu não teria conseguido?

**Agrônomo:** Facilitou bastante, não sou pra mim mas, pra muita gente... ah eu acho que foi uma coisa que deveria ter acontecido há anos atrás, a existência da UAG, porque só tinha curso pra licenciatura na época, né? Lá em Garanhuns. Porque, na época não se falavam bem dos cursos que tinham lá. Na de licenciatura. Em Arcoverde também tinha licenciatura. E era assim: você não deu nada, deu nada certo pra você, vai fazer licenciatura... o pensamento era esse na época, ah você não conseguiu nada, vai fazer a licenciatura, e principalmente em Arcoverde. Então facilitou muito minha vida pra eu conseguir o meu superior e foi importantíssimo a UAG lá em Garanhuns. Ainda é, creio eu.

**Catarina:** O fato de ser uma federal então, você acha que também contribuiu pra isso?

**Agrônomo:** Contribuiu cem por cento.

**Catarina:** Por que? Qual a diferença da federal para as outras?

**Agrônomo:** Além de ter aquele ar né de que eu faço uma federal (risos) Você sabe como é... o nível dos professores são diferentes das dos outros locais, você pra quem é professor da Universidade Federal no mínimo ele tem um mestrado no mínimo do mínimo ele tem o mestrado e isso é diferencial na aprendizagem, no tratar do professor é a qualidade de ensino é muito melhor.

**Catarina:** Tem mais alguma coisa assim que você gostaria de comentar sobre esse período que você tá lembrando agora que eu não perguntei?

**Agrônomo:** Agora que eu lembre, não...

**Catarina:** Agora bem, então mais uma vez eu só tenho a te agradecer a tua boa vontade a tua disponibilidade, né? Depois de um dia de trabalho longo, na Caixa Econômica. Disponibilizado esse tempo, né? Eu realmente não tenho palavras pra te agradecer. Muito obrigada mesmo viu?

**Agrônomo:** Eu lembro, eu lembrei de uma coisa. Quando foi pra formatura foi um sorteio pra ser orador e eu fui sorteado... e a, eu não fui responsável por fazer a ... o texto, né? Acabou que eu desisti de ser orador e foi outra pessoa, do curso de zootecnia. Ele foi orador. No discurso dele, ele nomeou todos os alunos de agronomia e não me citou. Não me citou (momento de emoção e lágrimas), aí é a outra vontade que eu tenho... de fazer outra graduação e mudar isso (momento de emoção e lágrimas) desculpa...

**Catarina:** Você conseguiria me descrever assim o que você sentiu na hora?

**Agrônomo:** Assim, eu fiquei... achei que eu não fosse importante não, porque... foi foda...Eu tô hoje, eu tô numa boa. Tem que pensar assim...

**Catarina:** Cada turma ia fazer o discurso?

**Agrônomo:** Não, era uma turma só, uma pessoa só fez pra todas as turmas, isso.... Porque nossa colação foi coletiva, eu não sei se ainda é assim na UAG, mas era coletiva, aí um só fez...

**Catarina:** Aí tu foi sorteado e quem é que iria escrever ?

**Agrônomo:** Assim, era eu que seria, eu que iria escrever, né? Ia passar por uma revisão, né? Normalmente, ia ser Marcelo Machado, não sei, não tenho certeza...Acabou que eu não fiz eu desisti. O que eu não me senti competente em fazer. Eu não achava que eu ia ter competência em fazer. Mas pronto.

**Catarina:** Mais algum momento assim, que tu lembra?

**Agrônomo:** Não

**Catarina:** Sim, deixa eu te perguntar uma coisa, porque até numa entrevista anterior a menina comentou algo sobre isso, você ou alguém da tua turma assim que você lembra... é, através de algum trabalho na UAG ou alguma visita ou alguma viagem, teve a oportunidade de conhecer lugares que nunca tinha ido e ver coisas assim que nunca tinha visto? Por que tem muita gente que assim nunca tinha conseguido sair de Garanhuns e através da UAG, de alguma viagem pra estudo conseguiu, você lembra de alguém assim ou com você se que aconteceu isso?

**Agrônomo:** Eu fui, não por intermédio da UAG, né? Mas eu fui por estar lá, acabei indo e consegui recurso e fui pra o congresso brasileiro de ciência do solo. Em Fortaleza, aí eu fui no ônibus da Universidade Rural de Pernambuco lá de Recife a Fortaleza de ônibus, não muito confortável, mas eu aí foi lá, ficamos hospedados num hotel bacana. muito bom hotel lá em Fortaleza...

**Catarina:** Esse hotel foi custeado pela universidade?

**Agrônomo:** Por mim. Hotel e o congresso todo foi por mim. Só a viagem que foi pela Universidade Rural de Pernambuco.

**Catarina:** Ah sei, mas foi assim, pra tu foi uma oportunidade que foi gerada pelo fato de estar na UAG...

**Agrônomo:** isso com certeza.

**Catarina:** Certo, se você lembrar de alguma outra coisa e quiser compartilhar pode me avisar aqui, viu? Eu vou mesmo que seja outro dia, estarei à disposição... tudo que você falar é muito importante realmente pra gente construir a pesquisa, obrigada.

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM ZOOTECNISTA

**Catarina:** Então como é que você descreveria a sua história de vida?

**Zootecnista:** (risos) Eita, e é difícil assim é? Então... é uma pessoa que... é... fui criado pelo pelos meus pais junto com minha avó porque ela participou, minha vó e minha tia, participou muito da minha criação porque a gente morava na Vila do Quartel e tipo, era uma casa do lado da outra e o quintal era emendado, né? E aí minha vó participou demais da criação e ela influenciou em muita coisa na minha criação, eu e dos meus dois irmãos, e aí depois de um tempo a gente saiu de lá da rua do quartel e veio morar na Brasília, e aí foi quando foi tendo um certo distanciamento dessa criação da minha avó, mas assim muito ensinamento dela continuou ainda algumas coisas que a gente era muito ligada à igreja foi que a gente foi se separando mais e... esse afastamento da criação dela a gente automaticamente se afastou bastante da igreja, mesmo assim a igreja continua influenciando muito, sempre na vida da gente. De... minha e dos meus irmãos, apesar dos meus pais não serem da igreja adventista... É e aí, depois disso eu fui criando um certo ranço das coisas da igreja com o passar do tempo quando eu fui tendo mais entendimento, e... Pronto, aí eu sempre tive vontade de estudar, depois de entrar na faculdade, mas eu demorei bastante pra entrar, eu fiz vários vestibulares pra várias áreas diferentes. E eu não passava em nenhum e aí comecei a trabalhar, quando terminei o ensino médio, aí eu fazia vários cursinhos e tal e aí eu ficava nessa de ver meus amigos do ensino médio passando e perto de terminar o curso de graduação e eu não conseguia nem entrar, né? Aí, eu fiz Odontologia, fiz Educação Física, fiz biologia e aí todos eram em faculdade pública porque não tinha condições de pagar. E aí, depois de várias tentativas, acho que depois do sexto ano que eu tinha terminado já o ensino médio, foi quando eu passei em Zootecnia e não tinha, por exemplo, hoje eu estou no cargo de professor, mas foi uma coisa que eu nunca tinha pensado até mais ou menos no meio do curso, né? Mas o que me incentivou mais, foi a ideia assim, eu nunca tinha tido contato com tanta gente, com mestrado e doutorado, era uma coisa assim fora da realidade que eu que eu nem pensava, né? E aí isso eu acho que acabou

me vislumbrando chegar nisso, é, e aí foi quando eu pensei em fazer mestrado e doutorado e conseqüentemente vem essa, o negócio de você fazer concurso, né? Eu sempre fui muito concurseiro também, desde o ensino médio eu fazia, né? Eu já trabalhei na FUNDAC essa aqui, aqui da Boa Vista, né? Mas foi pouco tempo que eu não gostava do trabalho, mas foi um concurso que eu fiz... Trabalhei na xxx e aí depois fiz uns concursos pra substituto, eu sempre fiz concurso desde o ensino médio, graduação, enquanto eu tava estudando, sempre fiz e pronto, aí passei nesse que eu tô agora do IF que é onde eu, assim, consegui uma estabilidade financeira e também de ajudar meus pais, né? Que é, eles não tem estudo, tal, os dois são aposentado, mas a grana é muito pouca, né? E então eu sempre tinha essa ideia também de conseguir um trabalho melhor pra poder ajudar em casa. Não sei se era isso (risos).

**Catarina:** Sim, aí tu, não, mas assim, quando você fez esse concurso da xxx, você já estava na UAG?

**Zootecnista:** Estava. O da xxx eu fiz, eu tava no terceiro período da faculdade e aí eu só fui chamado, já tava no sétimo, foi dois anos depois, era perto do concurso expirar, e aí eu fui, porque eu trabalhava quando eu passei no vestibular pra zootecnia, né? Aí eu larguei o trabalho porque eu tava querendo muito entrar. Mas assim, eu nunca, como eu nunca tinha deixado de fazer concurso, né? Eu fiz esse da xxx, porque teoricamente era pra trabalhar aqui em Garanhuns, mas era regional de Garanhuns, né? Que foi quando eu fui trabalhar em Quipapá. Aí eu fui, mas aí eu consegui conciliar, né? Aos trancos e barrancos, porque era plantão, trabalhava vinte e quatro horas e folgava setenta e duas, aí quando eu precisava, pra uma prova, eu comecei a faltar bastante por causa disso... Mas quando tinha alguma prova, alguma coisa assim, ai eu conseguia trocar o plantão com os meninos pra ir no final de semana e aí foi assim o sétimo, oitavo e o nono, os três últimos períodos, o décimo eu já tava... era só, era o estágio, né? Não, mentira, o décimo ainda tinha aula, o estágio era concomitante... Mas aí quando eu fui chamado pra xxx eu estava estagiando na Parmalat. E aí tinha esse lance de eu faltar a aula por causa do plantão da xxx. Mas aí eles aceitaram que eu ficasse. Eu tinha consciência que eu ia sair, né? Aí um coordenador foi e disse, não, tu não sai não, tu fica e quando for nas tuas férias, que eu só trabalhava meio expediente,

né? No estágio era só meio, de oito da manhã até meio-dia, aí ele disse, quando for na nas tuas férias, tu fica o dia inteiro pra compensar essas tuas faltas. Ou então algum final de semana que tem alguma coleta, alguma coisa pra fazer, aí tu compensa as horas, né? Fui me virando, entre a faculdade, o estágio e a xxx... Até quando deu, né? Aí quando terminou a graduação, aí eu pensei em sair da xxx por causa da xxx, comecei a trabalhar, aí o cara da xxx disse, não, aceito, ai você vai ter que compensar também no final de semana, alguma coisa assim, aí beleza. Aí fui ficando, aí foi quando eu fiz a seleção do mestrado. Aí a seleção do mestrado aí eu pensei, eu disse agora eu vou ter que sair da xxx porque eu não vou conseguir conciliar. Aí foi quando meu pai adoeceu, e aí eu, na xxx, por eu ser solteiro, eu tinha um plano de saúde que colocava meu pai e minha mãe, aí ele teve um início de AVC e tal, agora eu não tenho mais como sair eu vou levar do jeito que dá, né? Aí eu comecei a trocar plantão com muita frequência. O menino dobrava o plantão, eu pagava pra ele trabalhar no meu lugar, pra poder estar em Recife no mestrado, aí ele... aí foi quando eu vi que estava dando, né? Aí na xxx eu pedi licença sem vencimento, mas não me deram, aí quando eu entrei no doutorado, mudei de orientador, e aí, é, o meu orientador ele disse, ó tem uma vaga pra tu ir pra Viçosa, ficar lá seis meses, fazendo disciplina nesse primeiro semestre. Aí eu disse, tá eu vou... Só que aí eu já tinha pedido licença sem vencimento duas vezes na xxx e eles tinham negado... E aí quando eu entrei no doutorado, eu disse, agora eu vou do jeito que dá mais ainda, né? Aí ele disse, tem certeza que você quer ir? É pra ir daqui a dez dias, eu disse, eu vou. Aí eu fui passar seis meses lá em Minas e aí combinei com o menino pra dobrar o plantão os seis meses. E aí deu certo porque, assim, a gente trabalhava sozinho não tinha nenhum, ninguém da coordenação, trabalhando no prédio que a gente trabalhava, ia esporadicamente, mas como era plantão acabava que a gente mesmo fazia a escala e tal... Aí deu certo. Não sei como. Consegui até o fim do doutorado deu certo eu na xxx...

**Catarina:** você disse que fez vários vestibulares pra universidades públicas, né? Aonde eram essas?

**Zootecnista:** Então, eu fiz o primeiro que eu fiz, foi odonto na UPE de Recife. Aí depois eu fiz educação física na UFAL aí era daquele que tinha a segunda

fase, primeira segunda fase, né? Passei na primeira, fiquei cheia de esperança, aí não deu certo, porque eu jogava vôlei, né? Eu adorava educação física por causa do esporte, né? E aí depois joguei no time do SESC, no time da AABB e aí assim era meio que um um sonho, esperança de jogar, né? Porque o cara moleque e tal... Ganhei bolsa pra estudar no Santa Sofia, na época de Kerli, porque Kerli era, tu lembra dele? Kerli, que ele era treinador de basquete.

**Catarina:** Ah, já ouviu falar que ele faleceu, não foi?

**Zootecnista:** Foi. Ele era treinador de vôlei da diocesano e de basquete do Santa Sofia. Aí eu treinava com ele no diocesano e aí quando teve uma virada de ano, aí ele disse ó, o pessoal lá quer saber se você não quer estudar lá, você tem uma bolsa pra jogar e tal, mas ai meu pai não deixou, porque já tinha feito uma matrícula no Diocesano ai ele disse não vou... Tinha os livros pra comprar e farda, não sei o que, aí enfim, acabei não indo, né? Mas assim, a vontade, aí continuei jogando no Diocesano, e o Diocesano era o mais lascado de todos de quadra, de bola, não sei o que, a gente nunca tinha nada. Aí, fiz educação física porque gostava de jogar e fiz biologia, tentei biologia na UPE aqui em Garanhuns e os outros... é Odonto eu tentei mais de uma vez, Educação Física também, tentei mais de uma vez. Eu fazia assim, sempre Recife, Maceió e aqui...

**Catarina:** É, aqui não tem, né? Aí o mestrado, quando você concluiu a graduação, já emendou com mestrado?

**Zootecnista:** Não. Antes um pouquinho deu terminar a graduação, a gente formou em agosto aí em maio eu comecei a trabalhar na xxx. Aí eu fiquei trabalhando na xxx até fevereiro. Então, foi quase um ano, 9 meses eu acho, é, que aí eu que eu fiquei trabalhando na xxx, aí nesse meio tempo eu fiz a seleção do mestrado, né? Queria fazer, mas eu não queria fazer o mestrado aqui em Garanhuns por causa de alguns professores... Porque, aí eu disse não, vou esperar pra tentar no Recife. Aí, é, na primeira seleção que teve no final do ano, eu fiz, aí como teve o resultado que eu passei, foi que eu avisei, né? Na xxx que não ia mais continuar e tal, aí ele ainda queria que eu ficasse né... aí eu disse, mas eu não dou conta não, né? Porque o mestrado todo mundo sempre falou que era muito mais pesado, né? Aí até quando eu cheguei no mestrado todo mundo reclamava muito, né? Tipo, ah esse mestrado, tô

sofrendo, não sei o que... Mas assim, na xxx, eu trabalhei tanto, tanto, tanto, tanto que eu dizia, gente, eu tô no céu aqui nesse mestrado, porque a xxx, ela tirava o coro da gente demais, tá doido. Não tinha final de semana, não tinha horário, era quatro e meia da, quatro e meia da manhã pra você sair pra ir numa fazenda e aí nesse mesmo dia que você ficava rodando o dia inteiro, aí o dono da xxx dizia, eu quero uma reunião com vocês hoje de dez horas da noite... dez horas da noite, sacanagem né... chegava lá ficava esperando eu, Igor, os meninos que trabalhava lá, me lembro que eu entrei junto com o Igor lá. Aí é, a gente esperava até umas onze horas, aí ele saía da sala, eita, não vai dar não é que eu tenho que ir não sei pra onde. Aconteceu várias vezes de ele marcar reunião com a gente tarde, da noite e não aparecer. E aí assim, fora isso era muito serviço toda hora, né? Aí quando eu entrei no mestrado, foi...

**Catarina:** Ah, mas esse mestrado foi lá em Recife?

**Zootecnista:** Foi.

**Catarina:** Aí você ficou morando lá?

**Zootecnista:** Fiquei. Nessa época eu namorava com Carol né? Aí dividia, casa, eu, Carol, Amância... Amância é uma turma depois da agente... Eu, Carol, Amância, aí no, depois veio João Tiago, um ano depois, aí João Thiago chegou e ficou lá.

**Catarina:** Aí quando você terminou o mestrado, você já emendou no doutorado?

**Zootecnista:** Aí sim

**Catarina:** Também lá em Recife?

**Zootecnista:** Sim.

**Catarina:** Aí, você falou do teus pais, né? Da tua família... Aí eles trabalhavam com o que?

**Zootecnista:** Meu pai, ele foi vigilante da Caixa Econômica por muito tempo, né? Vários anos. Aí ele montou uma sorveteria, aí ele tinha a sorveteria e era vigilante. Mas aí assim, teve um tempo que a Caixa num tava dando mais certo, né? Aí ele resolveu sair, pedir demissão. Aí ele saiu de lá e ficou só com a sorveteria, né? Aí era uma época assim, que eu acho que até tinha pouca em sorveteria na cidade, né? Aí depois começou a ter muito mais, né? Aí o negócio foi ficando mais fraco e aí ele vendeu e comprou um carro pra fazer linha... Pra

Arcoverde. Aí ele ficou rodando pra Arcoverde durante um tempo. Aí depois vendeu a linha de Arcoverde e comprou uma pra Saloá, aí ficou fazendo pra Saloá, até quando ele adoeceu desse início de AVC que ele teve, né? Quando, perto de eu entrar no mestrado, aí ele deixou de trabalhar porque ele ficou com algumas sequelas, né? Aí num podia mais dirigir, porque se tivesse acontecido, por exemplo, esse problema que ele teve dirigindo, né? Poderia ter um acidente, aí... Aí ele parou de trabalhar. Aí isso faz... faz uns dez anos agora, né? Que eu entrei no mestrado em...não, faz mais, que eu entrei no mestrado em dois mil e onze. Doze anos.

**Catarina:** E tua mãe?

**Zootecnista:** Minha mãe, ela... tipo, sempre foi de fazer as coisas de casa, né? E quando meu pai montou a sorveteria, aí ela trabalhava na sorveteria também, né? Porque fabricava, né? Sorvete e picolé, não era só de vender não. Aí tinha a fabricazinha, tal, que inicialmente era lá no centro, atrás do INSS. Aí tinha um ponto lá e aí depois voltou, foi ser lá em casa, né? No quintal assim, aí fez uma reforma lá e levou as máquinas tudo e ficou lá. Aí minha mãe ficava com o serviço da sorveteria também, ela que fazia as coisas, sorvete, picolé, tal, ela sempre fez...

**Catarina:** É, você tem quantos irmãos?

**Zootecnista:** Tenho, tem minha irmã e eu tenho irmão que faleceu.

**Catarina:** Você é o mais velho?

**Zootecnista:** Não, sou o mais novo. Minha irmã é mais velha e meu irmão que faleceu era do meio...

**Catarina:** Aí tua irmã mais velha, ela chegou a fazer também curso superior?

**Zootecnista:** Fez bem, assim, recente, sabe? Lá de casa mesmo, era o único que tinha, que tinha feito curso superior... o meu irmão quando faleceu, ele tipo, eu acho que ele tinha feito até a oitava série só. Meus pais também não, não tem estudo, né? Meu pai é analfabeto, minha mãe tem só ensino fundamental incompleto, né? Acho que ela só fez até a sétima série. E minha irmã acho que ela fez um curso de administração. Naquela um, eu não sei se foi UNOPAR, eu acho que era UNOPAR, mas a distância, toda a distância e ela terminou, acho que deve fazer uns três anos que ela terminou, só que foi, foi bem depois que eu terminei que ela que ela resolveu fazer uma graduação...

**Catarina:** Da tua família você foi o primeiro a ter graduação?

**Zootecnista:** Lá de casa sim...

**Catarina:** E da família, assim, tios... você sabe se tu foi o primeiro?

**Zootecnista:** Assim dos... meus... assim, a família do meu pai, é, o pessoal, quase todos tem graduação, meus primos, né? Da família da minha mãe poucos tem. Minha mãe é de São Bento do Una, do sítio... E aí eu tenho alguns que tem. Eu sei. Mas da família do meu pai todos.... É... da família do meu pai, quase todos tem...

**Catarina:** Por que você resolveu ingressar na UAG? Porque assim, queria que você contasse como é que foi, como foi que você ficou sabendo, como foi o processo de seleção, como foi quando você recebeu os resultados, por que que você quis fazer?

**Zootecnista:** Hum... Então, eu tava nessa onda de num passar em nada, né? E aí quando veio a Rural pra cá, é... eu fiquei sabendo, que assim, eu fazia cursinho na época... Deixa eu ver.... Que eu fiz tantos cursinhos, né? Mas nesse ano, não, nesse ano eu não tava fazendo cursinho, o vestibular foi no meio do ano. Geralmente vestibular era só uma vez no ano e no final. E aí eu fiquei sabendo, eu lembro de uns cartazinhos, eu acho que a inscrição fazia no correio até. Se eu não tiver enganado, né? Aí a gente comprava manual, essas coisas. Aí eu lembro, se eu não estiver enganado, fiz a inscrição no correio ali do centro. E aí eu vi por um cartaz, se eu não me engano foi isso. E aí dos cursos que tinha, né? Que era zootecnia, veterinária, agronomia e na época era normal superior que não era pedagogia. É, assim, eu fui procurar saber um pouco mais sobre a, sobre os três cursos das ciências agrárias e aí, é, como eu não gostava de matemática de jeito nenhum, então agronomia eu descartei primeiramente, né? Então eu já sabia, achava que ia ter muito cálculo, muita coisa, e aí a veterinária eu fiquei meio assim, porque eu não era tanto assim da área de saúde, o que eu estava pensando, ah sei lá, almejar de trabalhar, sabe? Apesar de ter feito outros vestibulares que eram da área, né? Aí eu procurei saber mais sobre o que era zootecnia, porque assim, até então eu não conhecia ninguém que tinha feito, nem nada, né? Eu só quebrei a cara do negócio da matemática, né? E dos cálculos (risos), porque depois que eu entrei, eu digo, velho o que foi que eu fiz aqui, velho? (risos). Aí pronto, aí fiz a

inscrição do vestibular e aí nesse ano, realmente eu tava só estudando no trabalho. A empresa que eu tava trabalhando era uma loja de peça de moto e tava bem ruizinha assim, o movimento e tal, e aí eu passava o dia quase todo estudando e eu estudei nesse ano eu estudei muito mais química e matemática, que era minhas, meus dois calos, né? Assim, eu tinha muita deficiência. E aí eu passei a estudar sozinho, porque eu já tinha feito vários cursinhos, à noite, pra sair do trabalho e tal. Aí eu fiquei estudando, estudando, estudando e aí fui fazer o vestibular, eu tinha feito o ENEM também... que nessa época o ENEM acho que valia só dez por cento pra quem era do Agreste Meridional pra subir a nota, né? E aí a nota minha do ENEM foi maior do que a nota do primeiro vestibular então ajudou, né? Esses dez por cento... e aí fiz a prova, quando saiu o resultado assim, eu fiquei feliz da vida. porque é, na condição que eu tava de passar tanto tempo e não conseguia entrar, né? Eu já tava assim, apesar de tá estudando, eu tava bem me achando... ah, não prestava pros estudos, porque não passava de jeito nenhum e aí eu via todo mundo passando... e aí... é... da minha turma, acho que eu fiquei em primeiro, ou foi em segundo lugar, quando saiu o resultado... E aí, assim, eu tava todo orgulhoso, né? Mostrando pra todo mundo, é o resultado e tal e aí, todo mundo assim, os mais próximos, ficaram até pensando e o povo da minha família, e agora? O que é que tu vai fazer? Porque tu já táis trabalhando há tanto tempo e o curso é de dia, né? Estudar a tarde e tal. Aí eu sem pensar duas vezes, todo mundo perguntava, eu disse, eu vou sair, eu vou me virar. Aí, pedi demissão do trabalho, e aí o meu chefe passou ainda uns quatro meses ou foi cinco pra me demitir porque ele não estava pagando meu FGTS e aí ele disse eu vou ter que pagar o débito todo e aí eu só posso demitir quando é pagar e eu não posso pagar numa bolada de vez. Eu disse, beleza então me deixa aí, né? Aí eu fiquei contratado lá, mas sem ir trabalhar e também não recebia salário, né? Aí quando entrou, quando começou as aulas, é, eu não entendia muito do funcionamento, né? Esse negócio de monitoria, projeto de extensão, projeto de pesquisa, não sabia de nada daquilo. Nada nada nada. E aí eu, é, quando eu entrei, aí a disciplina de química, aí eu como eu estava, que eu não gostava de química antes e aí eu comecei a estudar química, química e matemática pra o vestibular, né? Aí gostei muito, porque eu tive ótimos

professores, né? Que era a Suzana Rufino, tinha o professor de matemática que ele, a gente tava sem professor de matemática, né? Que Sansuke chegou depois. Aí todos esses professores de química e matemática que eu tive foram maravilhosos, né? Eu ficava encantado e eu aprendia mesmo, né? Aí uma vez, a gente organizando esse negócio de festa, calourada, pra juntar dinheiro pra turma, aí eu tirei um e meio numa prova de química, aí a professora disse, meu Deus tu tirou um e meio, tava tão na esperança que tu fosse meu monitor no semestre que vem. Aí aquilo ali me endoidou a cabeça, né? Aí eu disse, meu Deus vou ter que recuperar essa nota, porque a professora disse que eu ia ser monitor, aí estudei, estudei, estudei, pra fazer a terceira VA e eliminar aquela nota, né? Aí estudei, aí num lembro a nota que eu tirei não, mas assim, eu tirei uma nota boa e tal, aí passei e aí quando foi no semestre seguinte, ela abriu a seleção de monitoria... aí tinha a prova, né? Agora, tipo, lá onde eu trabalho não tem prova não, é só a nota da disciplina, né? Aí tem uma prova, aí eu estudei pra prova, corri com Mábio. Enfim, aí foi eu Mábio, monitores da disciplina (risos)... Aí pronto, aí depois disso, ai fiz projeto de extensão com ela, agora era tudo sem dinheiro, né? E até então eu estava tranquilo porque eu tinha, é, eu saí do trabalho e não tava... é, aí tipo tinha recebido uma grana porque tinha saído fiz acordo com ele, né? Eu fui demitido, mas fiz acordo com ele. Ainda ia receber o FGTS no final do ano porque só fui demitido em novembro e as aulas tinham começado em setembro, e aí quando terminou novembro, que eu fui demitido, aí eu fui receber o seguro desemprego a partir daí. Então eu passei praticamente um ano tranquilo, economizando, né? Porque assim quando a pessoa trabalha, né? Aí tem essa dificuldade realmente de você, e aí eu vou ficar pedindo dinheiro a meu pai e tal. É e assim as coisas sempre lá em casa sempre foram muito sofridas também, ficava pedindo não, porque não tinha, não tinha as condições toda, né? Aí pronto, depois disso, aí passei um ano, aí fiquei fazendo projeto de extensão com a mesma professora de química e aí foi aparecendo outras monitoria, outros projetos e aí eu comecei a participar, mudei pra Cleber Regis, ele me ensinou muita coisa, principalmente a escrever, né? Que foi as primeiras viagens assim, pra um congresso, apresentar trabalho, foi tudo com ele. Aí, depois disso foi que veio a seleção pra estágio da Parmalat. E esse estágio da Parmalat foi que

assim, que abriu as portas pra xxx, porque foi o cara da xxx que ligou pra Parmalat pra saber de mim, tipo ligou pro coordenador e disse, e esse estagiário aí, tô sabendo que o estágio dele já tá terminando e tal, me fala aí alguma coisa dele... E aí o coordenador falou de mim, aí ele me chamou, me chamou pra fazer a entrevista, né? Aí deu certo. Mas, assim, no começo da graduação eu fazia tudo, tudo, tudo que aparecia eu fazia e era tudo sem bolsa, né? E aí assim é, até eu tirava onda, dizia quando, uma hora eles me olhar e vão dizer, vamos dar a bolsa aqui pra esse pobre coitado, tudo que é de graça ele faz, eu disse uma hora vai ter uma bolsa, né? E aí acho que, aí teve bolsa de extensão com a professora de química, aí foi quando começou a aparecer as primeiras coisas (risos)...

**Catarina:** Em qual período mais ou menos?

**Zootecnista:** Quando eu entrei na monitoria foi no segundo e aí acho do segundo pro terceiro que teve o projeto de extensão, aí teve uma bolsa de projeto de extensão, e aí acho que quando eu tava no quarto no quarto período eu entrei pra Cleber Régis, né? Pra melhoramento genético, no PIBIC... Só que era eu, Catarina e Luciana. E aí só tinha uma bolsa, mas a gente tinha combinado que, pra quem saísse a bolsa a gente ia dividir pros três... E aí a bolsa era trezentos reais aí ficava cem reais pra cada. Aí quando eu passei no estágio da Parmalat eu tava com essa bolsa de cem reais. Aí ainda continuei um pouquinho no projeto, deixei a bolsa porque a Parmalat também que tinha, né? E aí, é, esperei terminar o tempo do projeto pra poder sair e ficar só no estágio da Parmalat na época...

**Catarina:** Então de projeto na UAG, você participou de monitoria, extensão e PIBIC?

**Zootecnista:** Foi.

**Catarina:** Como você descreveria a sua trajetória na UAG?

**Zootecnista:** Rapaz, assim, eu considero que foi boa. Porque assim, a galera sempre falava que eu chorava, chorava e no final das contas passava com nota boa, né? Que tipo, a gente ia pra casa de lanara pra estudar, com lanara e Mané... Aí, as vezes a gente chegava lá, aí tava eu e Igor de ressaca, morto na prova, então morto pra estudar. Aí Mané ensinava as coisas pra gente, aí eu e Igor tirava nota melhor do que Mané (risos)... aí ele, pô esses meninos chegam

bêbo aqui, vomitando, pede pra ir no banheiro pra vomitar e eu fico aqui ensinando, pra eles tirarem uma nota maior do que eu e tal... ai a gente ficava tirando onda (risos) ah, é porque tu é burro (risos)... e é assim eu considero que foi uma trajetória boa porque eu sempre me envolvi em tudo que que dava tempo e que eu conseguia me envolver desde o início. Eu acho que até porque, talvez porque, eu trabalhava já há algum tempo e só, aquele negócio só estudar, quando aparecia qualquer coisa a mais eu queria fazer, né? Mesmo que fosse, mesmo que o início era tudo sem bolsa, porque inicialmente os, não era porque era concorrido, né? Porque a gente foi da primeira turma e praticamente num tinha essas concorrência toda, né? Mas porque não tinha mesmo bolsa. No começo eu nem sabia nem que existia isso de bolsa, né? De você tipo, pra mim bolsa era coisa de uma universidade particular, tipo você tinha que pagar a mensalidade aí você trabalhava na biblioteca pra não pagar a mensalidade. Mas eu não imaginava que, de você estar estudando numa escola pública e você ia ainda receber pra isso, por alguma coisa, né? Aí depois que você entra, que vai entendendo um pouquinho como que funciona, né? Aí assim, eu considero isso porque é... me envolvi em tudo e eu sempre gostei de estudar. Desde que entrei, né? Não vou dizer de antes não. Eu acho que a vontade que eu tinha de entrar era que me fez me empenhar mais. É tanto que no começo minhas notas eram muito melhores nos primeiros períodos e tal. Depois assim, acho que por causa das outras atividades que eu ia me envolvendo também, o estágio que eu tinha na Parmalat, é... durante um tempo, é que tinha um outro coordenador, aí ele dizia ah porque a gente precisa que, era bom que fosse uma pessoa que ficasse o dia inteiro. Aí alguns dias eu faltei bastante, porque ele meio que, é, ficava falando essas coisas de que precisava de uma pessoa que ficasse mais o dia inteiro, mas não, a gente não tinha ninguém pra isso, né? Porque ou estudava de manhã ou de tarde e quando entrou nesse estágio fui eu e Érica, eu entrei de manhã porque eu estava tarde e a Erica estudava de manhã e ela ficou no período da tarde, né? Aí algumas vezes aí, algumas faltas, algumas coisas de algumas disciplinas técnicas assim, que eu não tive tanta afinidade e tal... e aí assim, não tive nenhuma reprovação, fui pra poucas finais... Aí eu acho que, acho que foi boa...

**Catarina:** Durante o período que você esteve lá na UAG o que te deixava mais feliz?

**Zootecnista:** Rapaz... Eu acho que esse negócio de se envolver em muita coisa me deixava muito feliz. Porque além das coisas tudo a gente ainda era da comissão de formatura e aí ficava tipo, fazia festa, fazia um evento, a gente fez, a gente fez os eventos bem massa, né? Tipo, teve até um ano que foi aquele do fórum, que a gente fez um, que foi no fórum, que a gente trouxe um zootecnista que era do zoológico de São Paulo, é, Doutor Pet, que a gente trouxe também. Então, assim, esse negócio de tá envolvido nessas coisas, sabe? E aí, às vezes, quando a galera de outra turma queria fazer alguma coisa parecida, aí eles vinham conversar comigo e com o Igor, por exemplo, aí a gente se sentia assim os importantes, sabe? Nessas coisas. Aí assim, eu acho que me ocupar muito lá, me deixava, me deixava feliz, porque eu passava o dia lá, ó, o dia, o dia, o dia inteiro manhã e tarde, na minha época acho que nem tinha curso noturno, né? Até eu terminar a graduação, não tinha. Então, assim, a gente ficava lá manhã e tarde inteira.

**Catarina:** E durante o período que você esteve lá na UAG o que deixava você infeliz?

**Zootecnista:** Rapaz, sei lá... Assim... Na UAG, acho que, por exemplo, se eu disse que eu não fiz o mestrado lá por causa de alguns professores que eu não gostava. E aí eu tive algumas, tipo, como a gente foi da primeira turma, é, a gente teve professor ministrando disciplina que não era da área deles e a gente teve muitas disciplinas com alguns professores que eu não gostava. E aí algumas disciplinas, eu, algumas áreas, eu passei a ter uma um certo receio, assim não gostava muito por causa do professor. Então acho que, alguns professores que eles, sei lá, eles tratavam a gente como se eles fossem muito superiores à gente, por ser meros estudantes, sabe? Eu acho que essa era a parte mais chata. Alguns professores que não tratavam a gente com educação mesmo, sabe? Acho que eles eram muito, com o rei da barriga, tipo, se achavam demais e tal, aí num, acho que essa é a pior parte, a parte mais chata. Eu acho que era essa mesmo, porque mesmo depois de eu decidir que não queria fazer o mestrado aqui, assim seria muito mais cômodo pra mim, porque eu ir pra Recife eu não tinha certeza da bolsa, e eu sabia que eu só

conseguiria ficar no Recife se eu tivesse a bolsa, porque tipo a ideia de eu sair do trabalho e fazer graduação aqui em Garanhuns, eu tava na casa dos meus pais, por mais que eu não tivesse um real pra tomar uma Coca-Cola fora de casa, mas eu tava em casa... e aí no Recife ia ser mais difícil... Mas eu não queria de jeito nenhum. De jeito nenhum. Quando falava o nome de xxx, por exemplo, ah... que abuso que eu sentia... Aí eu não fiz por causa de alguns desses.

**Catarina:** Quando você terminou, foi fazer mestrado e doutorado, assim tudo o que você fez, o que que teus pais imaginavam, assim? Você acha que eles tinham noção do que estava acontecendo contigo? Assim, dos degraus, que você estava subindo, ou não? Você sempre tinha preocupação de explicar e conversar, ou eles conheciam já e sabiam e incentivavam, estimulavam?

**Zootecnista:** Então, eu acho que é assim, até hoje eles não têm essa noção não. Talvez, pela falta de conhecimento que eles têm, assim, pela falta de estudos que eles tiveram, né? Quando, é, quando eu passei no mestrado, é, eu percebi deles uma preocupação muito grande quando eu falei que eu iria deixar o trabalho da xxx. E assim, o concurso da xxx, ele era de ensino fundamental então ganhava muito pouco no concurso do ensino fundamental... é, e aí é, pela colocação que eu fiquei lá, logo a gente ficou sabendo quem ia ficar com bolsa ou não e aí eu estava na mente que eu ia realmente sair, não saí porque pai adoeceu... E aí assim pra eles, eu saí da xxx era uma coisa, era uma loucura muito grande. Porque eles não tinham noção de que eu poderia conseguir alguma coisa melhor, eu tentando estudar mais, né? Nem eu tinha essa certeza, porque não é garantia pra ninguém, né? Era um risco, né? E eu não saí de lá, assim, foi bom, digamos assim, o que aconteceu com o meu pai fez com que eu ficasse lá e aí eu fiquei mesmo ilegalmente, né? xxx Mas o salário era muito pouco, era menor do que a bolsa do mestrado, a bolsa do mestrado que eu recebia era mil e duzentos na época, e o meu salário era mil reais. E aí eu pagava tanto pra o menino dobrar o plantão, que eu nem ficava com ele, assim, o que eu aproveitava do trabalho da xxx era o plano de saúde, é, mais pra meus pais, né? Porque eu usava pouquíssimo e o vale alimentação que tinha, né? Então o vale alimentação era muito bom porque eu usava lá no Recife, o vale alimentação. E minha mãe usava aqui em Garanhuns também,

então praticamente, fazia tudo com ele... E aí, é, eles não tinham essa noção porque, é assim por mais que eu, algumas vezes eu tentei explicar, e minha vó que era viva na época ainda ela tinha mais noção disso do que, do que eles... Era a mãe do meu pai. Porque assim ela não tinha muito estudo não. Mas, assim, na época dela, ela ainda, ela foi professora porque tipo, sei lá, acho que ela chegou no ensino fundamental, ensino médio e foi professora de criança. Então, ela tinha uma noção maior disso, né? Que é tanto que, tipo, da minha família aí, até da família dos meus, do meu pai, que é o pessoal que tinha mais condição de estudar, é ninguém tem mestrado, ninguém nunca fez mestrado e doutorado menos ainda, né? E aí assim, os meus primos, eles me elogiavam demais, né? Pô tu é muito inteligente, e eu, assim na minha cabeça, dizia assim, não sou esse, isso tudo que eles estão dizendo, porque eu tinha passado no mestrado né? E aí quando eu encontrava meus primos era na maioria das vezes na casa da minha vó e aí ela ouvia muito eles me elogiando, né? E aí ela ficava muito orgulhosa disso também e elogiava e tal... e entendia, tipo, quando eu fui pra Recife, aí ela, minha mãe ficava muito preocupada, né? Tu vai pra essa cidade, num sei o que, e aquela cidade louca e aquele trânsito e tu vai andar de moto e não sei o que, tinha essa, tinha muito essa preocupação e minha vó ficava dizendo, deixa mulher, a gente cria os filho é pro mundo mesmo, e ele passou nesse mestrado e ele tem que seguir isso mesmo... Minha vó dizia isso, né? E assim, na metade do curso, eu acho mais ou menos, minha vó faleceu... e aí assim, eu seguindo aí no mestrado e doutorado e meus pais assim, comentavam sobre... aí como eu, sei lá eu acho que eu entendi que eles não entendiam, aí eu também não falava muito pra eles não... Não tentava explicar mais, acho que no começo eu tentei mais. Mas ainda hoje acho que ainda hoje eles num tem essa compreensão que, por exemplo, no concurso do IF não, eles não exigem mestrado e doutorado. Todas as vagas são pra graduação, mas não passa ninguém só com graduação. Aí assim, eu acho que eles não têm esse entendimento que eu passei por conta desse estudo que eu fui fazer, né? Enfim eu acho que eu acho que eles não têm não essa compreensão...

**Catarina:** Em relação a estrutura lá da UAG logo que começou... estrutura física e estrutura de todos os sentidos assim, o que você lembra? Era ruim, era bom, ou era difícil? Desenrolava? Porque começou em outro prédio, né?

**Zootecnista:** Foi naquele prédio lá atrás do Tavares Corrêa e aí, a estrutura era péssima, né? Não tinha nada. Assim, pra área da zootecnia, né? Mas como começou a ter tipo um laboratório de informática, isso tinha desde lá aquele outro prédio, biblioteca começou a ser montada lá também, mas era pouca coisa que tinha... Mais assim, os livros que iniciavam...

**Catarina:** Lá nesse prédio, do primeiro?

**Zootecnista:** Era. Já tinha umas coisas de biblioteca já, mas como o curso de, tipo de veterinária, agronomia e zootecnia, as disciplinas do básico elas tinham muita semelhança, de química, de biologia, então esses livros, a gente era abastecido, mas assim, estrutura de laboratório... eu terminei a graduação sem fazer uma análise de proteína, essa análise de nutrição animal que é a base pra zootecnia, não fez nenhuma, nenhuma, nenhuma... Então a gente não sabia de nada, assim ah, uma vez ou outra a gente viajou pra Recife, por exemplo, na disciplina de zoologia a gente foi pra o Laboratório de lá... eh um ou outro professor levaram a gente pra exposição de animais lá, então as vezes, assim uma visita técnica em alguma fazenda aqui próximo... mas também não era muito não... e aí assim eu tenho essa vivência lá no meu trabalho onde eu estou hoje, porque a primeira turma formou no início desse ano... Então eles, lá no trabalho, a gente é um pouco pior do que aqui em Garanhuns quando formou, porque quando a gente estava já terminando, aí já estava muito mais estruturado em comparação, né? E aí um ou dois anos depois que eu terminei, quando eu estava no mestrado, eu vim fazer minhas análises do mestrado aqui. Porque eu não... tive que mudar de projeto lá no Recife aí é meu orientador queria que eu prorrogasse e eu disse a ele que eu não tinha condição nenhuma de prorrogar porque não dava pra ficar no Recife aí falei com a professora Keila aqui o laboratório já tava muito estruturado. É, e aí eu fiz minhas análises do mestrado todinha aqui... e aí nessa época já tinha laboratório nutrição de solos, já tinha um monte de coisa, né? Mas na época da gente...

**Catarina:** Sim, aí você teve a oportunidade de fazer muitos passeios, congressos? Teve essa oportunidade de sair de Garanhuns? Teve algum lugar que você foi pela primeira vez? Que você nunca tinha ido, que foi através da universidade?

**Zootecnista:** Teve... a primeira vez que eu fui no Recife, não, foi não... não, foi um congresso que eu fui, eu tava no segundo período, aí foi no Recife, mas já tinha ido no Recife fazer vestibular. É teve alguns lugares, no interior, de Alagoas, Santana do Ipanema, foi através da UAG, João Pessoa, eu nunca tinha ido, aí fui pra um congresso através da UAG... É, deixa ver mais... Maceió pra um congresso também, mas Maceió eu já conhecia. Então, foi mais alguns lugares aqui próximos. Aqui próximo de Garanhuns.

**Catarina:** Pra você o que é felicidade? O que você acha que é? Como é que você percebe a felicidade?

**Zootecnista:** Então, acho que felicidade tem muito a ver com o bem-estar, né? Então, se você tá se sentindo bem em um determinado espaço, um determinado local, é porque eu acho que de tanto a gente ver suas essas frases, essas coisas compartilhadas de rede social de ah felicidade, você não é feliz todo tempo, você tem momentos felizes ou então o percurso aqui é a felicidade, e realmente eu acho que é por aí, porque não é todo, assim, quem é feliz, não é toda hora você tá feliz. Todo mundo tem problema, todo mundo tem um momento de altos e baixos, né? Mas acho que é a sensação de bem-estar, eu acho que ela define muito a felicidade, de, as vezes você tá com a com as pessoas que você gosta, e tá se sentindo bem naquele ambiente, então você tá feliz... A mesma coisa que é o contrário, né? Quando você tá num ambiente que você não gosta das pessoas, então tem algo que lhe incomoda, é, tipo um ambiente que você não acha que cabe você, então que você acha que as pessoas tão conversando um monte de coisa que tá incomodando você, então nesse momento você não tá feliz, você num tá, seu bem-estar não tá sendo atingido, digamos assim, né? Eu acho que felicidade pra mim é bem-estar em vários aspectos, né? De conforto, de local, de pessoas, enfim.

**Catarina:** Como é que seria uma vida feliz? Nesse caso então, com essa forma como você percebe. Como é que seria uma vida feliz?

**Zootecnista:** Uma vida feliz? Totalmente feliz (risos)?

**Catarina:** Como é? Porque vai depender do que você entende do que é uma vida feliz. Dentro do que você entende o que é uma vida feliz, como é que seria? O que, quais são os elementos que tinham que existir numa vida feliz?

**Zootecnista:** Eu acho que a vida feliz é quando você consegue fazer a maioria das coisas que você quer... Sem, é, sem se sentir na obrigação de fazer uma coisa que você não quer fazer. Porque as vezes a gente vai pra um lugar é sem ter vontade de ir porque não sei quem chamou ou então porque você se sente aí no débito com uma pessoa, sei lá, viajei e fiquei na casa não sei quem e aí essa pessoa vai vim pra minha cidade e aí vou ter que tá em vários lugares tal. Eu acho que assim, se você fizer a maioria da maioria, né? Porque tudo também não dá, porque fica assim... No trabalho mesmo, o diretor chama pra fazer reunião que é um saco, então eu não vou dizer que queria estar naquela reunião sempre. Mas assim, mas na maioria do tempo se você se sentir em bem-estar, eu acho que é.

**Catarina:** O que não é felicidade pra você?

**Zootecnista:** O que não é felicidade... É você tenta forçar caber no local que você não se encaixa. É você forçar uma amizade, é você forçar, uma pessoa que você está, sei lá, está querendo namorar, ficar, e você tá forçando a pessoa que já disse que não quer ou então não está demonstrando interesse e aí você forçar essa relação acho que não é felicidade, como todas as outras, né? Porque isso, não só pra uma relação afetiva mas pra uma relação familiar ou de amigos ou de qualquer coisa... Acho que é por isso que tanto me incomoda uma coisa, tipo você posta uma foto aí numa rede social, e a pessoa dizer, eita nem me chama... Eita, que eu não gosto de jeito nenhum disso, porque muitas vezes, não é porque eu não queria aquela pessoa não tivesse, mas é porque não chamou porque eu não chamei ele, porque eu não quis, porque enfim, né? Aí assim eu não faço isso e é assim se eu tiver uma amiga uma pessoa que eu tenho intimidade suficiente eu sei que não vai incomodar, eu digo, ah e tu estás aonde? Está aí. Ah eu vou... Então beleza. Mas, assim você forçar qualquer tipo de coisa eu acho que não é felicidade...

**Catarina:** o que é o essencial então pra você se sentir feliz?

**Zootecnista:** Eu acho que não pode faltar amigos pra mim, porque assim quando, é, quando eu cheguei em Petrolina, por exemplo, que eu, quando eu,

quando eu comecei a trabalhar em Paulistana, eu morei nove meses em Paulistana... na verdade era muito ruim, não é? Porque é muito pequeno, que não tem muita coisa pra fazer. E aí eu fui pra Petrolina e aí eu, assim, eu nunca tive problema de ficar sozinho, né? Até eu acho que gosto de morar sozinho, tem uma amiga que diz, ah eu não gosto não de morar sozinha, até hoje ela tem quase a minha idade, ela divide a casa com mais três pessoas. Aí eu disse, eu que não aguento ficar dividindo toda hora com esse povo aqui, enfim. É e aí assim eu, por mais que eu não tenha problema de ficar sozinho, mas, eu acho que a presença tem uma rede de apoio dos meus amigos eu acho que pra mim é essencial, porque quando eu fui pra Petrolina eu senti muita falta disso.

**Catarina:** Mais alguma coisa?

**Zootecnista:** Estou me lembrando...

**Catarina:** E o que o que não é essencial pra felicidade? Assim, tal coisa realmente não tem nada a ver pra me sentir feliz...Uma coisa que não faz diferença nenhuma na tua vida pra ser feliz ...

**Zootecnista:** Aí ó.... Sei lá...ah é, uma coisa que, da pergunta anterior, que, foi qual mesmo?

**Catarina:** O que é essencial na sua vida pra você se sentir feliz?

**Zootecnista:** É, acho que a pessoa sem dinheiro também é difícil demais, né? Porque assim é um bem essencial pra gente fazer qualquer coisa, né? Então não é só os amigos, porque assim se eu tiver os amigos e não tiver um real pra nada, aí é muito complicado, né? Então dinheiro ele é essencial e aí assim a gente só tem o dinheiro se tiver o trabalho, né? Então uma coisa é, puxa outra, então o trabalho é essencial, é, dinheiro é essencial pra... esse negócio que dinheiro não traz felicidade não é bem assim porque sem ele a gente não faz nada...

**Catarina:** Mais alguma coisa assim em relação a isso?

**Zootecnista:** Não

**Catarina:** Suas expectativas na UAG foram atendidas?

**Zootecnista:** Em relação ao curso que a UAG ofereceu?

**Catarina:** Em relação, tanto em relação ao curso, expectativas salariais, expectativas de emprego e expectativas que você criou quando você entrou lá,

né? Amigos podem estar também presentes... tudo o que você imaginou que seria quando você entrou, foi atendido? Você conseguiu realizar assim ou não?

**Zootecnista:** Assim, em relação ao curso não foi tudo atendido não, né? Assim acho que talvez por eu ter sido, por a gente ter sido da primeira turma, a gente teve algumas lacunas que não foram preenchidas, principalmente com os conteúdos práticos, e até hoje eu sendo professor, eu sinto insegurança em alguns algumas coisas na hora da prática. Na teoria, acabo desenrolando, porque a gente estuda, mete a cara no livro e desenrola. Mas algumas coisas que a gente não teve, a gente teve pouquíssima prática, pouquíssima, pouquíssima durante todo o curso. E aí assim, eu sou enrolado em algumas práticas, por causa disso... Então assim essa expectativa ela não foi atendida em relação ao curso, né? É, durante o mestrado e doutorado eu tentei preencher algumas lacunas, faltaram algumas coisas, né? Mas aí a gente acaba fazendo tudo porque você direciona muito pra uma área do mestrado e doutorado, na graduação não, é o leque aberto pra você passar por todas as áreas, quando você tá no doutorado já não passa mais por elas, então é uma coisa que a gente acaba perdendo mesmo, perdeu e acabou. E aí em relação a isso não. Em relação a trabalho sim, porque eu tive ótimas oportunidades de trabalho, né? Não posso negar e nem reclamar das oportunidades que eu tive não. Não foram todas as pessoas que, sei lá, que estudaram com a gente que tiveram as mesmas oportunidades que eu tive. É, e aí assim, se eu tivesse, por exemplo, se eu não tivesse entrado no mestrado e doutorado, tivesse continuado na xxx, eu sei que eu ia tá trabalhando pra caramba, mas assim, pelas outras pessoas que estavam lá mais tempo eu vi que eles ganhavam uma grana boa, então assim como pretensão salarial digamos que eu tivesse realizado. Pelo dinheiro que eu ganhasse lá, mas assim não valeria a pena na minha visão, que foi até uma visão que eu tive na mesma na época que eu saí da xxx, eu poderia ter continuado poderia ter almejado e conseguido um salário maior e tal, mais ou melhor, mas imagina você tá toda semana, toda hora, todo dia, na estrada, todo dia na estrada e você arriscando muito a sua vida, aí era uma coisa que me deixava pensando em sair de lá e enquanto a gente estava lá, por exemplo, teve um menino que, quem fazia a manutenção de ordenhadeira mecânica sempre trabalhava à

noite, porque era no momento que não estava fazendo ordenha, né? Que a ordenha é de manhã e tarde, e aí quando terminava a ordenha da tarde aí os meninos emendavam pra fazer manutenção na ordenha e saía duas, três horas da manhã, aí no outro dia acordava muito cedo pra fazer outros trabalhos, né? Aí teve um menino que teve um acidente, porque deu um cochilo, né? E aí ficou em coma tal, acabou não morrendo, mas ficou muito mal e aí eu vi que foi que aconteceu depois que ele saiu. Não, pega não sei quem que já estava rodando com ele, então bota pra treinar ele na área. Então assim, eu seria substituído do mesmo jeito que o outro foi. E é assim que acontece, toda empresa... Mas eu não queria era que acontecesse comigo, eu não queria que acontecesse com ele, que tivesse acontecido com ele, porque eu conhecia ele, não tinha uma relação de amizade, mas assim, aquela situação me deixou muito reflexivo sobre continuar lá, né? E aí mesmo que tivesse continuado lá eu poderia ter conseguido em outra, porque em outro local que não precisava de viajar tanto, em outra empresa, alguma coisa, assim porque a xxx era uma vitrine. Você conhecia muita gente da área, e você acabava conseguindo, né? Trabalhar em outra empresa, alguma coisa do tipo, porque você tava lá envolvido dentro do meio, mesmo. Hoje em dia o povo nem se lembra mais de mim, né? Todo mundo se esqueceu já e tal, mas na época que tava lá, eu vi que era o lugar pra você conseguir alguma coisa, era lá... Aí de emprego não tenho realmente o que reclamar. E tipo, durante a época da faculdade eu acho que eu aproveitei bastante também, sabe? Em relação a, sei lá, festa, aproveitar, não só os estudos, né? Porque eu acho que eu estudava, mas também farrava bastante, né? Eu nunca fui aqueles nerds, nem combina comigo, sabe? Tomei cachaça mesmo, dei virote, a bagaceira que o povo faz eu participei de quase todas, organizei enfim... E aí assim, em relação a expectativa dos amigos também, assim eu fiz grandes amigos mesmo da época da faculdade que é, diferente tem gente que diz que é amizade, né? Você faz na época do ensino médio, num sei o que, mas comigo num foi assim, eu conheço o povo do ensino médio, tem um grupo aí quando eu vou pra subir na rua, quase nenhum fala, aí eu também, não dou muita bola pra eles não. As amizades, tipo, dessa época de colégio mesmo, de estudo é, pra mim só o, é o pessoal da graduação mesmo.

**Catarina:** Então tuas expectativas, em sua maioria, foram atendidas

**Zootecnista:** Foram...

**Catarina:** Então, você acredita que a UAG contribuiu pra sua felicidade?

**Zootecnista:** Com certeza.

**Catarina:** Porque? Assim, o que te faz acreditar nisso?

**Zootecnista:** Assim, primeiro por eu ter conseguido entrar, né? Que era um era um sonho muito distante, né? E aí quando ela chegou e aí essa expectativa, mas assim, eu, assim, foi uma felicidade a Rural vir pra Garanhuns. Mas assim, não era uma certeza que eu ia entrar, porque eu tava vendo que o negócio não tava dando certo pra mim, né? Eu fazia, fazia, fazia, não dava certo. E aí quando ela chegou e aí eu entrei e aí eu fiquei numa colocação muito boa e também depois que comecei a estudar eu tava me dando, me dei bem na maioria das disciplinas aí eu vi que, assim fiquei pensando, então as outras coisas não eram pra mim porque tipo, se nos outros eu não passava muitas vezes, algumas vezes cheguei perto, outras vezes fiquei longe demais, e aí quando eu entrei aqui as coisas estão dando tão certo, então é porque não era pra mim então isso aqui é que era pra mim, né? E aí como eu tinha muita vontade realmente de fazer um curso superior e tal, então assim, é inegável, né? Que a UAG foi, e os frutos que eu tenho de tipo, de trabalho, de muita coisa... Hoje em dia, claro, que se não fosse a UAG, a oportunidade que eu tive nela não tinha pra onde, né? Eu estaria muito provavelmente onde eu estava quando ela chegou, trabalhando no comércio. Porque era, ou você estudava na FAGA aqui, que os cursos superiores, antigamente, né? Hoje em dia é até mais barato, né? Tá cada vez caindo mais o preço e tal, mas naquela época ou você fazia a UPE, que eu não consegui entrar ou você estudava na FAGA, que eu não conseguia pagar. Eu trabalhava, mas assim, era o salário que eu recebia...então tipo, eu ia entrar na faculdade e ia pegar todo o salário, e não tinha condições de fazer isso, né? E aí é assim, com certeza, assim, eu tenho um carinho enorme pela UAG, e por vários professores daquela época, né? Que hoje em dia eu chego lá, eu não conheço quase ninguém mais, né? Mas assim, é uma, é um lugar que eu falo com muito carinho, sempre, sempre, sempre, porque eu tenho ótimas lembranças lá.

**Catarina:** Se você não tivesse entrado, você fez outros vestibulares, né? Em outras cidades mas, se você não tivesse entrado na UAG, você acha que teria, mesmo assim, feito um curso superior em algum outro lugar?

**Zootecnista:** Assim, quando eu fiz esse vestibular na época namorava com Carol... E aí a mãe dela namorava com xxx que era o professor da xxx, e aí ele sempre, por ser professor de lá, ele foi diretor um tempo, uma coisa assim, é, ele sempre tinha direito a uma bolsa pra um estudante e aí a filha dele já tinha terminado, e aí o sobrinho dele, que morava com ele, tava terminando o curso e aí quando eu fiz o vestibular, e aí ele sabia da história toda, né? Aí quando eu fiz esse lá da UAG ele disse assim, xxx, você já fez esse, não foi? Fiz. Então vamos esperar o resultado. Se você não passar nesse, então você vai fazer o da xxx e aí eu tenho a bolsa que vai sair de xxx, daquele sobrinho dele, e aí ela volta pra mim e aí a bolsa vai ser sua... aí eu disse, está certo... eu não tinha muita é, eu não era muito empolgado com a ideia de fazer o curso de administração, mas eu ia fazer Então assim, já tava certo que esse vestibular da UAG já era minha última cartada. Se eu não passasse lá, eu provavelmente faria esse da xxx... então faria, dessa forma, se fosse... porque era... seria com a bolsa...

**Catarina:** E se você tivesse passado em Recife? Você ia conseguir?

**Zootecnista:** Eu num sei assim, a minha ideia de fazer as coisas em Recife e Maceió, não sei como era que ser não, a minha vida não. Não sei, não sei, não sei. Acho que pode ter sido loucura da minha cabeça, né? Meus pais acabaram deixando, né? Porque assim, pensei em um momento em casa de estudante e tal, mas era muito concorrido pra casa do estudante, porque era pouquíssimas vagas, né? Então, coisa de doido, eu acho (risos).

**Catarina:** Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você lembrou que você gostaria de falar?

**Zootecnista:** Não, acho que eu falei ...

**Catarina:** Bem, então muito obrigada eu só tenho a lhe agradecer a disponibilidade, a paciência

**Zootecnista:** Eu acho, eu só não sei se respondi as coisas certas não... meio que saía do rumo, do prumo da conversa mas, enfim...

**Catarina:** muito obrigada pela confiança, viu? Sim, sobre a formatura?

**Zootecnista:** Era um momento muito esperado, obviamente, né? E aí, teve uma característica da turma da gente, que a gente trabalhou bastante durante o curso pra juntar dinheiro pra formatura e no final, porque a gente fez, a gente fez São João, a gente fez calourada, evento científico, tudo o que tinha, rifa, é, camisa, tudo que tinha pra ganhar dinheiro a gente fez, né. No intuito de fazer a festa da gente. No final das contas, a gente ia pegar esse dinheiro da turma e abater e o restante ia dividir pra cada um pagar, só que aí depois que o povo viu o valor, aí não quiseram. E aí assim, eu tava, eu queria muito que a formatura acontecesse né, aí eu comecei a fazer uma briguinha na sala dizendo que, porque aí o povo queria que dividisse o dinheiro pra cada um, disse assim, ó, já que a gente vai fazer formatura vai dividir pra todo mundo, aí eu disse a conta tá no meu nome e eu não vou não dividir não, era no meu nome, no nome de Igor e de Daniel eu acho, que a gente fez uma conta conjunta. Aí eu disse, não vou dividir não, porque se for pra tirar esse dinheiro era pra fazer uma festa, nem que fosse um churrasco, uma festa menorzinha, porque era pra todo mundo, porque dá o dinheiro individual pra todo mundo, eu também não vou dar não. Aí pronto, ficou nessa, aí no final das contas, o Studio C, como ele era uma empresa que tava querendo entrar na Rural né, porque não tinha feito nenhuma formatura até o momento, já que a gente era a primeira turma, eles queriam muito fazer a formatura da Rural, pra fazer propaganda e servir de vitrine para as outras turmas. E aí foi isso que eles fizeram, procuraram a gente e aí sugeriram que a gente juntasse com a pedagogia, fizeram um preço mais barato e no dia do evento eles colocaram um monte de coisa que a gente não tinha pago né. [...] E aí com o dinheiro que a gente tinha a gente conseguiu fazer a festa e ninguém botou mais nenhum real pra fora, né. Fora isso, só as senhas dos convidados. E aí assim, pra mim era uma realização porque eu queria muito que essa festa acontecesse porque a gente trabalhou muito pra isso né, e como tinha o sonho de concluir a faculdade e tal aí era um momento muito especial, minha família foi, apesar de não serem muito de festa, né. Aí eles ficaram até certo tempo e foram embora pra casa mais cedo, minha irmã com meus sobrinhos e meu cunhado, meus pais ficaram até mais tarde e aí, assim, foi ótimo porque foi, todos os meus amigos estavam presentes, só não foi quem não quis mesmo e foi um

momento muito especial, eu tenho várias lembranças desse dia porque pra onde eu olhava era muita gente se divertindo, todo mundo tava adorando, porque realmente foi uma festa maravilhosa e o sonho de concluir o curso com um momento daquele acho que foi só o ápice, sabe? Eu fiquei muito feliz de ter conseguido, da gente ter conseguido realizar o baile, o dia da formatura, a colação de grau, que como era também a colação de grau das primeiras turmas foi aquele evento né, cheio de político, falatório tão grande, tal, foi um pouco cansativo para os convidados mas pra gente foi maravilhoso ainda assim, porque é, o professor da gente que foi homenageado, que foi Jalmir, ele falou de cada um de nós, foi um momento super especial, a missa que a gente fez lá no Seminário São José também, foi no mesmo dia do baile, né. Foi tudo muito, muito massa, saiu muito melhor do que o que foi planejado. Que a gente ia acabar não fazendo nada, aí já tava todo mundo se entristecendo com isso e no final das contas deu tudo certo. Meus pais também estavam muito felizes com a festa de formatura porque durante muito tempo eles me viam saindo pra faculdade mas não entendiam, é, o curso, o que era que fazia e tal, né, aí assim, com o passar do tempo que eles foram entendendo mais, aí eles viram que esta festa de formatura era pra ter um encerramento, né. Que a galera ia se separar depois disso, enfim, foi ótimo.

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM VETERINÁRIA

**Catarina:** Bem, como é que você descreveria a sua história de vida?

**Veterinária:** Poxa, mulher... de vida. De vida, de vida? Tá.

**Catarina:** Como é que você descreveria assim? Quando você era criança, até hoje...

**Veterinária:** De criança foi um na verdade é assim, a minha história de vida é, eu não sou daqui, eu sou de Recife, minha infância foi lá, eu sou a mais nova de três, de três mulheres, sou a caçula e a gente vivia, não era pobre, miserável, mas não era rico, a gente vivia no limite ali, a gente não tinha riquezas e luxos, mas também não faltava, graças a Deus não faltou, né? Então eu fui uma criança feliz, eu só, eu hoje, meu filho ser autista, eu digo que eu era autista também, mas não tinha diagnóstico antes, porque eu não era de socializar, eu não era uma criança que gostasse, eu vivia no meu mundinho, preferia brincar só, então minha minhas irmãs, eu, apesar da diferença de idade ser pouca, eu não tenho muita amizade com elas porque eu era muito sozinha. Eu sempre sozinha. E, eu sofria muito com comparações com elas, porque eu era mais feia das três. É, isso dentro de casa, na família. Então, minhas tias, ah, diziam a minha mãe, ah, como que tu fez as duas tão bonita e **Veterinária** tão feia? Isso era na minha cara, viu? Pequena. Isso refletiu até hoje que eu quando fiz terapia, e ficou muito claro que a minha autoestima ela é baixa dessa origem aí, né? E aí depois eu não tinha uma relação de amizade com minhas irmãs, apesar de conviver ali. Então era muito eu e elas duas, né? E aí eu fui uma criança que brinquei muito de boneca, eu vivi muito a infância na raiz assim, de brincar de boneca, de pular elástico, de amarelinha, de dançar quadrilha até grande, porque hoje em dia ninguém dança, ninguém participa, é uma geração muito diferente da gente, né? Mas não era de brincar em rua, eu sempre estudei muito, sempre gostei de estudar, eu acho que eu que, eu compensava, né? Eu queria fazer alguma coisa melhor, eu compensava estudando, lendo, eu gostava muito. Então, minha infância foi uma infância feliz, apesar de tudo, foi uma infância boa, não me faltou, graças a Deus, nada não. Tive uma educação boa porque meu avô proporcionou isso, meu pai não tinha condição de pagar, meu avô pagou todos os meus estudos

até eu terminar. E aí meu avô era veterinário também... É, eu não pensava, eu nunca pensei em fazer veterinária, né? Aí vem depois a história, porque tem que contar a história toda, né? E aí, é, meu avô, ele pagava os estudos meu e da minha irmã do meio. É, e não era só o estudo, era mensalidade, material, viagem, passeio. A gente não era privado de nada que tivesse na escola. Então ele dava o suporte educacional todo pra gente não ser diferente. Porque já que ele pagava uma escola particular e a gente não era daquele meio em relação à condição financeira dos pais dos outros alunos, mas ele pagava tudo pra gente do bom e do melhor, pra ser igual, pra eles lá, pra gente não sofrer nenhum tipo de bullying, hoje bullying, né? Mas antes, discriminação mesmo e ele pagou até o meu ensino médio, até terminar, toda a minha educação foi meu avô que pagou e porque ele fazia questão disso. Então meu avô, meu avô e meu pai, são referências pra mim de caráter, assim são pessoas boas, de honestidade, são homens muito honestos, eu tenho referências masculinas, muito presentes e também refletiu na minha vida pessoal, porque eu queria alguém assim, como eles, né? E aí eu não encontro. Eu não encontrava e me frustrava muito, porque eu queria alguém como eles, sempre, né? E meu pai não é veterinário, é advogado, mas ele trabalhou no Ministério da Cultura, ele se aposentou dentro do Ministério da Cultura Nesse meio de, tanto é que, eu quando eu fiz veterinária, eu queria a área de inspeção por causa dele, meu avô e meu pai trabalharam, no ministério e na área de inspeção. Então a minha infância foi assim, feliz, sem muito, eu não era uma criança trelosa, eu nunca fui quieta, sempre fui, não tem muita história pra contar (risos) dessas coisas assim, né? Mas sempre fui tranquila, sempre fui muito tranquila...

**Catarina:** Sim. Aí você morava lá em Recife?

**Veterinária:** Morava em Recife, até os meus treze anos eu morei lá. E aí meu pai foi transferido pra cá. O ministério transferiu ele pra antiga Parmalat aqui. Que tinha Parmalat, né? Pronto. Aí meu pai veio pra cá. Aí veio eu e meu pai, na verdade veio meu pai e minha irmã do meio na frente, porque isso era meio de ano, eu terminei a escola ainda lá pra poder vim com a minha mãe no início do ano. Eu tinha treze anos. E aí a gente veio pra cá. E aí morou, morava nós quatro, porque minha irmã mais velha já tava casada. Já morou, já tinha o marido, ficou em Recife, só viemos nós quatro. E aí aqui eu me descobri muito

mais feliz do que em Recife. Porque aqui eu fiz amizades em relação a eu comecei a treinar basquete no colégio, porque minha irmã treinava e eu ia assistir. Aí acabei, que comecei a treinar. Fiz meus, meus verdadeiros amigos hoje são todos do basquete. Então são amizades, muito amigos. Eu digo e agradeço muito. Eu tenho amigos de verdade. Amigos na hora do ruim, né? Que amigo de verdade é aquele que é na hora do ruim. Eu tenho verdadeiros amigos de pagar conta minha quando eu não podia. É assim. E aí eu vim adorei Garanhuns porque não tinha muito balada, não gostava de sair. Minha irmã sentiu bastante que ela era virada, de farra, e aí ela sentiu, né? Eu não que eu não gostava e aí me dei muito bem assim em colégio, o colégio foi muito acolhedor nessa questão da turma de basquete, né? Eu ia treinar duas da tarde, chegava em casa seis da noite, porque eu ficava no meu treino, e treinava o treino dos meninos pequeno, treino dos grandes, só vinha no final, quando terminava o treino... gostava, e mesmo assim tirava notas boas, por isso que minha mãe deixava o dia todo lá, né? (risos) e aí participei do campeonato, viajei com basquete e aí é realmente foi um período muito bom, foi de oitava série ao terceiro ano, aqui em Garanhuns. E aí quando termina o terceiro ano, eu nunca tive aquele sonho de ah, eu vou ser médica ah, eu vou ser isso, nunca tive. E aí chega no ensino médio fica todo mundo, na época da gente era vestibular então, né? Tinha que escolher uma área, tinha que tentar... Eu gostava muito de ler, gostava muito de história, de história e geografia na época de escola, mais história do que geografia. E aí acho que pela referência dos pais advogados, meus pais são os dois formados em direito pela federal lá em Recife. Aí eu disse, ah vou fazer direito, né? Era só por causa disso, viu? Só que eu gostava e achei que ia ser muito bom, né? E aí fiquei em remanejamento, porque também eu só podia fazer se fosse federal, particularmente meus pais não tinham condições de pagar. E eu só tentei ir na federal. E aí eu fiquei no remanejamento, mas ninguém desiste do curso de direito, né? Ninguém ia desistir do curso de direito e aí eu fui pra Recife fazer cursinho. E aí fiz de março, fiz de março a julho. Porque em julho minha irmã, a mais velha, disse, ô **Veterinária** vai abrir um campus da rural em Garanhuns. Vai ter veterinária. Tu não quer fazer não? Aí eu disse, eu faço. Isso foi em dois mil e quatro eu terminei dois mil e cinco. Eu entrei em dois mil e cinco ponto

dois. Então, dois mil e cinco, no começo do ano tava em Recife, voltei pra Recife fazer cursinho. Aquela vida de três ônibus, o dia todo no cursinho, era isso, né? Aí isolada de não sei o que, que na época da gente era muito mais difícil do que hoje, nesse sentido, a pressão era muito grande, redação...eu ficava na casa do meu avô desse meu avô lá. E aí eu ficava no cursinho e voltava pra na casa do meu avô estudando. Eu estudando o dia todo. E aí eu que, eu adorei Garanhuns. Hoje eu gosto muito mais de Garanhuns inclusive e aí eu queria voltar pra Garanhuns. Então eu fiz vestibular pra veterinária (curso) porque eu queria voltar a morar em Garanhuns, foi esse motivo. E aí eu minha irmã disse quer que eu te inscreva? Eu disse, inscreve porque eu tento. Se eu passar eu tento fazer. Se eu gostar, eu fico, como eu não tinha esse sonho, então pra mim o que vinhesse, o que eu me identificasse, ia ser lucro. E se eu não gostar, eu tranco e vou tentar outra coisa. Aí está certo. Aí ela me inscreveu e aí já botou pra eu entrar, né? No primeiro, na primeira turma. Porque a outra turma só entrou em janeiro, né? Eu entrei em setembro, a gente entrou cinco de setembro, que toda vez tinha uma comemoração na faculdade, e tal. E aí o que aconteceu? Eu gostava muito de história, geografia, eu tava me preparando pra humanas. Então, eu fechei quase todas as provas de humanas no vestibular. Então, o que eu não consegui ser tão boa, física que era específico, né? Mas eu gostava muito de biologia e química, eu não levei ponto de corte e fiquei com uma média boa, porque as outras disciplinas me ajudaram. Então eu fiquei em décimo terceiro de sessenta das duas turmas eu fiquei em décimo terceiro ainda, por causa da da área que eu estava estudando, né? Então é uma prova de história pra mim foi muito boa, tudo o que o povo não gostava eu tinha fechado a prova quase, e aí eu disse, não, vou tentar, aí voltei pra Garanhuns e comecei a cursar veterinária e aí gostei do curso. Gostei da turma, gostei do curso e fui me identificando e, aí sabe, vou não, é isso mesmo que eu vou fazer. E hoje eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu acho que eu não seria uma boa advogada (risos) porque eu passo, enfim e já é o final, o final da minha história, uma história mais recente, eu passo por um processo divórcio agora com meu ex-marido e é uma luta na justiça, então eu digo que eu não seria uma boa advogada, porque eu não teria esse sangue frio e esse... que a gente passa né, meu Deus... E aí hoje minha

advogada é uma amiga minha do colégio daqui. Aí ela que é advogada e amiga então ela toma muitas dores. Nas audiências é bem pra uma briga pessoal, com meu ex-marido, sabe? Que até os advogados dele diz, você confunde as coisas, eu confundo não, é porque é injusto, né? Não é que eu confunda, é que eu sei a história tão afundo, que eu sei que ele é mentiroso sei que ele está sendo sacana com ela, porque ela me conhece de adolescente e índole é a mesma desde sempre, então ela sabe quem eu sou e sabe quem é ele, aí ela fica em tempo de pular no pescoço deles, é uma graça, as audiência. Mas aí foi isso, então eu fiz veterinária pra voltar pra Garanhuns, gostei muito do curso e disse não, já que eu vou fazer, vamos fazer da melhor forma. E aí eu era também CDF, né? Na época eu estudava muito. Não gosto, não bebo até hoje, então não ia pra farra, essas festas, ia, mas não bebia, né? Só preferia, todas as festas da minha turma, era na minha casa, aqui era a minha casa. Que hoje é a clínica. Então, minha mãe sempre conheceu, minha mãe é mais jovem do que eu, de espírito (risos). É... era o ponto dela dizer assim, eu nunca gaziei, né? Aí ela dizia, **Veterinária**, faculdade você tem vinte e cinco por cento de falta minha filha, use, você está morta... era a minha mãe que mandava eu faltar a faculdade, eu não faltava. E aí, ela fazia todas as festinhas de faculdade, de São João, era tudo aqui em casa. E aí ela conhece todo mundo até hoje lá da turma. E aí foi isso. Então eu vim pra cá e fiquei e acabou que quando eu me formei não tive oportunidade de trabalho na área que eu queria, que era a inspeção. Meu Lattes, a maioria de estágio é na área de inspeção de saúde pública, por isso a especialização em saúde pública quando terminei, assim que eu terminei eu fiz. Foi mais por causa disso, porque era a área que eu queria, era, mas aí eu também aprendi que a gente tem que ter plano A, B e C na, durante o curso já, já porque o leque é muito grande pra gente, de área, né? De atuação. Então, meu plano B era clínica que eu gostava muito também... Só que a defasagem do curso da própria estrutura a gente não tinha muita oportunidade de crescer nessa área, então a gente achava que não dava pra ser, enfim. E o que que foi que eu fiz? Busquei estágio na área, nas férias e aí eu tentei suprir de outra forma, né? Então eu fiz estágio na Rural em Recife, eu fiz estágio aqui na clínica de Bovinos ainda, mas desisti não era o que eu queria pra mim, acho que é pra excluir, era mais

pra excluir, e aí, é, fiz estágio com amigos em clínica e aí foi o que meio que supriu, né? A necessidade da falta de estrutura daqui, porque a gente não tinha nada, a gente não tinha nada mesmo, eu lembro de professores e a gente contou muito com professores também que parece que, é, eu acho que eles tentavam minimizar as faltas pra gente e eles faziam muito mais do que a função deles na verdade... Então pagavam do bolso muitas vezes algumas coisas e, a professora, que vinha de anatomia, que ela vinha de Recife com as peças dentro do carro dela, monte de osso, um monte de coisa pra gente não ficar sem a aula e ela ficava indo e voltando de Recife, era uma senhora, e a gente tinha, teve aula, a gente lembra todo mundo da turma debaixo do pé de manga, tinha um monte de pé de manga lá no prédio temporário, que a gente nem tinha estrutura de rural ainda...

**Catarina:** Esse que você está falando era ainda aquele, o primeiro?

**Veterinária:** É, o prédio por trás do quinze ali, do lado, era do lado do Meridional, era ali. Então, a gente tinha aula ali e a gente ficava debaixo dos pés de manga, tendo aula de anatomia com ela, fazendo seminário, enfim, tudo era muito precário mesmo assim. Aí eles traziam livro de Recife pra gente tirar xerox e ter onde estudar, a gente não tinha biblioteca, a gente tinha exemplares de livro, um de cada e isso. E aí era um livro, eu lembro que esse de anatomia que eu falei, era o pior livro que tinha, que não tinha foto nenhuma (risos) na verdade era todo preto e branco, não era, era péssimo, era bem antigo, era muito bom, era muito, né? Grosso e tal, bem grande, mas era péssimo pra estudar, pra gente assim, que num, já não tinha peça, a gente já não tinha prática, a gente não via foto de nada. Então a gente contou também com professores muito bons nesse sentido, de querer suprir o que a gente não tinha e levar a gente nas aulas, a gente arrumava aula prática assim como teve uns também que dificultavam essa esses aprendizados. Durante o curso a gente teve professor pra tudo assim, que estimulava demais e outros que nem... às vezes parece que bloqueavam a aula prática de outro professor por briga política... é, acabou que começou a ter isso também. E aí quem prejudicava era a gente que já tava bem prejudicado no final das contas mas, eles não pensavam dessa forma... Eu lembro de professor que ele, a gente não tinha

aula pratica nenhuma de ultrassom e botou os carneiros por, naquelas rampas, não tem as rampas da rural? tu já foi no prédio lá ? Não tem umas rampas?

**Catarina:** Sim, o atual?

**Veterinária:** Sim, pronto, aí ele botou os carneiros pela rampa, a gente subiu com eles pelo corredor da faculdade pra ter aula dentro da sala de ultrassom, porque a gente não conseguiu sair, alguma coisa assim, e ele até respondeu o processo administrativo, porque não podia, mas enfim, mas foi a forma que ele achou da gente poder ter alguma prática porque não estavam liberando a gente pra sair... Por algum motivo, acho, não sei se não trocou aula, eu não lembro. Mas aí ele fez isso e ele respondeu o processo por causa disso e a gente teve a aula prática dentro da sala lá no no prédio, né? Já no novo. É, porque só tinham dois prédios quando a gente foi. Tem fotos, eu não sei se serve pra você...

**Catarina:** Sim, eu já eu ia pedir, no final eu ia lhe pedir...

**Veterinária:** Eu acho que eu sou uma das que tem mais foto da turma. Seu sorteio foi bom. Quando o povo quer foto fala comigo, **Veterinária**, tu tem aquela foto, aí eu tenho muita foto da turma assim do começo, né? Da gente. A gente teve aula nos centros zoonoses, a gente dizia que a gente ia roer osso lá, porque a gente ia preparar as peças, então a gente não usou as peças, a gente preparou e a partir das outras turmas que eles foram usando. A gente ficava lá roendo o osso literalmente, aí tirando carne toda, aquele cheiro de formol, a gente almoçava lá mesmo. Era isso, menina, era bem assim (risos)... Mas foi muito bom, foi muito bom... aí com o tempo foi desistindo gente também, né? A turma foi, já entrou pequena minha turma e no final ficou muito menor, a gente era pra ter entrado com trinta, entrou vinte e nove, né? Já nem entrou e eu acho que a gente terminou, não sei se foi vinte, dezenove... uns não desistiram do curso, mas atrasaram porque passou em concurso, alguma coisa, ai acabou atrasando... desistência a gente teve poucas, assim teve uma que desistiu, na aula de necrópsia porque viu que não ia dar certo, nojo mesmo, assim, não conseguia, né? Porque algumas disciplinas eram mais pesadas em relação a isso. Mas minha turma era uma turma boa, claro que ninguém é amigo de todo mundo, mas no final das contas eu acho que até por isso, pela necessidade de, da falta, né? A gente meio que se unia pra tentar o

melhor pra todo mundo e ninguém... Mas óbvio que tinha as picuinha de sala, as divergências que ninguém consegue, né? Hoje todo mundo se dá muito bem, porque todo mundo está mais maduro também, mas na época, né? Sempre tinha briguinha, enfim, eu mesma briguei, eu era meio brigona. Briguei com, não briguei, mas é, quando a gente tava certo e o professor queria impor muito a gente conversava muito com os professores. A turma toda isso... E aí a gente teve professor mudando didática porque a turma toda conversou e ninguém estava entendendo. A gente era muito de conversar minha turma, e a gente conseguia resolver no final das contas. Não era uma... Se você, você perguntar aos professores, eles sempre dizem assim, a primeira turma foi uma turma, né? Porque a gente não era vítima e era muito interessado, né? Então, era uma turma boa, não era tão ruim não. Tinha poucos homens, era uma turma mais mulher, é, acho que eram sete ou seis homens, o resto era tudo mulher...

**Catarina:** Hoje mudou um pouquinho né? É. Isso aqui você já falou um pouquinho mas só pra gente frisar aqui o porquê mesmo que tu ingressou na UFAPE?

**Veterinária:** Porque eu queria voltar pra Garanhuns, pra morar em Garanhuns. Era. Foi a cidade, não foi o curso. Foi a cidade, não foi o curso, meu Deus.

**Catarina:** Então assim, você me já me relatou em algumas coisas que, algumas coisas, alguns fatos, né? De lá da UFAPE. Mas como é que se você fosse me descreveria sua trajetória lá?

**Veterinária:** Tá. É... difícil, na verdade com dificuldade, mas ao mesmo tempo leve. A gente teve dificuldade de estrutura, teve dificuldade nesse sentido mas a gente, não faltou pra gente o conhecimento, a orientação, né? Não faltou, assim, a gente teve professores de guiar mesmo, de orientar, de verdade, a gente, pra o que a gente fazia, né? Por ser primeira turma tinham muito esse cuidado de... Aqui a gente percebeu também, que aqui, os professores deixavam eles, direcionavam muito os alunos pra pesquisa. Que era diferente da realidade de Recife. Já porque também a gente não tinha práticas, assim hospital pra fazer prática, né? Então aqui a gente percebeu uma diferença de, ah tem que fazer monitoria, a gente tem que fazer iniciação, a gente tem que fazer, né? PIBIC, PIC e tudo mais. Então a gente tinha muito isso aqui que lá

eles não tinham essa de escrever bem. Tanto é que a gente ficou na classificação da prova e a gente ficou melhor do que a sede, quando a gente fez a prova. Então a gente tinha, era mais preparado nesse sentido de estudar, de ser turma mais, né? Mais focada. Então era isso. Foi difícil, mas foi leve ao mesmo tempo... foi feliz, foi feliz.

**Catarina:** É, assim qual foi a tua impressão assim quando você começou o curso? O que a tua família achou? Você teve apoio da tua família?

**Veterinária:** Ah sim, meu pai ficou assim, meu pai queria ser veterinário, né? Ele só não teve coragem porque ele é mole com sangue essas coisas, aí não... mas ele quis, porque queria, porque era o sonho do meu avô que ele fosse veterinário, esse meu avô, né? E aí eu sinto que meu avô quando eu terminei veterinária, meu avô tava com Alzheimer, então ele não, ele não chegou a, eu não cheguei a dar essa alegria de assim, eita minha neta, porque eu era neta preferida, né? Eu tinha muita coisa com ele e aí ele teve Alzheimer e ele não me, não me conhecia mais, quando me formei... então ele não veio pra minha formatura e nem sabia assim, né? Que eu tava me formando pra o que ele queria tanto, né? Mas, é, minha família me apoiou muito, porque das três eu fui a primeira que passei na universidade pública, minhas irmãs não tinham graduação e a oportunidade de, eu não poderia ter ido pra fora assim, né? Poderia só, eu poderia ter ido pra fora pra fazer outra se fosse instituição pública, não tinha como fazer particular, né? E ia ser mais difícil pra mim estar em Recife pra me manter, por exemplo, porque apesar de ter família, né? Mas meus pais estavam aqui, né? Então eu não ia conseguir talvez me manter lá. A importância pra mim da unidade aqui foi isso. Foi proporcionar mesmo a graduação ao nível, né? De estudo que eu não teria talvez se eu tivesse morando aqui e tivesse que ir pra Recife, né? Aqui o curso acaba sendo melhor também porque aqui em Garanhuns é menor. Então tudo é perto. Então eu ia andando pra faculdade. Em Recife não ia conseguir nunca, né? Por vários motivos inclusive. Mas eu ia andando, eu voltava andando, a gente se ajudava. Eu passei, eu passava, geralmente de segunda, difícil eu ir pra final, mas mesmo sem precisar todo mundo vinha pra cá e eu estudava com todo mundo que ia pra final. Eu sem precisar, então a gente era muito assim, parecia muito lindo mesmo, isso ajudava pra ninguém ficar pra trás, pra a turma toda passar...

Então a minha família me apoiou muito, ficou muito feliz quando eu passei, por isso porque foi a primeira, né? Das três e porque eu sempre fui muito dedicada ao estudo, aí me davam todo o apoio necessário mesmo assim, foi, nessa época também eu tava só, né? Minhas irmãs já tavam, a outra foi, casou e foi embora também, ficou só eu, meu pai e minha mãe, praticamente aqui.

**Catarina:** Mas teu avô, teus pais, todos já tinham curso superior?

**Veterinária:** É.

**Catarina:** Você foi a primeira entre as suas irmãs...

**Veterinária:** Entre as minhas irmãs. Isso. Meus pais têm, meu avô tinha, né? Por parte de pai, minha parte de mãe não. Parte de mãe só minha mãe que fez. Minha mãe era de família humilde em Recife. E aí eram sete irmãos só ela que estudou, que passou em universidade pública e tal. Meu avô, o pai dela era advogado e ela fez direito por causa dele, mas não teve apoio dele quando se formou. Aí se frustrou e não seguiu. Não exerceu. Meu pai exerceu, né? Minha mãe não. Porque ela não teve apoio nenhum do pai e aí ficou decepcionada. E meu avô era advogado criminalista se eu não me engano. Aí ela ficava arretada porque defendia os ladrão (risos). É, defendia os ladrões e aí ela não achava certo e ela disse que era muito isso no direito e ela foi meio enjoada também. Aí ela não exerceu. E aí ela fez diversas outras coisas. Minha mãe foi artesã, minha mãe foi costureira, minha mãe foi, é, professora de culinária, né? Ela foi pra essa parte do manual, ela fazia vestido de São João, fazia fantasia de Carnaval. Eu lembro a gente pequena ajudando ela na montagem das fantasias, da colagem, as coisas, pra ter o extra, né? Aqui ela foi professora do SENAC, dez anos. De culinária... foi, dez anos. Aí se aposentou inclusive pelo SENAC. Se aposentou ano passado, aí está me ajudando aqui.

**Catarina:** Durante o período que você esteve lá na UFAPE o que te deixava mais felizes?

**Veterinária:** Poxa, mais feliz...

**Catarina:** Assim, o que você lembra que você viveu lá que te deixava feliz?

**Veterinária:** Dar aula de monitoria. Eu gostava que só... gostava bastante dos projetos, as viagens, né? De aula prática. Assim, eram sempre experiências boas.

**Catarina:** Você viajava muito?

**Veterinária:** Muito não, mas viajamos, tivemos algumas viagens do meio pro final do período que era mais coisas práticas, né? Então aula de ginecologia tinham professores que eram muito práticos e tinham muito contato. Então, a gente conseguia tá em fazenda, tá em com eles.

**Catarina:** Pra onde?

**Veterinária:** A gente foi, era próximo, era nas cidades próximas, acho que a gente foi em Saloá, a gente foi em Gravatá, a gente foi em Recife, eram lugares mais próximos mas que a gente conseguia é, ter aula prática com os conhecimentos deles, né? Produtores amigos ou deles mesmo da família. A gente ia, a gente foi pra aula prática de ginecologia, parte de produção animal, a gente teve aula prática, a gente foi pra... virose, bacteriose a gente teve aula prática, aí teve um, alguma coisa que eles fizeram uma semana em Recife, a gente foi, todo mundo, a gente fez aula prática em várias áreas lá, cirurgias, clínica, porque a gente não tinha tido nada aqui. E a aula prática da gente foi uma semana. A gente no hospital, né? lá. Eles conseguiram isso, a gente foi pra lá pra ter aula prática.

**Catarina:** Aí vocês dormiam lá, ficavam lá, como é que era assim?

**Veterinária:** Então assim, quem tinha família ficava com um ou outro, quem não tinha, ficou todo mundo se ajudando, sabe? Aí comigo ficaram dois, aí quem tinha família ficou, pra todo mundo ficar em algum lugar. A gente fez assim, aí todo mundo conseguiu ficar, e a turma era pequena também, né? E aí ficou todo mundo lá (risos). É peleja, né?

**Catarina:** Mais algumas alguma coisa assim que você lembra que te deixava feliz lá?

**Veterinária:** Deixa eu ver... Mulher, porque... é, algumas aulas em específico, né? Eu acho que alguns professores que foram mais do que professores assim, eles foram amigos mesmo de querer ouvir, as vezes a gente não tava bem, eles acolhiam... a minha a minha orientadora que foi a professora Suzana, professora de química, que fui monitora dela, enfim. Ela foi uma mãe pra mim. Durante a graduação toda. A gente ficou amiga até hoje a gente se fala e, né? E tenho um carinho por ela muito grande... então a gente conseguiu, é, isso acho que eu sou muito ligada com emoção assim, com amizade eu

gosto. E aí eu gosto de pessoas que acolhem e eu acabo acolhendo. Eu era tipo assim, eu passei, eu tenho uma amiga hoje que eu fiz amizade, ela é da zootecnia. Ela estava chorando no banco... Eu passei e vi a menina chorando. Eu voltei, sentei, conversei com ela, hoje ela é minha grande amiga. É assim, eu não sei não ver, e não me importar, entende? E aí eu acho que foi isso também as amizades. Hoje eu tenho, o povo diz que não faz amizade com turma de graduação. Minha mãe dizia, ninguém é amigo na faculdade, porque fica todo mundo querendo, querendo a sua vaga, todo mundo querendo ou não, às vezes concorrem pra mesma coisa, ela quis dizer nesse sentido. E hoje eu tenho quatro amigas que foi da graduação e que são amigas de verdade assim, consegue, né? No final, consegue.

**Catarina:** O que te deixava assim infeliz lá na UFAPE?

**Veterinária:** Infeliz? É, a gente sofria muito preconceito da sede. É, a sede às vezes era muito, bloqueava muito as coisas pra gente, alguns professores, não queriam que a gente fosse ter aulas... Algumas, alguns alunos menosprezavam um pouco a gente. A gente sentia isso.

**Catarina:** Mas como menosprezava?

**Veterinária:** Quando a gente ia quando...

**Catarina:** Ah quando vocês estavam lá?

**Veterinária:** Quando a gente estava lá, os alunos, né? E as vezes os professores, era quando negavam mesmo, negava, não ir, enfim, ir pra lá e não participar, dar oportunidade a gente... e a gente não, a gente se sentia um pouco excluído nesse sentido, né? E a própria questão estrutural mesmo, que fazia falta, né? A gente não ter prática, fazia falta, a gente não, a gente, porque a... pra gente, por exemplo, a clínica, a cirurgia, a gente não viu nada na graduação de prática, praticamente, eu digo nada porque foi muito pouco, então do que a gente poderia ter visto, ter aproveitado Então acho que isso foi o pior pra gente assim ,por não ter o mesmo subsídios pra gente, conseguir, né? Ser melhor ou enfim.

**Catarina:** Foram muitas dificuldades né?

**Veterinária:** Foi... Era estrutural, era até o os professores mesmo porque o que acontecia, os bichinhos, eles passavam, não tinha professor pra toda disciplina. Então a gente ia passando os cursos, estava sem professor porque tinha que

ter o concurso daqui que chamasse... aí tinha professor se virando e dando disciplina que nem era o deles, entende? A gente teve muito isso, a gente teve muito, o mesmo professor dando três, quatro disciplinas e que nem era a dele, mas pra gente não ficar sem continuar o curso. O bom, a gente não pegou greve porque a gente tava, tipo no probatório. Então a gente não pegou nenhuma greve, minha turma não teve, foram cinco anos e meio certinho, né? Porque a gente não pegou greve, a gente não pegou por causa disso, que tava todo mundo no probatório, a gente... e aí a gente não teve greve também, então foi muito bom, mas era difícil pra gente não ter livro pra estudar, não ter material, não ter a estrutura a gente não tinha nem as salas direito, né? Porque a gente, quando a gente veio pra esse prédio improvisado e no outro... E aí a gente não tinha nem biblioteca no começo, não tinha nada. Aí a gente tinha que estudar com o que o professor oferecia e, era... eu tive catapora no meu no segundo período... foi segundo ou foi primeiro... foi segundo período. Eu tive catapora e passei trinta dias em casa. Aí quando eu voltei é, eu lembro que não queriam me dar... queriam me reprovar por falta... Só que é infectocontagiosa, eu não podia ir pra aula. Porque na minha turma mesmo tinha gente que não tinha pego, eu peguei catapora velha porque minha mãe quando minha irmã teve tirou eu e minha outra irmã da casa. Então a gente não pegou de pequena, e aí meu sobrinho veio morar com a gente aqui e pegou na escolinha. Aí morava comigo é, pegou eu, minha irmã que não tinha pego e meu cunhado, na época. Os três com catapora, o menino teve uma bolinha e tava bom. E eu, eu tive bolha em todo canto, porque quanto mais velho é pior. Foi péssimo, péssimo, péssimo. Ixi que fase horrível... E aí eu fiquei, aí todo dia os meninos iam levar minhas atividades e eu ficava estudando, minha turma, os meus amigos, né? Eles levavam pra ficar estudando. E aí quando eu voltei teve um professor que queria me reprovar por falta. Aí a gente conversou com ele, a coordenadora conversou com ele porque se eu fosse, eu iria passar pra todo mundo que não teve. Não podia. Inclusive ele. Ele não tinha tido catapora, eu disse a ele, o senhor ia pegar. E aí ele disse, pronto você faz a prova, aí foi no tempo eu fiz a prova. Aí meus, era, os professores deixavam eu fazer a prova como amigo da turma... é... eles faziam mais do que eu na verdade, né? Mas eu tinha um amigo, meu melhor amigo na época era Tiago, e Tiago era o

CDF, ele foi laureado da turma inclusive, e aí Thiago sempre fazia as provas comigo, fez a prova, a, foi a da química e a da filosofia, se não me engano, acho que foi primeiro período mesmo, e aí a gente fez, eu fiz as provas e ele não botou minhas faltas, né? E aí eu passei com minha turma normal. Mas teve esse perrengue de primeiro período que eu lembro que eu tive a catapora.

**Catarina:** Você acredita assim que as expectativas que você tinha quando você começou o curso, você acredita que elas foram atingidas? Ao término do curso?

**Veterinária:** Acredito, acredito, porque eu entrei sabendo que eu era a primeira turma, eu tinha consciência de que eu ia ter dificuldade em tudo. Então a minha expectativa não era alta. Porque eu sabia da realidade do curso, né? Do que tava começando, que era uma história a gente tava sendo pioneiro assim, a gente era um modelo que tava, daquele projeto todo, primeira unidade, então a gente sabia que ia, né? Mas é, como a expectativa não era alta eu não tive frustrações, não entrei sem saber da minha realidade, né? Então o pé era muito no chão. Só que a gente buscava o quê? Vamos ver o que a gente pode fazer pra suprir isso. Então era assim que a gente pensava. A gente precisava ó, coitadinho, não tem nada. Não, vamos fazer pra gente ser melhor e a gente conseguir fazer. Por isso que a ajuda de um com o outro era muito isso também, era pra a gente saber que a gente tinha condição de fazer se ele tivesse até uma estrutura melhor e tal. E tinha muita gente que, diferente de mim, o sonho era ser veterinário. Então era bonito ver, o pessoal assim que sempre quis ser veterinário, isso me encantava bastante porque eu não tinha isso, né? (risos). De sonho de ser veterinária, então era bem bonito, o Thiago mesmo, esse meu amigo, ele hoje é professor na Universidade da Paraíba ele fez mestrado e doutorado tudo direitinho, e ele é, o sonho da vida dele era ser veterinário e hoje ele é um, eu sempre disse que ele ia ser um ótimo professor, muito carrasco eu disse a ele (risos), mas que ele conseguiu chegar no objetivo dele assim, que era ser professor e hoje ele é professor e está realizado com o que faz. Né? Então era bonito ver.

**Catarina:** E como foi que você teve um momento, que você despertou assim pra esse curso? Assim, agora eu realmente estou gostando? Por que você começou bem assim, né? Despretensiosa...

**Veterinária:** Foi, foi muito despretensiosa. Eu acho que foi quando começou as específicas, né? Que a gente começou a ter mais, ah, saber mais o que era o curso, porque até então eu só tinha a realidade da veterinária de cão e gato, né? Então, eu fui despertando pra outras áreas apesar do meu avô ser da área de inspeção, mas era uma realidade do meu avô, eu não sabia como era o que, né? E aí é, conhecer outras áreas e outras espécies, porque eu digo mesmo que era uma menina de prédio, porque eu era de Recife, eu não tinha convivência com boi com cavalo, tanto é que a minha, é, a minha, eu fui pra final em clínica de equinos, eu fui pra seis finais nas sessenta disciplinas e aí, as de grande animal geralmente sempre eu ia, porque eu nunca tinha noção do que era, né? Era minha, meu primeiro contato... Os meninos não, cresceram em fazenda, né? E sabiam de tudo, eu não sabia nada (risos). Era como se fosse tudo novo pra mim, então, é, eu acho que foi a, o que a medicina veterinária proporciona pra sociedade assim, o quanto eu poderia, o que é que eu poderia fazer de diferente, o que é que eu podia ser diferente dentro do, né? Pra população mesmo pra ajudar, pra tudo, então acho que me encantou muito eu poder proporcionar através do meu conhecimento algo melhor pra outras pessoas. Mesmo que seja o mínimo, né? Do que a gente enfim, porque tudo hoje é muito dinheiro, muito caro. Mas dentro das possibilidades ajudar, então meus projetos eram sempre projetos sociais que eu participava, eu digo que eu era,... a professora Beth, né? Que era professora de microbiologia, ela dizia que eu, não tinha aquele projeto que era amigo da escola? Ela disse que ia fazer uma camisa pra mim que era amigos da universidade (risos), porque eu fiz tudo muito sem bolsa, porque na época não tinha também. Então eu fui muito voluntária de tudo. Eu acho que eu só recebi bolsa no PIBIC que foi com dividida com Wando, Wandemberg, a gente era uma bolsa pros dois e dividia. Então acho que foi a única coisa que eu tive de remuneração da universidade, o resto foi tudo solidário mesmo, tudo sem receber bolsa tudo, ai ela dizia vou fazer uma camisa pra **Veterinária** de amiga da universidade e tudo eu topava porque, eu é, disse assim, tudo é uma experiência pra vida assim, eu posso não usar na veterinária mas eu uso, vou aprender de alguma forma, então se aparecer um projeto que num, que era de química que era... eu vou fazer, ah mas não vai, mais na frente eu vou, vai servir pra alguma coisa, né? Não serve

talvez na prática da veterinária mas serve como pessoa mesmo. É isso, então foi muito, muito mais, eu ganhei muito mais como pessoa do que coisas que fossem pra veterinária na prática assim. Me tornaram uma pessoa melhor. E eu acho que isso vale mais às vezes, né? A humildade mesmo. O escutar, porque hoje, eu sou veterinária há catorze anos, né? E uma das, dos diferenciais que o povo pergunta, **Veterinária** como é que tua clínica, né? Fica quatorze anos e ainda um conceito de uma clínica boa. Eu disse, é a minha equipe, né? A diferença é a gente. A diferença é o, eu escutar o meu cliente quando ele chega com um problema e eu não querer que ele vá embora, logo, né? É eu escutar. É eu dizer, se eu não sei, é dizer eu não sei. Não sei, vou dizer que sei, é? Eu acho que a honestidade é, né? A empatia, então isso tudo eu aprendi na graduação também, né? Em conversas e ficar horas eu, tenho que ficar, dá doze horas lá, mesmo sem fazer nada, tem que ir tá lá, de ouvir a menina da limpeza, né? De conversar com a menina da xerox, da cantina, de igual pra igual, a gente aprende a não querer ser melhor do que ninguém, aí são coisas que ninguém tira da gente. Então, é por isso que tem gente que diz, ah é a doutora **Veterinária** já sei quem é. As vezes o povo me conhece, e eu nem sei, ah é você que é doutora **Veterinária**, eu digo espero que seja coisa boa, né? Eu só espero que a fama seja boa (risos). Aí, teve um homem que disse é você, eu disse depende, é o quê que o senhor vai dizer? Não aqui. Ah, então sou eu, se for ruim não sou eu não, ele ficou rindo. Então é ser honesta mesmo, tem coisas que eu aprendi como formação pessoal e que ninguém tira e que é meu, e que pode vim milhares de veterinários e que não vão tirar isso de mim e aí por isso que o segredo, né? Que não é segredo. Porque aqui estagiário eu ensino tudo, o povo esconde. E aí pessoal pergunta, tu não tem medo não? Eu disse, não, e meus quatorze anos? Só eu que tenho de experiência. Tenho uma estagiária que ficou impressionada, ela estava estagiando aqui, e chegou a cachorra, eu olhei pra cachorra e disse assim, rapaz isso tá a cara da leishmaniose, essa cachorra. Eu vi o exame dela de sangue e vi, né? Aí nisso a tutora mandou a cachorra, ela não veio com a cachorra, aí depois, quando eu disse isso, depois de um tempo a tutora liga e dá um recado, ó, meu outro cachorro tem leishmania, eu esqueci de dizer... Aí a estagiária olhou pra mim e fez, será? Vamos fazer o teste, né? Aí deu

positivo, aí ela disse como é que a senhora sabe disso? Experiência. Isso é uma coisa que você não vai tirar de mim. Você nunca vai saber. Você pode ler o livro que for, mas se você não viu, talvez você não consiga discernir. Ah não, é porque quer se achar, não, é porque parece. Eu já peguei tanto caso que pra mim já é mais comum, né? Então é uma coisa que eles não tiram. Então não tenho medo de quem está chegando. Nesse sentido, né? Aí já chegou um homem aqui com o carrinho de mão, o cachorro no carrinho de mão que veio da Rural com a solicitação de fazer exame, porque lá não tava fazendo. Ele foi em todas as clínicas particulares, três clínicas não entraram, não deixava nem ele entrar, porque ele tava parecia um maloqueiro mesmo, cheio de tatuagem, ele não tava bem vestido, né? E o cachorrinho no carrinho de mão. Isso eu sei porque ele me contou... Aí ele chegou na porta, aqui na minha ficha de cadastro não tem sua profissão, eu não quero saber não me interessa o que você faz da vida. Não vai fazer diferença no meu atendimento se você é um procurador, se você é um catador, eu vou tratar você igual. Se você chegou primeiro e é um procurador, se o catador chegou primeiro, ele vai entrar primeiro. É isso, né? Você pode sair com raiva, como acontece. Tem uns que não querem não e sai com raiva. Mas sim, ele chegou com o carrinho de mão e ali e o papel na mão, aí eu tava na porta e disse, vamos entrar, foi o quê? Doutora, é, meu cachorrinho foi atropelado na porta da minha casa, eu fui levando ele pra rural e eles solicitaram esses exames. Era um raio X e um hemograma. Eu fui, ele disse todas as clínicas o nome, viu? Três não me deixaram, não me atenderam nem na porta, fecharam a porta, acho que ficaram com medo. A outra disse que era um valor, eu disse que não tinha como, né? Aí ele disse que não e eu vim aqui saber quanto é que ficaria. Aí quando eu olhei os exames eu disse, espera aí viu? Aí, me dê aqui seu cachorro, fiz o hemograma, fiz o raio X. Dei a ele completo. Quanto é? Eu disse, nada, leve. Ele foi, o cachorro fez a cirurgia e ficou bom. Esse homem voltou. Aí disse assim, doutora, eu faço qualquer coisa, que a senhora precisar, tirar o mato, limpar qualquer coisa. Eu disse, precisa não, vá simhora. Aí passou. Nunca mais... aí eu estava aqui, mandaram me chamar na porta. Tem um rapaz querendo falar contigo, **Veterinária**. Era ele com o cachorro. A senhora lembra de mim? Eu disse, lembro. Olha ele aqui, ficou bom por causa

da senhora. Eu disse, que bom. Aí ele disse que estou lhe devendo, a senhora não tem nada pra eu fazer? Aí deixou o número de telefone e disse quando a senhora precisar, a senhora ligue, viu? Aí deixou o número. Então, é o tipo de coisa que eu aprendi lá também, porque lá a gente tinha professores que faziam de tudo pela gente sim, retiravam do bolso pra trazer material pra gente, isso a gente sabe, não por eles, depois a gente ficou sabendo, né? Que a gente vai passando isso, eu vou passando pra estagiária, eu vou fazendo, né? Não adianta você fazer por dinheiro.

**Catarina:** Exatamente. O que você entende, o que seria a felicidade pra você?

**Veterinária:** Poxa mulher, muito filosófica essa pergunta... Felicidade pra mim... Felicidade pra mim.. Rapaz....

**Catarina:** Como é que você define uma vida feliz?

**Veterinária:** Ter amigos. Viver momentos, sem internet, sem... viver momentos cara a cara, né... compartilhar experiências e ter fé. Acho que com isso aí a gente consegue continuar assim... é, viver bem. É... a felicidade ela é reflexo, pra mim, do meio, do que você decide pra você. Então, eu sou feliz com pouco, mas o pouco são poucas coisas que pra mim é muito, então, é Deus, família, é amigo, né? É um, é isso, acho que é tudo isso junto, deixa, que torna a pessoa feliz, eu não preciso de muito não, pra ser feliz, mas se eu tiver com minha família, com meus amigos, com meus bichinhos, né? (risos) Fazendo o que eu gosto, eu faço por amor mesmo. Eu acho que eu amo, eu faço mais, digo sempre, faço mais pelos meus pacientes que pelos meus de casa e, a veterinária me deu coisas boas e me deu experiências de vida ruins que me tornaram pessoa melhor... eu fui ao fundo do poço e voltei (choro) Por causa da veterinária sim... porque eu digo isso, porque eu tive um ex-marido que foi meu estagiário que, é, no final das contas ,me deu um golpe, me roubou, me deixou sem nada, só com dívida... eu tenho um filho de quatro anos autista, eu sou uma mãe solo atípica... eu tenho uma empresa com oito funcionários que dependem de mim eu tenho dois pais idosos que dependem muito de mim (choro) e é uma carga muito pesada que eu carreguei por amor. Por isso que eu digo, amor e fé, eu acho que, e consigo fazer piada disso e consigo rir, consigo viver. Meu filho foi a motivação pra eu sair desse relacionamento abusivo que é geralmente ao contrário, né? Ah tem um filho e fica por causa do

filho... quando o meu filho nasceu eu não queria que ele ficasse naquele meio e eu separei e aí esse marido não aceitou a separação e o que ele pôde ele fez pra me prejudicar, né? E não dava pensão, eu cuidei do menino sozinha. Ficou um ano até que eu botei na justiça e aí teve que pagar pensão. E minha vida, é, acabou que mudou completamente porque meu filho precisa de demanda e eu tenho que me ausentar do meu trabalho pra poder suprir a demanda dele e eu não queria me ausentar do meu trabalho, mas eu preciso, ele precisa, né? E isso me deixa muito mal porque eu gosto de estar aqui, né? Eu gosto e eu trabalhei dez anos pra perder tudo e começar do zero. E é isso. Então, eu sou hoje feliz porque eu consegui passar por isso (choro). E consigo ser exemplo pra outras pessoas e isso pra mim não tem preço assim e hoje a minha história é uma história de vida que eu digo que é sofrida, o povo diz, né? Eu não sei como tu aguenta, eu ouço muito assim, eu não passaria por metade, eu não conseguia passar por metade, você é muito forte. Então eu tenho uma força que eu não sabia que eu tinha e mais que eu tive que ter, eu não, eu digo sempre assim meu filho não deixou eu ter nem uma depressão, porque ele precisava de mim. Se eu cair quem cuida? Se eu cair quem leva? Se eu cair quem faz? Então hoje, é, eu digo que eu sou feliz, por mais perrengues que eu passe assim, hoje eu sou feliz. Aí eu digo, eu disse pros meus amigos, porque eu levei esse golpe do meu ex-marido faz três anos que está na justiça e não resolve, e eu levei um golpe esse ano da minha sobrinha que estava aqui tirando férias da menina da recepção e ela tava dando o pix dela pra os clientes como se fosse dela. E o somatório deu mais de trinta mil reais em seis meses que ela tirou. De uma pessoa que já não tinha, né? Eu vi minha sobrinha, eu chorar porque não tinha dinheiro pra terapia do meu filho, e ela bater nas minhas costas e dizer vai melhorar tia, e ela estava me roubando. Então são situações que eu venho passando muito pesadas assim (choro). Mas que eu acho que eu já criei uma barreira pra isso em relação a continuar. Então, que que eu faço? Eu resolvo chorar? Não vai resolver. Vai pagar a dívida? Não, não vai. Então levanta, trabalha e negocia o que tiver de negociar. A minha vida hoje se tornou muito prática nesse sentido, né? Eu não me dou ao luxo de ficar, ah meu Deus por quê? Não. Deus obrigada. Eu tenho que passar. E aí o espiritismo entra aí, né? Eu tenho que passar, porque ele sabe

mas eu tenho que passar. Eu vou passar, não é isso? Aí eu passo. Aí eu passo e continuo. E aí nesse mês que eu descobri da minha sobrinha eu já estava ruim e aí meus amigos pagaram meus boletos (choro). Foi... Pagou... E... isso pra mim não tem preço, sabe? Isso pra mim não tem preço porque, não é obrigação deles, não é... mas, e ainda disseram né, se precisar de mais.. eu disse danousse, eles são agiotas (risos), e isso pra mim é o importante, assim eu consegui ao longo desses anos conquistar amigos de verdade, né? E do mesmo jeito que eles fazem por mim eu faço por eles quando eu sou amiga, eu sou amiga mesmo, quando não gosto, eu não gosto e não vou tratar mal, mas não gosto. E é isso, e a minha vida hoje é isso, eu sou feliz com muito, muito perrengue, mas eu sou, sou... porque eu vejo meu filho melhorar, né? Meu filho é autista verbal, ele não fala, nunca falou mamãe. Aí eu vejo ele se comunicar de outra forma porque agora tem formas alternativas de comunicação e ele se comunica através de um iPad, né? E aí tem mais, ajuda sim ou não. Enfim, melhorando, né? Eu descobri com, acho que com menos de dois anos, aí já teve um laudo e aí ele já faz terapia quase três anos já. E é isso. Mas você vê uma pessoa é, que estava com você, que cresceu com você. Eu deixei de fazer a minha pós pra fazer a dele, pra pagar a dele, a especialização dele, do meu ex marido. Eu deixava o dinheiro na mão dele. Só trabalhava. Eu trabalhava aqui domingo a domingo. Domingo a domingo. Eu dormi aqui e eu fazia tudo, e o dinheiro na mão dele. E ele ficou com tudo (choro). E foi isso, é porque ainda, não é que, que eu sinta e hoje eu não consigo sentir raiva dele, tá vendo? Eu sinto raiva, foi mais uma decepção e hoje eu entrego ele muito a Deus e eu acho que ele vai pagar muito caro por tudo, sabe? Eu só fico pensando mais na frente, ele vai precisar de alguma coisa vai acontecer, a queda vai ser muito grande também. Porque a gente sabe o que a gente faz se a gente paga, né? E é isso. Daí ele me botou na justiça, ele quer a guarda do menino, ele é desse nível, ele está brigando pela guarda do filho. Ele alega que o menino vai viver melhor com ele, o menino não quer nem ir pra ele, mas enfim. Ele já casou de novo, ele já tem esposa. Mas não quer resolver as coisas. Ele abandonou as empresas, né? Porque ele era sócio, a gente era sócio. A gente tinha três empresas. Eu abri aqui, abri em Arco Verde e abri em Afogados. E aí fechei a Arcoverde por causa do meu filho, porque eu não tinha como fazer terapia e ir

pra lá. E ele ficou em Afogados, e eu fiquei aqui. Mas ele não quis sair da sociedade daqui. Aí ele continuou sendo dono. Mas não pisa aqui. E aí eu já tenho medida protetiva contra ele, já tive que chamar a polícia pra sair de uma consulta médica com o meu filho. Então é isso. E tem mais coisa, né? (risos)

**Catarina:** O que que não é felicidade pra você?

**Veterinária:** O que não é? Viver de mentira, viver de falsidade. Não tem como você ser feliz assim. É eu acho que ah, é a falta do que eu considero pra ser feliz, né? A falta da fé, a falta da verdade, a falta do amor, a falta da empatia. Não tem como você ser feliz assim só sendo, só fazendo mal aos outros né? Eu acho que é isso.

**Catarina:** É, então pensando assim tudo que a gente conversou, né? Você acredita que a UFAPE, é a sua trajetória lá na UAG, o fato de você ter passado lá, tudo, levando em consideração a UFAPE mesmo, a UAG, né? (risos).

**Veterinária:** É, porque eu sou UAG (risos).

**Catarina:** Você acredita que a UAG, contribuiu pra sua felicidade?

**Veterinária:** Sim.

**Catarina:** Como? Porque?

**Veterinária:** Ela me deu minha profissão, né? Ela me fez escolher, apesar de ter sido só pela cidade, mas ela me fez entender que eu nasci pra ser veterinária e eu não sabia. Eu descobri através da UAG, né? Eu tenho certeza que sim. Sim, que tudo que eu vivi lá e que eu passei depois disso, é, contribuiu e contribui ainda muito. Eu tenho o maior prazer de dizer que fui da primeira turma. Tenho o maior orgulho de dizer que fui de lá. E por isso que eu vou, faço maior questão de sempre que me chamam eu estar presente, né? Aquelas aulas de primeira turma, né? Eles sempre chamam os egressos e egressos antigos, e aí eu sempre, eu tenho o maior prazer por causa disso, porque tenho muito orgulho de ser de lá, de ter participado, de ter sido, de ter feito parte dessa história, né? De ter uma participação nisso, porque foi importante pra região foi muito importante, né? Pra cidade também, porque a gente tem é, uma base muito boa aqui os professores, enfim apesar de faltar, como eu disse, faltou estrutura e a gente compensou em profissionais assim pessoas muito, vieram pessoas muito boas competentes e profissionais muito dispostos a construir junto uma história bonita. No meio do caminho se perdeu

com política, com, infelizmente a gente sabe que teve uma perda muito grande, né? Mas não tirou o mérito do que eles fizeram por a gente também... os primeiros professores assim, acolheram a gente, né? Tentando dar sempre o melhor deles e foi muito bonito isso assim a gente deve muito a eles também a cada um deles... que nem tem todos aí agora, né? Muitos foram embora. É uma pena também mas, até hoje onde se vê, onde se encontra eles fazem a maior festa... às vezes eu vou pra banca de ESO e reencontro e é um prazer. Hoje eles são meus clientes aqui, muitos trazem os bichinhos pra eu cuidar e aí eu tenho uma história engraçada de um dos professores que ele levou, uma outra aluna que abriu uma clínica depois de mim foi questionar ele, porque ele não levava na clínica dela e aí ele disse assim, ele disse porque eu conheço vocês desde a graduação. Como quem diz assim, né? Eu sei quem é quem, né? Que ela vivia de cachaça então é muito engraçado assim, porque, e pra mim é uma honra quando vem o professor e eu digo, traz por confiar no meu trabalho, né? Então é importante pra gente também. Então hoje a gente tem, eu consigo hoje rever, muitos são clientes, muitos são amigos, os que não são clientes também são amigos e é bonito, a história foi muito bonita e sim, faz parte da minha trajetória e da felicidade mesmo assim. O que eu tenho hoje eu devo a minha, ao meu curso, né? A minha graduação. Porque foram muitos perrengues mas hoje eu tenho uma profissão e uma graduação graças a unidade acadêmica mesmo. Que não, acho que eu não teria feito, né? Aqui talvez, ficado na região e contribuído de alguma forma pra própria região. Que a intenção era essa também, né? Tirar um pouco do foco da capital e era trazer pro interior, era trazer pras outras regiões do estado oportunidade. Eu acho que eles conseguiram, né? E vem gente de outros estados também, né? De cidades pequenas. Eu tinha um amigo que a cidade dele era muito pequena e enfim ele conseguiu também se formar e hoje é uma referência também na área que ele escolheu então é, foi importante, bastante.

**Catarina:** Mas se você não tivesse feito o curso aqui, teria feito em outra universidade? Teria conseguido fazer em outra universidade?

**Veterinária:** Eu nem sei, talvez em Recife só, porque eu tenho, queira ou não uma família lá, né? Pra mim talvez fosse mais fácil ficar em Recife porque eu teria alguém pra dar um suporte, porque minha família é toda de lá. Aqui só

mora hoje eu e meu pai, minha mãe e meu filho. De família. Não tenho mais ninguém. Eu acho que conseguiria em Recife, né? Passando numa universidade pública também, né? Mas particular não tinha como, não tinham esses financiamentos que tem hoje pra gente antes, né? Particular. Aí não tinha. Ou era federal ou não era nada. Era isso. A minha vida era essa, não tinha opção. Não tinha nem para ajudar não tinha aquele seriado, né? Que tinha PSS sei lá... tinha uns seriados que você fazia prova no primeiro, segundo e terceiro ano e tinha umas faculdades que aceitavam, isso veio depois... na minha época também não tinha então, era só o vestibular e pronto.

**Catarina:** Tem alguma coisa que eu não perguntei, que eu não abordei, que você gostaria de falar?

**Veterinária:** Não, eu acho que eu falei mais do que tu perguntou. Tu sabe minha vida, e tem meu CPF ainda mais tem aí (risos). O povo diz isso né, só falta saber o CPF, você sabe meu CPF (risos).

**Catarina:** Então tá tranquilo tudo que você queria falar?

**Veterinária:** Tá dentro do... eu acho que era mais fácil você perguntar, o que eu falo, eu tenho muita coisa aleatória assim tem história de muita coisa durante o curso, né? Mas é porque fica meio solto. Daí, mas eu acho que diante do que você perguntou, acho que eu não fugi muito do que você quer não, né? E nem fui a pior história. (risos). Aí eu digo que minha história, tem uma estagiária que diz que tem que escrever um livro da minha história, porque ela disse que é muito, ia dar uma série muito interessante em relação a ao que acontecia, que parece coisas de filme, né? Filme, é novela. Aí eu disse, escreva, vai escrevendo que o final ainda vai chegar, que faltou o final feliz, tem que resolver pra chegar no final. Aí ela disse, um monte de história dentro da história, né? E é bem... eu já tive sessenta estagiários aqui, mais de sessenta. Eu fui contar assim por alto, eu lembrei de sessenta. Que eu fui também a primeira a dar oportunidade ao pessoal que vinha da universidade, porque os outros veterinários não aceitavam, os veterinários mais antigos eles não aceitavam estagiário, inclusive eu levei muito não. E aí, os da cidade, né que tinham. E aí como e aí como eu era a mais nova, né? Dentro de clínica, é, a minha primeira estagiária é porque eu não comecei assim grande, viu? Minha clínica era no bequinho aqui. Era só uma plaquinha, era uma sala lá embaixo.

Comecei lá embaixo, bem pequenininho. E aí eu comecei, eu fiz curso de banho e tosa. Aí eu comecei dando banho e tosando e fazendo clínica. Clinicando. E aí pegava os cachorros. Eu fazia tudo. Não tinha funcionário, né? Era eu e meu ex-marido. Só que ele ainda era da graduação. Então acabava que eu fazia mais do que ele, que ele estava estudando. E aí, é, foi crescendo as coisas, aí minha mãe cedeu a garagem essa parte daí. Aí depois fui crescendo mais, ela cedeu a casa toda. E foi morar em outro lugar. E aí é, eu comecei a ter funcionário acho que depois de uns dois anos. Aí a minha primeira estagiária, foi o pai dela que passou aqui na rua que, ela morava lá em cima. Aí passou aqui na rua aí eu estava na frente. Aí ele fez, oi, minha filha começou veterinária, a senhora tem estagiária? Aí eu disse, manda ela vim aqui. É o resumo da história, é que Natália hoje é uma amiga, ela foi minha estagiária do primeiro ao décimo período. Ela, o pessoal dizia que ela era patrimônio da xxx na faculdade, ficavam mangando dela... ela foi uma pessoa que aprendeu muito também, assim que ela, eu não tinha muita rotina clínica também assim, tinha, mas não tinha tanto, então ela foi aprendeu banho e tosa, aprendeu, ela limpava comigo, ela fazia tudo comigo e depois ela trabalhou comigo quando se formou aí passou na residência, foi pra Recife fez os dois anos da residência e hoje ela mora no Rio Grande do Norte trabalha na... e a Natália no quinto ou sexto período pensou em desistir, porque não estava conseguindo, né? Veio uma área e tal aí eu disse Nataly, chamava ela de Nataly, até hoje, Nataly tu, é porque ela não gostava muito de gente assim, ela é meio anti social, tu não pensou em ir pra área de laboratório, que você fica no seu mundinho ali, bota a sua música. Ninguém vai lhe incomodar, você não tem que lidar com o proprietário, com nada. Faz seus exames, roda tudo ali. Eu arrumo o estágio pra você com um amigo meu em Recife, pra você ver se é isso que você quer. Arrumei o estágio, aí meu amigo disse, ei, não vou mandarela de volta não. Eu disse, vai sim. E aí Nataly se encontrou e hoje ela é patologista clínica. A residência dela foi patologia em Recife, dois anos, passou em primeiro lugar a seleção e porque eu dizia assim a ela, eu dizia, você está no laboratório mas você vai atender. Não, **Veterinária**. Você vai, porque você precisa da clínica pra fazer um exame, pra enfim, você precisa saber o todo. Não. Precisa. Então eu botei ela pra clinicar, pra ela clinicar em

Arcoverde e aqui, na clínica de lá. E aí quando ela fez a residência, ela veio me agradecer porque foi caso clínico, né? E aí ela disse, é bem que você disse. Eu disse, pois é, tá vendo que é importante, né? E aí ela fez a residência e foi-se embora e sempre tem proposta de emprego porque é uma área boa e ela é muito competente. E aí eu tenho muitos ex-estagiários que foram residentes e mestrados e doutorados, de vez em quando chega uma e eu digo, vixe Maria, eu tô velha. Só vejo estagiária e já estagiou comigo, e já estagiou comigo, é e aí a gente cria uma amizade também depois. Isso também foi importante pra dar um suporte aos meninos, porque essa defasagem veio um tempão ainda, né? O hospital saiu o quê? Três anos, né? Então muita turma ainda também pegou perrengue, né? Não como o da gente, mas pegou também. Então eu tinha, tive dezesseis estagiários ao mesmo tempo aqui. E era uma turma boa, um galera interessada também. A gente vai vendo até isso. Vai mudando o perfil do estudante assim. Eu já tive estagiário de eu não querer porque enfim. Só queria chegar, ficar aqui em pé, né? Aí eu disse, qual veterinário você vai ser? Não, vai limpar a casinha, vai. Teve um que eu coloquei pra limpar casinha de parvovirose, bem pesado. Porque não tem isso. A gente tem que fazer tudo. A gente não tem... é, aqui a gente entra, tem que saber limpar, montar soro e colocar no soro, aí é mais ou menos isso, fazer tudo. Que nem sempre você vai pra um lugar que vai ter um auxiliar, nem sempre você vai ter alguém pra fazer. E é isso. Até hoje falo com todos e quando a oportunidade a gente se encontra. Eu já chamei, eu já tive ex estagiários que moraram comigo porque eram de outras cidades e viviam em casa de estudante e estava atrapalhando os estudos e eu coloquei ele pra morar dentro da minha casa. Ele morou dois anos comigo, o Sérgio e a menina morou seis meses. Sérgio ele veio, ele me viu numa palestra na universidade e veio perguntar se eu aceitava estagiário. Aceitava. quando eu soube da história dele eu vi o potencial, mas eu vi que ele estava se autossabotando porque ele vivia naquelas casas de estudante de outra cidade que mora um monte de gente. Então não tinha privacidade, não consegue estudar. Ele passava, ele dizia a mim, que ele passava um dia na faculdade pra poder conseguir estudar. Eu morava nessa casa aqui do lado. Essa casa é enorme. E aí eu disse, quer morar comigo? Ele, quero. Eu conhecia o menino fazia um mês. Ele, quero. Ele morou dois anos comigo.

Hoje ele trabalha em Maceió. Ele mora lá e aí eu fui visitar ele lá e ele me levou no trabalho dele, aí ele disse, ah essa aqui... fui da banca dele do estágio do ESO e ele tem o maior orgulho de me apresentar como alguém que ajudou ele, né? Eu acho massa. Pronto, eu tenho essas histórias assim... eu fico aqui e a gente vai passar a noite eu contando. Pra quem teve sessenta estagiárias, tem muita história pra contar de muita coisa (risos).

**Catarina:** Não, mas é isso **Veterinária**. É, assim, eu não tenho palavras para lhe agradecer.

## APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM PEDAGOGA

**Catarina:** Como é que você descreveria assim sua história de vida?

**Pedagoga:** Da minha vida, sem ser da UAG?

**Catarina:** É, na sua vida.

**Pedagoga:** Sou natural do Recife, não tenho nem pai e nem mãe mais, os dois são falecidos. Minha mãe era dona de casa, minha mãe aprendeu a ler e a escrever no MOBRAL, ela sabia ler, assinava o nome dela, escrevia, mas ela aprendeu no MOBRAL e papai era arquivista da prefeitura do Recife e nós éramos em nove, a nossa família era uma família grande e papai sustentava trabalhando como arquivista e pescava, meu pai era pescador, ele tinha uma jangada lá na praia do Pina e ele pescava lá. Não sei dizer o grau de escolaridade de papai, não sei dizer a você. Eu sei que meu pai era descendente de português, o pai de papai veio naqueles navios, é, de Portugal pra cá e papai passou um tempo trabalhando como padeiro, aí depois não sei como foi, não sei te dizer como foi, eu sei que do tempo que eu nasci até papai falecer eu sempre soube que papai era arquivista da prefeitura do Recife. Com dezoito anos eu fui morar em Palmares, aí com dezenove anos eu casei, depois eu morei em Palmeira dos Índios, aí voltei pra Palmares, porque eu tinha casa própria lá e depois nós viemos aqui pra Garanhuns, meu esposo arrumou trabalho aqui na Parmalat, na época era Parmalat, aí meu esposo conseguiu emprego aqui na Parmalat, aí nós viemos pra cá em noventa, aí desde noventa que eu moro aqui em Garanhuns. Não vou dizer a você que foi fácil, que não foi, a minha infância foi boa. É, nós éramos nove irmãos e a minha infância foi muito boa porque meu pai e minha mãe, eles eram um casal muito unido, a gente nunca via papai mais mamãe brigando, ao contrário... Papai estava sempre fazendo carinho em mamãe, sabe? Agora ele era muito rígido. Ele foi um pai muito rígido com a gente, e assim quando eu completei quinze anos mamãe adoeceu de câncer, mamãe teve câncer de bexiga ela fumava muito e ela teve câncer de bexiga por causa do cigarro. Aí você sabe que na época não era, a medicina não era tão avançada quanto hoje, né? E foi muito difícil. Na época as pessoas tinham até vergonha de dizer que tinha

câncer, né? Escondia das pessoas e minha irmã, nós éramos em nove, seis irmãos e três irmãs. Aí a minha irmã mais velha já era casada, meu irmão mais velho já era casado e os outros viviam todos em casa. Então como eu era a mais velha das mulheres aí eu tive que assumir a casa. Mamãe ficou internada por muito tempo, fez uma cirurgia, voltou pra casa. A cirurgia cicatrizou, tudinho, mas aí depois ela adoeceu. Ela teve um abscesso de parede que vocês, acho que vocês sabem que quem tem câncer, que já está no estágio avançado, faz a cirurgia às vezes nasce esse abscesso. E desse abscesso, minha mãe faleceu. Aí eu passei com, passei com minha mãe mais ou menos uns três anos lutando com a doença no hospital, voltava pra casa, é, meu pai não tinha condições de pagar uma empregada pra tomar conta dos meninos, então eu cuidava de mamãe e voltava e parei de estudar na oitava série não estudei mais, na oitava série, mas eu sonhava em voltar a estudar porque eu amava, toda vida eu gostei de estudar. Aí tive que ficar em casa cuidando dos meninos e depois tive que trabalhar. Meu pai arrumou uma mulher, outra mulher e nos deixou, nos abandonou. Foi embora com a mulher. Aí eu tive que assumir uma casa, com um monte de menino, toda a escadinha, né? Mamãe teve os nove filho em casa, todos em casa, uma escadinha, minha filha. Aí teve um momento que eu não aguentei mais, aí conversei com meus outros irmãos, aí a gente fez uma reunião. Como nós éramos muito unidos, papai criou a gente assim com muita união, aí nós resolvemos, assim, dividir, aí os irmãos casados ficaram com, com uma quantidade, outro ficou com outra, aí um, dois casou que já eram mais velhos, já tinha namorada, casaram, aí a gente se dividiu. Eu fui morar com meu irmão em Palmares, aí lá eu conheci meu esposo. Aí terminei, fiz a oitava série, né? Terminei que na época era agora nono ano, né? Antes era a oitava série, fiz a oitava série... Aí vim, fui pra Palmeira dos Índios... Palmeira dos Índios... Eu tive meu filho, aí depois nós voltamos pra aqui... Meu marido ficou desempregado lá nós voltamos pra aqui. Aí é que nós compramos esta casa e estamos até hoje. Eu não vivo com meu primeiro marido, nós nos separamos e hoje eu me casei, tudo, fiz carta de divórcio, mas aí eu hoje eu vivo com outra pessoa. Mas aí meu filho já é casado, mora na casa dele. Eu digo, aí eu dizia assim, quando meu filho ficar numa idade que eu possa deixar ele sozinho e voltar a estudar eu faço isso. Aí

aqui eu voltei a estudar. Aí fiz o segundo grau aqui, aí fiz magistério no João da Mata. Aí lá eu terminei o magistério, estagiei aqui num monte de lugar, a GERE gostava muito de me chamar pra estagiar... e eu ia estagiar... aí depois que eu estagiei, que eu terminei o magistério aí eu fiz vestibular na época, era vestibular. Aí eu prestei vestibular e passei, no primeiro vestibular que eu prestei, eu passei, graças a Deus. Aí foi na UAG, aí realizei meu sonho, né? Que era fazer uma faculdade, uma universidade. Nenhum dos meus irmãos na época tinha faculdade. Aí pra mim era assim, um orgulho muito grande de eu ser a primeira pessoa da minha casa, primeiro dos meus irmãos a me formar, ter uma faculdade. E através de mim meus irmãos, é, criaram incentivo e depois mais três se formaram. Os outros já eram, já mais velhos não quiseram mais não. Inclusive o meu irmão mais velho se formou. Fez universidade lá em Palmares, que eu morei com ele lá, fez universidade lá e se formou também, né? Ele tem a família dele muito grande porque na época tu sabe, né? Que o povo tinha um monte de menino, ele tem oito filhos, quase a mesma quantidade de mamãe. Mas já estão todos casado, ele hoje vive sozinho mas trabalhou um tempo na Famasul, foi na Famasul que ele se formou lá, lá em Palmares, trabalhou, fez um concurso, passou, ficou trabalhando na Famasul, mas hoje ele já é aposentado. Aí eu ensinava. Eu fiquei, eu peguei contrato lá no, aqui onde eu me formei, falei pra tu agora, no João da mata Amaral. Aí, é, eu fiquei, eu peguei um contrato lá de quatro anos aí, na época tinha um projeto alfabetizar com sucesso. Aí era pra professor, não era pra estagiário ou pra é, contratado não, era pra professor. Os professores não quiseram. Nenhum professor quis. Aí eles resolveram abrir espaço para os contratados. Aí eu entrei no projeto. Ingressei no projeto. Muito bom. Muito bom. Aprendi muito. A gente alfabetizava através de texto, a gente fazia um texto eu passava a noite sem dormir, viu? Meu filho desenha muito bem, aí a gente trabalhava com uma coleção chamada Mico Maneco era um macaquinho. Esse macaquinho, vivia na floresta, tinha família aí, era, eles contavam uma historinha. Aí vinha todo mês, vinha o livro de Mico Maneco pra gente trabalhar com as crianças. Aí eu fazia um texto bem grande daquele, daqueles livrinhos fininhos de historinha. Aí eu pegava fazia um texto, às vezes pegava duas, três cartolinas. Aí eu fazia o texto com letra, é, letra de manuscrita, viu? Não era

letra de forma. Porque hoje se alfabetiza e sempre se alfabetizou com letra de forma, né? Nas iniciais não, a gente começava o projeto, dizia que era pra gente começar com a manuscrita. Porque era a letra que a criança ia a vida inteira lidar com ela. E desse jeito a gente alfabetizava. Menina, foi um sucesso esse projeto. Aí eu, aí eu pedi ao meu filho pra ilustrar e eu escrevia, desenhava as letra todinha fazia as letra todinha da historinha todinha na cartolina, às vezes eu colava três cartolinas uma na outra, escrevia na mão, naquela época não tinha tanto recurso, né? Como tem hoje, pega um manuscrito até no computador, né? Aí a gente não tinha nem computador não, aí eu fazia.

**Catarina:** Isso foi em que ano mais ou menos?

**Pedagoga:** Noventa e nove. Aí meu filho fazia a ilustração e eu escrevia, menino, o povo vinha pra capacitar a gente do Recife. Eles chegavam, eles ficavam de boca aberta. Nosso trabalho, não era só eu não. Eu e as minhas amigas que trabalhavam junto comigo. E eu tinha amiga que vinha pra aqui pra casa, pra meu filho desenhar. Era, e a gente, passava noite, às vezes a gente passava a noite acordada, minha filha, quando a gente via amanhecia o dia, e a gente dizia como é que a gente vai dormir pra dar aula amanhã. Aí, aí a gente ia dormir um pouquinho e estava pronta pra ir dar aula. Aí nos dias das capacitações a gente tinha que levar o portfólio. E com tudo pra elas verem lá. E quando elas chegavam lá, elas diziam, ai a gente vai ensinar o que pra você? Vocês é quem vão ensinar pra gente. E muitas vezes a gente era quem ia lá pra frente, era quem dizia o que a gente fez na aula. Sim, era monitorada, viu? Tinha uma pessoa na sala o tempo todo com a gente do projeto. A gente dando aula com uma pessoa lá o tempo todo. Então por esse motivo os professores de cadeira não quiseram. Por ser monitorado, tu sabe como é, né? A situação do Estado, do município dos professores, né? Hoje eu não sei, deve estar melhor, né? Mas antigamente os professores eles não passavam pro concurso, nessa época os professores nessa época, era cargo político, era arrumadinho, né? Você entrava no Estado, no município, sem prestar um concurso, né? Então era aqueles professores inseguros que não tinha segurança nenhuma pra fazer nada. E quando chegava uma coisa assim, eles não abraçavam porque eles tinham medo, né? Eles diziam, tá vendo que eu não quero

ninguém na minha sala o tempo todo me olhando, eu dá aula, não sei o quê, e a gente pegava, o que vinhesse a gente pegava. Eu tinha uma professora muito boa, Lidinei, ela é dona da Bom Leite, o esposo dela, hoje ela não leciona mais não, é dona da Bom Leite, mas era a minha professora do magistério de português. Professora ótima. Muito boa. E ela me indicava em tudo quanto era de canto. É **Pedagoga** vai, você vai. Aí o meu primeiro, a minha, o meu primeiro contrato foi numa sala especial lá no Gabriela Mistral aí quando é, Lidinei disse vá, você vai, aí antigamente, era assim, a gente levava, eles vinham na escola, pegava as nossas notas e levava, aí lá eles faziam, escolhiam aqueles que tivessem as melhores notas e colocava lá os nomes das pessoas que foram escolhidas pra fazer, pra trabalhar no contrato. Aí eles diziam, saiu a lista. A gente ia correndo pra GERE, pra saber se o nome da gente estava lá. Aí, eu fui quando eu cheguei estava meu nome lá numa sala especial no Gabriela Mistral, eu digo, eita priola, me ferrei, como é que eu vou dar aula especial, principalmente se tivesse surdo, que eu não tinha libras, não tinha curso de libras, digo, mas eu vou. Lidinei disse você vai, você não diga que não vai não que você vai. Eu digo, vou professora, eu vou. Aí fui. Quando eu cheguei lá, aí na época era Claudisse, a diretora da GERE, ela perguntou a mim você vai, eu entrei em outra coisa, não foi? Assim, sai da minha vida pessoal (risos). É, minha vida pessoal, porque assim, eu me realizei muito. Sabe? Me realizei muito no ofício de lecionar. Aí eu fui. Cheguei lá, aí Claudice disse assim, você não vai não pra essa sala não, porque você não é capacitada. Aí eu disse, aí Lidinei foi brigar por mim. Ela disse ela vai e ela vai dar conta, espere! Deixa ela passar uns quinze dias lá, se você ver que ela não dá conta você tira ela. Aí eu fui. Quando eu cheguei no Gabriela Mistral, eram, tu já foi no Gabriela Mistral? Não tem mais escadaria não né pra descer parece que eles tiraram a escadaria, mas na época tinha escadaria pra descer ali tinha dois lances de escadaria ali. Eu tinha aluno e cadeirante. Na minha sala tinha um aluno cadeirante, tinha DM, DF, aí sim, na época não tinha aluno surdo, não tinha, Graças a Deus. Aí só tinha cadeirante, autista e deficiente mental. Eu peguei essa sala. Na época era de Cléia. Ela até faleceu mês passado, Cléia. Aí eu fiquei com essa sala. Aí Cléia disse **Pedagoga**, eu não aguento mais não. Não aguento mais ficar com essa sala não. Fica pra tu. Aí eu digo, fico.

Tinha um aluno que ele não sentava na cadeira. Ele ficava debaixo da banca. Na época não era essas bancas que é banca e cadeira como é hoje, né? Já é a bancada e a cadeira não. Antigamente era mesinha e a cadeira que botava lá. Aí ele sentava debaixo da mesinha e escrevia lá. Não tinha quem fizesse ele sentar na cadeira. Eu botei esse menino pra cadeira. Comecei botando ele no meu birô. Você vai sentar ali hoje você vai ser o professor, aí botava ele na minha cadeira aí ele ficava lá, ficava todo feliz porque era professor, né? Aí eles não sabiam ler, eu tinha um menino autista que ele era muito bravo, ele já era um rapazinho já de onze anos. E era assim a sala era toda misturada, as idades. E eu sei que essa criatura foi pra cadeira. Sentou na cadeira. Menos de quinze dias. Esse aluno cadeirante meu, ele mora na mesma rua da Gabriela Mistral, já está um rapaz agora. Ele ia pro banheiro a gente tinha que levar ele. E lá a gente tinha que tirar ele da cadeira, gordo viu? Onze anos ele tinha a gente tinha que tirar ele da cadeira e sentar ele no vaso sanitário e depois limpar ele. Eu ensinei esse menino a se limpar. Ele não tinha muita coordenação na mão. Mas eu dizia você pega o papel José pegue, se você se sujar eu lavo a sua mão, você vai aprender a se limpar porque você já tem idade de se limpar. Aí botava o papel na mão dele, enrolava assim o papel todinho assim na mão dele e botava ele pra se limpar, ele começou a se limpar e deu certo. Ele ficou se limpando. Aí tinha reunião lá no Lions, de quinze em quinze dias tinha reunião no Lions, aí a gente ia pro Lions. Os professores e os alunos e quando chega lá, cheguei lá, que ela viu minha evolução, na época era Ivana. Não sei se você conheceu Ivana. Ela faleceu também já, ela era que tomava conta do Lions, pronto aí quando Ivana também botou o pé na parede, viu? Que não queria que eu ficasse não também com essa sala, aí quando eu cheguei lá, que as mães iam também, né? Aí as mães toda feliz comigo. Que disse que José estava sentando na cadeira e Antônio estava se limpando, que não se limpava, aí pronto, aí não fez mais confusão comigo não, né? A outra também não fez mais confusão comigo e eu fiquei com essa turma. Fiquei um ano e meio com essa turma. Aí na época que eu comecei estagiando lá, não era contrato lá, era da Dalvanice diretora. Aí depois, que tu sabe que antigamente também cargo de diretor era cargo político, né? Aí entrou Fátima Galindo. Não sei se você já ouviu falar de Fátima Galindo. Aí Fátima Galindo

entrou como diretora. Aí queria eu lá de todo jeito. Aí no período fez de tudo pra me levar pra lá e me levou pra lá. Aí lá eu entrei nesse projeto, né? Do alfabetizar com sucesso e fiquei. É, fiquei lá cinco anos e oito meses. Não pude ficar mais porque se eu ficasse mais o Estado ia ter que me assumir, né? Como professora e naquela época eu já tinha, já nessa época já tinha concurso, né? Se o sindicato quisesse ter lutado pela gente talvez nós tivéssemos ficado efetivo. Mas o sindicato não quis brigar. Aí a gente saiu. Muito triste. Eu e minhas amigas do projeto, né? E o projeto acabou. Porque os professores de cadeira não quiseram assumir o projeto, acabou, mas foi assim uma experiência muito boa. Aí quando eu saí de lá eu comecei a ensinar numa escola particular que tem aqui, José de Alencar. Já ouviu falar? Aí fiquei ensinando no José de Alencar. Ensinei durante oito anos no José de Alencar, aí depois eu saí de José de Alencar botei um reforço com uma amiga minha a gente ficou dando aula de reforço, aí o ano atrasado a gente desmanchou o reforço, aí eu fiquei dando aula, mas por causa da pandemia teve aquela pandemia, né? Aí ficou difícil da gente dar aula de reforço, né? A gente começou dar on-line. Aí eu fiquei dando on-line aqui em casa eu dava pelo meu celular, não era nem pelo computador, eu dava pelo meu celular. Um quadrozinho pequenininho ali e alfabetizava só. No ano passado eu peguei um aluno com oito anos na escola particular, morava em Pão de Açúcar, essa criatura não sabia nem pegar em um lápis, eu ensinei coordenação motora a ele sabe como? Mandava o desenho, dizia a ele, faça o desenho da sua mão aí ele fazia o desenho da mão dele. Agora fique contornando, aí fica aí ficava mandando pro pai dele, aquelas coordenaçõezinhas, uns traçoziinhos, né? E esse menino aprendeu a pegar no lápis que ele não sabia nem pegar no lápis, aprendeu a pegar no lápis, a ler, aprendeu a escrever, a letra linda, maravilhosa, letra do menino. Aprendeu a ler, aprendeu a escrever. O pai ficou super feliz. Foi no final do ano, o menino não tinha mais porque ficar comigo, né? Esse ano, foi estudar de novo, sim aí eu, sim eu conversei com o pai, aí o pai disse assim, ó **Pedagoga**, eu não posso pagar escola particular e reforço, aí eu fui e disse a ele, tire ele da escola particular bote ele na escola pública e deixe ele no reforço, que ele vai aprender a ler e escrever. Aí ele, será? Esse menino esse tempo todo estudando numa escola particular, não aprendeu a ler,

escrever, eu disse, vai ele vai aprender. Aí pronto, aprendeu mesmo, aprendeu a ler e escrever. Aí quando foi esse ano o pai tirou, né? Não tinha mais o que fazer, aí botou de novo, ai ele disse, ó **Pedagoga**, vou botar ele de novo numa escola particular, aí agora ele já lê, já escreve tudo, então eu vou botar ele na escola particular, eu disse está bom, está legal pode botar, aí o pai botou na escola particular. Aí, eu disse, eu não vou mais dar aula de reforço não, vou ficar aqui um tempinho quieta. Aí, esse ano eu não quis não, mais dar aula de reforço não. Bom, se você quiser perguntar alguma coisa, é porque eu falo muito, viu?(risos)

**Catarina:** Não, mas é bom.

**Pedagoga:** Já percebeu, né?

**Catarina:** Por que que você ingressou na UAG? Por que você resolveu?

**Pedagoga:** Eu já ensinava, né? Eu já ensinava, eu já ensinava no José de Alencar, já tinha feito magistério, né? E tinha contrato, então eu queria me especializar, né? Eu queria. O meu sonho era fazer psicopedagogia, eu não terminei porque, é assim, teve muitos problemas com meu outro esposo e eu fiquei um tempo deprimida fazendo, tomando medicação e não consegui terminar. Não consegui terminar, mas é, era o meu sonho era ter uma faculdade, né? Ter uma universidade, me especializar mesmo pra eu poder é, sim, quando eu estava na universidade eu tinha dois professor maravilhoso, quer dizer, todos eram. Pense numa turma boa. Foi as primeiras turmas da universidade. Eu acho que nenhuma turma mais nunca foi como a nossa. Pense numa, a gente viajou, viu? A gente andou até umas hora, nós fomos, tenho até aqui pra você ver o meu TCC foi sobre religião e séries iniciais. Naquela época tinha, né? Esse foi meu TCC.

**Catarina:** Ai que massa! Eu ia perguntar mesmo a você se você tinha coisas de lá, se tinha foto, alguma coisa...

**Pedagoga:** Menina, olha, tu não tem noção não. Foi bom demais. Pense numa turma boa essa turma. Pense numa turma boa. Professor Marcelo Martins, tu conhece, né? Aquele homem é demais. Eu amo aquele professor. Juliene Matos, só o professor fera, minha filha. Aí eles não eram, nenhum era daqui, né? Nenhum dos professores eram daqui e a gente, eu estou procurando aqui

o meu, as minhas coisas do reforço. Ah esse aqui era o nosso reforço. Esse é o meu aluno que eu ensinei ele a ler escrever.

**Catarina:** Eita que letra bonita. Lindo.

**Pedagoga:** Olha assim, agora observa aí. Espera aí. É porque meu celular está cheio de vírus, mulher. Cheio de vírus. Aí eu óia. Observe aí, o texto, a arrumação do texto e tudo mais. Perfeito. Pensa no orgulho.

**Catarina:** É.

**Pedagoga:** Aí depois eu ensinei ao, isso aqui era tudo Online, viu?

**Catarina:** É mesmo, online, né?

**Pedagoga:** É, tudo online. Isso aqui, né? Isso aqui é as foto assim, porque eles estavam em casa, ói, está vendo? Hum, feijãozinho que eu mandei, dei uma aula de ciência a ele aí, mandei ele fazer o feijãozinho. Ai, peraí, que eu tenho umas coisas que eu vou mostrar a tu, esse menino aqui é autista, e eu dei aula a ele ó, eu dei aula a ele online aí depois a mãe dele quando terminou a pandemia, a mãe dele levou ele pra o reforço. Esse menino, eu não tenho foto aqui não, mas esse menino escrevia com tanta força. Que não tinha condições dele escrever umas duas ou três páginas depois, porque ficava toda desenhada tanta força que ele pegava no lápis, ele escrevia de tanta força e, não sabia ler e nem escrever ele se comunica comigo, vou te mostrar, todo dia ele manda coisa pra mim, eu não dou aula a ele mais não...

**Catarina:** Oh, que lindo.

**Pedagoga:** Ele é autista severo. Está vendo? Isso aqui pra mim. Olha é muito gratificante. É. Muito gratificante, às vezes eu estou num canto assim no banco num lugar e eu vejo, tia, aí eu olho assim, aquele homão, aquela moçona, eu digo olha me desculpe, não estou conhecendo, ô tia, é Fulano, aí vai falando ai depois vou me lembrar...

**Catarina:** É que você ensina criança né? Aí anos depois aparece maior do que a pessoa, né?

**Pedagoga:** É muito gratificante, muito gratificante e eu gosto demais de ensinar. Gosto muito, muito.

**Catarina:** E como assim, como foi que você ficou sabendo da UAG, da UFAPE, né?

**Pedagoga:** Não lembro direito, eu sei que o comentário surgiu na igreja que eu frequento aqui próximo da minha casa, a igreja presbiteriana, que chama a Igreja Presbiteriana do Planalto. Por que as filhas do pastor iam fazer e na época era vestibular, né? Não era ENEM e nós nos juntamos pra estudar, nós três, eu e as duas filhas do pastor, a gente se reunia pra estudar e acabou que só eu passei, elas duas nem passaram, aí eu não lembro como foi que a gente fez a inscrição, não lembro se eu fui lá, não lembro se foi on line, eu não lembro, eu sei que o vestibular foi naquele mesmo prédio onde depois tornou-se faculdade, o vestibular foi lá mesmo, mas eu não lembro, depois tornou-se a faculdade antes de vim pra aqui, mas não lembro se a inscrição já foi online naquela época. Eu lembro que eu trabalhava nessa época, eu era contratada no João da Mata Amaral, aqui nessa escola, mas não lembro como foi que eu fiz a inscrição. Na época, eu e mais três amigas minhas e um amigo meu lá da igreja, irmãos lá da igreja, a gente ouviu, né? Dizer que a estava vindo pra cá, foi Lula, né? Que trouxe na época, e resolvemos fazer, aí a gente se juntou pra estudar, a gente se juntou pra estudar. Olha aqui o que é que gratifica a gente, que deixa a gente feliz, ô celular cabuloso, se eu não ajeitar esse celular eu vou ter um treco. Eu vou jogar ele. Tem uma caixa cheia, porque eu não separei pra te mostrar. Eu tenho uma caixa cheia de coisinha de amor. Que eu não joga fora de jeito nenhum. É. Quando eu morrer joguem. Sim, aí na UAG é, que curso maravilhoso. Nós começamos ali, né? Numa luta.

**Catarina:** É, lá no prédio do quinze, né? Por que era uma luta?

**Pedagoga:** Era uma luta, porque as salas eram salas antigas. Salas pequenas. Não tinha recurso. Não tinha recurso nenhum. Qual era o recurso que tinha ali? Não tinha nada, a gente entrou com a cara e a coragem, tanto a gente como os professores, principalmente os professores, né? Tinha que se virar nos trinta, né? Aí na época, professor Marcelo, que é tampa, Juliene, né? Professor Cláudio. E todos os outros, tudo professor bom. Só doutor porque só, naquela época só aceitava se fosse doutor. Hoje eles ainda abrem uma exceção. Eles querem doutor mas se não tiver eles abrem exceção. Mas naquela época tinha que ser doutor. Então todos doutor. Nenhum daqui. Alguns professores, era a primeira turma de universidade deles. Então eles deram tudo de si. Por saber que aquela universidade era a primeira academia no interior, né? Então eles

deram tudo de si. Chega me arrepio de falar e assim foi bom demais, bom demais, eles assim, eles davam muita força a gente, muita força. Professor Marcelo, professora Juliene nada se perdia. O que você falasse na sala de aula eles davam jeito de arrumar ali, embora que não fosse aquilo que eles quisessem, mas eles davam um jeito de arrumar e sua resposta estava boa pra eles. Era desse jeito. Eles eram esse tipo de professor. Professor Marcelo, Professora Juliene. Ainda hoje eu me comunico com o professor Marcelo muito a gente se comunica direto. Ele vem aqui na minha casa quando ele vem aqui em Garanhuns, vem com a Aurora e Alessandro pra casa, e foi muito bom, foi um período um período maravilhoso. Professor Cláudio quando a gente encerrou, ele levou a gente pra Itamaracá. Nós passamos três dias num hotel lá em Itamaracá por conta dele. A gente viajava, minha filha, a gente tem o nome da gente aqui, no Elfe, um congresso que acontece todo ano, acontece esse congresso e aí nós fomos, participamos desse congresso. Junto com Juliene, né? A época aí foi Juliene que nos orientou. Nós viajamos pra tanto lugar, nós fomos pra o Vale do Catimbau sem nenhuma experiência (risos), lá vai todo mundo pro Vale do Catimbau, com um pingão de água. No verão. Neguinho passou mal depois, que desmaiava (risos). Eu mesmo quase desmaio (risos). Assim, porque a turma da gente era uma turma que era muito misturada, tinha jovem mas tinha também muita pessoa de idade já. E eu já tinha uma certa idade, né? Na época eu tinha cinquenta e poucos anos, e hoje eu tenho sessenta e dois. É. Sessenta e dois. E assim, a gente ia, enfrentava tudo quando ele dizia assim, uma vez (risos) a gente não teve o que fazer (risos) foi todo mundo pra nascente do Mundaú aqui, professor disse olha, o professor Cláudio disse assim, amanhã vai todo mundo pra nascente, viu? Se prepare que a gente vai pra dentro do mato. Ai minha filha, lama, todo mundo de tênis, a lama dava aqui olha (risos), na gente olha, e o tênis não adiantou de nada (risos). A gente botou o pé dentro da lama e foi pra nascente, coisa mais linda do mundo, a nascente. Eu tinha vídeo mulher, eu tinha tudo, mas eu perdi, eu perdi. Eu tinha no computador mas eu perdi tudo isso. Era gravado em pendrive, essas coisas, eu perdi. Aí a gente foi pra nascente, ver a nascente, uma nascente, pegar água da nascente pra analisar, aí pra estudar sobre mata ciliar essas coisas, né? Que na época a nascente já estava assim com a mata

ciliar bem, é, assim, pouquinha que dá, você sabe que tem uma distância, né? Da nascente pra mata ciliar, né? E naquela época a gente foi e constatou isso. Nasceu o CODEMA que existe até hoje, eu recebo direto, não fui mais pra reunião não, mas eu recebo direto coisa do CODEMA, reunião, pra ir pra reunião, que na época era o professor Alberto, que era o professor Alberto de informática, tu conhece? Foi ele que fundou esse CODEMA junto com outras pessoas. Eu acredito que ele não está mais. Eu acho que daquela época não tem mais nenhum professor da gente aí não.

**Catarina:** Tem.

**Pedagoga:** Quem é que está ainda?

**Catarina:** Cláudio, Juliene, Maria José, Glória, Luciano, não sei se...

**Pedagoga:** Não, Luciano, eu não lembro, não. Glória eu lembro. Pronto, aí pronto, foi assim. A gente foi pra Recife várias vezes, a gente foi visitar a unidade acadêmica de lá. Eu morava lá, já conhecia, mas eu fui com os meninos visitar. Nós passeamos naquele parque escola, com o professor Marcelo e professora Juliene e professor Cláudio, né? Quem mais andava com a gente, nós fomos pra muitos lugares. Sim, a gente passou um tempo dando aula em Capoeiras, numa comunidade que tem em Capoeiras, uma comunidade bem pobre. E a gente ficou indo várias vezes pra lá pra orientar os professores. O professor formou uma turma e a gente ia pra orientar os professores lá porque era aqueles professores assim sem muita capacitação, que dava aula a comunidade e assim foi muito aprendido. Foi muito aprendido, muita coisa boa, mas só até, é como você diz, é muita, só felicidade, sabe? Era só felicidade. O tempo, meu tempo da UAG, eu acho que foi o tempo melhor da minha vida, eu acredito que tenha sido assim o tempo melhor da minha vida. Foi um tempo da universidade. A gente fazia tudo com muita satisfação, muita satisfação, muito esforço, assim, mas muita satisfação. Depois é, a gente tinha um professor de matemática que não correspondia muito com as nossas expectativas e a gente brigou, a gente foi até pra Recife brigar, aí trouxeram Sansuke. Aí pronto. Aí maravilha. Maravilha. Correspondeu as nossas expectativas e foi muito bom. Vitória, era nossa professora de artes, ó muito bom, só coisa boa, lá da universidade só coisa boa, acho, acho não, eu

tenho certeza foi a melhor época da minha vida com relação a estudo, foi a UAG.

**Catarina:** Durante o período que você estudou lá na UAG, o que que deixava você mais feliz?

**Pedagoga:** Essas experiências, né? É, eu ensinava no José de Alencar na época e um dia o professor Marcelo levou a turma inteira pra ver eu dando uma aula de sexualidade. Naquela época a gente podia, né? Essas aulas hoje não podem mais. E o professor levou a turma inteira e a gente ficou no pátio porque a turma era grande. E ali eu fui pro pátio dar aula aos meninos, e foi gravado. O CODEMA na época que era coordenado pelo professor Alberto e a esposa dele é, fazia muitos concursos, e eu estava sempre participando do concurso com as minhas turmas e minhas turmas sempre estavam ganhando. Computador naquela época, é, vídeo cassete, que era coisa de outro mundo naquela época. Eu tive aluno que ganhou computador. Eu tive aluno que ganhou vídeo cassete. Ganhou bicicleta, com participações assim de redação e apresentação de trabalhos, aí não era só a minha escola que participava não, participava o Santa Sofia, participava o Quinze, participava escolas de grande porte aqui em Garanhuns e a minha turma sempre ganhava, ficava feliz no mundo, a diretora ficava radiante de felicidade e, é tudo de bom, minha filha. Tudo de bom, né? A nossa primeira turma, aí eu tenho certeza. Sim, a gente passou um monte de tempo se encontrando, a gente se reunia, se encontrava, aí dos cinco anos pra cá, as meninas foram casando, as mais nova, foram saindo, foram pra outros canto. A gente tava até o ano passado, combinando de nos encontrarmos novamente, mas acabou que não deu certo e não aconteceu...

**Catarina:** Durante o tempo que você esteve lá na UAG, teve alguma coisa assim que aconteceu que deixou você infeliz ou assim algumas dificuldades de lá?

**Pedagoga:** Foi muita dificuldade, porque o primeiro ano que nós fomos pra lá foi um inverno muito pesado não tinha aquele calçamento ali, não tinha ainda, nem tinha aqueles prédios todos.

**Catarina:** O prédio atual, né?

**Pedagoga:** O prédio atual. Sim. Esse prédio atual, eles fizeram dois lances de prédio. Foi aquele primeiro onde era a secretaria, onde fica lá as placas da gente, né? E aquele outro de cá. Só tinha esses dois. Aí depois, não tinha outro do lado de lá. Foram três lances. Aí depois eles foram ampliando né? Não tinha calçamento em canto nenhum. Era barro batido. E, teve um dia que teve uma chuva tão forte, que a gente saiu de lá com água assim na perna, aí termina a aula pra todo mundo ir pra casa, eu vim por ali por dentro na época ali, por dentro do que eu sempre ia por aqui por dentro do parque de exposição, menina era tanto trovão, tanto raio, tanto trovão, tanto raio que eu digo, eu não chego em casa não (risos). Aí a gente passou uns dias sem aula porque as primeiras salas inudou de água, ficou cheia de água as primeiras salas. Perdeu ainda algumas coisas. Mas assim, sabe? Nada que nos entristecesse não. Quando a água baixava a gente voltava (risos) e estava lá de novo. Quando eu saí de lá estava eles, quando a gente terminou, eles ainda não tinham começado a fazer esses novos prédios e nem tinha ainda calçamento. Depois, professor Marcelo foi diretor, né? Tudo. Aí naquela época a gente já não, já era outras turmas já, mas assim nada que pudesse me deixar infeliz não. O que me deu muita dificuldade de fazer foi meu TCC (risos) que a gente levava tudo prontinho achando que estava abafando e quando chegava lá, professora Heloísa mandava a gente, riscava todinho e dizia vai refazer isso aqui, isso aqui, isso aqui, eu dizia, meu Deus quando eu penso que está pronto, né? E pra entregar o TCC, uma porque nós começamos a fazer, viu? Nós começamos a fazer desde o primeiro período. Desde o primeiro período. Tenho certeza que nenhuma universidade fez isso. Tenho certeza que não faz mais, é porque nossos professores eram tampa, viu? Eles, o que eles queriam na verdade era nos ajudar nisso, sabe? Eles trabalharam pra nos ajudar pra ver a gente formada. Aí a gente começou, disse ah, vamos começar logo, professora Alcinda. Vamos começar logo fazer esse TCC. Vamos iniciar que é pra quando chegar no final ninguém ter dificuldade. Aí uma semana antes da formatura gente ainda tava no TCC. Agora foi feita assim, né? Devagarzinho. Se você quiser levar pra ler e depois você devolver, eu empresto. Aí minha filha, foi muita dificuldade. Aí a gente começava a fazer assim, sem nenhum conhecimento, né? Sem nenhum conhecimento. Agora assim, com muito

conhecimento adquirido depois, com eles no pé da gente. Tempo todinho no pé da gente e aquelas aulas, né? Que a gente preparava no slide, sem saber fazer um slide direito. E a gente fazia as aulas no slide. E ia lá dar seminário, né? Toda semana era seminário, toda semana era seminário, toda semana era seminário e a gente vivia naquela correria. Assim, tudo muito satisfatório. Ninguém desistia, ninguém queria, sabe? E assim, desistiu. Desistiu algumas pessoas desistiram, porque foram embora, porque não se identificaram, mas aqueles que vieram pra ficar, ficaram. Só ficou um homem na nossa turma, não, ficaram dois, até porque na nossa turma tinha poucos homens, se eu não me engano parece até, eram quatro homens só. Aí saiu Francisco, saiu Inaldo, aí a ficou só um homem, porque o Francisco foi embora, viajou, foi embora morar em outro canto e Naldo passou no concurso da COMPEA aí foi no Recife, ele foi embora pro Recife. Aí não se formou, mas aí quem se formou foi só Emerson que é da polícia, na época o TCC dele foi, um projeto “ProArd” se eu não me engano “ProArd” um negócio assim, que era, que hoje em dia ainda tem, que os policiais vão pra sala de aula, dá aula a respeito de trânsito, de um monte de coisa... Aí ele aproveitou e fez o TCC dele em cima disso, foi. Mas assim, foi assim nada que deixasse a gente insatisfeito não. Nunca. Eu tive nada que me fizesse desanimar assim e querer, as dificuldades, né? Às vezes da minha casa, da minha vida, as vezes eu sentia vontade de desistir por isso, mas por causa de alguma coisa na universidade, não. A universidade sempre estava botando a gente pra frente. Sempre estava querendo, incentivando e querendo. Na época era Maria José, a diretora, estava sempre nos incentivando.

**Catarina:** pra você assim, o que é felicidade? Assim, você já pensou sobre isso?

**Pedagoga:** Você quer uma definição felicidade? Felicidade é você poder estar em paz, com você mesmo, com Deus, com as pessoas, né? Você poder, é, se acordar de manhã, e você ter pelo menos um pouco de saúde, né? Porque saúde na minha idade completa a gente não tem mais, né? Mas a gente tem uma saúde que dá pra você se levantar, dá pra você fazer suas coisas, dá pra você viver, andar, passear, realizar coisas ainda, eu ainda penso em realizar coisas, né? Ter sua casa, uma coisa que é sua, uma conquista, né? Ter família,

ter amigos, pessoas que você sabe, que você tem certeza, porque elas demonstram através de atitudes que amam você, né? E que você também tem muito amor pra dar. Então acho que felicidade é isso. Eu podia ter dito a você, não vou lhe receber, não posso lhe receber. Daria uma desculpa a você, mas eu estou feliz por lhe receber. Por poder contribuir um pouco, né? Com essa sua formação. Então pra mim felicidade é isso (choro).

**Catarina:** Pra você o que não é felicidade?

**Pedagoga:** É você não ter, amanhecer o dia, você não poder pôr o pé no chão porque você está doente em cima de uma cama, ou no hospital seja lá onde for, é você não tem amigos, é você não ter parente, é você não ter um pouco de alguma coisa pra você se alimentar. Porque a gente sabe que tem pessoas vivendo assim no nosso país, não precisa ir lá pra África, a gente sabe que tem pessoas vivendo aqui assim amanhecendo o dia sem ter o que comer, sem ter saúde, sem ter onde morar, sem ter um Deus, uma religião, algo que você possa se apegar. Porque eu sei que existe um monte de gente ateu, o ateu deve ter alguma coisa na qual ele se apega também, né? Porque viver aqui nesse mundo sem ter algo ou a quem você possa ter esperança, esperança... Se você não tiver esperança, você deixa de viver, e para de viver, né? Então é isso. Você tem, eu acho que falta de felicidade é você não ter, ser infeliz é você não ter essas coisas, e graças a Deus, pra honra e glória de Deus, eu tenho tudo isso. Eu sei, eu sinto, eu tenho um monte de pessoas que me amam não só família, a minha família me ama muito, me respeita muito, nós nos respeitamos mutuamente, papai criou a gente assim, se amando e quando mamãe morreu você vê que a gente se dividiu, uma irmã minha faleceu agora tem quatro meses, minha maninha faleceu de câncer, estava todo mundo da família lá. Precisava mais de ninguém da rua não, porque a família era muita gente, sabe? E ali, é, com essa doença com a morte da minha irmã aprendi um monte de coisa. Aprendi um monte de coisa, você aprende, você não pode contar com todo mundo na doença, você pensa que pode contar com algumas pessoas na hora da doença, na hora do vamos ver, você vai perceber que você não pode contar com todo mundo, então é muito bom você cultivar pessoas que te amam que estão do seu, que você sabe que vai estar do seu lado na hora da dificuldade, que você tem certeza que vai estar do seu lado na hora da

dificuldade, sabe? Então pra mim ser infeliz, a ausência de felicidade, é você não tem essas coisas básica, simples, mas que é isso que te põe de pé todos os dias. É isso que te faz deitar a cabeça e dormir. Ser honesto acima de tudo. Sabe? Honestidade, você ser uma pessoa, eu acho que nos dias que nós estamos vivendo, ser uma pessoa honesta é uma qualidade rara, e se você se reconhece como uma pessoa honesta, como uma pessoa que você pode, você chega ali, você pode comprar, você pode dizer assim, eu quero comprar isso mas eu não tenho dinheiro e a pessoa se te conhece diz leva. Então a ausência de felicidade é você não ter isso. Você chega no lugar e você vê as pessoas não confiarem em você. E todas essas coisas que eu te falei, esse grupo de coisas básicas, simples, mas que é tudo para que o ser humano possa ser feliz...

**Catarina:** E você é feliz?

**Pedagoga:** Eu sou. Eu sou feliz. E humildade, viu? A gente tem que ter humildade, a gente tem que perdoar. Perdoar sempre. Louvado seja Deus, eu não tenho dificuldade nenhuma de perdoar, não tenho dificuldade nem, não guardo rancor de ninguém, minha irmã diz assim, quando tu morrer tu vai pro céu com tripa e tudo, ela diz, vai pro céu com tripa e tudo porque eu nunca vi mais besta do que tu, eu não acho que seja ser besta, não acho, é o meu jeito de ser. Foi assim que Deus me criou. É o meu jeito de ser. Eu sou assim. Eu digo, tu achas? Que uma pessoa com sessenta e dois anos muda mais? Ela diz, muda se você quiser você muda. Eu digo, não mudo, porque eu não quero. Eu sou assim e eu me sinto feliz assim. Meu filho casou, tem a casa dele, os meus dois netinho que eu amo. Um é meu neto de verdade que é filho do meu filho, o outro é meu neto do coração que eu considero também meu neto de verdade, entendeu? Então, pra que meu Deus, eu querer mais coisa do que isso? Eu tenho sonhos, mas os meus sonhos é o quê? É ver meus netos crescerem, sabe? É poder ver, ter o prazer de ver meus netos crescerem. É ver meu sobrinho que praticamente foi eu que criei, que minha irmã morou muitos anos comigo dentro da minha casa. Então o meu sonho é esse, é ver meus dois sobrinhos, realizados na vida. Uma eu já consegui ver, Gabriele trabalha no Perpétuo Socorro, fez faculdade de enfermagem, trabalha no Perpétuo Socorro e Gabriel quer fazer medicina, tá fazendo medicina, então o meu

sonho é o poder ver Gabriel formando, é ver meus netinhos grandes, meu filho realizado financeiramente, porque meu filho ainda não tem uma casa própria, paga aluguel então eu quero que meu filho possa ter uma casa própria, sabe? Então, se Deus me consentir eu ver essas coisas realizada eu digo assim ao Senhor, Senhor agora pode levar, porque eu estou realizada. Mas se o Senhor quiser me levar hoje, eu vou também feliz, sabe? Eu vou feliz também.

**Catarina:** Você acredita que as suas expectativas assim em relação à conclusão do curso lá na o seu curso de pedagogia, as expectativas que você tinha quando você concluísse o curso, você acha que essas expectativas foram atendidas?

**Pedagoga:** Foram. Foram atingidos.

**Catarina:** Como? Quais eram assim? Quais você acha que foram atendidas?

**Pedagoga:** Me tornando a professora que eu me tornei, sem demagogia, sem querer me autovalorizar, eu me considero uma ótima alfabetizadora. Porque o nosso curso, nosso curso foi pra alfabetizar. Você sabe o que, é pedagogia, ela tem um leque, né? De coisas, de oportunidade, mas com relação a minha pessoa, eu fiz o curso pensando em alfabetizar, porque não tem coisa mais gratificante. Do que você pegar uma criança que não sabe nem pegar no lápis e vê-la lendo e escrevendo. É muito gratificante. É muito bom. A gente vê alegria dos pais, sabe? Em ver seu trabalho realizado. Então, eu consegui o meu objetivo. Eu consegui, eu me considero uma ótima alfabetizadora.

**Catarina:** Você acredita assim que UAG contribuiu pra sua felicidade?

**Pedagoga:** Certamente, muito.

**Catarina:** E como é que você consegue notar que a tua experiência lá, que a tua, é, que esse curso, nesta universidade, contribuiu pra que você hoje se considere uma pessoa feliz?

**Pedagoga:** Sendo a professora que eu sou, como eu estou dizendo a você, né? É felizmente conhecimento a gente leva. A gente deixa, mas a gente não pode pegar, o, eu não posso pegar o que eu aprendi, o que tá aqui dentro da minha cabeça, o que eu consegui realizar, que é, com relação a alfabetizar e colocar dentro da sua cabeça, mas eu posso passar a minha experiência pra você, né? Então é, quando eu vejo um aluno que estudava há três anos numa escola particular que não tinha nem coordenação motora porque o menino nem

no lápis ele não sabia pegar e eu deixei essa criança lendo e escrevendo com a letra maravilhosa dessa, eu posso dizer que a UAG foi quem contribuiu com tudo isso porque, o magistério também contribuiu muito. Mas a UAG completou, né? A UAG me completou como professora, né? Então eu me orgulho. Eu digo, todo canto que eu chego eu digo, eu fui da primeira turma da UAG, eu fui a primeira turma da UAG, eu fui formada na primeira turma da UAG todo canto que eu chego eu digo. Meu filho trabalhou lá uns dias. Tu conhece? Tu está trabalhando aqui? Tu conhece Flávio?

**Catarina:** Ele trabalha em qual setor?

**Pedagoga:** Ele era, ele trabalha, ele conseguiu uns contratos lá. E ele trabalhava como eletricitista. Ele consertava ar condicionado.

**Catarina:** Tua foto, que linda! Foi lá na formatura?

**Pedagoga:** Foi, nossa formatura foi no fórum. Nós fomos a primeira turma de universidade que recebemos o canudo realmente. Foi, a gente recebeu o diploma realmente, não foi de faz de conta não, já estavam prontos, a gente pensando que ia receber só uma imitação lá e o diretor chegou lá, na época não era mais Maria José, era um diretor lá e ele chegou pra gente e disse, era uma época política, tinha muito político. Foi uma formatura belíssima, foi muito bonita nossa formatura. E ele chegou pra gente e disse, eu tenho uma surpresa pra vocês, uma coisa inédita que nunca aconteceu, vocês vão receber o diploma de vocês hoje. Pois foi, minha filha, então o que eu vou dizer da UAG, mulher, né? Só posso dizer que ela me completou. Como pessoa, como cidadã, que eu sou hoje, sabe? Como pessoa melhor, porque os professores que a gente tinha, eles deram muito ensinamento a gente, sabe? Eles deixaram a gente perceber que tudo se aproveita no aluno. Que não existe crítica, se for, só se for construtiva se não for construtiva não tem crítica. Então foi isso que Marcelo passou pra gente, que a Juliene passou pra gente, que o Alberto passou pra gente, sabe? E todos os outros professores, todos. Não tem nada pra dizer de ruim de nenhum dos meus professores da da UAG, nenhum. Amava todos. E quando a gente saiu, foi chororô no dia, eu estava chorando (choro), eu sou muito chorona, foi muito chororô no dia, minha filha, foi, porque, foi uma coisa muito linda, muito bonita.

**Catarina:** Você foi a primeira da sua família né? A ter acesso ao ensino superior?

**Pedagoga:** Foi. Teve um vídeo, filmaram um vídeo meu, é, foi, houve uma entrevista. Como era a primeira, como era a primeira turma, né? A se formar no interior, ai é, a Rádio Jornal fez uma entrevista e eu fui entrevistada. Eu fui entrevistada, aí, de surpresa lá no dia da formatura ele botou lá o filme, só faltei morrer (risos). Foi. Botou lá o filme. Passou o filme lá e eu sendo entrevistada. Eu fui e aluna da turma de pedagogia a ser entrevistada.

**Catarina:** Você tem sorte com entrevista (risos)

**Pedagoga:** Por isso que quando tu dissesse foi um sorteio (risos) eu caí no sorteio(risos), tudo sobra pra mim (risos), mas eu faço com a maior felicidade, sabe? Eu faço com a maior alegria, com a maior felicidade. Aí passou lá o filme lá na entrevista, foi feita lá, eles fizeram essa pergunta a mim, se eu era a primeira pessoa minha família a me formar. Aí eu falei que sim, e que estava muito orgulhosa e meus irmãos estavam todos lá, no auditório. Não, foi muito bom, muito bonito.

**Catarina:** Tem alguma coisa assim que que você queira falar sobre a UAG que eu não perguntei?

**Pedagoga:** Mulher, é conclusão? Olha o que eu o que eu tenho a dizer da UAG, é que a UAG realizou o meu sonho de me tornar essa pessoa que eu sou hoje, mais conhecimento, né? Muito mais conhecimento do que eu tinha antes, né? Como professora, como pessoa, né? Como ser humano, né? Porque os professores, eles foram muito ser humano com a gente, porque na verdade o que eles queriam, eu acredito que ali ninguém ia ser reprovado naquela turma, sabe? Porque eles eram aqueles professores que eles é, deram acho que o sangue deles ali a gente. Derramaram o sangue deles ali na gente. Naquela é, pela gente ali naquela UAG. Por a gente ali naquela UAG, e todos eles, todos eles sem tirar nenhum de fora, todos eles, da direção das meninas de lá da biblioteca de toda a universidade, sabe? Todos eles foram, assim essa primeira, acho que essa é a primeira turma da UAG não só de pedagogia mas dos outros cursos, tinham a rivalidade muito grande das exatas, com as humanas. Era. Mas assim nunca houve confusão não, sabe? Era só aquela rivalidade porque quando saía o quadro de notas, as notas da gente sempre

eram muito boas, e as notas deles, por ser também muito mais difícil, né? Matemática, um monte de coisa que que tinha na deles, que na da gente não tinha, né? E eu não sei também porque os professores deles não eram os nossos professores também, né? E os nossos professores, quer dizer, eu posso falar dos nossos professores que foram muito pai e mãe pra gente, né? Eles foram isso pai e mãe pra gente, né? Então, pra concluir o que eu posso dizer é que a UAG me melhorou muito como pessoa, como ser humano, como cidadã, como professora, né? Eu pude passar aquilo que eu aprendi com meus professores, a maneira de tratar com o aluno diferenciada. E eu tenho um aluno com a deficiência e eu tratar aquele aluno de igual pra igual com os outros porque foi isso que a gente aprendeu na UAG, foi isso que Marcelo passou pra gente. Principalmente, não só ele, Juliene e Cláudio, Heloísa, aí eu vou dizer tudinho daqui a pouco, é isso, se você tiver mais alguma coisa que você queira saber pergunte que seu eu souber, eu respondo.

**Catarina:** Não. As perguntas que eu tinha pra fazer, fiz. Agradeço demais, demais, demais, não tenho nem palavras para lhe agradecer pela sua disponibilidade.

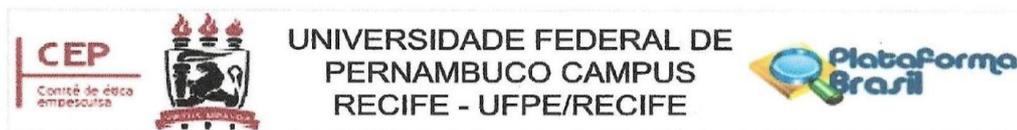
**Pedagoga:** Eu que agradeço a você. Eu espero ter contribuído, né? Contribuído com vocês, espero que tenha respondido de acordo com o que você esperava ouvir ou não sei, mas como você, como professora da UAG eu acredito que você tenha seguido essa linha, né? Dos primeiros professores, né? porque você não sabe a dificuldade de uma pessoa que não tem, chegar na universidade, né? Lula nos proporcionou isso, né? A gente agradece a ele porque nos proporcionou isso e a gente sabe que tudo é jogo político, a gente sabe que todas essas coisas, mas a gente sabe também que se ele não quisesse, ele não teria feito, como os outros não fizeram, né? Mas ele fez, ele trouxe, né? Então eu espero que você tenha seguido essa linha, né? Dos primeiros professores, ajudando. Esses alunos são sacrificados. A concluírem um curso superior. Que não é fácil, né? Esse TCC me deu tanto trabalho (risos). Mas graças a Deus, pra honra e glória de Deus, estou eu aqui formada.

**Catarina:** Por falar nisso você, eu me lembrei agora até de uma questão é, que eu também ainda não sei nem se eu vou abordar, mas, como você tocou nesse assunto. Você acha que essa questão econômica, né? Também assim a, o fato

de você ter recurso superior, modificou alguma coisa pra você? Melhorou ou não?

**Pedagoga:** Melhorou, melhorou porque você passa a ter uma outra visão de mundo, porque quando você não tem cultura, uma pessoa sem cultura é uma pessoa que tem uma visão de mundo totalmente diferente de uma pessoa que tem cultura, né? Então a gente passa a enxergar e a valorizar outras coisas. A gente passa a ter novos valores, né? A gente passa a valorizar coisas que antes a gente não valorizava. A gente não dava valor. Por quê? Porque hoje você é uma pessoa que, de uma certa forma, você tem uma cultura, né? E você pode dizer, você pode, você pode, é, você pode conversar, né? Você pode dialogar, você tem como dialogar com pessoas de diversas áreas, porque você tem um certo conhecimento. Você pode entrar numa roda de conversa que envolva outras áreas, porque hoje você tem outro conhecimento, outros valores, né? Então, isso é bom demais! Isso é bom demais. Você saber que você é uma pessoa que de uma certa forma você tem uma certa cultura. Você não é leigo em tudo. Leigo em algumas coisas nós vamos sempre ser, a gente não estuda tudo, a gente não alcança tudo, né? Mas você hoje tem uma certa cultura quando você pode dialogar com qualquer pessoa. Sem ter medo, né? Lembrei de uma coisa. A gente foi pra Recife, na volta, ele fez uma desviada e foi no litoral, aí Sadraque viu o mar pela primeira vez, mulher, ele ficava assim olha, parado assim, de braço cruzado, pensa na felicidade, da gente tudinho, né? Principalmente do professor que proporcionou isso a ele, né? Ver o mar pela primeira vez, imagina. Tem coisa mais linda do que o mar? Mulher, me diz se a gente tem alguma coisa de ruim pra falar desses professores dessa universidade?

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A FELICIDADE NA HISTÓRIA DOS EGRESSOS DA PRIMEIRA UNIVERSIDADE DO PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (REUNI) - 2009

**Pesquisador:** CATARINA DA SILVA SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 68723723.3.0000.5208

**Instituição Proponente:** Centro de Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.174.522

#### Apresentação do Projeto:

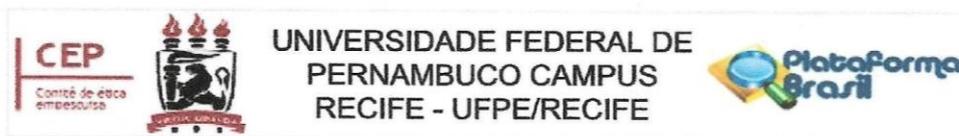
Trata-se do projeto de tese da doutoranda Catarina Souza, vinculada ao curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação/UFPE, sob a orientação do Prof José Luis Simões. A pesquisadora pretende investigar como a trajetória universitária contribui para a construção da percepção da felicidade dos primeiros egressos da primeira universidade do programa REUNI, que foi iniciado no ano de 2007, tendo como objetivo a democratização do acesso ao nível superior de ensino. Trata-se de uma pesquisa de métodos mistos de caráter descritivo exploratório. Para a coleta de dados quantitativos, será utilizado o método a Análise de Redes Sociais (ARS) e como recurso o questionário estruturado, impresso em folha. Para a coleta dos dados qualitativos, será utilizada a metodologia da História Oral de Vida (HO) e como recurso a entrevista semi-estruturada, com o auxílio do gravador de voz. O estudo será realizado com egressos das primeiras turmas da UAG/UFRPE, especificamente dos cursos de graduação em de Agronomia, Medicina Veterinária, Pedagogia e Zootecnia.

#### Objetivo da Pesquisa:

##### OBJETIVO GERAL:

Compreender como a trajetória universitária dos primeiros egressos da UAG/UFRPE contribuiu para a construção das suas percepções de felicidade.

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.174.522

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Analisar a trajetória universitária dos primeiros egressos da UAG/UFPE;  
 Identificar a percepção de felicidade de cada entrevistado como objeto histórico e social;  
 Relacionar os dados coletados que demonstrem a participação da instituição na construção da percepção de felicidade de cada entrevistado.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Foram apresentados os riscos, formas de minimizá-los e os benefícios indiretos. A pesquisadora informou que não haverá benefícios diretos.

Dessa forma, considera-se que esse elementos estão apropriados para a proposta de pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante e possibilitará a compreensão, de forma qualitativa, sobre a história de vida, trajetória acadêmica e percepção de felicidade dos egressos da UAG/UFPE.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados todos os termos conforme as normas do CEP/UFPE.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora efetuou os ajustes solicitados em pareceres anteriores. Dessa forma, recomenda-se aprovação do protocolo.

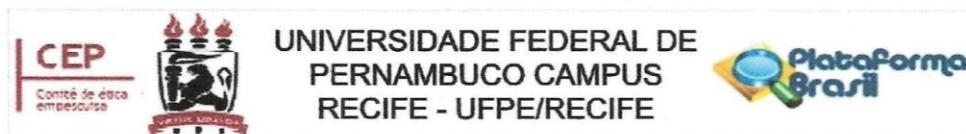
**Considerações Finais a critério do CEP:**

As exigências foram atendidas e o protocolo está APROVADO, sendo liberado para o início da coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em [www.ufpe.br/cep](http://www.ufpe.br/cep) para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.174.522

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2109700.pdf	06/07/2023 10:32:03		Aceito
Outros	cartaderespostaapendenciasv2.pdf	06/07/2023 10:31:39	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOpospendenciasv2.pdf	06/07/2023 10:31:28	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	Instrumentocoletadedadospospendencias.pdf	14/06/2023 11:12:45	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpospendencias.pdf	14/06/2023 11:11:02	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	termoconfidencialidade.pdf	11/04/2023 14:14:43	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	anuenciaassinado.pdf	11/04/2023 14:13:51	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folharostofinal.pdf	11/04/2023 14:13:16	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	comprovantematrícula.pdf	10/04/2023 14:31:50	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	curriculo.JoseLuis.pdf	10/04/2023 14:25:20	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	curriculoCatarina.pdf	10/04/2023 14:23:07	CATARINA DA SILVA SOUZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 11 de Julho de 2023

Assinado por:  
**LUCIANO TAVARES MONTENEGRO**  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600  
 UF: PE Município: RECIFE  
 Telefone: (81)2126-8588 Fax: (81)2126-3163 E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br